

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

**MAYARA CRISTINA MENDES MAIA**

**(Des)impedimentos no futebol de mulheres:  
Coloradas e gremistas de volta aos campos**

Porto Alegre - RS

2021

**MAYARA CRISTINA MENDES MAIA**

**(Des)impedimentos no futebol de mulheres:  
Coloradas e gremistas de volta aos campos**

Tese apresentada para o Programa Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências do Movimento Humano.

Prof. Orient. Dr. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2021

# MAYARA CRISTINA MENDES MAIA

## **(Des)impedimentos no futebol de mulheres: Coloradas e gremistas de volta aos campos**

Tese apresentada para o Programa Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências do Movimento Humano.

Aprovada em 4 de fevereiro de 2021.

### BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora – Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner – UFRGS

---

Profa. Dra. Enny Vieira Moraes - Universidade do estado da Bahia

-----  
Profa. Dra. Vicente Molina Neto – UFRGS

-----  
Profa. Dra. Luiza Aguiar dos Anjos - IFMG

### CIP - Catalogação na Publicação

Maia, Mayara Cristina  
(Des)impedimentos no futebol de mulheres: Coloradas  
e gremistas de volta aos campos / Mayara Cristina  
Maia. -- 2021.  
228 f.  
Orientadora: Silvana Vilodre Goellner.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de  
Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto  
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Futebol de mulheres. 2. Mulheres no futebol. 3.  
Grêmio. 4. Intenacional. 5. Impedimentos e  
desimpedimentos.. I. Goellner, Silvana Vilodre,  
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Às mulheres feitas de futebol;  
ao futebol de mulheres.

## **Agradecimentos**

Primeiramente, minha gratidão é dedicada ao amor puro que encontro dentro de mim, no outro e por onde escolho seguir, amor este que aprendi a chamar de Deus.

Logo em seguida, agradeço a minha orientadora prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silvana Goellner, por todo envolvimento e toda dedicação durante este processo de doutoramento, e por toda compreensão, habilidade e empatia desenvolvidos em meio aos acontecimentos externos às questões universitárias. Não cabe em palavras cada ação de acolhimento, suporte e incentivo, com suas ofertas de escuta sensível e criação de possibilidades, que significou não só na construção e finalização desta tese, mas na minha evolução pessoal.

Agradeço a cada pessoa entrevistada que proporcionou o alcance dos objetivos do estudo e me oportunizou o conhecimento de narrativas carregadas de experiências emocionantes. Obrigada pelo tempo disponibilizado e pela confiança com as suas histórias de vida. Foi um desafio gratificante caminhar entre a literatura científica e ao mesmo tempo, me inserir nas experiências protagonizadas por quem vive o cotidiano do futebol de mulheres do RS.

À equipe do CEME/GRECCO, que acolheu esta nordestina friorenta e proporcionou desde novas descobertas científicas e culturais, a afetivas. Leilinha, sinto saudades dos nossos momentos de café e de você mandando eu comer para a minha família não achar que passo fome no Sul. Su e Pamela, a parceria de vocês respira em diversos momentos da tese. Obrigada pelo suporte. Chris, Suby, Lu, Jamile, Johanna e Nati, agradeço a presença que hoje se concretiza como amizade para além da pesquisa. Ana, Bruna, Ian, William (s), Drika, Luiza e a todos os bolsistas que passaram pelo CEME, valeu pelas entrevistas transcritas e pelos momentos afetivos de descontração. E obrigada à Vera, por toda dedicação e agilidade nas correções ortográficas.

À banca, pelo aceite de avaliarem e construírem juntamente comigo o trabalho. Obrigada pelo aprendizado. À Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança e aos professores que fizeram parte dessa jornada, ofertando espaços de conhecimento, reflexão e de um bom chimarrão. Ao Programa de Pós Graduação de Ciências do Movimento Humano, pelo trabalho da equipe em disponibilizar informações da área e do programa com constante qualidade. Agradeço também ao

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, por me receber como bolsista de comunicação, proporcionar um local de crescimento acadêmico e compreender os diversos momentos de conciliação da bolsa com as atividades do doutorado.

Para além das relações apresentadas pelo campo acadêmico, tenho que agradecer as pessoas que dividiram estes quatro anos comigo. Obrigada, Rafa, por ter achado o apartamento para morarmos perto da ESEFID, por me acolher como família e se tornar minha irmãzinha mais velha. Eu te amo muito! Obrigada Lucas, Luana e Jade, por dividirem comigo um período inicial no RS em que precisei de processos de adaptação. E muito obrigada, Mari! Por ser uma pessoa tão justa, amiga e por me ensinar cada dia mais sobre organização financeira. Te admiro e te amo! Moramos pouco tempo juntas, mas sei que essa amizade é para sempre. Sentirei saudades de você e dos cats.

Obrigada a cada amigo de Natal, cidade que amo demais e aos amigos de outros lugares do Brasil, por todos os dias se fazerem presentes de alguma maneira no meu viver, independentemente do tempo e da distância. Não tenho como citar todos os nomes que “seguraram minhas mãos”, mas é necessário registrar simbolicamente o meu Bataclã, as Barrotinhas, as Pitchulinhas, os meus manolos, a Bela, a Dani e ao Jonatas como fontes de exemplo. Amo demais vocês!

Agradeço a minha família por toda torcida! Em especial, aos meus pais e a minha irmã, que apesar de vivermos momentos de transformação em nossas relações, mostramos que o amor entre nós é maior que os impedimentos sociais. E ao Gui, por ser esse sobrinho tão amoroso!

Obrigada também aos meus “novos” amigos do RS e a minha psicóloga tão profissional e querida, Grazi. A vocês, um brinde de felicidade por cada abraço e sorriso nos momentos precisos! Roberta (minha leonina perfeita), Bel e Thoto, Gustavo, Dani, André, Mica, chefe Mari, Felipe, Ana, Camilinha, Kaka, Eli, Ari, Betina, Thais, Suzi e Bianca, vocês são meus tesouros do RS.

Diante de um período político denso, de uma pandemia viral e de rupturas familiares, as pesquisas e as discussões que criaram forma nessa tese cheia de histórias de diferentes mulheres transpassaram também a minha história. E era isso, especialmente “tudo isso”, que me colocava como mulher política, ao mesmo tempo, minha causava de preocupação e bloqueios pela responsabilidade. Ultrapassar estes desafios só foi possível com vocês ao meu lado!

“Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra [...]

Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato  
Brasil, o teu nome é Dandara  
Tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati  
Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês [...]

(Firmino, D., *et al*/2019 / Samba enredo da Mangueira)



## Resumo

A história da presença de mulheres no futebol brasileiro remonta ao início do século XX, fundamentalmente nas áreas urbanas. O presente estudo parte do entendimento de que os obstáculos que as mulheres vêm historicamente enfrentando para estarem no futebol estão ligados a impedimentos que antecedem sua entrada em campo, pois muitos dizem respeito a desigualdades de gênero. Mas acredito que a retomada do futebol de mulheres nos “clubes de camisa” de Porto Alegre se tornou uma nova etapa na qual é possível identificar a realização de algumas ações de desimpedimentos e de retirada de alguns obstáculos. Considerando esse novo cenário, o objetivo desta pesquisa foi compreender como se deram os (des)impedimentos do futebol de mulheres no estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente, nos dois clubes de referência: o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional. Realizei inicialmente pesquisas documentais. Mas a ancoragem teórica e metodológica deste estudo está assentada na História Oral e na História do Tempo Presente, as quais são utilizadas tanto como procedimento para a produção de fontes como possibilidade analítica. Aproximei a investigação dos estudos de gênero e de mulheres no esporte, especialmente aqueles que contemplam narrativas biográficas. A tese, portanto, foi realizada por meio de três estudos separados que dialogam entre si e se complementam, conforme previsto no Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Assim, depois de apresentar a contextualização do tema e seu arcabouço teórico-metodológico, desenvolvi os estudos específicos, a saber: o primeiro estudo focaliza os documentos propulsores da retomada do futebol nos “times de camisa” gaúchos e que foram produzidos pela FIFA, CONMEBOL e CBF; o segundo descreve os caminhos percorridos pelo Grêmio e Internacional no que diz respeito à reativação do futebol de mulheres, a participação nos campeonatos, a estruturação das equipes de base, entre outras ações em prol do desenvolvimento da modalidade; e o terceiro e último estudo coloca em evidência o protagonismo de mulheres em diferentes ocupações no entorno do futebol, considerando, sobretudo, suas próprias narrativas. Como resultados, foi reafirmado que a modalidade é uma prática esportiva que ainda se encontra em constante instabilidade no Brasil. Mas se em um período os marcos para as mulheres no futebol foram as perseguições e proibições e sua desvalorização, está sendo figurado por desimpedimentos e visibilidade, o que não significa afirmar que as lutas e as resistências cessaram. Ao contrário, elas continuam no cotidiano da modalidade, e algumas das vozes que conclamam direitos estão sendo ouvidas pelos donos da bola. Ao concluir minha investigação, identifiquei ações de desimpedimentos no futebol de mulheres gaúcho que foram fundamentais para conquista de títulos e manutenção dos times. A atuação das mulheres no mundo do futebol ainda carece de estudos sobre diferentes categorias de análise sociais e do conhecimento de histórias passadas, presentes e até projetadas para o futuro do esporte. É importante a manutenção do conhecimento desse futebol e a difusão de debates nesse ambiente para um caminho constante e permanente de valorização e qualificação da modalidade.

**Palavras-chave:** Futebol de mulheres; Grêmio; Internacional; impedimentos e desimpedimentos.

## Abstract

The history of the presence of women in Brazilian football dates back to the beginning of the 20th century, mainly in urban areas. The present study starts from the understanding that the obstacles that women have historically been facing to be in football are linked to impediments that precede their entry on the field, as many are related to gender inequalities. But I believe that the resumption of women's football in the "times de camisa" of Porto Alegre has become a new stage in which it is possible to identify the performance of some actions to clear and remove some obstacles. Considering this new scenario, the objective of this research was to understand how the (dis) impediments of women's football occurred in the state of Rio Grande do Sul, more specifically, in the two reference clubs: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense and Sport Club Internacional. I initially carried out documentary research. But the theoretical and methodological anchoring of this study is based on Oral History and the History of the Present Time, which are used both as a procedure for the production of sources as an analytical possibility. I approached the investigation of gender and women studies in sport, especially those that contemplate biographical narratives. The thesis, therefore, was carried out through three separate studies that dialogue with each other and complement each other, as provided for in the Internal Regulations of the Graduate Program in Human Movement Sciences. Thus, after presenting the contextualization of the theme and its theoretical-methodological framework, I developed specific studies, namely: the first study focuses on the documents that propelled the resumption of football in the "times de camisa" from Rio Grande do Sul and which were produced by FIFA, CONMEBOL and CBF; the second describes the paths taken by Grêmio and Internacional regarding the reactivation of women's football, participation in championships, the structuring of grassroots teams, among other actions in favor of the development of the sport; and the third and last study highlights the role of women in different occupations around football, considering, above all, their own narratives. As a result, it was reaffirmed that the sport is a sport that is still in constant instability in Brazil. But if in a period the milestones for women in football were the persecutions and prohibitions and their devaluation, it is being represented by unimpeded and visible, which does not mean to say that the struggles and resistances have ceased. On the contrary, they continue in the daily life of the sport, and some of the voices that claim rights are being heard by the owners of the ball. Upon concluding my investigation, I identified clearing actions in the football of women from Rio Grande do Sul that were fundamental for winning titles and maintaining teams. The role of women in the world of football still lacks studies on different categories of social analysis and knowledge of past, present and even projected stories for the future of the sport. It is important to maintain the knowledge of this football and to disseminate debates in this environment for a constant and permanent path of valorization and qualification of the sport.

**Keywords:** Women's football; Grêmio; Internacional; handicap e handicap.

## **Quadros**

<b>Quadro 1</b> – Fatores de inclusão e exclusão no futebol de mulheres.....	37
<b>Quadro 2</b> – Pesquisas sobre Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul.....	48
<b>Quadro 3</b> – Entrevistas realizadas para a pesquisa.....	58
<b>Quadro 4</b> – Entrevistas realizadas pelo CEME para o projeto Futebol de Mulheres.....	59
<b>Quadro 5</b> – Presença do Futebol Feminino em Estatutos da FIFA.....	78

## Figuras

<b>Figura 1</b> – Women’s Football and Women in Football – 2018.....	73
<b>Figura 2</b> – FIFA Women’s Football Development Programme Guidelines – 2012.....	74
<b>Figura 3</b> – Duda Luizelli como Gerente de Futebol Feminino do S.C. Internacional em 2017.....	162
<b>Figura 4</b> – Tatiele Silveira recebe o prêmio de melhor técnica do Brasileiro Feminino de 2019.....	165
<b>Figura 5</b> – Patrícia Gusmão retorna para o Grêmio em 2019.....	169
<b>Figura 6</b> – Suellen Ramos – Campeã do Campeonato Gaúcho Feminino de 2019.....	175
<b>Figura 7</b> – Lívia Rodrigues – Fisioterapeuta do S.C. Internacional em 2021.....	177
<b>Figura 8</b> – Pamela Joras apita no Campeonato Gaúcho de 2017.....	183
<b>Figura 9</b> – Clairene Giacobe e Cleunice Schlee entrando no ar – 8 de fevereiro de 2020 .....	192
<b>Figura 10</b> – Renata Medeiros como repórter da Rádio Gaúcha – 2019.....	197
<b>Figura 11</b> – Marina Staudt é fundadora e administradora da página Grêmio Futebol Feminino (2020).....	202

## Sumário

Do futebol de rua às arquibancadas de um Grenal .....	15
Futebol de mulheres no Brasil: entre gols e impedimentos .....	25
O desafio de estudar o presente .....	51
Estudo 1 – Os donos do jogo: o futebol de mulheres nas instituições gestoras .....	65
Federação Internacional de Futebol Associação – FIFA.....	68
Confederação Sul-Americana de Futebol – CONMEBOL .....	88
Confederação Brasileira de Futebol – CBF.....	92
Estudo 2 – Futebol de mulheres do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e do Sport Club Internacional.....	112
Um pouco de história sobre o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul .....	113
O peso e o brilho de uma camisa: O retorno do futebol de mulheres no Sport Club Internacional.....	117
O peso e o brilho de uma camisa: O retorno do futebol de mulheres no Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.....	124
Gurias Coloradas e Gurias Gremistas: reacende a rivalidade no Gauchão 2017 .....	131
Grenal em nível Nacional no ano 2018.....	137
2019 – O ano Legal da “regra” do Desimpedimento .....	147
Estudo 3: histórias de mulheres feitas de futebol: .....	157
DUDA LUIZELLI: de jogadora à coordenadora da Seleção Brasileira Feminina da CBF .....	160
TATIELE DOS SANTOS SILVEIRA: melhor treinadora do Brasileiro Feminino de 2019 .....	164
PATRÍCIA REGINA GUSMÃO: ex-jogadora e treinadora, Paty se torna “técnica destaque” no retorno das Gurias Gremistas .....	166

SUELLEN DO SANTOS RAMOS: ex-jogadora, treinadora, pesquisadora e preparadora física.....	172
LÍVIA GONÇALVES RODRIGUES: uma fisioterapeuta mulher para um mundo de mulheres .....	176
PAMELA JORAS: primeira mulher a apitar uma partida dentro do Beira-Rio....	180
CLAIRENE GIACOBÉ: das traves coloradas à voz do gramado.....	188
RENATA DE MEDEIROS: um amor pelo futebol que começou por dentro dos jornais.....	195
Considerações finais .....	204
Referências Bibliográficas.....	209
Anexo i - Carta de Cessão de Direitos Autorais sobre entrevista.....	225
Apêndice I - Modelo de entrevista semiestruturada.....	226

## **Do futebol de rua às arquibancadas de um Grenal**

Estudar sobre o futebol de mulheres é uma forma de responder a muitas perguntas que fizeram parte da minha vida desde a infância. Cearense, nascida na capital, mas moradora de uma cidadezinha chamada Pacajus, cresci jogando futebol com meus primos no quintal da minha casa. Nesse período, eu não questionava por que não encontrava competições de mulheres nos canais de TV. Essa naturalização talvez acontecesse porque eu conseguia me sentir representada pelos jogos dos homens, por entender que eram seres humanos tanto quanto eu. Quando era criança, eu não pensava que poderia ser impedida de jogar futebol por causa do meu sexo e nem mesmo conhecia a história do futebol de mulheres no Brasil. Eu apenas pensava no quanto eu gostava de jogar e acreditava que se eu tivesse um bom desempenho, poderia me tornar uma jogadora profissional.

Na minha pré-adolescência, em 2002, me mudei para o Rio Grande do Norte, morei na cidade de Parnamirim – localizada a 12 km da capital – e lá comecei a me deparar com os primeiros impedimentos para estar no futebol. Meus pais começaram a dizer que era feio ver uma menina jogando bola, e eu também não conseguia encontrar espaços esportivos onde tivessem meninas jogando bola com os pés. Passei, então, a escutar algumas perguntas de adultos que antes eu não ouvia, tais como: “Você sabia que isso é coisa de homem?” e “Você está com as pernas roxas que nem de homem, sabia?”. Essas questões não me afetavam a ponto de fazer eu parar de jogar porque também escutava: “Nossa! Você joga muito bem!”. Aliás, eu usava este último comentário como motivação para que outras pessoas me vissem em ação e entendessem que mulheres também podiam gostar, jogar e aprender futebol.

A rua acabava se tornando o local privilegiado de vivência do futebol, e os meus colegas de partidas eram todos meninos. As minhas amigas ficavam observando de longe, torciam pelo meu desempenho e tinham a missão de me avisar quando meu pai chegasse em casa, evitando, assim, os castigos que eu receberia se ele me flagrasse jogando. Enquanto isso, eu enfrentava o time da vizinhança jogando descalça, com as sandálias servindo como traves em um campo que era de areia. Como eu era a única menina em jogo, procurava entender os motivos pelos quais as minhas amigas não praticavam futebol, e elas mencionavam apenas que

não gostavam desse esporte. Com o tempo, percebi que as pessoas que elogiavam as minhas habilidades também faziam comentários excludentes com as meninas que não tinham muita desenvoltura na prática do futebol.

Entre elogios e comentários depreciativos da minha prática, fiquei me questionando como outras meninas que gostavam de futebol vivenciavam esse esporte em seus cotidianos. Então, resolvi buscar informações sobre o tema, mas na época, eu não tinha computador em casa e nem o hábito de usar a internet. Do mesmo modo, não encontrei livros que abordassem o assunto na biblioteca da escola<sup>1</sup> onde eu estudava, também não tinha nenhuma escolinha de futebol que atendesse às meninas em minha cidade e eu não conhecia nenhum time de mulheres.

Diante de tanta ausência, fiquei sem saber por onde começar. Percebi que sabia muito sobre o futebol dos homens e suas histórias, mas sentia que eles não mais me representavam, pois, suas histórias eram preenchidas por incentivos à prática do futebol, enquanto a minha se desenhava sobre discursos e atos de limitações e impedimentos. Em função disso, a partir dos 12 anos, comecei a praticar natação, handebol e outros esportes, deixando o futebol de lado. Só retornei à prática em 2006, quando entrei no Ensino Médio, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal. Foi nessa escola que encontrei minha primeira chance de praticar uma modalidade esportiva próxima do futebol de campo: o futsal. Lá, eu jogava nos intervalos das aulas e comecei, junto a outras colegas, a dialogar com a diretoria da escola em busca da criação de um time.

Após dois anos de tentativas nessa direção, em 2008, o Instituto foi convidado para participar dos Jogos entre Institutos Federais do Brasil (JIF's) que aconteceram em Fortaleza. Montamos uma equipe para participar dessa competição e, ao seu término, criamos na escola tanto o time de futsal como o de futebol de campo. Foi nesse período que passei a conhecer outras histórias sobre o futebol, histórias que eu tanto buscava e que eram protagonizadas por mulheres.

Durante o período no qual cursei Educação Física (2010 a 2014) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), integrei equipes de futsal, *beach soccer*, futebol de sete e futebol de campo. Além de praticar essas

---

<sup>1</sup> Estudei da 6ª à 8ª série na Escola Municipal Francisca Fernandes, localizada na cidade de Natal.



modalidades, me dediquei a estudar o tema e concluí, em 2014, meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “A adolescente e sua vida esportiva: o futsal em foco”, no qual analisei os sentidos e os significados que jogadoras de futsal de Natal atribuíam ao seu acesso e à sua permanência nesse esporte.

Além da busca por reconhecimento por meio da melhoria das condições na prática, os resultados da minha pesquisa revelavam que as alunas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, que integraram a equipe de futsal em 2013, vivenciaram diversas dificuldades sociais para se manter no time devido a questões de gênero. Em função disso, elas reformularam o significado de jogar futsal e construíram diferentes sentidos para a sua prática, tais como: jogar pelo prazer de fazer o que gostavam e com quem gostavam, perceber que eram saudáveis e estavam cuidando de seus corpos, vivenciar a sensação de ultrapassar limites e lutar por direitos igualitários de sexo.

Enquanto eu cursava a graduação, participei do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC)<sup>2</sup>, no qual desenvolvi pesquisas de Iniciação Científica, almejando, de alguma forma, conhecer mais detalhes sobre a participação das mulheres nos esportes. Como o campo de estudo sobre o futebol de mulheres era inexistente em minha universidade, fiz parte também de uma pesquisa intitulada “Gênero, sexualidade e esporte: descentramentos da virilidade no cinema”, coordenada pelo professor Allyson Carvalho de Araújo.

Com integrantes desse grupo, produzi alguns artigos acadêmicos<sup>3</sup>, os quais forneceram embasamento para a elaboração de minha Dissertação de Mestrado, denominada “Mulheres olímpicas’: cinema brasileiro, mulheres atletas e teoria feminista do cinema”, defendida em 2016, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, no Centro de Ciências Humanas, Arte e Letras (CCHLA-UFRN).

---

<sup>2</sup> Grupo vinculado ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cuja principal finalidade é desenvolver estudos e pesquisas sobre o corpo e a cultura de movimento, numa interface com a Educação Física e a Educação. Foi fundado em 2000 e consolidado pela Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRN em 2001.

<sup>3</sup> Produções desse período: “A mulher do mundo esportivo: análise da obra *Offside*” (2015); “Gênero e esporte: apontamentos sobre Menina de Ouro” (2015); “Descentramentos de gênero e sexualidade da mulher no esporte: debatendo com o cinema” (2014); “Descentramento de sexualidade e gênero masculino no esporte: reflexões através do cinema” (2014); “Menina de ouro: construção de uma feminilidade não normatizada” (2013); “O espaço da mulher na cultura esportiva: análise da obra *Offside*” (2013); “*The Mighty Macs*: Gênero, esporte e profissão” (2013). As referências completas das produções se encontram nas referências bibliográficas desta tese.

Foi também durante o meu curso de graduação que alcancei a minha experiência mais marcante como jogadora de futebol: fiz parte de um time com representatividade no Rio Grande do Norte, o América Futebol Clube<sup>4</sup>. Nessa equipe, tínhamos dois treinos diários, de segunda-feira a sábado, dispúnhamos de uma equipe técnica completa, com materiais necessários e de qualidade, espaço para treinos e jogos, além de uma ajuda de custo<sup>5</sup>. No entanto, o tempo de formação e atuação desse time durou cerca de um ano. Seu término, em 2014, foi justificado por seus diretores em função da falta de patrocínio financeiro para dar continuidade ao trabalho, a mesma situação que vi acontecer com outros times da região como, por exemplo, o Alecrim Futebol Clube<sup>6</sup>, no ano de 2012.

Nesse período, os times que existiam no Rio Grande do Norte não tinham visibilidade na mídia local e nem apoio externo, sendo que, por vezes, eram mantidos pelas próprias atletas e pela comissão técnica. Além disso, não eram federados, dependendo, muitas vezes, do “empréstimo do nome” de times de homens para atuarem em competições nacionais<sup>7</sup>. No ano de 2014, por exemplo, o time de mulheres que participava de competições locais com a camisa do ABC Futebol Clube<sup>8</sup>, disputou a Copa do Brasil<sup>9</sup> com a camisa do Monamy Futebol Clube<sup>10</sup>. E em 2015 e 2016, a equipe de mulheres da Sociedade Esportiva União<sup>11</sup> foi para as faixas de trânsito pedir apoio financeiro à população para conseguir pagar os custos de participação da Copa do Brasil.

---

<sup>4</sup> O time de mulheres do América Futebol Clube foi formado em 2014 com o intuito de participar de competições estadual e regional, e da Copa do Brasil.

<sup>5</sup> A equipe foi formada em 2014 após a realização de peneiras entre atletas do Rio Grande do Norte e contratações de atletas de São Paulo. Para as mulheres da cidade onde ocorriam os treinos (Parnamirim-RN) era dado o dinheiro da passagem para deslocamento entre suas casas e a sede dos treinamentos; para as atletas do interior e da Capital do Rio Grande do Norte eram pagos o transporte e a alimentação. Já as atletas de São Paulo, com contrato assinado pelo Clube, recebiam valores diferentes para jogarem no time. O grupo era composto por cerca de 25 atletas, em que 11 eram contratadas.

<sup>6</sup> O clube possui time de homens e, em 2012, buscou formar uma equipe de mulheres, mas não logrou êxito com a consolidação da equipe, justificando falta de patrocinadores para manutenção. Nos anos seguintes, novas formações foram feitas.

<sup>7</sup> O time de mulheres que jogava competições locais com a camisa do ABC Futebol Clube jogou com a camisa do Monamy Futebol Clube na Copa do Brasil de 2014.

<sup>8</sup> Nota sobre o clube.

<sup>9</sup> Competição anual organizada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) entre os anos de 2007 a 2016.

<sup>10</sup> Clube de Natal-RN, fundado em 1964.

<sup>11</sup> Sociedade Esportiva União é uma entidade esportiva fundada em 1983.

A página do Facebook da Sociedade Esportiva União publicou, em 2016, uma reportagem do Jornal Arena sobre o momento de arrecadação de recursos pelas atletas na sinaleira de uma das ruas populares de Natal e escreveu: “O que uma falta de patrocínio e apoio pode fazer? Deixarmos de braços cruzados? Tenha certeza que não! Estaremos em luta! A mesma luta que mulheres realizam há anos para adquirirem seus direitos [...]”. A página também demonstrou uma indignação implícita quanto às falsas promessas de apoio ao futebol de mulheres que, muitas vezes, chegaram de candidatos políticos: “Vergonha de ir às ruas pelo segundo ano consecutivo e pedir a colaboração junto ao cidadão potiguar para cobrir alguns custos da equipe? [...] Vergonha maior, deveriam ter esses políticos que só sabem subir em palanque e, com pão e circo” (SOCIEDADE ESPORTIVA UNIÃO, 2016).

Nessa época, eu não conseguia entender como se davam as relações de poder que influenciavam no direito de mulheres jogarem futebol, tornando-o tão limitado, questionado e instável.

Ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, no ano de 2014, participei do grupo de pesquisa Marginália<sup>12</sup>, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Artes e Letras (CCHLA) e do Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Mídia (LEFEM)<sup>13</sup>, lotado no Departamento de Educação Física. Para desenvolver minha dissertação, utilizando-me das discussões que fazíamos nesses dois grupos, realizei uma pesquisa tentando localizar filmes produzidos no Brasil que tematizassem questões relacionadas à presença da mulher no futebol. Encontrei apenas alguns curtas-metragens<sup>14</sup> e nenhum longa-metragem<sup>15</sup>. Diante dessa quase inexistente produção, em especial no formato de longa-metragem, optei por ampliar meu campo de estudo para mulheres e esportes.

---

<sup>12</sup> Marginália caracteriza-se como um Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura. Foi fundado em 2013 com o objetivo de religar cultura, comunicação, arte e filosofia.

<sup>13</sup> O LEFEM foi criado em 2014 com objetivo de ser uma extensão do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC) sediado também no Departamento de Educação Física.

<sup>14</sup> Entre os curtas-metragens encontrados, cito: “Futebolistas”, com direção de Thais Travençoli e Patrícia Castro (2014); “A falta de visibilidade e o preconceito com mulheres que praticam futebol no Brasil”, com direção de Sthefanie Lima (2015); “Esporte, substantivo feminino”, com direção de André Costa (2010) e “Drible Feminino”, com produção de Alysson Queiroz, Samuel Conrado, Raissa Ellen, Lucianna Silveira e Jussara Beserra (2016).

<sup>15</sup> Ao atualizar a pesquisa sobre a produção audiovisual em longa-metragem me deparei com o filme “Minas do Futebol”, do diretor Yugo Hattori, produzido em 2017. Encontrei ainda “Brilhante F.C.”, da produtora Mixer (2011) e “Joga que nem mulher”, produzido pelo Globo Esporte (2017). Essas obras

Assim, selecionei como foco de estudo o filme “Mulheres Olímpicas” (2013)<sup>16</sup>, procurando estabelecer possíveis relações das atletas brasileiras de diversas modalidades e de diferentes períodos de atuação com a Teoria Feminista do Cinema<sup>17</sup>. A dissertação foi publicada no formato de e-book<sup>18</sup>, no ano 2017, e integra o catálogo de publicações da Coleção GRECCO<sup>19</sup>, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ao escrever a dissertação, me deparei com bibliografias que abordavam aspectos relacionados à gradativa alteração no cenário esportivo brasileiro em relação à inserção das mulheres (DARIDO, 2002; GOELLNER, 2005). Decidi, então, aprofundar meus estudos sobre as questões de gênero no esporte e assim conheci algumas das produções da professora Silvana Goellner, que ajudavam a refletir sobre temas que me interpelavam desde a infância, mais especificamente, sobre aspectos relacionados às mulheres do futebol, suas histórias e memórias.

Em 2014, vivenciei uma experiência que reafirmou o desejo de estudar o futebol de mulheres: ao participar de um evento na cidade de Brasília, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente a seleção brasileira adulta, que estava participando do Torneio Internacional de Futebol Feminino<sup>20</sup>. Era o mês de dezembro e, ao saber que a seleção estava hospedada em um hotel muito próximo do local do evento, corri pelas ruas da cidade junto a uma amiga para ver as jogadoras saírem do hotel e deslocar-se para o Estádio Mané Garrincha, local dos jogos.

---

apresentam meninas e mulheres fazendo parte de times de futebol, participando de jogos e enfrentando preconceitos. O “Joga que nem mulher” apresenta a visão de uma menina do Rio Grande do Sul que sonha ser jogadora de futebol.

<sup>16</sup> A obra cinematográfica “Mulheres Olímpicas” foi dirigida por Laís Bodansky (2103). O filme apresenta entrevistas com 16 atletas brasileiras que narram aspectos de suas trajetórias nos Jogos Olímpicos.

<sup>17</sup> Essa teoria, segundo Kaplan (1995), defende a denúncia e o combate à caracterização e à dominação da imagem das mulheres no cinema pelo olhar masculino, centrado em agradar aos homens.

<sup>18</sup> Ver mais:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/164387/001027271.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

<sup>19</sup> Sob a coordenação da professora Silvana Goellner, a coleção é um projeto editorial do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História. Visa à publicação de livros eletrônicos privilegiando obras clássicas e contemporâneas no campo da Educação Física em interface com as Ciências Sociais e Humanas.

<sup>20</sup> O Torneio de 2014 foi a sexta edição da competição de seleções nacionais de futebol feminino, sendo organizado pela Confederação Brasileira de Futebol e pela Federação Brasiliense de Futebol. Essa edição contou com as seleções do Brasil, China, Estados Unidos e Argentina e foi disputado entre 10 e 21 de dezembro de 2014 (CBF, 2014).

Nesse momento, que por si só já era a realização de um sonho, escutei uma das jogadoras mencionar a criação de uma seleção permanente<sup>21</sup>. Pensei: “Seria a alavanca histórica que a modalidade precisava para crescer em nosso contexto?”. A partir dessa situação, decidi procurar por perspectivas para levar adiante meu interesse em estudar futebol e mulheres e novamente me deparei com algumas produções da professora Silvana Goellner e de seu grupo de pesquisa, o Grupo de Estudos Esporte, Cultura e História (GRECCO). Resolvi arriscar e sair do Rio Grande do Norte para cursar o doutorado no Rio Grande do Sul.

Ao ingressar no doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, percebi transições na história do futebol de mulheres, mais especificamente, o retorno dos times de mulheres das duas principais equipes do estado: o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (Grêmio) e o Sport Club Internacional (Internacional), cujas equipes estavam extintas há mais de 10 anos.

Esse novo cenário instigou minha curiosidade e meu interesse em investigar o futebol de mulheres na cidade de Porto Alegre, focalizando os “times de camisa”, expressão aqui utilizada para referir-se aos times de homens de clubes esportivos com história e representatividade em nível nacional e internacional. No caso específico de Porto Alegre, são representados pelo Grêmio e pelo Internacional, observados nesta pesquisa não apenas como clubes de futebol, mas também como patrimônio da cidade e do Estado. Essas agremiações esportivas integram a identidade de seus habitantes se traduzindo, ainda, em agentes de comunicação e transformação social.

Meu primeiro passo para o acontecer da pesquisa, realizado em 2016, foi procurar nos sites dos dois clubes algumas informações sobre as equipes de mulheres e, de fato, nada encontrei. No site do Grêmio<sup>22</sup>, identifiquei que o time de homens, cuja formação aconteceu em 1903, é chamado de céu azul e composto por jogadores brancos de classe média e alta. Além dessa informação, são apresentadas algumas conquistas históricas que orgulham seus torcedores, como o título do

---

<sup>21</sup> A Seleção permanente foi um projeto administrado pela Confederação Brasileira de Futebol que envolvia a contratação de um grupo de jogadoras brasileiras, recebendo salários da entidade e treinando de maneira contínua e exclusiva para a Seleção de Futebol Feminino do Brasil até os Jogos Olímpicos de 2016 (CBF, 2015). Sua existência data de 2015 a 2016.

<sup>22</sup> Informações retiradas do site do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense: [www.gremio.net](http://www.gremio.net).

Mundial de 1983<sup>23</sup>, no qual surgiu o grito de “nada pode ser maior” e, atualmente, o título da Copa Libertadores da América<sup>24</sup>, conquistado no ano de 2017, cujas partidas finais ocorreram nas cidades de Porto Alegre e Lanús, com vitória do Grêmio sobre a equipe do Clube Atlético Lanús. Nesse espaço também é possível visualizar o hino do clube com refrãos como “Até a pé nós iremos para o que der e vier. Mas o certo é que nós estaremos com o Grêmio, onde o Grêmio estiver”<sup>25</sup>.

No site do Internacional<sup>26</sup>, há informações sobre sua fundação em 1909. “O Time do Povo”, como é apresentado, já iniciou com a inclusão de homens negros, estrangeiros e de diferentes classes sociais. Suas conquistas também são descritas como motivo de orgulho de sua torcida, o que favoreceu a criação de alguns apelidos como o “Rolo Compressor”<sup>27</sup>, na década de 1940, e “Campeão de Tudo”<sup>28</sup>, no ano de 2009. Mas, sobre as equipes de mulheres, não foram identificadas informações.

Essa situação se alterou em 2017, quando ambos os clubes reativaram as equipes de mulheres (GLOBO ESPORTE, 2017). Como acompanho notícias e informações sobre a modalidade, percebi que a retomada das equipes estava relacionada com as recomendações voltadas para o desenvolvimento do futebol feminino apontadas pela Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA), pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que solicitam investimentos no futebol de mulheres<sup>29</sup>.

Essa percepção foi corroborada pela leitura que fiz de notícias publicadas em sites especializados em futebol e nas colunas esportivas de alguns jornais (GLOBO ESPORTE, 2017; TORCEDORES.COM, 2017; LUDOPÉDIO, 2017; ZERO HORA, 2017; CORREIO DO POVO; DIÁRIO GAÚCHO, 2017). Tais fontes reforçaram a vontade de analisar esse movimento e assim registrar uma outra etapa da história

---

<sup>23</sup> No dia 11 de dezembro de 1983, o Grêmio venceu o Hamburger Sport-Verein e V. da Alemanha por 2 a 1, pelo Campeonato Mundial Interclubes, em Tóquio, no Japão.

<sup>24</sup> A Copa Libertadores da América é a principal competição entre clubes profissionais da América do Sul e é organizada pela CONMEBOL.

<sup>25</sup> Informações retiradas do site do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense: [www.gremio.net](http://www.gremio.net).

<sup>26</sup> Informações retiradas do site do Sport Club Internacional: [www.internacional.com.br](http://www.internacional.com.br).

<sup>27</sup> O apelido de “Rolo Compressor” surgiu da formação de um time de homens com jogo extremamente ofensivo que alcançou diversas conquistas, obtendo oito títulos do Campeonato Estadual em nove anos, durante os anos de 1940 a 1948 (GASTAL, 2009).

<sup>28</sup> Em 2009, o S.C. Internacional tornou-se o primeiro time brasileiro a possuir todos os títulos internacionais oficiais que um clube da América do Sul poderia almejar: Copa Libertadores, Mundial de Clubes da FIFA, Recopa, Sul-Americana e Copa Suruga Bank (GLOBO ESPORTE, 2009).

<sup>29</sup> Abordaremos melhor sobre essas ações no segundo capítulo.

do futebol praticado por mulheres no Rio Grande do Sul, focalizando as duas equipes de referência da cidade de Porto Alegre.

Parto do entendimento de que os obstáculos que as mulheres vêm historicamente enfrentando para estarem no futebol estão ligados a impedimentos que antecedem sua entrada em campo, pois muitos dizem respeito a desigualdades de gênero. Por isso, estudo a retomada do futebol de mulheres nos “clubes de camisa” de Porto Alegre como uma etapa na qual é possível identificar a realização de algumas ações de desimpedimentos, de retirada de alguns obstáculos, com a desconstrução de padrões de gênero.

Considerando esse novo cenário, o objetivo desta pesquisa é compreender como se deram os (des)impedimentos do futebol de mulheres no estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente, nos dois clubes de referência: o Grêmio Football Porto Alegrense e o Sport Club Internacional.

Para tanto, busco identificar algumas ações de entidades do futebol (FIFA, CONMEBOL, CBF) que se tornaram significativas para esse novo momento do esporte e analisar como se deu a fase de reativação e consolidação dessas equipes, levando em conta as ações implementadas pelos dois clubes no tocante à estruturação do futebol praticado por mulheres. Busco, ainda, examinar a repercussão que essa retomada teve no que respeita à inserção de mulheres em cargos e ocupações relacionados ao futebol como, por exemplo, em cargos técnicos e de gestão.

Com isso, aproximo esta investigação dos estudos de gênero e de mulheres no esporte, especialmente aqueles que contemplam narrativas biográficas. A ancoragem teórica e metodológica está assentada na História Oral e na História do Tempo Presente, as quais são utilizadas tanto como procedimento para a produção de fontes como possibilidade analítica.

Feita essa introdução, apresento a estrutura da tese que será realizada por meio de três estudos separados que dialogam entre si e se complementam, conforme previsto no Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Assim, depois de apresentar a contextualização do tema e seu arcabouço teórico-metodológico, desenvolvo as análises nos estudos específicos, a saber: o primeiro estudo focaliza os documentos propulsores da retomada do futebol nos “times de camisa” gaúchos e que foram produzidos pela FIFA, CONMEBOL e CBF; o segundo descreve os caminhos percorridos pelo

Grêmio e Internacional no que diz respeito à reativação do futebol de mulheres, a participação nos campeonatos, a estruturação das equipes de base, entre outras ações em prol do desenvolvimento da modalidade; e o terceiro e último estudo coloca em evidência o protagonismo de mulheres em diferentes ocupações no entorno do futebol, considerando, sobretudo, suas próprias narrativas.



## Futebol de mulheres no Brasil: entre gols e impedimentos

O futebol é um esporte composto por diversas matrizes que dão formas a essa prática e a seus entrelaçamentos sociais, políticos e financeiros. Cláudia Kessler (2015) apresenta em seus estudos uma noção da pluralidade que compõe o futebol, tais como: o futebol de homens espetacularizado e milionário, o futebol de mulheres, o futebol de base de formação, o educacional, o de lazer, entre outros. O foco desta pesquisa recai sobre o futebol de mulheres, o que não significa que só envolve mulheres. Ao justificar essa nomenclatura, em vez de futebol feminino, seguimos a perspectiva da autora, a qual afirma que ele:

[...] se relaciona a um universo complexo e heterogêneo, permeado por trocas entre pessoas de diferentes classes, etnias, gêneros e religiosidades, no interior desta coletividade. [...] Não é o futebol “das” mulheres, elas não o possuem e não são apenas elas que o compõe. Neste universo transitam não apenas mulheres, mas também homens que realizam investimentos de tempo, dinheiro ou emoções. É Futebol “de” mulheres porque a prática assume diferentes significados e suas condições materiais e sociais são diferentes, precisando se adequar ou se recriar. [...] um mundo no qual mulheres não são intrusas, mas participantes ativas (2015, p. 32-33).

Para falar sobre futebol de mulheres, Kessler (2015) acrescenta que não é apenas estudar os discursos produzidos pelas mulheres, mas também lidar com os discursos construídos sobre as mulheres.

Desde artigos em periódicos sobre “O Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata” de 1992 (MARTINS; MORAES, 1992) ao “Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem deste ano em questão” (GRAVENA *et al.* 2020), é possível identificar discussões sobre a heterogeneidade na participação das mulheres no futebol, seja como amadoras, profissionais, árbitras, técnicas, torcedoras, seja em capitais brasileiras ou em cidades do interior. Entretanto, essas diferenças passaram historicamente por aspectos semelhantes de retardamento da prática em nosso país, gerando o que estou nomeando como “impedimentos”.

Utilizo essa expressão por ser endógena ao futebol e reportar a uma posição irregular sujeita à punição. Segundo a regra do impedimento, esse posicionamento só é faltoso quando a pessoa está no lado do campo em que se encontra o gol do

adversário e tem como objetivo evitar que quem ataca fique próximo demais para fazer o gol.

Entendo que impedir as mulheres à prática do futebol revela uma punição, na medida em que o compreendo como um direito de quem deseja acessá-lo. Aliás, na Constituição de 1988<sup>30</sup>, o lazer aparece como um dos direitos sociais. Sendo o esporte, e, portanto o futebol, uma forma de lazer, entendê-lo como um direito é relevante porque projeta seu cerceamento como uma, digamos assim, posição irregular.

A palavra impedimento é representada em nosso idioma como um substantivo masculino que comporta alguns significados como “o ato de impedir, ação de tornar impraticável; é circunstância ou conjunto de circunstâncias que impossibilitam alguém de exercer as suas funções ou de realizar certos atos”<sup>31</sup>. No universo futebolístico, a palavra nomeia uma regra criada em 1863 para impedir certos lances que deixavam o esporte menos dinâmico (VERGARA, RODRIGO, 2016). Nesse sentido, a regra é compreendida dentro da partida como o ato de evitar que uma pessoa receba a bola no campo de ataque sem haver pelo menos um adversário entre ela e a linha de fundo, exceto o goleiro. Fora do campo de jogo, o impedimento pode significar não uma forma de tornar o esporte mais dinâmico, e sim, mais excludente.

Quando direciono meu olhar para o futebol de mulheres, é visível, no extracampo, inúmeras barreiras imputadas historicamente às mulheres que desejavam praticar a modalidade. Barreiras que tanto dificultam alcançar um objetivo (o gol) quanto reafirmam preconceitos. Como o futebol “não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da ordem atribuída ao jogo” (FRANZINI, FÁBIO, 2006, p. 1).

Impedimentos, barreiras e cartões vermelhos (exclusões) são situações recorrentes na história das mulheres na modalidade e revelam disputas dentro e fora

---

<sup>30</sup> A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no artigo 6º, apresenta que “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 64, de 2010)”. Ver mais: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm).

<sup>31</sup> Significado encontrado em dicionários da língua portuguesa (AURÉLIO, 2002).

de campo e em diferentes atuações: torcendo, jogando, arbitrando, comandando, narrando, comentando, gerindo, entre outras.

Vieira (2010) afirma que as mulheres estão mais presentes nos estádios de futebol pelo Brasil, o que por um lado demonstra que elas têm mais poder de expressão e presença do que antes. Em contrapartida, o autor afirma que a capacidade de compreensão das torcedoras em relação ao jogo ainda é frequentemente questionada por pessoas que não as consideram conhecedoras da modalidade. Nesse sentido, as mulheres são muito mais inqueridas que os homens sobre conhecimentos referentes ao futebol, cujo sucesso legitima ou não seu interesse como verdadeiro (STAHLBERG, LARA, 2013).

Perguntas como “você sabe o que é um impedimento?” são recorrentemente norteadoras de validação por parte de homens sobre o saber das mulheres sem que eles saibam sobre os diversos impedimentos que elas enfrentaram e ainda enfrentam dentro e fora do campo. Afinal, como refere Silvana Goellner (2019), o futebol é um espaço que não foi pensado para elas, e para nele adentrar e permanecer precisam de muita garra. “Neste sentido, nada foi concedido, sempre é uma conquista que vem de uma luta muito grande” (p. 1).

Diante dessa explicitação, considero que diversos impedimentos extracampos contribuíram para limitar a presença das mulheres no entorno do futebol. Mesmo não sendo lineares nem homogêneos, ao longo da história, forjaram entraves ao desenvolvimento da modalidade no país e ao empoderamento das mulheres, entendido aqui como a busca por mudanças nas estruturas das relações de poder (BERTH, JOICE, 2018).

Com relação à presença das mulheres no futebol brasileiro, Kessler (2015) analisa a partir de três marcadores históricos: o início do século XX até a promulgação do Decreto-Lei nº 3.199, em 1941, enfatizando o pioneirismo de jogadoras e as limitações impostas com base em argumentos médicos relativos à maternidade e ao “sexo frágil”; a década de 1980, marcada pelo surgimento de várias equipes e competições; e os anos 1990 até 2015, com a ampliação de iniciativas financeiras para as jogadoras se manterem na modalidade, a migração de jogadoras para fora do país, o aumento de escolinhas, a procura por *marketing* e mídia e a

criação do Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol (ProFut)<sup>32</sup>.

Ao pesquisar sobre o futebol de mulheres do passado, descobri que há diferentes narrativas sobre os primeiros jogos que protagonizaram. Eriberto Lessa, em reportagem publicada no Jornal da Unicamp (2003), apontava uma busca que fez junto aos principais jornais de São Paulo sobre a existência do futebol praticado por mulheres na primeira metade do século XX no Brasil, em que encontrou três episódios iniciais: o primeiro ocorreu em 1913, em um evento beneficente, na cidade de Indianópolis-SP; o segundo foi em 1921, envolvendo “senhoritas de Tremembé e da Cantareira”, bairros da zona norte de São Paulo; e, por último, os torneios que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro em 1940, envolvendo predominantemente mulheres do subúrbio carioca.

Nesses torneios formaram-se equipes como o “Cassino Realengo”, o “Benfica F.C.” e o “Eva Futebol Clube”. Essas equipes foram pioneiras no recebimento de convites para jogar fora do país e no protagonismo de partidas importantes, como a preliminar que aconteceu antes do jogo de futebol de homens entre o Clube de Regatas do Flamengo e o São Paulo Futebol Clube, na data de inauguração da iluminação do Estádio Municipal Pacaembu, em 1940 (MUSEU DO FUTEBOL, 2015).

Essas informações foram repetidas por um longo período e, de certo modo, aceitas como os marcos inaugurais da modalidade, especialmente o jogo de 1921 em São Paulo. Aira Bonfim (2020) tem apontado outras iniciativas, como a existência de equipes de mulheres no Rio Grande do Norte entre os anos de 1918 e 1920. Ao pesquisar o acervo fotográfico da coleção do Instituto Tavares de Lyra (RN), identificou uma foto da equipe do ABC Football Club, da cidade de Natal, que inclusive foi capa da revista *Vida Sportiva*, em 1919. A autora também afirma que, em 1920, após publicação de novas capas da revista *Vida Sportiva*<sup>33</sup> com atletas, foram identificadas evidências de jogadoras no Rio de Janeiro, integrantes dos clubes Helios (1920), C.R. Vasco da Gama (1923), S.C. Celeste (1923) e São Cristóvão A.C. (1929).

---

<sup>32</sup> ProFut é um programa de adesão do Governo Federal para o refinanciamento de dívidas, demandando dos clubes investimento no futebol de mulheres.

<sup>33</sup> Revista *Vida Sportiva*, Rio de Janeiro, p. 3, 29 nov. 1919.

Ainda assim, há a realização de partidas que começaram a se ampliar durante a ditadura do Estado Novo<sup>34</sup> (1937-1945). O acervo de notícias do Museu do Futebol revela registros que apontam para a visão dos torneios como alvos de polêmicas nos meios médicos, políticos e na imprensa. Tal entendimento promoveu a instituição da proibição legal de algumas modalidades esportivas por meio do Decreto-Lei 3.199, promulgado pelo Conselho Nacional de desportos (CDN) que, no capítulo IX, artigo 54, afirmava: “[...] às mulheres não se permitirá a prática dos esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este feito, o Conselho Nacional dos Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades esportivas do país [...]” (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 77). Modalidades que não apresentavam contato físico não foram representadas desse modo, tais como o tênis, o voleibol, o críquete, a natação e o ciclismo (FRANZINI, 2005).

No ano de 1965, o CDN aprovou a Deliberação n. 7, nomeando as modalidades proibidas para as mulheres, como as práticas de lutas, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, *rugby*, halterofilismo e *baseball* (GOELLNER, 2005).

As ações citadas acima, pautadas por discursos biológicos e conservadores, impediram por quase 40 anos o desenvolvimento de algumas modalidades esportivas, dentre elas o futebol. A fala do Dr. Leite de Castro, publicada no Jornal “O Dia Esportivo” de Curitiba, em 26 de junho de 1940, é representativa dessa afirmação: “A mulher esportiva cem por cento, a campeã, além de não ter uma saúde excepcional, a sua plástica muito fica a desejar [...] é um esporte violento capaz de alterar o equilíbrio endócrino da mulher”.

Essa mesma representação figura em uma notícia veiculada no jornal Folha de São Paulo, no dia 16 de julho de 1961: “[...] as mulheres têm ossos mais frágeis; menor massa muscular; bacia oblíqua; tronco mais longo e por isso menos resistente [...] respiração menos apropriada a esportes pesados; menor resistência nervosa e de adaptação orgânica” (MUSEU DO FUTEBOL, 2015).

---

<sup>34</sup> O Estado Novo corresponde ao período em que Getúlio Vargas governou o Brasil entre os anos de 1937 e 1945, no último momento da Era Vargas, marcado pelo autoritarismo, censura e centralização do poder. Sua política priorizou investimentos em infraestrutura para o desenvolvimento industrial.

Apesar da proibição oficial, as mulheres continuaram jogando. Há registros de times que se formaram e partidas que ocorreram nesse período, como o time do Araguari Atlético Clube de Minas Gerais. A direção do Grupo Escolar Visconde de Ouro Preto propôs ao clube a realização de uma partida beneficente contra os atletas do seu maior rival, o Fluminense Futebol Clube, com o intuito de arrecadar dinheiro para o colégio. A proposta chegou aos ouvidos de Ney Montes, um dos diretores do Araguari, e ele incentivou a realização de uma partida entre mulheres, criando o Araguari. Depois do primeiro jogo, o Araguari começou a promover amistosos entre outras equipes clandestinamente. O problema veio com a situação que repercutiu em nível nacional (DIBRADORAS, 2017).

Uma matéria publicada na revista “O Cruzeiro”, em 28 de fevereiro de 1959, revelou o clube de futebol com representação de mulheres que se apresentava publicamente, além de outras reportagens que foram surgindo e contribuindo para o encerramento da equipe por conta da fiscalização ocorrida em defesa do conteúdo expresso no Decreto-Lei (DIBRADORAS, 2017).

Outras equipes que se destacaram nesse período pertenciam à cidade de Pelotas (RS), nos anos 1950: o Vila Hilda F.C. e o Corinthians F.C. As duas equipes eram formadas por mulheres jovens, de classe média-baixa, que residiam nos mesmos bairros dos clubes. À medida que os times se enfrentavam e a torcida aumentava, as partidas ganhavam mais repercussões (RIGO *et al*, 2008). A Revista dos Esportes (1950) foi uma das que publicou notícias sobre esses confrontos. E mais uma vez, por consequência da expansão da prática, o CND impediu a continuidade dos times.

Tais jogos revelam que, ao mesmo tempo em que alguns jornais visibilizaram a prática proibida, sua divulgação contribuiu para que essas equipes fossem encerradas. Além disso, vale lembrar que provavelmente existiam muitos outros times que não alcançaram tamanha repercussão e ficaram invisíveis nos registros que narram a história do futebol de mulheres, mesmo jogando clandestinamente. No entanto, afirma Suellen Ramos (2016): “Apesar da repressão exercida pela sociedade e seus governantes, as mulheres nunca deixaram de praticar esportes, dando força no decorrer dos anos a um movimento de inserção destas no meio esportivo” (p. 26). Como referencia Silvana Goellner (2020), silêncio não significa ausência:

a existência oficial de tais restrições não significa dizer que as mulheres deixaram de praticar as modalidades contraindicadas para seu sexo. Elas não o fizeram “oficialmente”. As práticas esportivas, desde o início do século XX, seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções morais e sociais, aderiram a sua prática independente do discurso da interdição (GOELLNER, 2020, p. 1).

A contestação à ilegalidade da prática de futebol por mulheres começou a ganhar força devido ao contexto político que o país apresentava, mais especificamente, o recuo do Governo Militar e a crise econômica no final da década de 1970. Esse cenário permitiu concessões, como a anistia a presos políticos, a legalização de práticas esportivas e outras ações que contribuíam para a redemocratização da sociedade brasileira (SOUZA JÚNIOR, OSMAR; REIS, HELOÍSA, 2018).

Na década de 1970, as praias do Rio de Janeiro começaram a contar com reunião de mulheres para jogar bola, identificadas como empregadas domésticas que trabalhavam no Leblon e, após o expediente, se juntavam para momentos de sociabilidade e lazer. Algumas reportagens de jornais do Rio de Janeiro, como a do Jornal do Brasil (1976), comprovam a existência desses futebóis por meio de manchetes como “O futebol depois da louça lavada” (BRHUNS, HELOÍSA, 2000).

Para a legalização das práticas esportivas às mulheres, Gabriela Souza e Ludmila Mourão (2011) destacam que no Senado Federal, em Brasília, no ano de 1976, foi instaurada uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para examinar a situação da mulher em todos os setores de atividade. A CPMI ouviu mulheres como a nadadora Maria Lenk e a jornalista e tenista Íris de Carvalho, que discursaram sobre o esporte no país. Assim, elas “sugeriram a revogação do decreto-lei que prejudicava a participação das mulheres em determinados esportes e reivindicaram o direito de escolha das mulheres de se exporem ou não às perigosidades dos esportes de contato e alto impacto” (SOUZA, GABRIELA; MOURÃO, LUDMILA, 2011, p. 39).

Maria Lenk e Íris Carvalho trouxeram dados históricos sobre as mulheres desde o início dos Jogos Olímpicos, realizaram questionamentos sobre o papel da mulher brasileira e defenderam que o Decreto estava ultrapassado. Uma das falas de Maria Lenk foi em defesa do futebol praticado por mulheres:

Temos um ponto de vista já mais moderno de que a mulher não precisa de meios especiais para se proteger contra a sua própria burrice, desculpem o

termo. Mas, naquela época foi o que o CND acreditou precisar prescrever pelo decreto, em 1941 e esta lei ainda está vigorando. [...] acentuo bem o futebol (entre os outros esportes proibidos), porque atribuo a essa restrição, a essa proibição, a quase impossibilidade do desenvolvimento do esporte feminino no Brasil. [...] há uma quantidade irrelevante de participantes femininas nas competições, atribuo ao futebol. Porque o futebol é o nosso esporte nacional, e através do esporte se revelam, se projetam os campeões e os ídolos do povo que merecem imitação. Então, vê-se terrenos baldios e qualquer local que se preste, transformados em um campo ou numa quadra, no caso se não tiver gramado de futebol, e é ocupado por quem? Por garotos, meninos. [...] desejaria mostrar que essa restrição reflete sobre o ingresso da mulher no esporte, porque ela não tem a quem imitar, mais do que isso, [...] o modelo de mulher que aparece é o daquela criatura frágil, submissa, muito humilde e dependente (BRASIL, 1978, p. 64).

A proibição quanto às mulheres praticarem alguns esportes, como o futebol, começou a ser questionada também em outros espaços. Em 1979, o CND revogou o Decreto-Lei em função, inclusive, de se adequar aos parâmetros das entidades esportivas internacionais.

O texto da Deliberação nº 10/79 trata sobre a permissão à prática esportiva pelas mulheres, condicionada às modalidades com competições oficiais organizadas pelas entidades internacionais, caracterizando a prática do futebol por brasileiras como legítima a partir das regras e dos aportes teóricos internacionais. No dia 6 de março de 1986, a instituição promulga a Recomendação nº 2, na qual “[...] reconhece a necessidade de estímulo à participação da mulher nas diversas modalidades desportivas no país [...]” (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 64).

Nesse período, o CND tentou criar algumas regras específicas para as mulheres, como o tempo da partida de 70 minutos com intervalos de 15 a 20 minutos; a bola de diâmetro entre 62 e 66 centímetros e peso máximo de 390 gramas; as jogadoras deveriam usar chuteiras sem travas metálicas ou pontiagudas e não poderiam trocar de camisas com as adversárias após uma partida (MUSEU DO FUTEBOL, 2015). Essas recomendações aparecem no documento que regulamenta o futebol feminino no Brasil em 1983, o qual contribuiu a persistência de alguns clubes que atuavam de forma ilegal mediante a realização de jogos e campeonatos.

No estado do Rio Grande do Sul, segundo Kessler (2010), o futebol de mulheres tomou corpo na década de 1980. Na cidade de Santa Maria, por exemplo, se deu por meio da Copa Pepsi, realizada na cidade com a participação de 20 equipes. O site do Sport Club Rio Grande, time de homens considerado o mais antigo do Sul, informa que o time de mulheres do clube foi fundado em 11 de outubro de



1980, sendo o pioneiro na região. Nesse período, foram realizados treinos e partidas com outros times da localidade, como o Huracan e o Vila São Miguel. Apelidado de “Loucurinhas do vovô”, a equipe do Sport Club Rio Grande foi oficializada em 11 de maio de 1983, após ser publicado no Diário Oficial da União (SPORT CLUB RIO GRANDE, 2017).

Tais indícios possibilitam identificar que a modalidade começou a dar seus primeiros passos de forma institucionalizada a partir da década de 1980. No cenário nacional, a equipe que mais se destacou nessa década foi o Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro, com trajetória de conquistas nacionais e internacionais. Carolina Almeida (2013), em seus estudos sobre o time de mulheres do Radar, apontou que o time se originou ganhando representatividade em eventos para jogar na praia em 1981.

Em menos de três anos de história, o time do Radar tinha alcançado um cartel de 135 jogos, com 124 vitórias, 10 empates e 1 derrota, tendo excursionado pelos Estados Unidos e Europa. Venceu a seleção da Espanha por 13 a 0 em 1982, época em que a seleção espanhola ocupava a terceira posição no ranking do campeonato europeu (ALMEIDA, CAROLINA, 2013).

Segundo Mourão e Morel (2005), de 1982 a 1986, o E.C. Radar realizou 44 jogos em três continentes, alcançando 39 vitórias, 2 empates e 3 derrotas. Entre suas principais conquistas destaca-se o Mundialito de Futebol na Itália em 1986. A extinção do E.C. Radar veio em 1988, devido à queda da iniciativa individual do clube e à falta de políticas públicas à participação das mulheres.

Outro registro que pode ser mencionado nesse período se relaciona ao estudo desenvolvido por Eriberto José Lessa Moura (2003), que analisou a trajetória da equipe de futebol de mulheres do Guarani Futebol Clube. O clube organizou sua equipe de mulheres em 1983 para participar de uma partida preliminar do jogo entre as equipes de homens do Guarani Futebol Clube e do Sport Club Corinthians Paulista, na cidade de Campinas-SP. No entanto, essa partida não aconteceu devido a problemas na organização, e a preliminar com as mulheres aconteceu no jogo seguinte disputado pelo Guarani, no caso, contra o Goiás Esporte Clube<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Não há registros da data em que ocorreu a partida.

Depois desse evento, o time de mulheres do Guarani começou a receber jogadoras que não eram associadas ao clube e passou a disputar amistosos. Após conquistas em campeonatos locais, o time realizou uma peneira em 1984 para participar do Primeiro Campeonato Paulista de Futebol Feminino<sup>36</sup>. O Guarani chegou a ser o vice-campeão do interior, atrás apenas do XV de Piracicaba. Infelizmente no final desse mesmo ano, houve a extinção da equipe que, segundo Moura (2003), aconteceu por desarticulação interna do clube.

Enny Vieira Moraes (2012), em seus estudos sobre as histórias de vidas de jogadoras baianas, buscou acompanhar o percurso percorrido pelo futebol de mulheres do interior da Bahia no período de 1970 a 1990. A autora menciona a presença de equipes como o Panteras de Ipiaú e o time do Flamengo de Feira de Santana, além de destacar as histórias de algumas jogadoras, como a de Solange Souza Bastos. Soró, como é conhecida no meio futebolístico, atuou em diversos times na Bahia e em outras regiões, como o Sport Club Corinthians Paulista e o S.C. Internacional, além de ter integrado a Seleção de Futebol Feminino durante os anos 1990. A autora aponta momentos de transição do futebol da Bahia jogado da década de 1970 à década de 1980, identificando questões como o preconceito, falta de estrutura e credibilidade presentes nas histórias narradas:

Notadamente aquelas meninas desviavam de um padrão idealizado de mulher, ainda nos anos 70. Mesmo com os avanços do feminismo naquele período, para uma cidade do interior da Bahia, mulher jogando futebol representava uma afronta aos valores daquela cidadezinha do nordeste brasileiro, fortemente influenciada pelos valores da Igreja Católica [...] em Feira de Santana, em que as meninas conseguiram alçar voos mais altos, o futebol feminino é hoje pouco valorizado e o reconhecimento das atletas da época de 80 é praticamente nulo. Mas é importante atentar para os elementos basilares dessa história estão enraizados em nossa cultura, como já afirmei anteriormente: profundamente machista, preconceituoso e excludente, elementos que podem ser nesse estudo constantemente observados (MORAES, 2012, p. 41).

A década de 1980, portanto, foi marcada pelo reinício do desenvolvimento da modalidade no Brasil, depois de 40 anos de restrições legais. O Brasil convocou sua primeira seleção para o Torneio Internacional de Futebol de Mulheres realizado na China, em 1988. Nessa competição, o Brasil alcançou a medalha de bronze. O

---

<sup>36</sup> O campeonato iniciado em 1984 teve a equipe do Athletico Juventus foi a campeã do torneio ao bater o Transvira Futebol Esporte.

dirigente do Radar, Eurico Lira, se tornou referência do futebol de mulheres no Brasil, ocupando posteriormente o posto de coordenador da Seleção Feminina na CBF, permanecendo no cargo até o primeiro mundial oficial organizado pela FIFA que aconteceu na China, em 1991 (SOUZA JÚNIOR, 2013).

Sobre a Seleção de Futebol Feminino do Brasil, entre as conquistas alcançadas em competições oficiais, cito que desde a entrada da modalidade nos Jogos Olímpicos, em 1996, o Brasil conquistou a medalha de prata nos Jogos de Atenas (2004) e de Pequim (2008). Também foi vice-campeã da Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada na China, em 2007, e a terceira colocada na Copa do Mundo que aconteceu nos EUA no ano de 1999. A seleção também conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo (2003), do Rio de Janeiro (2007) e de Toronto (2015) e a medalha de prata, em 2011, nos Jogos de Guadalajara (CBF, 2016).

Na tentativa de caracterizar o cenário de desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil, trago informações sobre algumas competições nacionais que aconteceram logo após a regulamentação da modalidade. Organizada pela Confederação Brasileira de Futebol, a Taça Brasil de Futebol Feminino durou de 1983 a 1988, tendo o time carioca, Esporte Clube Radar, como campeão de todas as suas edições. O S.C. Internacional foi o terceiro colocado em 1984 e o vice-campeão em 1985. Em 1989, foi realizado o Troféu Brasil de Clubes, com o Radar novamente como campeão. Em 1990, aconteceu o Torneio Nacional, com os times Independente, Vasco da Gama e Águas de Lindóia, classificados sequencialmente como primeiro, segundo e terceiro lugar. Em 1991, o Torneio aconteceu novamente com o Sul América como vencedor. Em 1991, o Saad consagrou-se campeão (LOPES, OLIVEIRA, 2011).

A Taça Brasil de Clubes foi realizada em 1993, com a conquista do Vasco da Gama e o Saad como vice-campeão. O primeiro formato do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino teve sua estreia em 1994, existindo até 2001, com o S.C. Internacional alcançando o terceiro lugar três vezes (1996, 1998, 1991) e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre chegando ao quarto lugar apenas uma vez, em 2001 (RAMOS, 2016; LOPES; OLIVEIRA, 2011). O Circuito Brasileiro de Futebol Feminino aconteceu em 2003 e foi vencido pelo Saad Esporte Clube, que foi reformulado e nessa competição denominou-se MS/Saad (BRASIL, 2003). A Liga Nacional de Futebol Feminino teve início em 2006 e encerrou em 2007, quando a Copa do Brasil

foi criada. Nesse ano de duração, a Liga envolveu as equipes Botucatu Futebol Clube, Santos Futebol Clube, Clube dos Empregados da Petrobras - Duque de Caxias, Jaguariúna Futebol Clube e Saad Esporte Clube.

Diante do sucesso dos bons resultados da seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), nos Jogos Pan-Americanos (2003 e 2007) e na Copa do Mundo da China (2007), a CBF organizou, em 2013, a Copa do Brasil, uma competição fixa e próxima do modelo do masculino que durou até 2016. O critério de vagas para a Copa do Brasil Feminina, em que participavam 32 times, se dava pelos bons resultados nos campeonatos ou torneios seletivos estaduais (CBF, 2016).

No período de 2013 até 2016, aconteciam duas competições em nível nacional: a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro. A seleção dos clubes que disputaram o primeiro ano do Brasileiro foi centrada nas 20 melhores equipes do Ranking de Futebol Feminino da CBF<sup>37</sup>. Em 2017, a CBF alterou a fórmula de disputa da competição: reduziu a 1ª divisão de 20 para 16 times, chamando-a de série A1, e criou a série A2, também com 16 equipes. Com isso, encerrou a Copa do Brasil com a justificativa de que não conseguia sustentar duas competições de porte nacional (CBF, 2017). Segundo a assessoria de imprensa da CBF, em junho de 2017:

[...] anteriormente, eram realizados o Campeonato Brasileiro Feminino (divisão única) e a Copa do Brasil Feminina. Em 2017, a CBF refez o planejamento e, para ampliar a abordagem, foi criado o Campeonato Brasileiro A2. Agora, as duas competições são o Brasileiro Feminino A1 e o A2 (CBF, 2017, sn).

A equipe vencedora e o segundo lugar da série A1 do Campeonato Brasileiro se classificam para participar da Copa Libertadores da América<sup>38</sup>.

A falta de sistematicidade nas competições, conforme pode ser identificada na descrição acima, na qual é possível perceber vários campeonatos, bem como sua duração, criação e extinção, aponta que apesar de o futebol não ser mais proibido

---

<sup>37</sup> O Ranking da CBF de Futebol Feminino é um sistema de classificação dos clubes de futebol feminino brasileiros instituído pela Confederação Brasileira de Futebol, composto por dois rankings, atualizados anualmente pela CBF: o Ranking Nacional de Clubes (RNC) e o Ranking Nacional de Federações (RNF), que leva em conta o desempenho dos clubes apenas nos últimos 5 anos, e com peso maior para os anos mais próximos.

<sup>38</sup> Outra forma de conseguir vaga na Copa Libertadores da América é como campeã da Copa na edição do ano anterior.

por lei, as brasileiras ainda enfrentam outros impedimentos para se manterem na modalidade. Além disso, a falta de visibilidade na mídia, a carência de estrutura e materiais, os poucos recursos, o diminuto apoio e patrocínio, a não profissionalização da modalidade são alguns aspectos presentes na literatura consultada como as principais barreiras impostas para as mulheres antes mesmo de entrarem em campo.

Como explicitarei anteriormente, entendo essa prática como uma ação de sociabilidade que pode traduzir-se como um espaço de construção de histórias. A existência de clubes de futebol com times de mulheres pelo Brasil é indiscutível e demonstra o interesse nacional por essa prática, não só pelos homens, mas também pelas mulheres.

Knijnik e Vasconcelos (2006) afirmam que o futebol realizado por homens e por mulheres é, indubitavelmente, parte integrante e simbólica de manifestações culturais de norte a sul do país. Ligas e campeonatos existem, tanto em níveis locais como nacionais e internacionais. Mas a instabilidade na permanência de clubes de futebol com times de mulheres, muitas vezes, desqualifica e descaracteriza o papel representativo e profissional das jogadoras do país.

Ao procurar respostas nos estudos mapeados, destaco alguns dos fatores como possíveis promotores da inconstância, exclusão e lentidão do crescimento do futebol de mulheres pelo Brasil. Ressalto que nem todos os fatores encontrados são exclusivos do universo do futebol de mulheres, mas aqui os apresento como são revelados nesse campo específico. Quero registrar que não pretendo realizar comparações com o universo do futebol de homens, apenas enfatizar o que acontece no futebol de mulheres.

**Quadro 1** – Fatores de inclusão e exclusão no futebol de mulheres

Fatores	Descrição
Características biológicas x culturais	Primeiramente, os principais argumentos excludentes estavam e ainda aparecem pautados em fatores biológicos, que acreditam na estrutura biológica da mulher como mais frágil e delicada do que a do homem. Esses argumentos se encontram muitas vezes implícitos e aliados a questões de gênero, classe e etnia. Por vezes, são identificados e referenciados.
	O futebol romantizado desde o início por ações beneficentes, momentos de descontração e lazer, muitas vezes, aparecem como argumentos utilizados

Amadorismo x Profissionalização	para desvalorizar a necessidade da modalidade de ser considerada profissional.
Jogo em casa x Migração geográfica	A possibilidade de treinar e jogar na mesma cidade que reside é um fator que aparece como positivo em relação às migrações geográficas que são identificadas em alguns estudos e acontecem pela busca de melhores condições de jogo e reconhecimento financeiro.
Espaço próprio x Ocupação de espaço	A posse de espaços destinados à prática da modalidade é rara e faz com que os espaços de outro esporte ou da modalidade dos homens sejam utilizados para o futebol de mulheres e, assim, contribuam para a visão da modalidade como invasora e precária. Ter seu próprio campo, seu vestiário, uniforme e outros espaços oportuniza a identificação com os clubes e reconhecimento.
Apoio e incentivo x Preconceito social	A importância da influência da família, dos amigos e de instituições, como escola e igreja, é identificada como temas ignorados pelos clubes brasileiros e pouco discutido nas escolas. Percebe-se o abandono da modalidade ou a falta de prática dela justamente pela ausência desses incentivos que é respaldada pela divisão cultural de esportes para homens e esportes para mulheres. O incentivo de pessoas próximas às jogadoras é relatado como fundamental para a dedicação e base das jogadoras.
Investimento x Desinteresse	O suposto desinteresse do público, mencionados por instituições gestoras de futebol, em razão da baixa qualidade técnica dos jogos das mulheres é pauta da falta de investimento nesse campo. A ausência de competições ao longo do ano e de categorias de base contribuem para o retardo do desenvolvimento técnico, tático e de fundamentos das jogadoras. Os investimentos propostos e efetivados são fatores positivos de conquistas das mulheres nessa modalidade. As competições criadas são exemplos de investimentos na modalidade.
Futebol de mulheres na mídia	A aparição das primeiras notícias do futebol de mulheres foi marcada como um acontecimento histórico positivo. Mas, a divulgação da proibição, dos discursos higienistas e de outros discursos patriarcais se perpetuaram por muito mais tempo nas mídias, causando a invisibilidade das atletas ou a valorização de representações pautadas na sua estética. Ainda há poucas e breves notícias que aparecem sobre resultados de jogos e/ou competições.
Comparação com o futebol de homens	As comparações com o futebol de homens aparecem desde as questões biológicas às questões financeiras, sendo questionável a necessidade dessas comparações para fins de colaboração do crescimento da modalidade.

O Atlas de Esporte no Brasil (DACOSTA, 2006) pontua cinco questões que estão englobadas nos focos temáticos que formulei: o futebol sendo considerado masculino e por isso não deveria ser praticado por mulheres; meninas só começam a praticar o esporte em escolas e praças com os meninos, vendo a escola como um espaço onde ocorre relativo grau de preconceito; famílias não concordam com a prática feita pela menina; a falta de conhecimentos fisiológicos prévios do desempenho da mulher nesse esporte contribui para preconceitos; as comparações sobre o rendimento esportivo entre homens e mulheres; a ausência da mídia negligenciando uma cultura que já existe; e a estética das atletas que não correspondem a uma representação esperada de feminilidade, contrariando patrocinadores.

Discorrendo sobre esses fatores, pontuo que a desvalorização do futebol de mulheres remete aos seus primórdios, quando as questões biológicas eram explicitamente utilizadas como argumentos para a não participação delas em diversas competições, inclusive nos Jogos Olímpicos (DEVIDE, 2005).

Segundo Souza Júnior (2013), a oposição à prática do futebol pelas mulheres iniciou em nosso país em função da visibilidade que essa presença começou a adquirir, desviando a atenção e o público antes focados apenas nos jogos dos homens: “Para legitimar essa insatisfação, buscou-se juntar opiniões de profissionais ligados à área de saúde, que alardeavam os riscos que a prática do futebol acarretaria às mulheres, destacando comprometimentos em relação à sua saúde e fertilidade” (SOUZA JÚNIOR, 2013, p. 72). Em grande medida, os argumentos contrários à participação das mulheres no futebol estavam e ancorados em conhecimentos advindos das ciências biológicas.

Wilmington Giarola (2003) acredita que o corpo da mulher enfrenta lutas e reivindicações no campo esportivo originados por preconceitos e dificuldades determinados pelo patriarcado. Em seu estudo, defende que a discriminação e a desigualdade quanto à entrada da mulher em alguns ambientes sociais ocorrem por meio de valores culturalmente enraizados, os quais são repassados por meio de regras e padrões de comportamento construídos, em grande medida, a partir de julgamentos dos homens. O pesquisador afirma que as dificuldades da permanência das mulheres no esporte estão ligadas à construção de estereótipos voltados para a questão da saúde da mulher, dos papéis e comportamentos de uma mulher que, por

sua vez, estão associados a um corpo preparado para reprodução e a feminilidade, a delicadeza, a sensualidade e a beleza para alcançar o desejo do homem.

Segundo Fabiano Devidé (2005), os argumentos biológicos contribuíam para a atribuição de uma identidade masculina ao esporte. E para além dessa afirmação, pode-se dizer, que contribuem até hoje.

As diferenças físicas e de gênero que fugiam ao esperado nos anos 1940 colocavam em suspeição a feminilidade e a sexualidade das jogadoras. No entanto, afirma o autor, “as mulheres não são marionetes e a cada década se organizam e conquistam espaços no campo do esporte e da atividade física” (DEVIDÉ, 2005, p. 25), criando diversas estratégias para se manterem na prática. Com relação ao futebol, uma dessas estratégias recaí na migração de jogadoras.

A saída de atletas do Brasil para campos fora do país é um fator conhecido. Jogadoras de futebol, como Marta Vieira da Silva, iniciaram sua carreira aqui, no entanto, sua valorização aconteceu fora do Brasil. Marta nasceu em Dois Riachos-AL em 1986, desde criança gostava de futebol e jogava com os meninos. Aos 14 anos, foi ao Rio de Janeiro em busca de seu sonho e foi aprovada na escolinha do Vasco da Gama. Ficou no Vasco por três anos, foi emprestada ao Santa Cruz-MG e logo teve seu contrato negociado para um clube da Europa, continente onde fez sua carreira profissional (ÉPOCA, 2016). Hoje, Marta é reconhecida como a jogadora eleita seis vezes a melhor do mundo, é atleta do Orlando Pride e da Seleção Brasileira.

Há registros de migração de jogadoras desde meados de 1960 pelo mundo (JEAN WILLIAMS, 2011). Mariani da Silva Pisani, em seus estudos sobre migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol até 2014, afirma que só era possível ter uma vida financeira sustentável como jogadora de futebol em 17 dos 168 países listados pela FIFA e que, por isso, até esse período, “apesar de serem jogadoras com talento reconhecido é preciso que saíam de seus países para poder viver do futebol” (PISANI, 2014, p. 4). Botelho (2010) aponta os anos 2000 como o período de maior crescimento dessas migrações e os EUA como o destino mais percorrido. Botelho identificou o interesse pela experiência cultural, a busca por ganhos econômicos, a necessidade de fixar residência, as novas oportunidades de vida e o amor ao esporte como as principais razões de jogadoras saírem de seus países através futebol (BOTELHO, 2010).



No Brasil, a autora comenta sobre o número crescente de jogadoras que saíam do país em busca de novas oportunidades de trabalho a cada ano por meio do reconhecimento contratual no exterior. Mas, cabe destacar que as migrações ocorrem também dentro do próprio país. As possibilidades de jogar em um time que participa de competições são mínimas em alguns lugares e, muitas vezes, a saída é se aventurar em outros estados no intuito de se manter atuante na modalidade.

Pisani (2012) afirma que, em 2012, alguns times possuíam estrutura de centros de treinamento (CT) para mulheres, pagamento de salários e de despesas com moradia e alimentação, oferecendo atendimentos como fisioterapia, material esportivo e transporte.

A autora também afirma que essa realidade era rara, destacando que o cenário esportivo, na maioria das vezes, era precário, instável e de poucas oportunidades. Por isso, “é comum que jogadoras ainda muito jovens saiam de suas cidades natais para atuar em times de outros estados” (PISANI, 2014, p. 2).

O estado de São Paulo é marcado como polo principal de destino visado pelas jogadoras por possuir o maior número de times de futebol de mulheres do país e ter clubes com boas estruturas para acolher e treinar as atletas. Sobre a instabilidade profissional dessas jogadoras, Pisani ainda aponta que “grande parte dessas atletas estuda e faz faculdade paralelamente aos treinos, uma vez que admitem que depois que encerram a carreira de jogadora é quase impossível continuar sobrevivendo do futebol” (PISANI, 2014, p. 2).

Diferente do futebol de homens, ainda há um número significativo de jogadoras brasileiras que só iniciaram sua prática tardiamente, com pouco ou nenhum incentivo de pessoas amigas e familiares (SOUZA JÚNIOR., 2013; KESSLER, 2015). Uma pesquisa feita com jogadoras de Pernambuco<sup>39</sup>, em 2017, revelou que 76% das jogadoras da região conciliam a profissão de jogadora com outro trabalho ou faculdade. Além disso, segundo Gregory (2014, p. 12), “na utilização de recursos, sejam eles públicos ou resultantes de patrocínio privado, a grande maioria dos clubes e instituições os direciona apenas ou quase que exclusivamente para as equipes masculinas”.

---

<sup>39</sup> Material organizado pelo Superesportes (2017).

A falta de apoio por partida família, de amigos e de instituições sociais como escola e igreja, além de desestimular a prática pelas mulheres, limita que elas ocupem vários espaços como, por exemplo, as praças e parques públicos (KNIJNIK, 2003; 2010). A literatura também indica que, por vezes, os pais querem definir a prática esportiva de seus filhos e suas filhas (FRANZIN, 2005; GOELLNER, 2005; ALTMANN, 2011). Além disso, nas aulas de Educação Física, não raras vezes elas têm menos oportunidades que eles de praticar o futebol, visto que ainda encontramos uma divisão de atividades por sexo.

Helena Altmann (2011) analisou questões de gênero na Educação Física escolar. Por meio de um levantamento com estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental na região metropolitana de Campinas-SP sobre suas práticas esportivas fora da escola, a autora constatou desigualdades de gênero no futebol: 85,6% dos praticantes eram meninos e 14,4% eram meninas, sugerindo a modalidade como um dos complexos conteúdos para se trabalhar de forma coeducativa nas aulas.

Sobre essa e outras disparidades de gênero nos espaços esportivos educacionais, Altmann (2016) pesquisou a participação de meninos e meninas em duas escolas pertencentes à região de Campinas-SP, nas aulas de Educação Física em três diferentes séries. A autora concluiu que meninos e meninas lidavam de maneiras distintas com a aprendizagem de novos movimentos e conteúdos:

[...] a desigualdade de participação nas diferentes práticas ainda não está superada. Embora não amparadas por lei, elas ocorrem a partir de concepções generalizadas de corpo e habilidades físicas, que colocam e consideram discursivamente as meninas como menos hábeis quando comparadas com os meninos (ALTMANN, 2016, p. 169).

Comungando com esses estudos, em pesquisas realizadas no Colégio Militar de Porto Alegre, Lara Jacoby (2020) identificou que os direcionamentos entre estudantes meninas e estudantes meninos do 2º ano do Ensino Médio do Colégio são determinados principalmente pelas diferenças entre as vivências corporais, em que o marcador gênero tem significativa influência. Entre as escolhas das práticas, pode-se observar a diferença de participação entre sexo, dada a proporção de 33 alunas e um aluno que escolheram as Atividades Físicas; 27 alunos e uma aluna que escolheram o Futebol de campo; e 10 alunas e nove alunos que escolheram o Basquetebol.

Outros fatores mencionados em estudos recentes destacam como os aspectos que limitam o pleno direito de as mulheres jogarem futebol estão ligadas ao pouco investimento governamental em práticas relacionadas ao universo da mulher no esporte. “Esse contexto tem promovido não apenas a marginalização das mulheres nesses campos, como também a anulação simbólica de suas realizações, visto que ainda são pouco conhecidos os seus feitos” (GOELLNER, 2012, p 18).

Como possibilidade de encontrar soluções para a valorização das jogadoras, Costa (2006) evidencia a necessidade de investimentos, um maior interesse por parte da mídia e dos clubes, a adoção de mecanismos de incentivo por parte das federações, clubes e confederações e capacitação dos profissionais que trabalham com esse público. Goellner (2012) sugere ser importante a existência de transformações desde a base familiar e escolar.

Como citei anteriormente, os bons resultados de equipes e do selecionado nacional contribuíram para que algumas instituições que regem o futebol, como a CBF e as Federação estaduais, organizassem campeonatos visando a fomentar a modalidade. No entanto, por vezes isso acontece sem que haja uma regulamentação que garanta a presença e a continuidade de times de mulheres independentemente dos resultados e conquistas que tenham em sua trajetória.

Em vários debates que circulam nos diferentes espaços em relação ao futebol feminino há o entendimento de que um possível caminho para impulsionar essa modalidade seria por meio de uma maior visibilidade midiática (MOURÃO; MOREL, 2008). Essa visibilidade aparece, sobretudo, quando há a participação da seleção em megaeventos esportivos, conforme indicam os estudos de Martins e Moraes (1992), Pacheco e Cunha Júnior (1997); Gregory (2014), Mourão e Morel (2008) e Salvini e Marchi Júnior (2013), nos quais há a afirmação de que o futebol de mulheres é lembrado apenas nos anos em que ocorrem competições internacionais, como os Jogos Olímpicos.

Com relação à representação das jogadoras de futebol na mídia, a literatura recente tem apontado que o foco na beleza, na erotização dos corpos e nos movimentos delicados de atletas mulheres têm sido recorrente na maioria dos meios midiáticos de modo a evitar questionamentos referentes à feminilidade das atletas (GOELLNER, 2013). Um desses estudos focaliza a revista Placar, o mais importante periódico especializado em futebol do país. Os autores concluem que, para tentar apresentar um futebol de mulheres que agrade aos olhos dos leitores homens, a

revista buscou enfatizar traços de feminilidade de jogadoras, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, cujas fotografias, manchetes e textos publicados apelavam para as jogadoras retratadas como objetos sexuais (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013).

Outro acontecimento ocorrido na década de 1990 que valoriza a aparência das jogadoras foi a organização do Campeonato Paulista de Futebol Feminino, “a Paulistana”, que selecionou as atletas participantes da competição utilizando como forma de avaliação não somente as habilidades técnicas e físicas, mas também, e principalmente, os critérios estéticos (SOUZA JÚNIOR, 2013).

Gregory (2014) afirma que as reportagens sobre jogadoras de futebol na TV brasileira ocupam um tempo irrisório nos noticiários esportivos, sendo que pouquíssimas competições e campeonatos são transmitidos. “O Brasil tem um número enorme de mulheres que jogam futebol” (GREGORY, 2014, p. 13). Deveria ser uma modalidade já considerada culturalmente pelo país como espaço também para as mulheres. Mas, “é nessa modalidade que as desigualdades de gênero se somam com mais força às desigualdades de classe e etnicorraciais” (GREGORY, 2014, p 13).

Uma exceção no que refere à visibilidade midiática na década de 1980 foi a Rede Bandeirantes, que divulgou a modalidade por meio da exibição de algumas partidas de futebol, segundo registrado nesta matéria: “Certamente, por interesses econômicos e não na tentativa de romper com os valores sexistas e discriminadores. Em meados da década de 80, a televisão passou a exibir os jogos de futebol ‘de mulheres’” (SUPERESPORTES, 2017).

Os poucos dados que se apresentavam até 2014 com maior recorrência na televisão especificavam, na maioria das vezes, informações sobre a seleção brasileira, com nenhum ou pouco investimento na história e nos acontecimentos de clubes locais e times de representatividade municipal, estadual ou regional (GREGORY, 2014). Times estes que comportavam a maioria das jogadoras de futebol do Brasil.

Atualmente, é possível afirmar que as redes sociais cumprem um grande papel na divulgação do futebol de mulheres. Perfis no Instagram de equipes<sup>40</sup>, portais especializados<sup>41</sup>, páginas no Facebook<sup>42</sup> e sites de competições<sup>43</sup>, são alguns exemplos. Divulgação esta ampliada a partir da decisão da CONMEBOL, conforme indica a pesquisa desenvolvida por Mazo, Balardin e Bataglioni (2020), os quais identificam um acréscimo de 84% no número de reportagens e um aumento de 80% em relação ao tempo destinado ao futebol de mulheres no Programa Globo Esporte – RS, em função da reativação das equipes do Internacional e do Grêmio.

Um último ponto que abordo nessa breve análise sobre temas que encontrei na bibliografia recente gira em torno das desigualdades, quando comparados os direitos dos jogadores homens e das mulheres nos clubes de futebol (GIAROLA, 2003). Questiono-me até que ponto essas comparações podem ser favoráveis. O futebol necessita mesmo de comparações entre quem o pratica?

Um caminho encontrado para minimizar esses argumentos, sair da lógica de comparação e visibilizar o protagonismo das mulheres é a construção de registros, de narrativas, de memórias e de histórias das mulheres no futebol brasileiro. Essas iniciativas contribuem para o conhecimento sobre o que aconteceu e o que está sendo feito para o seu desenvolvimento, criando referências, dados e representatividade para a modalidade.

Entre as diversas iniciativas direcionadas para esse fim, destaco duas exposições organizadas pelo Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, em função de sua abrangência e por ser esta uma instituição referência quando se fala em acervo, memória e história do futebol no Brasil. Essas exposições foram importantes para a visibilidade da modalidade, a produção de acervos, a disseminação de conhecimentos e o registro de histórias de mulheres atuantes na modalidade.

---

<sup>40</sup> @guriascoloradasoficial; @gremiofutebolfeminino; @sereiasdavilaoficial; @cruzeiromacaiba.fem; entre outros.

<sup>41</sup> Dibradoras; Ludopédio; Futebol Delas; Soccer Grêmio; Lance na Rede; entre outros.

<sup>42</sup> A Vitrine do Futebol Feminino; Planeta Futebol Feminino.

<sup>43</sup> Campeonato Brasileiro Série A1; Campeonato Brasileiro Série A2; Campeonato da Federação Paulista de Futebol.

Em 2015, o Museu organizou a exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino<sup>44</sup>”, com o objetivo de narrar histórias esquecidas de mulheres que lutam pelo desenvolvimento da modalidade (BONFIM, 2015). Com a curadoria da professora Silvana Goellner e a equipe do Museu, a exposição foi amplamente divulgada na mídia nacional constituindo-se um marco para a própria instituição:

Incluimos a história da participação das mulheres no futebol na exposição principal do Museu do Futebol em maio de 2015. É lá que essa história deve aparecer ao público. Através da plataforma virtual do Google Cultural Institute queremos chegar mais longe, ao público que não pode nos visitar no Estádio do Pacaembu, ou que se interesse em conhecer ainda mais a história dessa modalidade<sup>45</sup>.

Em 2019, em função da realização da Copa do Mundo de Futebol feminino da França, o Museu organizou outra exposição: “Contra-ataque: as mulheres do futebol<sup>46</sup>”, com o objetivo de visibilizar as conquistas das mulheres no futebol na gestão, na arbitragem, na imprensa e nas arquibancadas. Com a curadoria de Aline Pellegrino, Aira Bonfim, Luciane Castro e Silvana Goellner, a exposição teve como destaque as diferentes formas de resistências das mulheres, em especial ao período de proibição do futebol. Segundo a diretora pedagógica do Museu, Daniela Alfonsi:

*Contra-ataque!* também marcou o recorde de visitação diária em 2019 no Museu do Futebol: no dia 23 de julho, uma terça-feira (único dia da semana em que o ingresso é gratuito) no meio das férias escolares, 4.470 pessoas foram à exposição. O recorde histórico do Museu foi em junho de 2014, no meio da Copa do Mundo no Brasil, em um dia que o local teve um horário estendido e chegou a 6.419 visitantes. Ano passado, durante a Copa da Rússia, o maior número de visitantes diários foi de 4.540. Mais de 90.000 pessoas vieram desde a abertura da exposição e nós tivemos o melhor mês de julho em anos sem Copa masculina (MAGRI, 2019, s.p.)<sup>47</sup>.

Dessas duas experiências resultou outra importante iniciativa do Museu: a instauração do “Museu do Impedimento”, uma plataforma virtual criada com o objetivo de resgatar a memória do futebol de mulheres. Seu acervo foi construído pelos registros compartilhados pelo público e começou como uma experiência digital

---

<sup>44</sup> Ver mais em: <https://www.museudofutebol.org.br/exposicoes-temporarias/visibilidade-para-o-futebol-feminino>.

<sup>45</sup> Ver mais em: <https://artsandculture.google.com/exhibit/visibilidade-para-o-futebol-feminino-museu-do-futebol/AwKyL29yfLwzIQ?hl=pt-BR>.

<sup>46</sup> Ver mais em: <http://contraataque.museudofutebol.org.br/a-exposicao/>.

<sup>47</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/09/deportes/1565360778\\_520746.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/09/deportes/1565360778_520746.html).

colaborativa para estimular mulheres de todo o país a enviarem seus relatos e fotos da época em que eram proibidas por Lei de jogar bola entre 1941 a 1979. Em março de 2019, ganhou um espaço físico no Museu do Futebol e o público assistiu aos vídeos e às projeções resultantes dessa campanha<sup>48</sup>. Segundo Wagner Camargo (2020), o Museu do Impedimento:

nos mostra uma história desconhecida, de uma parcela da população por muito tempo excluída das práticas futebolísticas. Com um acesso cultural até então negligenciado, ele nos oferece outros modos de expressão para a constituição de nossa subjetividade e exercício de nossa cidadania<sup>49</sup>.

Os estudos aqui referenciados e as exposições promovidas pelo Museu do Futebol, além de evidenciarem vários impedimentos imputados às mulheres ao longo da história do futebol, abordam também atos de desimpedimentos, compreendidos aqui como os momentos de rupturas iniciados e desenvolvidos a partir de conflitos estruturais entre ativistas do esporte e instituições gestoras. As tensões entre esses setores, acrescidos às questões de gênero, resultaram na reestruturação de regimentos, elaboração de resoluções e execuções de políticas no interior das instituições gestoras do futebol, tais como a Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA), a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Essas ações impactaram o futebol de diferentes modos. No caso desta tese, impactaram o futebol gaúcho promovendo a reestruturação das equipes do Sport Club Internacional e do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

Ainda no que se refere à ancoragem teórica sobre a história do futebol de mulheres, com o objetivo de detalhar aspectos relacionados ao Rio Grande do Sul, tema específico desta tese, realizei uma pesquisa breve, definindo como foco principal trabalhos acadêmicos de conclusão de curso, dissertações e teses que versam sobre o tema no Estado, a partir de visitas à sites de universidades brasileiras, ao portal do Lume e ao Portal da Capes. Trabalhei com as palavras-chaves: “Futebol Feminino de/em Porto Alegre”, “Futebol Feminino Gaúcho”,

---

<sup>48</sup> As imagens coletadas a partir da mobilização na internet foram integradas ao acervo digital do Museu do Futebol e já tinham dado origem a exposições virtuais. Ver mais: [museudoimpedimento.com](http://museudoimpedimento.com).

<sup>49</sup> Ver mais: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/as-mulheres-e-o-futebol/>.

“Jogadora de futebol”, “Futebol Feminino do/no Rio Grande do Sul”, “Grenal feminino”, “Jogadora do Rio Grande do Sul” e “Jogadora de Porto Alegre”. Assim, foram identificados 12 trabalhos, a saber:

**Quadro 2 – Pesquisas sobre Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul**

TÍTULO	ANO	AUTORIA	FOCO	FORMATO	UNIVERSIDADE
O futebol feminino de várzea: uma análise cultural	2004	Priscila G. Dornelles	Futebol feminino de várzea em Porto Alegre	Especialização pedagogias do corpo e da saúde	UFRGS
História do futebol feminino do Rio Grande do Sul	2004	Jaqueline Escobar Pastro; Karen Letícia Antochewis	Pioneiras do futebol feminino no RS	Apresentação no Salão de iniciação Científica - UFRGS	ULBRA
Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino	2008	Raquel Silveira	etnográfica em um time de futsal feminino da cidade de Porto Alegre	Dissertação	UFRGS
Memórias de um futebol de fronteira	2004	Luiz Carlos Rigo et al.	Futebol em Pelotas	Tese	UFPel
Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o “lugar” feminino no futebol clubístico	2010	Marcelo Pizarro Noronha	Núcleo de Mulheres Gremistas e o Espaço da mulher colorada.	Tese	Unisinos
Mulheres e socialização: as trajetórias de jogadoras de futebol	2011	Mahinã Leston Araújo	Trajetória de jogadoras de futebol do Esporte Clube Pelotas	TCC	Universidade de Rio Grande
Futebol: um olhar sobre enunciações de meninas que estão inseridas em uma escolinha de iniciação na cidade de Pelotas-RS	2012	Mahinã Leston Araújo	Iniciação de meninas no futebol na cidade de Pelotas-RS	TCC	UFPel
Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos EUA	2015	Cláudia Samuel Kessler	Uma equipe de Porto Alegre e de Amherst (EUA)	Tese	UFRGS
Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda	2016	Suellen dos Santos Ramos	A trajetória da Jogadora Duda	Dissertação	UFRGS



Marranghello Luizelli (Duda)					
Espaço midiático do futebol feminino no Rio Grande do Sul: Um estudo a partir do Regulamento da Conmebol	2018	Geórgia Fernandes Barladin	Futebol Feminino na RBS TV	TCC	UFRGS
Trajatória da equipe de futebol de mulheres do Sport Club Internacional no Campeonato Gaúcho de 2017	2018	Bruna Moraes Costa	Reativação do time de mulheres do Internacional	TCC	UFRGS
Futebol e mulheres: As árbitras da Federação Gaúcha de Futebol em 2018	2019	Ana Carolina Vieira Silva	Árbitras do RS	TCC	UFRGS

Fonte: autora, 2018.

A pesquisa de Dornelles (2004), em sua especialização em Pedagogias do Corpo e da Saúde, mostra uma realidade que dialoga com o contexto profissional, ao analisar o futebol de várzea em Porto Alegre, perpassando os temas corpo, gênero e sexualidade e buscando compreender as relações e as articulações que esses conceitos estabelecem para produzir representações de jogadoras nesse espaço. Segundo ela, no futebol feminino de várzea “[...] chegar ao status de profissional é ter alcançado um nível mais elevado, é estar bem localizada numa rede de relações de poder, onde o discurso esportivo e profissional produz garotas dentro deste contexto” (2004, p. 30). A autora, procurando caracterizar as jogadoras da várzea, escreve:

A maior parte dos times se forma por regiões, zonas e bairros de Porto Alegre e Grande Porto Alegre, onde as jogadoras ou técnicos(as) habitam. Entretanto, não há uma homogênea divisão de jogadoras por zonas da cidade, sendo a Zona Norte da capital gaúcha, a área que concentra um elevado número de equipes e de campos de futebol de várzea. [...] as garotas que participam têm entre 17 e 30 anos e optam pelo uso de roupas mais esportivas. [...] Algumas garotas se identificam com suas equipes ou grupos por regiões e bairros, pois treinam durante o ano nos campos mais próximos de suas moradias, sendo este, um critério importante para a formação de grupos de amigas e equipes. [...] posteriormente, ao participarem de campeonatos e torneios que acontecem espalhados pela cidade [...] conseqüentemente, migrando de grupo. Esta migração entre os grupos é comum no futebol feminino (DORNELLES, 2004, p. 41).

Raquel da Silveira (2008) analisou questões afetas à homossexualidade e à amizade no futsal feminino a partir de um estudo etnográfico, no qual discutiu o associativismo esportivo de mulheres em esportes que são ditos para homens. Em seus resultados, Silveira (2008) evidencia que, para a equipe de futsal analisada, o esporte era praticado como brincadeira e seriedade, lazer e trabalho, utilidade lúdica e utilidade pública, valor de uso e valor de troca.

Em relação à categoria “homossexualidade”, identificou o gerenciamento da visibilidade da orientação homossexual por parte das pesquisadas dentro e fora do universo do futsal que expressava um tipo de feminilidade que marcava distinção entre a equipe investigada e outras equipes da grande Porto Alegre. Ao analisar o futsal como um espaço de lazer para as mulheres homossexuais, estabeleceu relações com a categoria da amizade, pois identificou que essas eram duradouras entre as integrantes da equipe.

Marcelo Noronha (2010) em seus estudos apresenta as mulheres no futebol como representantes de núcleos esportivos como as Mulheres Gremistas e o Espaço da Mulher. Mahinã Araújo e Raquel da Silveira (2013), Jaqueline Pastro e Karen Letícia Antochewis (2004) e Cláudia Kessler (2013) focalizam as narrativas de jogadoras do Rio Grande do Sul em diferentes períodos que evidenciam como o futebol praticado por elas acontecia. A pesquisa de Suellen Ramos (2016) está ancorada na história oral e analisa a trajetória de um ícone do esporte gaúcho: a ex-jogadora e atual gestora do Sport Club Internacional, Duda Luizelli.

Feita a apresentação das linhas condutoras do referencial teórico que ancora minhas análises sobre a presença das mulheres no futebol porto-alegrense desde 2016 com a retomada das equipes dos dois “times de camisa” da capital, passo a descrever os caminhos metodológicos adotados para a construção desta pesquisa.

## O desafio de estudar o presente

Acredito que estudar o futebol de mulheres nos dois maiores clubes da cidade de Porto Alegre, sem conhecer os alicerces da história já vivida, me deixaria imersa ao imediatismo, confusa frente aos inúmeros acontecimentos e às mudanças contemporâneas. Por essa razão, defendo a imprescindibilidade do conhecimento histórico sobre o futebol de mulheres para melhor compreender o que entendo ser uma nova fase desse futebol, marcado pela busca de desimpedimentos que por tanto tempo limitaram sua existência. Operei assim, com essa compreensão, não como mera explicação do passado, mas como reflexão diante das mudanças no presente (MULLER, 2007).

Nesse sentido, me alicercei em referenciais teóricos que versam sobre o contexto histórico do futebol de mulheres no Brasil (DARIDO, 2002; GOELLNER, 2005, 2010, 2012, 2015; SALES, 2011; GREGORY, 2012; MOURÃO, 2000, 2008; SOUZA JÚNIOR, 2013; SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016; e outros) para conhecer algumas de suas fases. Busquei apreender alguns dos principais fatores que aparecem com maior incidência nos estudos como possíveis motivadores ou agentes de impedimentos desse futebol no país.

Os primeiros passos que trilhei para realizar esta pesquisa foi buscar informações sobre o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, com o intuito de conhecer o cenário sobre o qual debruçaria meu olhar. Conhecer aspectos dessa história parte da percepção de que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente” (BLOCH, 2001, p. 65).

Apesar de fazer menção aos aspectos históricos da modalidade, o recorte temporal desta tese tem como início o ano de 2015, em função de ter sido marcado por importantes acontecimentos que demandaram alterações no cenário nacional.

Faço referência a algumas determinações empreendidas pela FIFA, pela CONMEBOL e pela CBF visando ao desenvolvimento do futebol de mulheres. Cito aqui, apenas como descrição introdutória, a criação do Departamento de Futebol

Feminino da FIFA<sup>50</sup>, o Projeto da Seleção Permanente<sup>51</sup> implementado pela CBF e o regulamento da CONMEBOL<sup>52</sup> no que se refere à obrigatoriedade de manutenção de equipes de mulheres para a participação de clubes que disputarão a Copa Libertadores da América de homens em 2019.

A proposta inicial era ter 2020 como o fim do período de investigação, porque seria o primeiro ano posterior à implementação de algumas dessas ações, mais especificamente, a obrigatoriedade da CONMEBOL e o regimento da CBF para participação no Campeonato Brasileiro. Além disso, 2020 foi o ano posterior à oitava edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA, que teve como país anfitrião a França, em 2019. No entanto, devido à pandemia de Covid-19<sup>53</sup>, que paralisou todos os eventos oficiais de futebol no mundo, tive que alterar esse marco temporal, visto que o Campeonato Brasileiro no qual as equipes do Internacional e do Grêmio estavam participando foi interrompido entre 15 de março e 26 de agosto de 2020.

Considerando que meu estudo se debruçou sobre acontecimentos recentes e que ainda estão em andamento, fundamentei esta investigação diante da abordagem teórico-metodológica da História Oral, em diálogo com a História do Tempo Presente.

Walter Benjamin (1987) afirmou que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agora’” (BENJAMIN, 1987, p. 229). Os traumas sofridos durante as guerras, as crises econômicas, a descolonização e o rápido desenvolvimento das comunicações, além de outros acontecimentos, segundo Palassi Filho (2015), despertaram para a importância de estudos que analisam problemas do tempo presente.

Para Costa (2011), nas últimas décadas do século XX, surgiu “a incorporação, no discurso e no estudo da História, da presença dos protagonistas, ainda vivos e de suas memórias, interagindo com o tempo do historiador, como testemunhos vivos e

---

<sup>50</sup> O Departamento foi criado oficialmente pela Fifa em julho de 2016, sobre comando de Sarai Bareman, neerlandesa que foi jogadora e vice-secretária geral da Confederação de Futebol da Oceania (OFC).

<sup>51</sup> Projeto criado no Brasil em 2015 com o objetivo de melhorar o nível do futebol feminino para a disputa da Copa do Mundo no Canadá e da Olimpíada Rio 2016.

<sup>52</sup> O Regulamento foi criado em 2017 e exigiu a obrigatoriedade do cumprimento das regras a partir de 2019.

<sup>53</sup> Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde, a COVID-19 é uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), que teve início em dezembro de 2019. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde declarou surto da pandemia, ainda em curso.

dinâmicos do passado” (COSTA, 2011, p. 38). A História do Tempo Presente, portanto, figurou neste trabalho como a história contada sobre o que vivemos, memórias recentes expressadas em palavras e materiais de recordação que fazem “[...] parte das nossas lembranças e de nossas experiências” (RÉMOND, 2006, p. 206).

Ribeiro (1999, p. 186) evidencia que a História do Tempo Presente é “uma história ainda sem fim porque continua em processamento e é passível de transformação, uma vez que os seus elementos são características tendenciais e não resultados inapeláveis”. São registros de um período que estamos vivendo, ainda inconcluso, com características moldáveis por causa das contradições que ocorrem sobre os impactos de cada nova ação.

Palassi Filho (2015, p. 54) colabora para essa compreensão ao afirmar que “a História do Tempo Presente é uma História em construção, uma História ainda por se fazer. Que busca entender com profundidade o tempo presente, suas rupturas, seus paradigmas”. A História do tempo Presente, nesta pesquisa, operou em diálogo com a História Oral, visto que é nessa abordagem que recai a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa. Partilhei da compreensão de Alberti (2005a), que a descreve como um método de pesquisa, uma forma de produção de fontes de consultas e um meio de estudo dos acontecimentos históricos:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar deste objeto de estudo. Como consequência, o método de história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (2005a, p. 1-2).

Segundo Harres (2008), a História Oral utiliza uma fonte de caráter memorial sobre um objeto de interesse, “produzida, normalmente, pelo pesquisador em diálogo e interação com os entrevistados; uma fonte que, como outras selecionadas na pesquisa, deve ser submetida a um tratamento analítico” (p. 102). Ao aproximar essa compreensão do meu campo empírico, considerei fundamental utilizar a História Oral por meio da realização de entrevistas com pessoas cuja trajetória e narrativa dialogam com o futebol de mulheres. Utilizei-me da expertise já acumulada pelo Projeto Garimpando Memórias, desenvolvido por integrantes do Grupo de

Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) vinculado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O Garimpendo Memórias foi criado em 2002 e tem como objetivo a realização de entrevistas com pessoas cuja história de vida esteja relacionada com a estruturação e a consolidação do esporte, do lazer, da educação física e da dança no Brasil. Em 2007, foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007710” (ANJOS; RAMOS; JORAS, 2015, p. 6) e, desde maio de 2020, o projeto passou a ser interinstitucional, sediado na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) sob a coordenação da professora Christiane Garcia Macedo com a vice-coordenação da professora Silvana Vilodre Goellner, responsável pela criação do projeto.

Desde sua criação, o projeto computa a realização de 922 entrevistas. Destas, 690 estão disponibilizadas on-line no site do projeto<sup>54</sup> e no LUME – Repositório Digital da UFRGS<sup>55</sup>.

Considerando a expertise do trabalho realizado pelo Garimpendo Memórias, utilizei os procedimentos teórico-metodológicos que estão descritos no documento “Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas”<sup>56</sup> e que, grosso modo, seguem as seguintes etapas: a preparação e realização da entrevista, a transcrição, o copidesque, a conferência, a leitura e autorização de uso do material por parte da pessoa entrevistada, a revisão final e a disponibilização para consulta.

A entrevista surgiu como instrumento fundamental para a realização da História Oral, portanto, necessitou de compreensão e planejamento que, conforme Alberti (1989), é: “uma conversa com outrem, que objetiva buscar conhecimento sobre acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais ou categorias profissionais, pessoas que participaram de, ou testemunharam episódios” (ALBERTI, 1989, p. 17). Logo, sobre os momentos que antecedem as entrevistas, assisti a

---

<sup>54</sup> Esses números foram obtidos no dia 10 de dezembro de 2020. Ver mais: <http://www.garimpandomemorias.univasf.edu.br/>.

<sup>55</sup> Ver mais: [https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40504\\_](https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40504_)

<sup>56</sup> A última versão do Manual foi produzida em 2015 e se encontra disponível para pessoas que trabalham no projeto.

atividades dos dois times para conhecer a estrutura dos treinos, testes físicos e jogos e para me aproximar das equipes técnicas e das atletas.

Já na fase de planejamento para a realização das entrevistas, delimiti as pessoas que seriam entrevistadas e, como critério, foquei naquelas que desempenhavam ou desempenham funções dentro de um dos times analisados, como gestores, treinadores/as e outros agentes das comissões técnicas, além das jogadoras. Procurando compreender a participação de mulheres em outras dimensões do futebol gaúcho, para além das pessoas envolvidas com o Internacional e o Grêmio, entrevistei árbitras, jornalistas e, mais especificamente, uma gestora da CBF.

Para tanto, segui as orientações do Manual do projeto Garimpando Memórias, o qual informa que o roteiro de uma entrevista deve conter “tanto aspectos gerais, que podem estar presentes em todas as entrevistas a serem realizadas, como questões específicas sobre a pessoa que será entrevistada” (ANJOS; RAMOS; JORAS, 2015, p. 6). A partir dessa recomendação, elaborei o roteiro de cada entrevista considerando a história da pessoa que iria entrevistar e a sua trajetória no futebol, visto que sua narrativa figura como fonte primária desta pesquisa.

O roteiro apresentou perguntas iniciais abertas com o objetivo de despertar lembranças sobre o tema como, por exemplo, quando a pessoa conheceu o futebol. Em seguida, prossegui com perguntas mais descritivas, almejando a identificação de fatos relacionados ao futebol de mulheres em Porto Alegre, para, enfim, proceder com perguntas específicas a um fato ou tempo, por exemplo, quando a pessoa alcançou o cargo que ocupa e quais funções desempenha na atualidade.

Por meio das perguntas analíticas, busquei interpretações e explicações pessoais sobre o tema, referindo-me a acontecimentos, tais como: o desempenho das equipes em alguma competição, as conquistas, as dificuldades encontradas para desenvolver o trabalho depois do retorno do futebol de mulheres no estado, entre outras. Por fim, elaborei perguntas comparativas sobre diferentes gerações de jogadoras que atuaram nas equipes investigadas, focando também o contexto social no qual vivenciaram a modalidade. Ao encerrar a entrevista, ofereci a oportunidade de a pessoa discorrer sobre algo que não foi tematizado e que gostaria de mencionar.

Ressalto ainda que o roteiro das entrevistas foi semiestruturado<sup>57</sup>, possibilitando uma condução guiada pela entrevistadora sobre fatos livres que surgiam no momento das falas, desde que mantivessem o foco temático. Não trabalhei com roteiro fixo porque o interesse era “[...] estimular o processo de rememoração, o qual tem um fluxo próprio que inclui cadeias de associações reveladoras [...] do depoimento” (HARRES, 2008, 103).

Para a realização das entrevistas, utilizei-me de equipamentos e documentos necessários para sua condução. Foram eles: gravador digital, carta de cessão de direitos autorais e ficha de identificação<sup>58</sup>. De posse desses materiais, defini com a pessoa entrevistada o lugar e o horário mais adequados para a realização da entrevista<sup>59</sup>.

A ficha de identificação se refere ao documento no qual foram registrados “os dados da entrevista e da pessoa entrevistada, tais como nome completo, função, telefone, endereço, nome dos/as entrevistadores/as, local e data da entrevista, tempo de duração, entre outras informações” que poderiam ser necessárias para o processamento da entrevista, sua preservação e divulgação (ANJOS; RAMOS; JORAS, 2015, p. 7).

Já a carta de cessão de direitos autorais serve para garantir ao entrevistador/a o direito de utilização da entrevista para fins acadêmicos e de divulgação. Ao solicitar a assinatura do documento, expliquei que é uma forma de assegurar o direito ao que foi narrado e assim poder divulgar a entrevista na íntegra ou alguns de seus fragmentos. Vale destacar que a entrevista só é divulgada mediante a autorização da pessoa entrevistada, conforme as orientações teórico-metodológicas e éticas do Projeto Garimpendo Memórias.

Ainda sobre a importância de realizar entrevistas, ressalto que ela não é pensada apenas como um projeto acadêmico; é relação dialógica, o resultado da intersecção entre duas subjetividades, duas percepções e condições sociais distintas, o que requer um cuidado ético quanto à interferência, à coleta, à exposição e ao uso das narrativas de vida, evitando incorrer no perigo de “recriarmos o mundo que estamos tentando desfazer” (PATHAI, 2010, p. 123).

---

<sup>57</sup> Modelo se encontra no Apêndice I.

<sup>58</sup> A carta de cessão utilizada e a ficha de identificação se encontram nos Anexos I e II.

<sup>59</sup> Essas são indicações seguidas pelo Manual Prático (2015).



Ao entrevistar mulheres, prendi-me à importância da escuta atenta, intensa e da garantia à autonomia da narradora que, apesar de sujeita aos interesses da entrevistadora, teve suas próprias intenções, objetivos e escolhas do que dizer, de como se comportar e agir, procurando dar sentido às ações que narrava por meio da linguagem. Por isso, a observação do momento da entrevista e a transcrição dos relatos foram acompanhadas de atenção à evocação verbal, ao ritmo e à entonação nas performances.

Sobre as etapas que envolvem o processamento de uma entrevista desde sua realização até sua disponibilização, destaco: a) a transcrição – momento em que a narrativa oral se transformou em escrita, ou seja, o que foi gravado em áudio foi convertido em um documento escrito; b) copidesque – etapa na qual foi realizada a conferência gramatical e informativa do documento escrito, tendo o cuidado de não alterar o significado da fala; c) a entrevista foi encaminhada para quem a concedeu para que pudesse conferir a transcrição podendo, inclusive, acrescentar ou retirar algo de sua preferência, proporcionando, assim, a possibilidade de revisar algo que narrou no momento da entrevista. Vale destacar que a maioria das pessoas manteve o documento escrito sem fazer alterações; d) ao receber o documento após a conferência da pessoa entrevistada, conferi e alterei algo quando necessário e, por fim, solicitei a assinatura de uma carta de cessão de direitos autorais garantindo sua utilização e publicação; e) revisão final – leitura de todas as entrevistas realizadas pela coordenadora do projeto e orientadora desta pesquisa e g) a disponibilização da entrevista no site do Garimpendo Memórias e no LUME – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A utilização da História Oral como ancoragem teórica e ferramenta metodológica reside na percepção de que permite:

[...] ouvir histórias de indivíduos e grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas (PATHAI, 2010, p. 124).

Ao optar por visibilizar narrativas de quem faz parte da história recente do futebol de mulheres do Internacional e do Grêmio, compreendo que raras vezes suas protagonistas são reconhecidas. Parti do entendimento de que suas memórias

revelariam lembranças individuais e coletivas que não significam a verdade sobre o acontecido, mas aquilo que rememoram e narram. Assumi, portanto, que:

Entre o vivido e o narrado há uma mediação e esta é construída, também, pela memória dos sujeitos que, mesmo sendo guardada por um indivíduo cujas referências são as suas experiências e vivências, está marcada pelo grupo social onde conviveu e se socializou (GOELLNER; MUHLEN, 2010, p. 58).

Para esta pesquisa, realizei 21 entrevistas contemplando pessoas vinculadas aos dois clubes assim como uma gestora da Confederação Brasileira de Futebol. Uma das entrevistadas, após a realização das gravações, não autorizou o uso de seus nomes nas entrevistas, alegando que não se sentia confortável em falar sobre a temática e temia afetar suas relações profissionais. Considerando que sua narrativa é importante para a pesquisa e que ela optou por permitir o uso desde que não mencionado o nome, utilizei o recurso de nomeá-la com pseudônimo Ana, identificando sua relação com o futebol.

**Quadro 3** – Entrevistas realizadas para a pesquisa

<b>Nome</b>	<b>Relação</b>
Valesca Araújo	Gerente de competição da CBF (2017)
Pamela Siqueira Joras	Árbitra do Campeonato Gaúcho (2017)
Pseudônimo Ana	Árbitra de futebol (2017)
Luana Araújo	Jogadora do Grêmio (2017)
Patrícia Gusmão	Técnica do Grêmio (2018)
Suellen dos Santos Ramos	Preparadora física do Internacional (2017, 2018)
Eduarda M. Luizelli	Gerente do futebol do Internacional (2017)
Clairene Giacobe	Narradora da Rádio Estação Web e jogadora do Internacional (2017)
Cleunice Schlee	Comentarista de jogo (2017)
Karina Balestra Luz	Jogadora do Internacional (2018) e Jogadora do Grêmio (2019)
Lívia Gonçalves Rodrigues	Fisioterapeuta do Internacional (2018)

Luiza Loy Bertolli	Estagiária da Escolinha do Grêmio (2018)
Roberta C. da Silva Rosa	Jogadora do Grêmio (2019)
Jissele Agnes Machado	Jogadora do Grêmio (2019)
Maurício Salgado	Técnico do Internacional (2019)
Thessa T. de Paula	Jogadora do Internacional (2020)
Renata N. de Medeiros	Repórter e produtora do Grupo RBS de Comunicação (2020)
Rafaela do E. S. Cavalheiro	Torcedora do Internacional (2020)
Marina Stuardt	Jornalista e administradora do perfil Grêmio Futebol Feminino (2020)

Fonte: autora, 2020.

Para além dessas entrevistas, utilizei outras que integram o acervo do Projeto Garimpando Memórias, cujas temáticas dialogam com o foco desta pesquisa, seja no que diz respeito ao futebol de mulheres, seja no tocante à estruturação da modalidade no Rio Grande do Sul ou nos dois clubes investigados. Foram selecionadas 16 entrevistas, das quais 11 foram realizadas com representantes do Sport Club Internacional, três com representantes do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e duas com gestoras do futebol nacional.

**Quadro 4** – Entrevistas realizadas pelo CEME para o projeto Futebol de Mulheres

<b>Nome</b>	<b>Relação</b>
Tatiele dos Santos Silveira	Treinadora da equipe do Internacional (2014 – antes do atual cargo)
Eduarda Maranghello Luizelli	Coordenadora do futebol feminino do Internacional
Patrícia Gusmão	Treinadora da equipe do Grêmio (2014 – antes do atual cargo)
Carlos Alberto de Souza [Neco]	Representante da Associação Gaúcha de Futebol (2014)
Júlio Titow (Yura)	Dirigente do futebol feminino (2014 – antes do atual cargo)

Emily Alves da Cunha Lima	Técnica da Seleção Brasileira de Futebol Feminino (2015 – antes do atual descrito)
Suellen dos Santos Ramos	Preparadora física (2014/2015 – antes do atual cargo)
Rosana dos Santos Augusto	Jogadora (Durante as atuações pelo Internacional – 2017)
Gabriela M. Luizelli	Jogadora (Durante as atuações pelo Internacional – 2017)
Thessa T. de Paula	Jogadora (Durante as atuações pelo Internacional – 2017)
Renata A. da Costa	Jogadora (Durante as atuações pelo Internacional – 2017)
Bianca B. Alves de Araújo	Jogadora (Durante as atuações pelo Internacional – 2017)
Luana Liberato	Jogadora (Durante as atuações pelo Internacional – 2017)
Leidiane Machado Cardoso	Jogadora (Durante as atuações pelo Internacional – 2017)
Geórgia Balardin	Jogadora (Durante as atuações pelo Internacional – 2017)
Karina Balestra da Luz	Jogadora (2014)

Fonte: GRECCO, 2020.

Concomitante ao trabalho de realização das entrevistas, arregimentei outras fontes de pesquisa visando a colocá-las em diálogo e, assim, analisá-las considerando suas limitações, inclusive temporais, visto que estudo uma história que decorre no tempo presente, ou seja, uma história em construção, em movimento. Reconheço que a História do Tempo Presente apresenta alguns limites e estes, em parte, estão centrados nas incontáveis informações que circulam e nos inúmeros agentes envolvidos.

Para obter informações específicas dos times de mulheres do Internacional e/ou do Grêmio, pesquisei nos sites dos dois clubes<sup>60</sup> e em redes sociais específicas direcionadas aos clubes que veiculavam notícias sobre as equipes, competições, torcida e jogadoras. Dentre elas destaco: O perfil do Instagram das Gurias

---

<sup>60</sup> Site do Grêmio: <https://gremio.net/>. Site do Internacional: <https://internacional.com.br/>.

Coloradas<sup>61</sup> e sua página no Facebook<sup>62</sup>; o perfil do Instagram do Grêmio Futebol Feminino<sup>63</sup>, administrado pela jornalista Marina Staudt, e o perfil da escolinha do Grêmio no Instagram<sup>64</sup>, com informações da base do Clube.

Pesquisei também os principais jornais publicados em Porto Alegre na tentativa de obter informações de maneira mais ampla sobre o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, a saber: Jornal Zero Hora<sup>65</sup>, Jornal Correio do Povo<sup>66</sup> e Jornal Diário Gaúcho<sup>67</sup>. Para acompanhar o cenário nacional, busquei informações nos sites da Federação Gaúcha de Futebol<sup>68</sup>, no Globo Esporte RS<sup>69</sup>, CBF<sup>70</sup>, plataforma EdTech colaborativa Torcedores<sup>71</sup>; portal acadêmico de futebol Ludopédio<sup>72</sup>; Dibradoras<sup>73</sup>; entre outros.

Na tentativa de garimpar fontes sobre a presença de mulheres no futebol gaúcho, e assim adensar minhas reflexões, realizei pesquisas em espaços museológicos, midiáticos e de produção de conhecimento. Além disso, participei da execução de várias iniciativas realizadas pelo Centro de Memória do Esporte, voltadas para a divulgação do futebol de mulheres, como a organização, junto ao Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), do Curso de Extensão Futebol em Perspectiva, que apresentou diferentes pautas entre os dias 26 de outubro e 14 de dezembro de 2017. A partir do viés da Educação Física, da História e do Jornalismo, participei do desenvolvimento do curso que contou com uma divisão de núcleos temáticos que relacionam futebol e racismo, futebol e mulheres e futebol e universidade.

---

<sup>61</sup> Disponível em: @guriascoloradasoficial.

<sup>62</sup> Página oficial do time de futebol de mulheres do S.C. Internacional. Ver mais: <https://www.facebook.com/guriascoloradas/>.

<sup>63</sup> @gremiofeminino.

<sup>64</sup> @escoladogremio.

<sup>65</sup> Jornal também conhecido por ZH, pertencente ao Grupo RBS, é o maior jornal do Rio Grande do Sul. É editado em Porto Alegre, buscando fatos e notícias do estado, do Brasil e do mundo. Ver mais: <https://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>.

<sup>66</sup> Jornal pertencente ao Grupo Record que circula pelo Rio Grande do Sul desde 1895. Ver mais: <https://www.correiodopovo.com.br/>.

<sup>67</sup> É um jornal categorizado mais popular do Grupo RBS, que circula no Rio Grande do Sul. Ver mais: <http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/>.

<sup>68</sup> Ver mais: <https://www.fgf.com.br/>.

<sup>69</sup> Ver mais: <https://globoesporte.globo.com/rs/>.

<sup>70</sup> Ver mais: <https://www.cbf.com.br/>.

<sup>71</sup> Ver mais: <https://www.torcedores.com/>.

<sup>72</sup> Ver mais: <https://www.ludopedio.com.br/>.

<sup>73</sup> Ver mais: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/>.

A programação do curso incluía exibição de filmes, debates e painéis com pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e convidados com variadas experiências no esporte. Nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro, o curso teve como foco o futebol de mulheres e contou com a participação de Camila Guterres Casses Oliveira<sup>74</sup>, Cleonice Schlee<sup>75</sup>, Maíra Mastella Moreira<sup>76</sup>, Tatiele Silveira<sup>77</sup>, Luciana Castro<sup>78</sup>, Emily Lima<sup>79</sup> e Lara Schüller<sup>80</sup>.

No primeiro dia do curso, foi inaugurada a exposição “O Futebol é delas”, com curadoria da professora Silvana V. Goellner, na qual foram exibidas peças do acervo do Centro de Memória do Esporte, que contém diversos materiais doados e/ou emprestados por jogadoras de futebol. No dia seguinte, 1º de dezembro, ocorreu o lançamento do e-book “Mulheres em campo: porque no futebol nada é tão óbvio assim”, organizado por Luiza Aguiar dos Anjos, Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos, no qual constam os textos produzidos por integrantes do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) para o quadro “Mulheres em Campo”, veiculado no programa “Óbvio Ululante”, na Rádio UFMG Educativa durante os anos de 2015 e 2016<sup>81</sup>.

No dia 13 de julho de 2017, participei da atividade Mulheres, Esporte e Feminismos que aconteceu no Museu da UFRGS, na qual lancei o e-book de minha autoria “Mulheres Olímpicas: Aproximações com a teoria feminista do cinema”<sup>82</sup> depois da exibição do documentário Mulheres Olímpicas<sup>83</sup>, da cineasta Laís Bodansky. Nesse evento, aconteceu ainda uma atividade específica de futebol de mulheres: a realização de uma oficina pedagógica Guerreiras Project<sup>84</sup> com o

---

<sup>74</sup> Mestre em História (UFRGS) e ex-jogadora de futebol nas categorias de base do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>75</sup> Jornalista e integrante colaboradora do blog “A bola que pariu”.

<sup>76</sup> Árbitra Assistente de Futebol da FGF.

<sup>77</sup> Treinadora do S.C. Internacional.

<sup>78</sup> Jornalista e Especialista em Futebol de Mulheres.

<sup>79</sup> Técnica da Seleção Brasileira de Futebol Feminino 2017 e ex-jogadora de futebol.

<sup>80</sup> Atleta do freestyle, ex-atleta de futebol, árbitra de futebol que busca um recorde mundial de embaixadinhas.

<sup>81</sup> Ver mais:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170734/001054595.pdf?sequence=1>.

<sup>82</sup> Disponível no site do CEME pelo link: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/164387>.

<sup>83</sup> O documentário mostra a história da mulher no esporte transitando, muitas vezes, com a história da mulher como um todo. Enquanto algumas brasileiras lutavam pelo direito ao voto, ao divórcio e à livre expressão, outras lutavam pelo direito de marcar presença em um dos maiores eventos esportivos do mundo.

<sup>84</sup> O Guerreiras Project foi idealizado por Caitlin Davis Fisher, uma atleta estadunidense que veio em 2004 para o Brasil e jogou futebol na equipe do Santos Futebol Clube. O projeto realiza

objetivo de sensibilizar os/as participantes para as questões de gênero no futebol. A oficina foi desenvolvida por Joanna Burigo<sup>85</sup> e pela colega de grupo de pesquisa, Pamela Joras, que assim como minha orientadora, integram este coletivo.

Outro evento promovido pelo Museu da UFRGS que contemplou o futebol de mulheres de Porto Alegre foi a roda de conversa “Mobilização na arquibancada – o combate ao preconceito no futebol”. Realizada no dia 18 de abril de 2018 com o objetivo abordar questões do futebol para além da sua dimensão esportiva, o evento fomentou reflexões sobre temas como o machismo, o racismo, a homofobia e a intolerância política. A atividade, foi uma realização conjunta do Museu da UFRGS e do CEME e contou com a participação de representantes dos movimentos Inter Antifascista<sup>86</sup> e Tribuna 77<sup>87</sup>.

Já no Museu do S.C. Internacional centrei minha atenção na exposição “A conquista do campo: Futebol Feminino no Sport Club Internacional”, inaugurada no dia 18 de maio de 2017. Com a curadoria da professora Silvana Goellner e da colega de grupo de estudos, Suellen Ramos, a exposição focalizou aspectos relacionados ao futebol Rio Grande do Sul, dando destaque a três mulheres: Tatiele Silveira (ex-jogadora e na época treinadora da equipe principal), Isabel Nunes (ex-jogadora na década de 1990) e Eduarda Luizelli – Duda (ex-jogadora e na época coordenadora do futebol feminino do clube). Durante a exposição, além das visitas de estudantes e torcedores/as, aconteceram atividades pedagógicas como, por exemplo, uma roda de conversa com as três homenageadas, que fizeram depoimentos sobre sua trajetória no clube e no futebol gaúcho, nacional e internacional.

Junto ao Centro de Memória do Esporte (CEME), participei no dia 2 de dezembro de 2017 do evento “Dia do Futebol Feminino”<sup>88</sup>, o qual se dá por meio da

---

diferentes estratégias com o objetivo de provocar o diálogo sobre as desigualdades de gênero existentes no campo e fora dele, e suas possibilidades de superação, como: oficinas temáticas, vídeos e palestras (ANJOS *et al.*, 2018).

<sup>85</sup> Mestre em Gênero, Mídia e Cultura pela London School of Economics, cofundadora do Guerreiras Project e do Gender Hub e fundadora da Casa da Mãe Joanna, projeto feminista de comunicação e educação sobre gênero.

<sup>86</sup> É um grupo de torcedores que se juntaram para discutir e combater qualquer manifestação nazifascista nas arquibancadas e nas ruas.

<sup>87</sup> A Tribuna 77 se descreve como um coletivo multicultural de torcedores do Grêmio FBPA que se reúne na Arquibancada Superior Norte da Arena. Entre as principais pautas do movimento, estão a redemocratização dos espaços de futebol, o resgate e manutenção do patrimônio histórico e cultural do clube, além do combate ao racismo, LGBTfobia, machismo, misoginia e todos os tipos de preconceito desde 2012.

<sup>88</sup> Evento realizado anualmente desde 2015.

realização de atividades como partidas de futebol, competições de embaixadinha e futebol de sabão e também da organização da exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino”, localizada no *hall* de entrada da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS, que ficou aberta à visitação de março a julho de 2018.

Essas atividades foram fecundas para a aquisição de conhecimentos sobre a presença das mulheres no futebol em suas mais variadas dimensões e ocupações; Foram também fundamentais para a minha formação como pesquisadora que, somadas às narrativas, observações e anotações advindas das fontes documentais e midiáticas, possibilitaram o registro dessa nova etapa da história do esporte gaúcho, caracterizada pela reestruturação do futebol de mulheres, mais especificamente, no Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e no Sport Club Internacional.



## Estudo 1 – Os donos do jogo: o futebol de mulheres nas instituições gestoras

A gestão do futebol é conduzida por instituições que congregam pleno poder decisório. No caso do Brasil, as determinações da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA<sup>89</sup>), da Confederação Sul-americana de Futebol (CONMEBOL<sup>90</sup>) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF<sup>91</sup>) estruturam a modalidade, e seus regulamentos legislam não apenas sobre as regras para a realização de uma partida de futebol, também definem quem pode jogar, quando e como ocorrem as competições oficiais que, em grande medida, são balizadoras das não oficiais.

Como essas instituições são dirigidas por homens, me atrevo a dizer que o futebol de mulheres acontece sob responsabilidade dos “donos do jogo”, ou seja, de dirigentes e representantes de comissões técnicas que têm o poder de tomar decisões que alavancam ou não essa prática. Ao analisar a quantidade de mulheres atuantes como diretoras, treinadoras, auxiliares técnicas, preparadoras físicas, massagistas, treinadoras de goleiras, fisioterapeutas, árbitras e médicas, Júlia Passero (2018) identificou que os homens ocupam aproximadamente 86% dos cargos que envolvem o futebol de mulheres. A pesquisa apresenta ainda um certo otimismo por parte das mulheres que ocupam esses cargos, ao mesmo tempo em que faz um alerta:

[...] à medida que os esportes praticados por mulheres ganharam visibilidade nos Estados Unidos, homens passaram a demonstrar um maior interesse em desenvolver carreiras nessas modalidades. É possível que, com a exigência da CBF, o mesmo efeito rebote aconteça com as

---

<sup>89</sup> A FIFA é uma organização não-governamental internacional que dirige as associações de futsal, futebol de areia e futebol de campo no mundo. Fundada em Paris em 1904, trabalha em conjunto com as confederações continentais: Confederação Sul-americana de Futebol (CONMEBOL); Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF); União das Associações Europeias de Futebol (UEFA); Confederação Asiática de Futebol (AFC); Confederação Africana de Futebol (CAF) e Confederação de Futebol da Oceania (OFC).

<sup>90</sup> A CONMEBOL é uma instituição esportiva internacional que organiza competições na América do Sul. A entidade tem como membros filiados a Argentina, a Bolívia, o Brasil, o Chile, a Colômbia, o Equador, o Paraguai, o Peru, o Uruguai e a Venezuela. Os campeonatos mais conhecidos organizados pela CONMEBOL são a Copa Libertadores da América, disputada por clubes, e a Copa América, disputada por seleções.

<sup>91</sup> A CBF é a entidade máxima do futebol no Brasil. Fundada em 1914, a antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD) é responsável pela organização de campeonatos de alcance nacional. Também administra as seleções brasileiras de futebol. As Federações e Associações estaduais respondem à CBF e são responsáveis pelos campeonatos estaduais.

profissionais que atuam no futebol brasileiro de elite praticado por mulheres. [...] Os atributos tradicionalmente masculinos são esperados e supervalorizados nesses cargos e as características de feminilidade, tradicionalmente vinculadas à mulher, são indesejadas nesse contexto (PASSERO, 2018, p. 3).

Passero (2018) aponta, por meio de revisão bibliográfica, a construção do papel social da mulher ao longo do século XX como fator ainda utilizado para limitar o acesso delas ao futebol com favorecimento à representatividade dos homens. Destaca, ainda, que essa construção atua como uma forma de impedimento à entrada e à ascensão dessas profissionais em cargos de liderança.

Sobre esse tema, Barreira *et al.* (2020) evidenciam alguns dados presentes em um relatório da FIFA referente ao ano de 2019, cujo conteúdo registra que o número de treinadoras em países sul-americanos aumentou de 119 para 359, e o número de árbitras subiu de 370 para 405, em quatro anos.

Considerando que as determinações legais são importantes para o desenvolvimento da modalidade, procurei analisar algumas iniciativas empreendidas pelos “donos da bola” em relação ao futebol praticado por mulheres, a começar pela entidade maior:

[...] a FIFA estabeleceu o futebol feminino como uma de suas prioridades de desenvolvimento [em 2012]. Em seu projeto para o desenvolvimento do futebol, a entidade incluiu o jogo feminino como um dos pilares do suporte técnico disponibilizado no pacote de ações que apresenta para suas federações afiliadas (SOUZA JÚNIOR, 2013, p 156).

Essa ação reverberou nas associações filiadas que, de um modo ou de outro, tiveram que olhar para o futebol praticado por mulheres, visto que, apenas na década de 1989, houve uma maior atenção para a modalidade, inclusive, a autorização para que as competições oficiais fossem organizadas. Devido às funções que essas entidades cumprem no que tange ao desenvolvimento do futebol mundial e nacional, senti a necessidade de entender como essa macroestrutura tem atuado no que respeita ao fomento do futebol de mulheres.

É certo que apesar do interesse de mulheres pelo futebol acontecer desde a criação do esporte, a presença delas em campo foi por muito tempo marginalizada e até mesmo proibida em vários países<sup>92</sup>. Desde os primeiros registros de disputas

---

<sup>92</sup> Dois exemplos são a Inglaterra, do período entre 1921 e 1970, e a Alemanha, entre 1955 e 1970.

ocorridas na Inglaterra na década de 1890 (MOURA, 2003; MUSEU DO FUTEBOL, 2015; BONFIM, 2019) até se tornar uma prática esportiva legalizada e regulamentada, as mulheres tiveram que enfrentar muitos impedimentos, inclusive legais.

No Brasil, em 1941, as mulheres foram proibidas de jogar futebol com a promulgação do Decreto-Lei 3.199, emitido pelo Conselho Nacional do Desporto (CND), que foi revogado somente em 1979. No entanto, apesar de quatro décadas de interdição oficial, muitas partidas aconteceram na ilegalidade em jogos isolados pelo país<sup>93</sup>. Por isso, antes mesmo de existir entidades interessadas em investir no futebol para mulheres, foi necessário buscar ações de desimpedimento desse futebol em nosso país.

A prática do futebol de mulheres se institucionalizou em meados da década de 1980, e isso fez com que houvesse muita resistência por parte daquelas que queriam jogar, mas eram sub-representadas, seja na mídia, seja nas próprias instituições esportivas (GOELLNER, 2010; 2020; SOUZA JÚNIOR, 2013; ALMEIDA, 2019; BARREIRA *et al.*, 2020; entre outros). Desde então, o desenvolvimento da modalidade vem acontecendo de maneira lenta, carente de condições e de infraestrutura para a organização de clubes e de competições oficiais.

Um dos estudos em que esses apontamentos podem ser evidenciados foi desenvolvido por Souza Júnior (2013). Em sua tese intitulada “Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade”, o autor analisou três clubes que disputaram o Campeonato Paulista de Futebol Feminino de 2011, no qual evidenciou a necessidade de as jogadoras terem reconhecimento de sua atuação nas equipes como uma profissão, o que não se deu devido aos impedimentos que enfrentaram, como a falta de estrutura e de formalização dos seus vínculos empregatícios.

Diante dos achados, Souza Júnior (2013) aponta a necessidade de a FIFA, a CBF, as federações e os clubes afiliados garantirem a sustentabilidade do futebol de mulheres, com a organização sistemática de competições e a manutenção de equipes de mulheres nos clubes profissionais de futebol, os conhecidos “clubes de camisa”.

---

<sup>93</sup> O Capítulo 1, sobre impedimentos no Futebol de Mulheres, apresenta um contexto histórico sobre esses períodos de proibições.

Este estudo tem como objetivo específico **conhecer** algumas das ações implementadas pelas entidades gestoras desse esporte no que respeita ao futebol de mulheres. Considerando a amplitude temporal e a diversidade de fontes possíveis de serem perscrutadas, optei por realizar uma pesquisa documental tendo como *lócus* os documentos que a FIFA, a CONMEBOL e a CBF disponibilizam em seus sites oficiais. “A técnica documental vale-se de documentos originais [...]” (HELDER, 2006, p.1).

Para adensar a pesquisa, dialoguei com essas fontes e outros estudos, chamados aqui de fontes secundárias, que abordam as temáticas afins. E para efeitos didáticos, cito que nesse estudo há descrição da documentação a partir de cada uma das entidades gestoras, no intuito de oferecer conhecimento às ações que têm empreendido.

. A escolha por uma experiência com estudo de documentos institucionais se deu pelo interesse em acrescentar a dimensão do tempo presente de criação dos arquivos às suas compreensões e possíveis afetações sociais, favorecendo a observação de novos processos de maturação e evolução do futebol de mulheres, através dos grupos, conceitos, comportamentos, mentalidades e práticas (CELLARD, 2008).

Reconhecendo a importância da evidenciação dos instrumentos e meios de realização de uma pesquisa, aponto, de maneira sucinta durante a elaboração deste estudo, o percurso em que as decisões foram sendo tomadas quanto a três técnicas de manuseios dos documentos: Localização e obtenção de material de pesquisa; preparação do material para estudo, com ordem e classificação, de acordo com a temática e confecção de dados documentais que reúnem informações sobre determinados documentos, como o conteúdo relevante e onde podem ser encontrado.

### **Federação Internacional de Futebol Associação – FIFA**

Ao buscar informações acerca da relação da FIFA com o futebol de mulheres, identifiquei registros que apontam que, em 1951, a FIFA se posicionou contra essa prática (FRANCO JÚNIOR, 2007), fundamentada em argumentos de que tal impedimento se baseava em questões defendidas pela biologia e pela educação,

devendo então ser uma prática gestada por médicos e professores. Esses pensamentos eram motivados e seguidos por diversas instituições do futebol pelo mundo, mesmo diante dos interesses de milhares de mulheres em praticar o esporte.

O estudo de Júlia Barreira *et al.* (2020), intitulado “CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul”, aponta que, nesse período, a FIFA já detinha o controle sobre os recursos para a promoção do futebol, inclusive exercendo seu poder sobre as confederações continentais com a desvalorização da participação de meninas e mulheres na modalidade. Para as autoras, a FIFA só reagiu quando surgiram receios diante do aumento de força política e econômica no futebol de mulheres, organizado em paralelo a ações da entidade:

[...] mesmo sem reconhecimento de entidades internacionais, organizações esportivas em níveis menores, clubes e empresários continuaram organizando partidas de futebol de mulheres na Europa. Interesses econômicos junto à resistência das praticantes fizeram surgir a Federação Europeia de Futebol de Mulheres que realizou uma Copa do Mundo na Itália, em 1970 e outra no México, em 1971 (BARREIRA *et al.*, 2020, p. 32).

Nesse sentido, é possível identificar que o interesse da FIFA pelo futebol de mulheres se constrói não com o intuito de desenvolvê-lo, mas com a intenção de não perder espaço político e econômico no futebol como um todo, como havia feito, por exemplo, com o futebol de salão (KESSLER, 2013).

Segundo Almeida (2019), a partir de 1983, a FIFA demonstrou alguma mudança no trato com o futebol de mulheres perspectivando, inclusive, a organização de um torneio internacional. Em matéria publicada na Folha de São Paulo no dia 17 de abril de 1983, foram mencionadas algumas normas recomendadas pela entidade para a prática do futebol pelas mulheres, tais como a diminuição do tempo do jogo, do tamanho do campo, do peso da bola, além do uso de “protetores para os seios e as chuteiras não poderão ter travas pontiagudas (BOTELHO, Vânia Magalhães, 2010, p. 33).

João Havelange, então presidente da instituição, em 1982, se manifestou a favor da organização de uma competição internacional oficial (MIRANDA, 1982 *apud* GABRIEL, 2015), o que efetivamente aconteceu apenas em 1988, quando promoveu

o Torneio Internacional de Futebol Feminino, um evento preparatório para sediar a I Copa do Mundo de Futebol Feminina, que aconteceu em 1991<sup>94</sup>, na China.

A importância dessa iniciativa começou a repercutir nas instituições continentais que também aderiram à organização de competições internacionais. Em 1991, a CONMEBOL organizou na cidade de Maringá-PR o I campeonato Sul-Americano, conhecido como Copa América, envolvendo três equipes (Brasil, Chile e Venezuela). Com sete vitórias, o Brasil é o maior campeão da Copa. Já a primeira Copa Libertadores da América de clubes de mulheres foi realizada pela Confederação em 2009. Os maiores campeões são os clubes brasileiros. Entre as onze edições, oito vitórias foram de clubes brasileiros: Santos (2009 e 2010), São José (2011, 2013 e 2014), Ferroviária (2015) e Audax, em parceria com o Corinthians (2017), e Corinthians (2019). Outros campeões foram o clube chileno Colo Colo (2012), o clube paraguaio Sportivo Limpeño (2016) e o clube colombiano Atlético Huila (2018). (CONMEBOL, 2019).

A Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF) também organizou o seu primeiro Campeonato Feminino<sup>95</sup> em 1991. Contando com oito equipes participantes<sup>96</sup>, o evento aconteceu em Porto Príncipe, Haiti. O campeonato, até hoje, é o principal torneio entre seleções femininas das Américas do Norte, Central e do Caribe (CONCACAF, 2019).

A União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) organiza a Liga dos Campeões Feminina para equipes da Europa. Ela começou a ser disputada como um torneio em 2001, na Alemanha. Já o Campeonato Europeu de Futebol Feminino da UEFA é organizado a cada quatro anos e representa a competição principal do futebol feminino entre as seleções da Europa (UEFA, 2019).

A Confederação Asiática de Futebol (AFC) realiza a copa da Ásia de Futebol feminino a cada dois anos desde 1975. A primeira edição aconteceu em Hong Kong com a participação de seis equipes<sup>97</sup>, sendo vencida pela Tailândia (AFC, 2012).

A Confederação Africana de Futebol (CAF) organiza, desde 1991, o Campeonato Africano de Futebol Feminino. A primeira edição teve a presença de

---

<sup>94</sup> O Mundial sub-20 de Futebol Feminino só surgiu em 2002 e o sub-17 em 2008.

<sup>95</sup> Copa Ouro Feminina, entre 2000 e 2006, em alinhamento com o nome da competição masculina. Em 2010, foi oficialmente denominado Pré-Mundial Feminino da CONCACAF.

<sup>96</sup> Estados Unidos, Trinidad e Tobago, México, Martinica, Canadá, Haiti, Costa Rica e Jamaica.

<sup>97</sup> Tailândia, Austrália, Singapura, Nova Zelândia, Malásia e Hong Kong.

quatro equipes<sup>98</sup> e, devido ao crescente número de participantes, foi criado também um torneio de qualificação que durou até 1998, quando o Campeonato ficou estruturado com oito equipes e com realização bienal (CAF, 2019). Já a Confederação de Futebol da Oceania (OFC) organiza, desde 1983, o Campeonato da Oceania de Futebol Feminino, conhecido como Copa das Nações Feminina, apresentando a Nova Zelândia como a maior campeã com títulos de ouro em seis edições.

Ainda há a Confederação de Futebol de Associações Independentes (CONIFA) fundada em 2013, a qual não é filiada à FIFA. Composta por equipes que representam nações, estados não reconhecidos, minorias, povos sem estado, regiões e micronações não filiadas à FIFA, pensando no futebol de mulheres, a entidade organizou em 2008 e 2010 a Copa do Mundo de Futebol Feminino VIVA, que contou com dois times em cada edição<sup>99</sup> (CONIFA, 2010).

Diante de eventos clubísticos continentais, houve uma movimentação para a realização de um Torneio Internacional Interclubes de Futebol Feminino. No entanto, a competição durou apenas uma edição, em 2011, e aconteceu em Araraquara-SP. Esse evento não foi organizado pela FIFA, mas pela Federação Paulista de Futebol (FPF) em parceria com a Sport Promotion. A competição teve a participação do Umea IK, da Suécia, que representou o futebol europeu, assim como do Foz do Iguaçu Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras e Santos Futebol Clube, que se sagrou campeão (COLUNADOESPORTE, 2011).

Uma Copa do Mundo de Clubes de Futebol Feminino foi criada em 2009, com disputa entre o Santos Futebol Clube e o FCR Duisburg da Alemanha. Mas, a falta de receita para torneios femininos de Organizações Continentais e os atrasos em definições das equipes representantes de cada confederação afetavam a realização e a qualidade do evento que teve última edição em 2014 (ANDREOLLA, Giselle, 2020). Os clubes participantes das edições que aconteceram estavam vinculados à CONMEBOL, UEFA e AFC, sendo que o time brasileiro São José Esporte Clube foi o maior campeão do evento. A realização de um evento mundial ainda é uma reivindicação dos clubes, cujo estudo está sendo desenvolvido pela FIFA que tem

---

<sup>98</sup> Nigéria, Gana, Guiné e Camarões.

<sup>99</sup> Em 2008, Lapônia foi campeã e Curdistão ficou em segundo. Em 2010, Pandamia ficou em primeiro lugar e Gozo em segundo.

estruturado um projeto de promover o Mundial de Clubes Feminino de dois em dois anos, dado o crescimento da modalidade, o aumento das receitas para os torneios femininos e o protagonismo no comando dos torneios esportivos (FOOTURE, 2020).

O futebol praticado por mulheres, assim, começou a ser introduzido em competições internacionais, mas em períodos muito distintos do futebol praticado por homens quando pensamos na inserção nas principais competições. Os Jogos Pan-Americanos<sup>100</sup>, por exemplo, tiveram sua primeira edição realizada na cidade de Buenos Aires, Argentina, em 1951, já com a presença do futebol masculino. No entanto, as mulheres só puderam disputar a modalidade após 48 anos, nos Jogos de Winnipeg, Canadá, realizados em 1999.

Nos Jogos Olímpicos há o mesmo ingresso tardio, pois, incluíram o futebol de homens na edição que aconteceu em Londres no ano de 1908 e o de mulheres apenas Jogos Olímpicos de Atlanta que aconteceram em 1996 (DEVIDE, 2005). Além disso, a maior competição da modalidade, a Copa do Mundo FIFA, apresenta um lapso temporal de 61 anos. Enquanto a primeira Copa do Futebol dos homens aconteceu no ano de 1930 no Uruguai, a das mulheres, como já mencionado, se deu em 1991 na China. Tais distinções possibilitam uma maior compreensão acerca dos incentivos distintos para que homens e mulheres estejam no futebol, inclusive na instituição que regulamenta esse esporte.

Barreira *et al.* acreditam que “a responsabilidade de desenvolver o futebol praticado por meninas e mulheres foi reconhecida oficialmente pela FIFA somente em 2004, ao apontar o futebol de mulheres como um pilar fundamental no desenvolvimento da modalidade” (2020, p 32).

Ao aprofundar a pesquisa no site da FIFA<sup>101</sup> em busca de documentos de fomento ao futebol de mulheres, encontrei *links* exclusivos nos quais são disponibilizados vários materiais oficiais da instituição.

---

<sup>100</sup> Os Jogos Pan-Americanos são um evento multiesportivo, que tem como base os Jogos Olímpicos modernos e são organizados pela Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) para países do continente americano.

<sup>101</sup> Disponível em: <https://www.fifa.com/who-we-are/official-documents/>. O site também possui uma área sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino e outra sobre o Futebol Feminino no mundo. Também visitei esses dois espaços, mas, dessa vez, sem realizar uma análise completa sobre todo o material.



Um deles intitula-se *Women's Football and Women in Football* (2018), que aborda ações em nível mundial efetivadas pela FIFA até 2015. Inicialmente, o documento cita a criação, em 2002, do Mundial Sub-20 realizado no Canadá com o nome de Campeonato Mundial Feminino FIFA Sub-19 e a realização das cinco primeiras edições da Copas do Mundo de Futebol Feminino adulto, realizadas respectivamente na China (1991), Suécia (1995), Estados Unidos (1999 e 2003) e China (2007). Segundo consta no documento, em 2007, foi lançado o projeto piloto da FIFA de desenvolvimento do Futebol Feminino.

**Figura 1 – Women's Football and Women in Football – 2018**



Fonte: FIFA, 2018.

Nesse documento, para os anos de 2008 a 2010, a FIFA apresentou em seu quadro estratégico de ações o aproveitamento da repercussão e das atividades desenvolvidas para a Copa do Mundo de 2007, tais como a organização de uma nova equipe de trabalho, a criação de um planejamento específico para o Futebol Feminino e a execução da fase piloto com seleção de projetos junto às confederações, a capacitação de treinadores, a realização de seminários de desenvolvimento regional e a construção de programas de competições para mulheres contemplando as categorias de base.

Já para o período de 2011 a 2014, a Federação apontava para uma etapa superior de desenvolvimento. Mostrou-se significativa a elaboração de um novo documento, o *Women's Football Development Programme Guidelines* (FIFA, 2012), no qual se configurou a ação de incorporação legal do futebol de mulheres na programação de atividades da FIFA. Nele há a descrição da posição de auxílio da Federação às confederações afiliadas no que tange ao desenvolvimento e à promoção da modalidade, por meio de missão e objetivos direcionados a esse futebol:

**Figura 2 – FIFA Women's Football Development Programme Guidelines – 2012**

**To the member associations of FIFA**

**Circular no. 1289**

Zurich, 20<sup>th</sup> January 2012  
SG/jne/mcr-hua

**FIFA Women's Football Development Programme Guidelines 2012-2015**

Dear Sir or Madam,

The FIFA Women's World Cup Germany 2011™ was a great step forward in the women's game. As we look back on the success and the quality of the top teams in Germany, we are also aware that there is still much to be done towards developing women's football throughout the world.

With this in mind, FIFA is pleased to present the FIFA Women's Football Development Programme Guidelines 2012-2015. Please find the guidelines enclosed with this letter.

These guidelines provide member associations with the necessary information to apply for and benefit from the FIFA women's football development programmes for 2012-2015. It also contains the criteria and financial procedures that must be adhered to by all member associations when reporting to the FIFA Member Associations & Development Division. A standard budget request and financial report form have been created to facilitate this and guarantee financial transparency.

Fonte: FIFA, 2012.

As diretrizes do Programa de Desenvolvimento do Futebol Feminino da FIFA 2012-2015 foram pautadas após a Copa do Mundo realizada na Alemanha, em 2011, e tinham como objetivo fornecer às associações membro informações necessárias para solicitar benefícios de programas de desenvolvimento da modalidade e estabelecer critérios de questões financeiras.

As estratégias adotadas, segundo o documento, tinham como base o Projeto *Live Your Goals*<sup>102</sup>, a organização de Conferências Mundiais, a realização de uma pesquisa global sobre a modalidade, a execução de programas sociais<sup>103</sup> e de competições para mulheres contemplando categorias de base, além da construção de objetivos norteadores para as confederações:

Promover e desenvolver o futebol feminino adulto e juvenil nas federações afiliadas à FIFA; aperfeiçoar a infraestrutura do futebol feminino nas confederações e federações afiliadas; aumentar a proporção de mulheres e meninas nas divisões de base, nas escolas e nas equipes de nível amador e profissional; melhorar constantemente a qualidade, a organização e a expansão das competições femininas da FIFA; criar condições para que mais mulheres ocupem cargos técnicos e executivos no mundo do futebol, em áreas variadas como arbitragem, treinamento, medicina, mídia e gestão; organizar cursos de formação e aperfeiçoamento para jogadoras, treinadoras, árbitras, médicas e oficiais; estabelecer e publicar um calendário coordenado para os jogos das seleções femininas; analisar e monitorar o desenvolvimento técnico do futebol feminino; organizar eventos sobre futebol feminino (FIFA, 2012, p. 1. Tradução da autora)<sup>104</sup>.

Esses objetivos apareceram novamente e de modo mais explícito nos documentos produzidos posteriormente a essa publicação. Para os anos de 2015 a 2018, como mostra a figura 1 já apresentada, foram programadas novas atividades em função da repercussão da Copa do Mundo do Canadá que aconteceu em 2015. Como desdobramentos, houve a construção do primeiro Programa Estratégico Global da FIFA, a realização de eventos sobre a modalidade com jovens pelo mundo, o desenvolvimento e a execução de competições das categorias de base e a realização de uma pesquisa global entre os anos de 2016 e 2017 com foco na participação das mulheres em vários países.

---

<sup>102</sup> "*Live Your Goals*" é um projeto focado no desenvolvimento da próxima geração de jogadoras em todo o mundo.

<sup>103</sup> Onze programas de desenvolvimento de Futebol Feminino foram criados, em quatro áreas: Competições, Gerenciamento, Educação e Promoção, oferecendo apoio em capacitações, material didático e promocional até equipamentos de futebol e assistência financeira.

<sup>104</sup> Texto original: Promote and develop adult and youth women's football in FIFA-affiliated federations; improve the infrastructure of women's football in affiliated confederations and federations; increase the proportion of women and girls in the basic divisions, in schools and in amateur and professional teams; constantly improve the quality, organization and expansion of FIFA women's competitions; create conditions for more women to occupy technical and executive positions in the world of football, in various areas such as arbitration, training, medicine, media and management; organize training and improvement courses for players, coaches, referees, doctors and officials; establish and publish a coordinated schedule for the women's national team matches; analyze and monitor the technical development of women's football; organize events on women's football.

Em 2016, após análises positivas dos resultados econômico-financeiros da Copa do Mundo no Canadá, a FIFA criou um departamento de Futebol Feminino na entidade, anunciando Sarai Bareman<sup>105</sup> como sua diretora. Em outubro do mesmo ano, foi publicado um novo documento intitulado *FIFA 2.0: The Vision for the Future*, que apresenta como principal objetivo fortalecer o futebol mundial, apontando o licenciamento de clubes como uma ferramenta essencial para a profissionalização e o desenvolvimento da modalidade<sup>106</sup>.

Outra novidade implementada pela entidade foi, em 2017, a criação para o futebol de mulheres do *Transfer Match System (TMS)*, um sistema que monitora o mercado internacional de transferências e publica dados oficiais das transações entre jogadores e, a partir de janeiro de 2018, de jogadoras de um clube para outro. O principal objetivo dessa ação foi fazer com que os clubes entrassem oficialmente no mercado de transferências, podendo vender ou emprestar atletas para equipes de ligas nacionais e internacionais (FIFA, 2017) e, de certo modo, incentivar a ampliação do mercado da bola, agora envolvendo as mulheres.

Em 2016, a FIFA lançou um projeto estratégico para o desenvolvimento do futebol de mulheres tendo como base o documento *Women's Football Strategy*, no qual se propõe a intensificar a participação de meninas e mulheres, aumentar o valor comercial da modalidade e construir seus pilares estratégicos (FIFA, 2016). Para o ano de 2016, a entidade perspectivou alcançar cerca de 60 milhões de mulheres jogando futebol, utilizando-se para tal de campanhas para o investimento em competições, maior visibilidade das mulheres que atuam no futebol e reuniões com os seus associados para o desenvolvimento da modalidade. Além disso, fez uso de estratégias de *marketing* para alavancar o seu potencial comercial, além de recomendar que cada membro associado tivesse, pelo menos, uma mulher inserida no seu comitê executivo (FIFA, 2019).

Durante uma Conferência de Futebol Feminino que aconteceu em Rennes, França, no ano de 2018, o presidente da FIFA, Gianni Infantino, declarou: "A FIFA

---

<sup>105</sup> Sarai é neozelandesa, foi jogadora e trabalhava como vice-secretária geral da Confederação de Futebol da Oceania (OFC).

<sup>106</sup> Até 2016, a FIFA contava com 130 associações beneficiadas por um ou mais dos nove programas de desenvolvimento direcionados ao futebol de mulheres, comparando com 94 associações em 2014 e 67 em 2013. Foram organizadas 451 atividades para mulheres, comparando com 257 em 2014 e 143 em 2013. Além da participação de mulheres na edição inaugural do Programa de Desenvolvimento de Liderança da FIFA (FIFA, 2016).

está pronta para levar o futebol feminino para o próximo nível. [...] Seja aumentando o acesso de meninas ao redor do mundo ou trazendo o jogo profissional de elite a novos patamares” (ESTADÃO, 2018). Seu argumento está pautado também em questões de ordem econômica, conforme é possível identificar quando declara: “enorme sucesso do mundo feminino da FIFA Cup Canada 2015 para uma indicação de quão popular e poderoso é o esporte mundo, o evento criou quase metade de bilhões de dólares em atividade econômica” (ESTADÃO, 2018).

A atenção para o futebol de mulheres como um de seus pilares estratégicos tem sido implementada desde 2016:

as vantagens competitivas e comerciais contrastam fortemente com os desafios subjacentes que enfrentam o jogo e seus líderes quando se trata de bases e desenvolvimento. Anos de negligência institucional e falta de investimento impediram meninas e mulheres de brincar o jogo e de assumir papéis em funções técnicas, administrativas e de governança. A longa falta de mulheres em cargos de responsabilidade na comunidade do futebol significa que houve vozes limitadas para advogar por mudanças. Em 2016, a FIFA deu os primeiros passos para corrigir esse problema, aprovando algum marco de decisões para o futebol feminino e a representação de mulheres no futebol. Apesar de essas mudanças terem sido importantes, os desafios futuros ainda são grandes, e devemos continuar a aproveitar o momento criado. A estratégia de futebol feminino da FIFA fortalecerá a organização a adotar medidas concretas adicionais para resolver os déficits históricos de recursos e de representação, enquanto defendia uma posição global contra a discriminação de gênero jogando futebol (FIFA, 2018, p. 4, tradução da autora)<sup>107</sup>.

Ao publicitar essas informações, a FIFA admite a responsabilidade das entidades gestoras do futebol pelo retardo de seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que projeta a adoção de medidas para minimizar desigualdades de gênero no futebol. Aliás, vale ressaltar que a palavra “gênero” só figura no estatuto da entidade no ano de 2016. No Artigo 23, que versa sobre a formulação dos estatutos

---

<sup>107</sup> Texto original: However, the competitive and commercial success stands in stark contrast to the underlying challenges that face the game and its leaders when it comes to grassroots and development – which represent the future of the game away from the spotlight. Years of institutional neglect and a lack of investment have prevented girls and women from playing the game and from assuming roles in technical, administrative and governance functions. The long-standing lack of women in positions of responsibility in the football Community means there have been limited voices to advocate for change. In 2016, the FIFA Congress made the first steps to rectify this problem by approving some landmark decisions for women’s football and the representation of women in football. Although these changes were momentous, the challenges ahead are still great, and we must continue to build on the momentum created. FIFA’s Women’s Football Strategy will empower the organization to take further concrete steps to address the historic shortfalls in resources and representation, while advocating for a global stand against gender discrimination through playing football.

das confederações associadas, indica ser necessária a constituição dos órgãos legislativos de acordo com os princípios de representatividade democrática, tendo presente importância a igualdade de gênero no futebol (ALMEIDA, 2019).

Em março de 2012, em função do Dia Internacional da Mulher, seu então presidente, Joseph Blatter, concedeu uma entrevista na qual prometeu que a entidade estava “comprometida em ajudar a alcançar as metas sociais do futebol feminino, como a criação de oportunidades iguais – seja no futebol ou em outros ramos de atividade” (RECORD, 2012, s/p). Segundo Almeida (2019), a entidade já havia expressado manifestações similares desde 1995, no entanto, “demorou ainda 20 anos para implantar a igualdade de gênero em seu estatuto – e após muita pressão das futebolistas” (p. 85).

Na tentativa de me apropriar das recomendações da FIFA para o futebol de mulheres, busquei em seu site informações sobre os seus estatutos e identifiquei que o documento mais antigo disponível foi aprovado no ano de 2001. Acessei todos os que estão disponibilizados para consulta até 2019 e analisei a menção que fazem às mulheres, conforme sintetizo no quadro abaixo.

**Quadro 5 – Presença do Futebol Feminino em Estatutos da FIFA**

<b>ANO</b>	<b>BASE DOS CONTEÚDOS EM RELAÇÃO AO FUTEBOL DE MULHERES</b>
2001	Criação de um Comitê para o Futebol Feminino; Ações do Comitê: Organização da Copa do Mundo Adulta.
2002 e 2003	Documento indisponível
2005	Ações gerais do Comitê para o Futebol Feminino
2004, 2006 e 2007	Ações do Comitê: Organização da Copa do Mundo Adulta e da Sub-20.
2008, 2009, 2010 e 2011	Ações do Comitê: Organização da Copa do Mundo Adulta, sub-17 e Sub-20.
2012	Ações do Comitê: Organização da Copa do Mundo Adulta, sub-17 e Sub-20; Proposta de eleição para um Representante do Futebol Feminino.
2013, 2014 e 2015	Ações do Comitê: Organização da Copa do Mundo Adulta, sub-17 e Sub-20.
2016	Discussão de gênero no Estatuto; Promoção do desenvolvimento da modalidade e ampliação da participação das mulheres em todos os níveis da governança do futebol;
2017	Documento indisponível

2018	Promoção do desenvolvimento da modalidade e ampliação da participação das mulheres em todos os níveis da governança do futebol; Estudos do Comitê de Partes Interessadas do Futebol.
2019	Novas exigências para os estatutos das confederações: princípios de governança e inclusão de disposições relativas a assuntos como religião, política e gênero.

Fonte: autora, 2020.

No Estatuto FIFA de 2001<sup>108</sup>, o termo “Futebol Feminino” aparece citado seis vezes e, em suas propostas, apresenta a criação de um Comitê específico para lidar com todos os assuntos da modalidade, assim como relatar ao Comitê Executivo as medidas consideradas necessárias para promover o desenvolvimento do esporte para as mulheres. Prevê, ainda, a organização de uma competição mundial de tempos em tempos, a Copa do Mundo de Futebol Feminino, e a responsabilidade pela produção e publicação de um relatório oficial para cada competição organizada. Não há registro dos Estatutos de 2002 e 2003 na área de documentos oficiais divulgados no site da entidade.

O Estatuto de 2004<sup>109</sup> cita nove vezes o Futebol Feminino, deixando evidente no Artigo 41 as ações do Comitê de Futebol Feminino, que eram organizar a Copa do Mundo adulta e, a partir de então, a Copa do Mundo Sub-20 em conformidade com os regulamentos dessas competições. Menciona, ainda, os possíveis acordos e requisitos para o tratamento de questões gerais relacionadas à modalidade.

O estatuto de 2005<sup>110</sup> aparece como um documento padrão para os estatutos seguintes, citando a palavra “mulher” cinco vezes. Sobre o futebol de mulheres, ele apresenta em seu Artigo 48 o Comitê de Futebol Feminino como o responsável pelas competições e demais assuntos dessa modalidade:

O Comitê de Futebol Feminino vai organizar o futebol feminino competições e lidar com todos os assuntos relacionados ao futebol feminino. Ele deve consistir em um presidente, um vice-presidente e [número a ser preenchido por os membros da Associação] membros. (FIFA, 2005, Tradução da autora)<sup>111</sup>.

<sup>108</sup> Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2001.pdf?cloudid=ziirpjxghzmq128x9xo>.

<sup>109</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2004.pdf?cloudid=l2p6v1ommyzo3alrc9tz>.

<sup>110</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/-514476.pdf?cloudid=b644bb0ltxerl6b52dhd>.

<sup>111</sup> Texto original: The Committee for Women’s Football shall organize women’s football competitions and deal with all matters relating to women’s football. It shall consist of a chairman, a deputy chairman and [number to be completed by the Association] members.

Os Estatutos de 2006<sup>112</sup> e 2007<sup>113</sup> seguiram o mesmo padrão textual desde o estatuto de 2004, emitindo as mesmas informações sobre as ações para o futebol de mulheres. O Estatuto de 2008<sup>114</sup> seguiu o padrão do Estatuto de 2004, com a mudança do Artigo 41 para o 42 e o acréscimo do Artigo 43, no qual se tratava da organização de um Comitê responsável pela elaboração e execução das Copas do Mundo de Futebol Feminino sub-17 e sub-20. Os Estatutos de 2009<sup>115</sup>, 2010<sup>116</sup> e 2011<sup>117</sup> seguiram os padrões textuais de 2008, também emitindo as mesmas informações sobre as ações para o futebol de mulheres.

O Estatuto de 2012<sup>118</sup>, além de seguir o padrão de 2008, citou 32 vezes o Futebol Feminino e inovou ao propor o cargo de Representante do Futebol Feminino, para o qual cada confederação poderia indicar um nome baseado em suas associações-membros. Os Estatutos de 2013<sup>119</sup>, 2014<sup>120</sup> e 2015<sup>121</sup> seguiram o mesmo texto de 2012 para o futebol de mulheres.

Uma das novidades mais significativas em 2016 está presente no novo Estatuto<sup>122</sup>: a efetivação da representatividade democrática levando em consideração a igualdade de gênero. Apesar de citar o Futebol Feminino apenas três vezes diretamente, a maior conquista foi no sentido da busca pela equidade dos direitos dentro do esporte entre homens e mulheres. Seu Artigo 23 menciona:

---

<sup>112</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2004.pdf?cloudid=l2p6v1ommyzo3alrc9tz>.

<sup>113</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2007.pdf?cloudid=l2p6v1ommyzo3alrc12tz>.

<sup>114</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/the-fifa-statutes-2008-1097514.pdf?cloudid=vyhjgvju5jelivxzalv0>.

<sup>115</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/the-fifa-statutes-2006-128.pdf?cloudid=mvnibrgxs1ya8lhzguoa>.

<sup>116</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2010.pdf?cloudid=vaoyk8p9yjetiwavvy>.

<sup>117</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2011.pdf?cloudid=ru63bhfb8j2pfsbplxf5>.

<sup>118</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/the-fifa-statutes-2012-1665421.pdf?cloudid=adzakrcd0dv7fqefmss0>.

<sup>119</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/the-fifa-statutes-2013-2149788.pdf?cloudid=jk7omhgvrmyf1a2pa14>.

<sup>120</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/the-fifa-statutes-2014-2418155.pdf?cloudid=ob6ms6dev0sfkwkdcprz>.

<sup>121</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/the-fifa-statutes-2015-2581448.pdf?cloudid=qcpshqziazmnmikh6tk5>.

<sup>122</sup> Ver mais: <http://bit.ly/2XudEhp>.



Os estatutos das confederações devem obedecer aos princípios de governança e, em particular, devem incluir pelo menos certas disposições relativas aos seguintes assuntos: [...] constituição de órgãos legislativos de acordo com os princípios de representatividade democrática, tendo em vista a importância da igualdade de gênero no futebol (FIFA, 2016, p. 25, tradução da autora).

Em função dessa deliberação, as confederações continentais foram induzidas a reformular seus estatutos, incluindo algumas orientações relacionadas à neutralidade em termos de política e religião, à proibição de todas as formas de discriminação, à constituição de órgãos legislativos de acordo com os princípios da representatividade democrática, tendo em vista a importância da igualdade de gênero no futebol e de aceitação das Leis do Jogo (FIFA, 2016).

Almeida afirma que a mudança no texto, “além de ter proporcionado algumas ações de promoção do Futebol Feminino por confederações e associações nacionais, foi responsável pelo fortalecimento de movimentos de mulheres [...] em diferentes partes do mundo” (2019, p. 76). Alguns desses movimentos aconteceram entre atletas e suas federações/associações e são evidenciados no estudo de Almeida:

[...] as futebolistas da seleção dos Estados Unidos entraram na justiça contra a US Soccer no início de 2016, evocando o Civil Rights para obter igualdade de salários. As mulheres geram cerca de US\$ 20 milhões a mais que seus pares homens à associação estadunidense. [...] No ano seguinte, as norueguesas também reivindicaram a isonomia nos valores pagos pela Norges Fotballforbund (NFF). Em outubro de 2017, as futebolistas reagiram contra a associação norueguesa, exigindo a equiparação de salários entre as duas categorias. [...] Ao mesmo tempo, as dinamarquesas sofreram uma grande derrota contra a Dansk Boldspil Union (DBU) ao entrar em greve pelo mesmo motivo. A DBU, em retaliação, anunciou o cancelamento da partida contra a Hungria pelas eliminatórias da Copa do Mundo. [...] Na Austrália, um acordo entre a FA Australia e o sindicato que representa as futebolistas beneficiou todas as atletas da liga nacional de futebol ao criar um piso salarial para a categoria (ALMEIDA, 2019, p. 84).

O Brasil também contou com movimentos e ações de atletas em busca de melhorias no futebol de mulheres. Evidencio algumas dessas atividades no subtítulo deste estudo quando detalho as ações implementadas pela Confederação Brasileira de Futebol para a modalidade. Almeida (2019) acredita, assim, que “a inserção da palavra gênero abriu o precedente que faltava às mulheres para que gerassem ofensivas mais fortes contra as confederações e associações nacionais” (2019, p. 85). E conclui que “apesar da pouca presença da atuação da teoria feminista no mundo esportivo ao longo dos anos, os movimentos feministas vêm aos poucos

consolidando a paridade de gênero no futebol em suas agendas de lutas” (2019, p. 85). Os reflexos desses movimentos, de algum modo, pressionaram as instituições gestoras do futebol a reordenar suas pautas e conferir mais atenção às mulheres.

O Estatuto de 2016 trouxe no Artigo 44 o objetivo de promover o desenvolvimento da modalidade junto à ampliação da participação das mulheres em todos os níveis da governança do futebol. Menciona ainda o Comitê de Partes Interessadas do Futebol que ficou responsável por estudar assuntos relacionados, particularmente, à estrutura do jogo e à relação entre clubes, jogadoras, ligas, associações membros, confederações e FIFA.

No mesmo ano, a FIFA fundou o Departamento de Futebol Feminino e publicou o *FIFA 2.0: The Vision for the Future*<sup>123</sup>, um documento que visa a uma reestruturação da visão da entidade sobre os pilares de transparência, governança, conformidade e prestação de contas.

Com a intenção de promover o jogo, proteger sua integridade e implementar sua difusão, a FIFA projetou três caminhos estratégicos: o desenvolvimento do jogo, por meio de ações de aporte financeiro anual a suas associações-membro visando a profissionalizar a administração do futebol e incentivar o investimento no desenvolvimento do futebol de mulheres, incluindo fundos para a organização de ligas profissionais. Perspectivou, ainda, questões relacionadas ao licenciamento de clubes, “um conjunto de padrões operacionais mínimos em áreas-chave como segurança de estádios e desenvolvimento de jovens, todos focados em ajudar a desenvolver e profissionalizar o futebol de clubes em todo o mundo” (FIFA, 2016, s/p).

O segundo caminho tem como intenção melhorar a experiência, mudando operações de participação nos eventos e em venda de ingressos para as competições da FIFA, além de executar um processo de reavaliação da licitação da Copa do Mundo, com mais transparência e estudar o conceito de “fundo de risco da FIFA”, visando a uma melhor relação com os investimentos potenciais em tecnologias emergentes essenciais para o jogo. Já o terceiro caminho busca construir uma instituição mais forte por meio de um “Fundo de Investimento de Impacto”, trabalhando com outras partes interessadas, instituições financeiras

---

<sup>123</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-2-0-the-vision-for-the-future.pdf?cloudid=drnd5smfl6dhxgijqmx>.

líderes e bancos de desenvolvimento globais, visando à implantação de capital que possa ser investido em infraestrutura e o apoio a outras necessidades de financiamento das associações membros e das confederações (FIFA, 2016).

A partir de então, a FIFA criou e globalizou um projeto de licenciamento de clubes em cooperação com as seis confederações continentais em busca de profissionalização e crescimento do esporte no mundo.

Ainda sobre os estatutos, não encontrei no site registro do Estatuto de 2017, e o Estatuto de 2018<sup>124</sup> seguiu o padrão textual de 2016, emitindo as mesmas informações sobre o futebol de mulheres.

Em 2018, a entidade lançou a primeira estratégia global voltada exclusivamente para o futebol de mulheres<sup>125</sup> por meio da publicação de uma cartilha, na qual explica como pretende agir de maneira mais efetiva na sua relação com as confederações continentais, as associações nacionais filiadas, os clubes, as jogadoras, a imprensa, os torcedores e outras partes interessadas na modalidade.

Durante o ato de lançamento da estratégia no ano de 2018, o presidente, Gianni Infantino, declarou: “[...] De dois anos para cá, estamos trabalhando muito para definir a estratégia de desenvolvimento do futebol feminino para ajudar as mulheres no futebol” (ESTADÃO, 2018, s/p). Na cartilha publicada, há a indicação de que a estratégia objetiva aumentar a participação da base, melhorar o valor comercial do futebol feminino e tornar mais fortes as estruturas em volta da modalidade, se baseando em cinco pilares. O primeiro deles busca desenvolver e crescer dentro e fora do campo mediante a criação de programas de desenvolvimento feitos sob medida para os membros associados, academias globais de futebol feminino, futebol nas escolas, desenvolvimento e mentoria de treinadoras e desenvolvimento de árbitras (FIFA, 2018).

O segundo está direcionado para a melhoria das competições de mulheres, aproveitando a popularidade da Copa do Mundo, implementando, assim, novas competições FIFA, tornando o calendário internacional mais forte e otimizando as competições regionais em todos os níveis. O terceiro pilar propõe dedicar atenção à

---

<sup>124</sup> Ver mais:

<https://resources.fifa.com/image/upload/the-fifa-statutes-2018.pdf?cloudid=azwxwekfmx0nfdixwv1m>.

<sup>125</sup> Ver mais: <https://resources.fifa.com/image/upload/women-s-football-strategy.pdf?cloudid=z7w21ghir8jb9tguvbcq>.

exposição e ao valor, criando um programa comercial à modalidade, oferecendo alternativas de distribuição de conteúdo digital, nomeando embaixadoras do futebol feminino e trabalhando com organizações e influenciadores ativos em promoção e proteção de direitos humanos (FIFA, 2018).

O quarto segue a linha de investir na igualdade de gênero na liderança, procurando incentivar a representação das mulheres nos principais órgãos de decisão, melhorando estruturas regulatórias para impulsionar a profissionalização e a capacitação de pessoas dedicadas à modalidade, promovendo, assim, uma rede global. E, por fim, o último pilar visa a educar e empoderar por meio do estabelecimento de parcerias com ONGs e organizações, aprofundando, dessa forma, o impacto social, implementando e apoiando campanhas de empoderamento de mulheres e desenvolvendo programas com membros associados em nível nacional (FIFA, 2018).

Em 2019, dando início às ações previstas para a Copa do Mundo de Futebol Feminino na França, a FIFA anunciou mais mudanças para fortalecer o crescimento do futebol feminino. Giane Infantino divulgou em entrevista coletiva que pretendia ampliar o número de 24 seleções participantes para 32 nas próximas edições do evento, além de aumentar o valor da premiação<sup>126</sup> e incentivar a criação de mais competições, como a Liga Mundial de Clubes e uma Liga Mundial Feminina, similar à Liga das Nações da Europa (KAMPFF, 2019).

Por meio de um comunicado, a FIFPRO<sup>127</sup> afirmou notar a disposição da FIFA de aumentar o prêmio, mas apontou desânimo em relação à pouca mudança nas distribuições, pois o novo valor ainda fica distante da premiação da Copa do Mundo masculina: “Para efeito comparativo, no Mundial da Rússia, o valor bateu a casa dos US\$ 400 milhões, ou seja, US\$ 370 milhões a mais do que será dividido pelas seleções femininas em 2019” (MKT ESPORTIVO, 2018, s/p).

Horas antes do jogo de abertura da Copa na França, a ONU Mulheres e a Federação Internacional de Futebol (FIFA) firmaram uma parceria, com o objetivo de promover a igualdade de gênero no esporte. A cooperação foi formalizada durante a

---

<sup>126</sup> A edição 2019 premiou a campeã com cerca de R\$ 114 milhões. Em 2023, a quantia deve chegar a R\$ 229 milhões.

<sup>127</sup> Sindicato que representa os jogadores de futebol em nível mundial, bem como órgãos nacionais e jogadoras.

Convenção de Futebol Feminino da FIFA, em Paris. As entidades pretenderam trabalhar em colaboração com autoridades públicas, organizações internacionais, setor privado e empresas de mídia e esportes para tornar o futebol mais acessível às mulheres e meninas. Um dos objetivos da parceria apresentado foi a disseminação de conteúdos esportivos diversos para promover a igualdade entre homens e mulheres (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2019).

Segundo o site da Nações Unidas Brasil (2019)<sup>128</sup>, há informações sobre esse acordo que contempla três áreas de trabalho conjunto: o desenvolvimento de políticas esportivas; a promoção e o apoio de projetos sustentáveis para ajudar a criar um legado duradouro para a mudança cultural; e o empoderamento de mulheres e meninas em todo o mundo. Menciona também ações de comunicação para aumentar a conscientização sobre a igualdade de gênero por meio do esporte, contando para tanto com o apoio da própria FIFA, das embaixadoras da Boa Vontade e da ONU Mulheres.

É fato que antes da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, os baixos salários e até mesmo a ausência de salários, o desinteresse de marcas em investir na modalidade e a falta de estrutura das equipes de base e de profissionalização da categoria faziam parte das bandeiras de luta de atletas e apoiadores/as do futebol de mulheres. Por isso, com intuito de dar luz e conhecimento, mas sem aprofundamentos, cito aqui alguns acontecimentos históricos que foram conquistados na Copa de 2019, a oitava edição da competição.

O jornal El País (2019), antes mesmo do início da competição, já apontava o recorde de ingressos vendidos, batido ainda em abril: “As entradas para a final, semifinais e a partida de estreia das donas da casa se esgotaram em menos de 48 horas [...] a FIFA espera obter audiência de 1 bilhão de pessoas em 135 países” (EL PAÍS, 2019, s/p).

Concretizando as expectativas, o relatório da FIFA (2019) apontou recorde de audiência, com 1,12 bilhão de espectadores ao redor do mundo<sup>129</sup>. A final entre Estados Unidos e Holanda, em Lyon, em que as americanas se consagraram

---

<sup>128</sup> Ver mais: <https://nacoesunidas.org/fifa-e-onu-mulheres-firmam-primeira-parceria-em-prol-da-igualdade-de-genero-no-esporte/>.

<sup>129</sup> Esses valores correspondem à soma de público de TV e de internet e representa um aumento de 30% se comparado à edição média registrada no Mundial de 2015, no Canadá.

campeãs chegando ao quarto título mundial, atingiu cerca de 82,2 milhões de espectadores ao vivo, se tornando a decisão final mais assistidas entre todas as edições do Mundial entre mulheres e homens. Outra partida que teve muita audiência foi o confronto do Brasil contra a França, pelas oitavas de final. “A partida bateu recorde de audiência: 59 milhões de telespectadores de todo o planeta, sendo que 35 milhões deles acompanharam o duelo no território nacional” (EL PAÍS, 2019).

As mídias alternativas pela internet foram importantes canais de divulgação do evento, difusão dos resultados e até exibição de lances das partidas e de falas das atletas. Os meios de comunicação afirmavam que “nunca antes na história do futebol o Mundial das mulheres foi tão divulgado e comentado” (EL PAÍS, 2019, s/p).

No Brasil, pela primeira vez, os jogos da seleção brasileira foram transmitidos em canal aberto pela Rede Globo. A Rede Bandeirantes, que exibe o Campeonato Brasileiro da categoria desde 2017, também transmitiu alguns jogos da Copa. “Muita gente só está descobrindo agora que existe uma Copa feminina”, afirma Juliana Cabral<sup>130</sup> para o jornal El País.

Além da ampliação da visibilidade da modalidade na mídia televisiva, uma grande conquista brasileira alcançada dentro do campo foi o título de maior artilheira de todas as Copas, tanto entre mulheres quanto homens, pela meia-atacante Marta<sup>131</sup>, que atingiu 17 gols. A jogadora chamou a atenção durante a Copa por vários motivos, como as jogadas que desencadeavam em gols, os gols e dribles realizados e as ações de questionamentos das relações de gênero. Uma dessas ações é evidenciada quando ela entrou em campo jogando o Mundial com uma chuteira sem patrocínio de marca esportiva. Segundo o site do Globo Esporte (2019), em vez de representar uma marca, a jogadora colocou o símbolo da campanha que pede igualdade de gênero.

A jogadora informou que estava sem contrato com qualquer empresa de material esportivo desde julho de 2018. E a cada gol marcado, ela apontava para o símbolo em seus pés. Questionada sobre a atitude, Marta respondeu à mídia:

---

<sup>130</sup> Juliana Ribeiro Cabral é ex-jogadora de futebol, ex-zagueira e capitã do Brasil no Mundial de 2003 e, atualmente, comentarista esportiva de futebol no canal ESPN Brasil.

<sup>131</sup> Marta Vieira já foi eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo pela FIFA e, com o título de artilheira, ultrapassa o alemão Miroslav Klose, autor de 16 gols.

O que foi proposto foi bem abaixo do que eu recebia, bem menos, menos da metade. A gente achou por bem não renovar. Muito abaixo do que a gente vê no futebol masculino. Resolvemos fazer isso então. Mais uma oportunidade de lutar pelos nossos direitos. Há uma diferença muito grande em relação a salários, e a gente tem que estar sempre lutando para provar que é capaz – disse a única atleta eleita seis vezes a melhor do mundo ao explicar seu gesto (GLOBO ESPORTE, 2019 – Entrevista com Marta Vieira).

Apesar da necessidade de atitudes assim para que o respeito e a justiça entre as relações de gênero sejam alcançados no futebol, foi possível identificar que as mulheres conquistaram rupturas no mercado publicitário durante o evento. A marca esportiva Nike criou uniformes com desenho específico para as atletas da seleção brasileira, com selo de estampa “Mulheres Guerreiras do Brasil”. Já a Adidas oportunizou uniformes exclusivos para as equipes que patrocina e igualou a premiação das mulheres à oferecida aos times de homens. A empresa brasileira de refrigerantes Guaraná Antarctica<sup>132</sup> lançou a campanha “É Coisa Nossa”. Além dessas, marcas e empresas como DMCARD<sup>133</sup>, Gol<sup>134</sup>, Lay’s<sup>135</sup>, Avon<sup>136</sup>, O Boticário<sup>137</sup> e Nestlé<sup>138</sup> aderiram ao movimento para explorar a imagem de jogadoras em campanhas. Segundo o site El País (2019), “O movimento no setor privado inspira entidades representativas de funcionários públicos a exigir flexibilização de horário em repartições municipais, estaduais e federais para acompanhar os jogos do Brasil”.

O jornal ressalta também movimentos culturais que acontecem durante o Mundial dos homens sendo reproduzidos pela primeira vez, como as ruas e as paredes pintadas, as bandeiras penduradas, os telões instalados por algumas cidades brasileiras. E cita o caso da Brasilândia, periferia da cidade de São Paulo, que contou com um grupo de artistas decorando os muros com grafites em homenagem às atletas.

---

<sup>132</sup> Após 18 anos patrocinando as seleções, com maior foco na imagem dos homens, a marca de refrigerante reconhece que utilizou poucas atletas em seus comerciais e cria propaganda de incentivo.

<sup>133</sup> DMCARD é uma administradora de Cartões de Crédito Ltda.

<sup>134</sup> Gol Linhas aéreas é uma empresa aérea.

<sup>135</sup> Lay’s é uma empresa de Batata Frita Lays Chips.

<sup>136</sup> Avon é uma empresa de Produtos de Beleza e Revenda de Cosméticos.

<sup>137</sup> O Boticário é uma empresa de cosméticos e perfumes brasileira.

<sup>138</sup> Nestlé S.A. é uma empresa transnacional suíça do setor de alimentos e bebidas.

Menciono esses exemplos e poderia contemplar outros para evidenciar o quanto são determinantes as ações implementadas pela FIFA para minimizar as desigualdades de gênero no futebol. Algumas delas reverberaram nas confederações continentais, como a CONMEBOL, que se viu pressionada a implementar iniciativas em prol do desenvolvimento do futebol de mulheres.

### **Confederação Sul-Americana de Futebol – CONMEBOL**

A Confederação Sul-Americana de Futebol é uma instituição esportiva internacional que organiza competições na América do Sul. Logo, a entidade atende a países como o Brasil por meio da organização de campeonatos, como a Copa Libertadores da América<sup>139</sup>, disputada por clubes, e a Copa América<sup>140</sup>, disputada por seleções. Por ser membro associado à FIFA, segue suas recomendações, visto que esta “desempenha um papel de orientar e guiar as propostas de desenvolvimento da CONMEBOL, mas reforça que cada confederação deve propor e implementar sua própria estratégia de desenvolvimento” (BARREIRA *et al.*, 2020, p. 34).

Souza Júnior (2013) afirma que, até o ano de 2013, a CONMEBOL se pautava na lógica de manter uma estrutura mínima para o desenvolvimento do futebol de mulheres, realizando a Copa Libertadores da América e os Campeonatos Sul-Americanos de seleções nas categorias estabelecidas pela FIFA (sub-17, sub-20 e adulta), além de iniciativas pouco expressivas para a modalidade, como a organização de cursos para a formação de árbitras.

Ao pesquisar os documentos que a entidade disponibiliza em seu site, identifiquei a ausência de informações sobre o futebol de mulheres nos anos que antecedem a 2016<sup>141</sup>. A referência mais antiga que encontrei sobre esse futebol é datada de 23 de abril de 2016. Trata-se de uma notícia sobre o trabalho desenvolvido pelo treinador Carlos Restrepo que, em sua entrevista, menciona: “Todos os países

---

<sup>139</sup> A Copa Libertadores da América foi criada em 2009, para servir como fase classificatória da Copa do Mundo de Clubes de Futebol Feminino da FIFA.

<sup>140</sup> A Copa América garante classificação na Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA.

<sup>141</sup> Os documentos mais antigos registram 2016 como o ano de criação.



precisam desenvolver em grande parte o futebol feminino [...] nós somos os encarregados de empurrá-lo. É um pilar do Desenvolvimento em qualquer Associação e Federação” (FIFA, 2016, s/p).

Sobre a ausência de documentos no site oficial da Confederação, Barreira *et al.* (2020, p. 38) sugerem que essa ausência “dá indicativos da importância dada pela confederação para a temática, assim como do comprometimento da organização com o desenvolvimento do esporte”. As autoras mencionam, ainda, que em documentos da FIFA “a CONMEBOL aparecia em 2014 com a menor quantidade de ligas de futebol de mulheres, de mulheres em cargos de gestão, de treinadoras e atletas registradas. Após esses resultados, a CONMEBOL se comprometeu em fomentar a prática” (p. 33). Ou seja, após a divulgação dos relatórios, pressões motivaram a promoção de iniciativas para atender a exigências da FIFA.

Ao iniciar a pesquisa no site da CONMEBOL<sup>142</sup>, foquei minha busca na publicação dos estatutos da entidade e os localizei, junto a outros documentos no *link* intitulado “Desenvolvimento”. Nesse espaço, foi possível acessar vários documentos que estão distribuídos em cinco subpáginas intituladas: “Regulamentos gerais”; “Regulamentos da Competição”; “Circulares”; “Manuais” e “Políticas”. Há também um espaço intitulado “Estatutos”, com documentos datados de 2016 a 2019. No Estatuto de 2016, identifiquei a seguinte decisão: “Fica regulada a representação da CONMEBOL no Conselho da FIFA e fixada a representação de uma mulher que integre o referido órgão. [...] Fica determinada a obrigação da presença de mulheres nos órgãos judiciais” (CONMEBOL, 2016, p. 10).

Esses eixos começam, teoricamente, a atender a critérios esperados da FIFA sobre a presença de mulheres em cargos de governança. No que respeita à organização de uma comissão de grupos de interesse do futebol, a entidade decreta que será necessária a ampliação do desenvolvimento do futebol como um todo, investindo em assuntos futebolísticos, incluindo futebol feminino, futsal e futebol de praia. Refere, ainda, a organização de um número maior de eventos “sobre desenvolvimento de métodos de treinamento das equipes de futebol, tanto a nível de futebol profissional como de futebol amador, futsal, futebol feminino e futebol de praia, em colaboração com as Associações afiliadas” (CONMEBOL, 2016, p. 59).

---

<sup>142</sup> Ver mais: <http://www.conmebol.com/es>.

Para se adequar às novas demandas, em 2016, “a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) também aprovou, no estatuto, mudanças para promover a igualdade de gênero” (ALMEIDA, 2019, p. 74). Dentro dos planos das duas entidades, figuram como prioritárias questões relativas ao *marketing*, a um comitê de futebol feminino e à estrutura das competições que são consideradas como pontos importantes de um plano de desenvolvimento com expectativas de resultados concretos em quatro anos. A palavra “gênero” aparece quatro vezes no documento e sempre associada à importância da manutenção da igualdade, conforme excerto abaixo:

Promover o futebol na América do Sul em um espírito de paz, compreensão e jogo limpo, garantindo que no âmbito do futebol não exista discriminação de um indivíduo ou grupo de pessoas por razões políticas, de gênero, religião, raça, origem étnica, nacionalidade ou qualquer outro motivo (CONMEBOL, 2016, p. 15).

Os Estatutos relativos aos anos de 2017 e 2019 abordaram o futebol de mulheres da mesma maneira, assegurando que a busca pela igualdade de gênero estava sendo trabalhada.

Entre outros documentos encontrados, o Regulamento de Licenciamento de Clubes, datado de 2017, merece aprofundamento porque trouxe uma mudança na estrutura do esporte. Foi determinado aos clubes de futebol da América do Sul o critério de ter e manter um time de mulheres se quiserem participar da Copa Libertadores da América. Prevendo um período de adaptação de dois anos, o Regulamento entrou em vigência em 2019:

O solicitante deverá ter uma equipe principal feminina ou associar-se a um clube que a tenha. Além disso, deverá ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou associar-se a um clube que a tenha. Em ambos os casos, o solicitante deverá providenciar suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para a disputa de jogos e treinamento) necessários para o desenvolvimento de ambas as equipes em condições adequadas. Finalmente, é exigido que ambas as equipes participem de competições nacionais e/ou regionais autorizadas pela respectiva Associação Membro (CONMEBOL, 2017, p. 40).

Esse critério envolveu vários clubes de camisa do futebol brasileiro que possuem tradição na Copa Libertadores, dentre eles, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, que foi o campeão da competição no ano de 2017 (GRÊMIO, 2017). O Sport Club Internacional, o outro clube que é objeto de estudos desta tese, também

foi atingido pela determinação, visto que disputou a Copa Libertadores da América em 2019. Essas observações sugerem que, dentro da hierarquia de poder político e econômico da CONMEBOL e das federações nacionais vinculadas, o licenciamento da entidade continental veio não só para as suas competições, mas também como modelo acionador das possíveis mudanças que a Confederação esperava incentivar nas ações das entidades filiadas, ou seja, as confederações de cada país sul-americano.

Analisando externamente o cenário após a publicação desse Estatuto e do Regulamento de Clubes, é possível notar que, no início de 2017, dos vinte clubes da série A de futebol de homens do Brasil, sete apresentavam departamentos de futebol de mulheres e, em 2018, esse número aumentou para doze<sup>143</sup>. Ou seja, a obrigatoriedade manifesta no Regulamento de clubes provocou o aumento de equipes de mulheres participantes em competições oficiais da CBF (GLOBOESPORTE, 2017).

Ainda no site da CONMEBOL, mais especificamente, no *link* “Estratégias”, me deparei com informações referentes ao que a entidade denomina de “Programa Evolução”, criado em 2017, com a seguinte informação:

[...] pela primeira vez na história da CONMEBOL (a Diretoria de Desenvolvimento) vem promovendo uma estratégia inclusiva que busca potencializar as capacidades de todos os jogadores de futebol sul-americanos, trabalhando no futuro das novas gerações, criando oportunidades, superando barreiras culturais para o desenvolvimento, crescimento e consolidação do Futebol de Base, Futebol Feminino, Futsal e Futebol de Praia em todas as comunidades da América do Sul (CONMEBOL, 2017).

As expectativas para o Programa Evolução estão centradas na distribuição de aportes financeiros da FIFA e da CONMEBOL pensadas para a “assistência financeira e técnica das Associações Membros, identificando suas necessidades, financiando e acompanhando projetos de treinamento, infraestrutura, competições, arbitragem, subvenções, governança e gestão” (CONMEBOL, 2017). Essa é uma

---

<sup>143</sup> São Paulo Futebol Clube, Sport Club Internacional, Clube de Regatas do Flamengo, Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, Sport Club Corinthians Paulista, Santos Futebol Clube, América Mineiro Futebol Clube, Vitória Futebol Clube, Clube de Regatas Vasco da Gama, Associação Chapecoense de Futebol, Ceará Sporting Clube e Sport Club do Recife.

das ações da CONMEBOL que aparece trazendo visibilidade e tem contribuído para o futebol de homens e mulheres de todas as idades.

Entre as informações gerais que a entidade divulga na internet, há destaque para as competições de mulheres que promove, nas quais apresenta dados que indicam o crescimento na participação e na popularidade. Segundo a Confederação, no ano de 2019, foram registradas mais de 20.000 jogadoras novas em todo o continente, assim como foram realizadas mais de 640 capacitações para árbitras e diretoras técnicas em todos os países associados. No mesmo ano, foi criada a Liga Sul-Americana Feminina Sub-19 pela Direção de Desenvolvimento, por meio do Programa Evolução e da Divisão de Futebol Feminino da FIFA, com objetivo de dar continuidade ao processo entre as competições das categorias Sub-17 e Sub-20, já existentes (CONMEBOL, 2019).

As mudanças efetivadas pela FIFA e pela CONMEBOL reverberaram nas instituições gestoras do futebol brasileiro cujos documentos publicados em seus sites indicam novos investimentos e estratégias de desenvolvimento do futebol de mulheres. Passo, então, a detalhar algumas ações projetadas e colocadas em ação pela Confederação Brasileira de Futebol e pela Federação Gaúcha de Futebol (FGF), entidade que organiza o futebol no Rio Grande do Sul, cenário este que me aprofundo no próximo estudo desta tese.

### **Confederação Brasileira de Futebol – CBF**

Com data de criação em 8 de junho de 1914, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) atualmente é presidida por Rogério Caboclo e faz parte das dez associações nacionais que compõem a CONMEBOL, possuindo representantes nos diversos órgãos da entidade internacional. No site da CONMEBOL, a CBF é referida como a “Terra do Futebol” além de ser destacada como um dos países que mais contribuiu para o desenvolvimento desse esporte. “Ele [O Brasil] ganhou tudo. Cinco Copas do Mundo, quatro Copas das Confederações, oito Copas da América [...] ele é uma potência incrível” (CONMEBOL, 2019, s/p). Essa descrição não difere se as conquistas foram entre homens e/ou mulheres, mas, considerando que o referente é o futebol deles, podemos supor que seja apenas as conquistas da seleção de

homens que são consideradas nesse anúncio, o que implica dizer que a menção à “Terra do Futebol” não agrega o futebol delas.

Em pesquisa no seu site referente aos estatutos da entidade, apenas o Estatuto de 2017 está disponível<sup>144</sup>, e nele não há nenhuma especificidade relacionada ao futebol de mulheres. A palavra gênero aparece apenas uma vez em seu Artigo 11, contemplando a seguinte redação:

A CBF não exercerá atividades político-partidárias nem religiosas, sendo terminantemente proibido qualquer tipo de discriminação ou preconceito por questões de gênero, raça, cor da pele, origem étnica, idioma, religião ou por qualquer outra razão que afronte a dignidade humana (CBF, 2017, p. 6).

Também são escassas as informações sobre a presença das mulheres no futebol, sobretudo dados históricos. Em pesquisa sobre a CBF e suas filiadas, Souza Júnior (2013) revelou que nas federações estaduais havia desorganização e descaso para com o futebol de mulheres, pois havia ausência de dados sobre as atletas, além de condições precárias para a realização de competições. Enfim, o autor não percebeu a existência de políticas que se alinhassem com os programas para o desenvolvimento proposto pela FIFA. “Os objetivos sugeridos pela entidade, como o monitoramento do desenvolvimento da modalidade e aperfeiçoamento da infraestrutura [...] parecem passar ao largo da organização do futebol feminino por essas entidades” (SOUZA JÚNIOR, 2013, p. 165). Na sua percepção, a CBF, a CONMEBOL e suas afiliadas mantinham até 2013 uma estrutura mínima funcionando.

Em 2014, ficou estabelecido pela FIFA que o futebol de mulheres no Brasil receberia investimento de 15% do fundo gerado a partir da Copa do Mundo de 2014 no Brasil (BRASIL, 2015). Esses recursos não apontavam só o início de mais investimentos para esse futebol, mas também o começo de uma nova fase para o futebol de mulheres no Brasil.

Logo, ações da FIFA e da CONMEBOL a partir de 2015, como já apresentadas, demandaram da CBF maior movimentação quanto ao direcionamento de mudanças no futebol de mulheres, em especial, da sua presença em clubes. Em

---

<sup>144</sup> Ver mais: [www.cbf.com.br/](http://www.cbf.com.br/).

entrevista para a presente pesquisa, no dia 27 de fevereiro de 2018, a então gerente de desenvolvimento do futebol feminino da CBF, Valesca Araújo<sup>145</sup>, relata a presença de exigências da FIFA quanto à mobilização da CBF em prol desse futebol:

A FIFA exigia... essa campanha muito forte, da introdução da mulher, de aumentar os espaços com mulheres no futebol, não especificamente no feminino, mas acaba sendo que o feminino é o que ainda está muito em aberto, os cargos estão muito em aberto, acaba tendo mais espaço para a gente começar atuar nesse meio (ARAÚJO, Valesca, 2018, p. 2).

Segundo o Ministério do Esporte (2015), em janeiro de 2015, a FIFA, na figura do secretário-geral Jérôme Valcke, visitou o Brasil trazendo para a exibição a taça da Copa do Mundo de Futebol Feminino que seria disputada entre junho e julho de 2015, no Canadá. A taça que já havia circulado por países como Espanha, China, EUA e Alemanha foi exposta na Federação Paulista de Futebol, na cidade de São Paulo no dia 21 de janeiro de 2015 com objetivo de promover a modalidade e depois seguiu para outros países classificados para o Mundial.

Foi em 2015 que a CBF decidiu criar a Seleção Permanente, ação já existente nos EUA. A proposta envolvia a contratação de um grupo de jogadoras, recebendo salários da entidade e treinando de maneira contínua e exclusiva para a Seleção até os Jogos Olímpicos de 2016 (CBF, 2015). A Seleção Permanente foi criada no dia 26 de janeiro de 2015 e o projeto foi implementado inicialmente no Centro de Treinamento da CBF, a Granja Comary, situado na cidade de Teresópolis-RJ. Contou com a presença de 27 atletas sob o comando do técnico Oswaldo Fumeiro Alvarez (Vadão). Emily Lima, que no período era técnica do São José Esporte Clube, ao avaliar a criação da Seleção Permanente, se manifestou contra essa ação:

Eles deveriam ter pensado um pouco mais nisso. [...] é positivo para a seleção brasileira? Se caso nós conseguíssemos ganhar Mundial e Olimpíadas, que é o ideal que aconteça, pode ser, mas caso não venham os títulos, fracassou tanto o projeto com a seleção permanente quanto o desenvolvimento do futebol feminino nesses dois anos que os clubes ficaram sem atletas de seleção (LIMA, 2015, s/p).

A seleção consumiu parte dos investimentos da CBF, que pretendia ter êxito nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Ganhar a competição no próprio país nutria

---

<sup>145</sup> Atualmente, Valesca Araújo atua como Coordenadora da Escola de Futebol Feminino da CBF.

um de seus objetivos. No entanto, a conquista desse título não aconteceu, assim como, durante a sua existência, os resultados não foram tão exitosos quanto esperados, o que levou à extinção ao fim dessa competição. No período de sua existência, a seleção conquistou os Jogos Pan-Americano no Canadá, em 2015, ao vencer a Colômbia; na Copa do Mundo de 2015, também realizada no Canadá, foi eliminada pela Austrália nas oitavas de final; e alçou a quarta colocação nos Jogos Olímpicos de 2016. Além disso, houve atrasos nos salários e os clubes reclamavam dos desfalques de jogadoras em competições nacionais por estarem representando a seleção (DIBRADORAS, 2019).

Após o encerramento da Seleção Permanente por decisão da própria CBF, o Governo Federal lançou o Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (ProFut) por meio da Lei 13.155, com o objetivo de melhorar a gestão financeira dos clubes brasileiros, alterando o Estatuto do Torcedor. Ao favorecer os clubes a quitarem suas dívidas com o Governo, como contrapartida havia algumas exigências, sendo uma delas a necessidade de os clubes que aderissem ao programa ter um investimento mínimo no futebol de mulheres (BRASIL, 2015). Entendo que o ProFut marcou o início de uma série de ações propostas pela CBF, federações e clubes que modificaram a história do futebol de mulheres no Brasil, conferindo-lhe mais visibilidade, circularidade e oportunidades.

Consoante às determinações da FIFA e da CONMEBOL, a CBF inseriu o futebol de mulheres como uma das condições para o Licenciamento de Clubes, que se caracteriza como um sistema criado para a adoção de melhores práticas de gestão e transparência. A criação desse sistema foi comemorada por observadores do futebol brasileiro, ainda que fossem ressaltadas algumas fragilidades, como a falta de um calendário esportivo para a organização das atividades do futebol desde as esferas locais à nacional e a especificação dos métodos de aplicação e fiscalização das exigências da entidade para com os clubes (TRIVELA, 2017).

A aplicação do Licenciamento foi planejada para acontecer de modo gradativo, com início em 2018 para os clubes que disputam a Série A do campeonato nacional de homens, e em 2019 para os da Série B (TRIVELA, 2017). Um dos cinco critérios esportivos presentes no documento refere-se à obrigatoriedade da manutenção de um time de mulheres, além de categorias de base feminina, ou ainda

o estabelecimento de parceria com uma equipe já existente, conforme identificado na redação do documento:

O Clube requerente deverá contar com uma equipe principal feminina ou manter acordo de parceria ou associação com um clube que mantenha uma equipe feminina principal estruturada, da melhor forma que puder desenvolver o esporte. [...] o Clube Requerente idealmente proverá as condições necessárias para o desenvolvimento adequado de referida equipe principal feminina, como, por exemplo, suporte técnico, equipamentos e infraestrutura (campo para treinamento e disputa das partidas oficiais etc.). [...] deverá demonstrar que a equipe principal feminina efetivamente disputa competições oficiais autorizadas pela CBF ou por Federações estaduais (CBF, 2017, p. 22).

O Licenciamento de Clubes emerge um ano depois do encerramento da Copa do Brasil<sup>146</sup> e do lançamento do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, com a formação de duas divisões, composta por 16 times em cada<sup>147</sup>. Sobre essa reestruturação dos campeonatos, Valesca Araújo falou:

Inicialmente, eu fui contra e depois com os resultados do Campeonato Brasileiro, eu vi que na verdade, acabou sendo positivo. (...) Quando se tornou duas divisões, o dinheiro que ia para a Copa do Brasil veio para terminar de pagar esse acréscimo de doze equipes. (...) Quando se pensou nessa troca do Brasileiro, era para se ter uma competição durando de seis a oito meses e não três meses e meio, como foi ano passado. Passaria de 20 clubes para 32, que agregaria esses clubes menores que teria uma estrutura mais eficaz, mais eficiente no caso, que realmente tivessem um clube que mantivessem as atletas. E aqueles clubes catados que a gente brinca, realmente não sobreviveriam porque, na verdade, é um clube feito das meninas que jogam a pelada, que vem, que se reúnem e vão para um campeonato que custa. Então, a ideia inicial era fazer um Campeonato Brasileiro mais consistente, com duas divisões para dar chance de subir e de descer, ter esse movimento todo com uma duração muito maior (ARAÚJO, Valesca, 2018, p. 4).

Valesca menciona que a primeira edição do Campeonato Brasileiro reestruturado aconteceu em 2017 e contou com 16 clubes<sup>148</sup> participantes no nível

---

<sup>146</sup> Primeira competição organizada pela CBF. Foi realizada anualmente de 2007 a 2016.

<sup>147</sup> No dia 1º de novembro de 2016, foi anunciada pelo site do CBF a organização do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino em duas séries.

<sup>148</sup> Grêmio Osasco Audax, Sport Club Corinthians Paulista, Associação Ferroviária de Esportes, Clube de Regatas do Flamengo, Foz Cataratas Futebol Clube, Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, Esporte Clube Iranduba da Amazônia, Associação Esportiva Kindermann, Associação Atlética Ponte Preta, Rio Preto Esporte Clube, Santos Futebol Clube, São Francisco do Conde Esporte Clube, São José Esporte Clube, Sport Club do Recife, Esporte Clube Vitória e Associação Aadêmica e Desportiva Vitória das Tabocas.



da chamada Série A1, sendo vencido pelo Santos Futebol Clube. A seleção dos 16 clubes participantes ocorreu seguindo as primeiras posições do *ranking* de campeões da extinta Copa do Brasil e as seis primeiras posições da classificação do Campeonato Brasileiro de Futebol de homens no ano de 2016. A CBF defendeu este segundo fator porque o entendeu como benéfico, tendo em vista que esses clubes já possuíam estruturas para receber as jogadoras. Porém, esse argumento foi contestado, sobretudo pelos clubes que investiam no futebol de mulheres há anos e foram desfavorecidos por esse critério.

Na série A2, a competição também contou com 16 clubes participantes<sup>149</sup> e foi vencida pelo Pinheirense Esporte Clube que, junto ao vice-campeão, a Associação Portuguesa de Desportos, conquistou o acesso para disputar a Série A1 de 2018.

A fala da gerente deixa evidente a busca por mais qualidade profissional na competição, realizando uma seleção estrutural entre as jogadoras que alcançam vagas nos clubes com boas estruturas, e pela manutenção de equipes e jogadoras que encontram espaços para os seus futebóis em clubes com pouco ou nenhum investimento na modalidade, servindo como um identificador de diferenciação e ruptura entre o futebol de mulheres amador e um futebol profissional possível.

Segundo o Secretário Geral da CBF, Walter Feldman, em relatório de Gestão referente ao ano de 2017, a melhor interação com os organismos internacionais proporcionou a liberação de recursos da FIFA e da CONMEBOL, como o fundo de legado da Copa do Mundo FIFA 2014, do Programa FIFA *Forward*<sup>150</sup> e do Programa *Evolución*. “O legado da Copa, por exemplo, prevê investimentos para desenvolver o futebol de base e o futebol feminino, bem como construir centros de treinamento nos 15 estados brasileiros que não sediaram partidas no Mundial de 2014” (CBF, 2017, p. 8). Logo, a entrada de recursos via o legado da Copa demandou da CBF ações direcionadas para o futebol de mulheres, sendo o Campeonato Brasileiro uma

---

<sup>149</sup> Aliança Futebol Clube, América Futebol Clube, Botafogo Futebol Clube, Caucaia Esporte Clube, CRESSPOM, Duque de Caxias Futebol Clube, JV Lideral Futebol Clube, Mixto Esporte Clube, Clube Náutico Capibaribe, Pinheirense Esporte Clube, Associação Portuguesa de Desportos, Sociedade Esportiva Tiradentes, Tuna Luso Brasileira, União Desportiva Alagoana e Esporte Clube Viana.

<sup>150</sup> Programa de Desenvolvimento de Futebol da FIFA com objetivo de melhorar a maneira como a FIFA desenvolve e apoia o futebol em todo o mundo, seguindo três princípios: mais investimento, mais impacto e mais supervisão.

das iniciativas nas quais a entidade aportou recursos. Segundo Valesca Araújo, a extinção da Copa do Brasil e a criação do Campeonato Brasileiro com duas séries

[...] foi uma aposta, eu inicialmente fui contra, mas assim, pelo movimento que gerou, acho que acabou sendo muito positivo, a qualidade do Brasileiro muito aquém do que a gente queria, do que as meninas merecem, mas já foi algo melhor do que era. Bem ou mal, a gente tem uma competição um pouco consolidada, melhorando, em vias de melhorar ainda mais em questão de produtos, em questão do que oferece de serviços assim oferecidos para os clubes e a ideia agora é focar um pouco na base, ter pelo menos uma competição de base (ARAÚJO, 2018, p. 4).

A destituição de uma competição nacional, que faz parte da história da modalidade, para o investimento de um novo modelo de competição nacional provocou reações. Segundo Silvana Goellner (2020):

A extinção da Copa do Brasil trouxe sérios danos a várias equipes que investem na modalidade. Quatorze clubes que disputaram a Copa do Brasil em 2016 ficaram sem competição no ano de 2017. O modo como o Campeonato Brasileiro foi estruturado fez com que dez estados ficassem sem representantes nos campeonatos nacionais de 2017. Além disso, nove equipes que venceram os campeonatos estaduais não tiveram oportunidades de participar de competições nacionais, o que implica na falta de sistematicidade para que as atletas se desenvolvam e qualifiquem suas performances técnica, tática e física (GOELLNER, 2020, s/p).

A exigência de iniciativas com relação ao futebol de mulheres presentes no Licenciamento dos Clubes na CBF aconteceu em decorrências das determinações da FIFA e da CONMEBOL, como já mencionado. No entanto, vale dizer que a relação entre essas entidades ainda não possibilitou a emergência de uma política consistente voltada para o desenvolvimento do futebol de mulheres de modo estruturado e consolidado. Segundo a Gerente de Desenvolvimento do Futebol,

[...] a relação com a Conmebol é só no que diz respeito a competições, especificamente falando de feminino. [...] Isso é mais pontual, não se tratando especificamente do feminino, tem secretarias gerais que conversam, isso FIFA e Conmebol, para os diversos assuntos, as determinações da FIFA, as determinações da Conmebol, chegam tudo por uma secretaria geral e de lá é distribuído para a área pertinente. E existe uma área de desenvolvimento, que é também o apelido dela lá na CBF, é CBF Social, essa área tem uma interface maior com a Conmebol que é de onde vem a verba (ARAÚJO, 2018, p. 6).

Para entender melhor a relação entre a confederação continental e a nacional, busquei informações sobre projetos desenvolvidos em parceria e identifiquei alguns

eventos. Um deles aconteceu em fevereiro de 2017, quando a coordenadora de Desenvolvimento de Futebol Feminino da CONMEBOL, Lorena Soto, se reuniu com representantes da CBF para apresentar seus projetos de desenvolvimento do futebol feminino nos anos que se seguiriam, com ênfase na ordem nacional e da América do Sul nas categorias sub-14 e sub-16 (CONMEBOL, 2017).

Outro acontecimento que contou com a participação da CONMEBOL foi o evento promovido pela CBF intitulado “Somos Futebol – Semana de Evolução do Futebol Brasileiro”, no qual foram discutidas algumas possibilidades para fomentar o futebol no Brasil<sup>151</sup> (CBF, 2017). Esses exemplos servem para noticiar que há algumas ações implementadas em conjunto, no entanto, é a realização das competições profissionais que fundamenta essa relação institucional.

Outro acontecimento importante de ser assinalado e que se relaciona com as indicações da FIFA refere-se à contratação da primeira mulher para assumir o comando da seleção principal. Depois de quase 30 anos de existência (a primeira convocação da seleção foi em 1988), no dia 1º de novembro de 2016, a CBF anunciou Emily Lima<sup>152</sup> como detentora do cargo. Tal decisão estava alinhada com a proposição política que começava a figurar nos documentos produzidos pelos donos da bola, o que foi muito bem recebido pela imprensa nacional.

Um dia histórico para o futebol feminino brasileiro! Pela primeira vez, a seleção feminina de futebol será comandada por uma mulher. [...] Com Emily Lima, o Brasil faz o que fez outras nações há alguns anos: colocar mulheres à frente das seleções femininas. Países como Estados Unidos, Alemanha e Suécia já eram comandadas por mulheres e, coincidência ou não, os resultados foram muito positivos (FUTEBOL GOIANO, 2016, s/p).

Daria pra imaginar que sendo uma seleção feminina, nada mais justo que ter uma técnica mulher, mas desde sua estreia, em julho de 1986, a “maior autoridade” na seleção feminina de futebol ainda era masculina. [...] Mais do que uma mulher à frente da seleção principal do esporte, a seleção brasileira que veremos em 2017 é uma corrente de poder feminino que promete conquistar o mundo (VALKIRIAS, 2017, s/p).

---

<sup>151</sup> O evento contou também com a presença de Omar Ongaro (Diretor de Regulamentação do Futebol FIFA), Kimberly Morris (Head de Integridade e Compliance FIFA TMS), Emily Shaw (Head de Governança e Liderança do Futebol Feminino FIFA), Catalina Navarro (Head de Operações Comerciais UEFA Events), entre outros integrantes (CBF, 2017).

<sup>152</sup> Emily Alves da Cunha Lima foi jogadora de futebol, se naturalizou portuguesa e jogou pela Seleção Portuguesa de Futebol Feminino; recebeu convite para atuar com a Seleção Brasileira de futebol feminino sub-15 e sub-17, foi técnica de Clubes brasileiros como o Esporte Clube São José, técnica da Seleção Brasileira de Futebol Feminino em 2017 e hoje é técnica do Santos Futebol Clube.

Tão logo Emily assumiu a seleção já disputou o Torneio Internacional<sup>153</sup>, em Manaus-AM, que teve a participação de Costa Rica, Itália e Rússia, e cuja transmissão pelo canal da CBF<sup>154</sup> alcançou 2 milhões de espectadores. A atuação de Emily fez-se também fora dos campos e ela envolveu-se em outras atividades promovidas pela CBF: participou de um encontro dos técnicos das seleções brasileiras<sup>155</sup>, de seminários sobre futebol feminino<sup>156</sup> e palestras.

Em consonância com a política da CONMEBOL, que em 2017 organizou a Primeira Liga de Desenvolvimento de Futebol Feminino como parte do Programa Evolução, a CBF organizou, em outubro de 2017, na Granja Comary, o Torneio de Desenvolvimento de Futebol envolvendo “competições de três categorias: feminina sub-14 e sub-16 e masculina sub-13, cada uma com oito equipes, indicadas pelas federações estaduais” (CBF, 2017, s/p).

O planejamento de Emily aliava o calendário adulto com o das categorias de base, e a treinadora e sua comissão técnica visitou vários clubes em todas as regiões do país para levantar dados e observar jogadoras de base. A treinadora fez convocações e empreendeu etapas de treinamentos da seleção principal, algumas delas realizadas somente com jogadoras que atuavam pelo Brasil (ESPN, 2017). Emily também acompanhou campeonatos estaduais e nacionais e alcançou o número de sete vitórias consecutivas em amistosos com a seleção (CBF, 2017).

Uma mudança estrutural parecia estar mais evidente não só na seleção brasileira. Segundo uma pesquisa divulgada pelo Superesportes a partir de dados coletados pelo *Ranking* Nacional de Clubes que mantinham equipes de mulheres no ano de 2017, dos 61 times em atividade, 53 eram treinados por homens e oito eram por mulheres: Gleice Costa (Botafogo Futebol Clube - PB), Romilda Campos (Esporte Clube Comercial - MS), Socorro Siqueira (Assermurb Futebol Clube - AC), Fernanda Ribeiro (Estrela Real Futebol Clube - TO), Patrícia Gusmão (Grêmio

---

<sup>153</sup> A competição era realizada anualmente de 2009 até 2016, pela CBF e parcerias.

<sup>154</sup> A CBF TV exibiu os quatro jogos da seleção brasileira durante o Torneio e, com as transmissões, chegou a uma audiência total de 2 milhões de pessoas (CBF, 2017).

<sup>155</sup> Esse encontro aconteceu na CBF, no dia 12 de janeiro de 2017, com representantes das Seleções Brasileiras Masculina, Feminina, de Futsal e de *Beach Soccer*, no qual os técnicos de cada equipe conversaram sobre o uso da tecnologia através dos sistemas de monitoramento da análise de desempenho e a utilidade da ferramenta para o esporte.

<sup>156</sup> A Federação de Futebol do Rio de Janeiro (FERJ) realizou no dia 22 de julho de 2017 o 1º Seminário Internacional de Futebol Feminino. O evento contou com a presença do secretário-geral da CBF, Walter Feldman, e da gerente de Desenvolvimento de Futebol Feminino da CBF, Valesca Araújo (CBF, 2017).

F.P.A. - RS), Kethleen Najara (Ipatinga Futebol Clube - MG), Vanderleia Silva (Monamy Futebol Clube - RN) e Aline da Costa (Pinheirense Esporte Clube - PA).

Entre os 20 clubes da série A1 e A2 de 2017, havia 90 diretores não remunerados responsáveis por conduzir o futebol profissional e nenhuma mulher. Segundo o estudo, dos 243 árbitros principais elencados no quadro FIFA, somente 17 eram mulheres. Quando relacionado ao contexto brasileiro, o quadro nominava 20 homens e 8 mulheres, sendo 4 árbitras centrais e 4 assistentes.

Na Série A1 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino disputado em 2017, dentre os 13 clubes, apenas três eram treinados por mulheres: Michele Kanitz (Associação Ferroviária de Esportes - SP), Ana Lucia Gonçalves (Associação Atlético Ponte Preta - SP) e Patrícia Gusmão (Grêmio F.P.A - RS). O mesmo quantitativo figurou na Série A2, que teve 10 treinadores e 3 treinadoras: Gleide Maria Costa (Botafogo Futebol Clube - PB), Eliatriz Almeida (Caucaia Esporte Clube - CE) e Aline da Costa (Pinheirense Esporte Clube - PA). Segundo Ludmila Mourão e Mariana Novais (2020), a decisão da CBF de acabar com a Copa do Brasil e promover o Campeonato Brasileiro com duas divisões, além de atingir diretamente equipes que tinham tradição no futebol de mulheres, contribuiu para um descenso no número de treinadoras e auxiliares, cujo percentual atingiu apenas 5,76%. Para as autoras, essa nova configuração dos campeonatos nacionais oficiais “caminhou na contramão das oportunidades e do incentivo às treinadoras e à modalidade (p. 172).

A entrada tardia de uma mulher no comando da seleção brasileira e a pouca inserção de treinadoras em equipes que disputavam o principal campeonato nacional já dava sinais de que a equidade de gênero proclamada pelos donos da bola ainda dava passos muito pequenos e que o processo seria longo e pleno de desafios.

O primeiro deles apareceu 10 meses depois da celebrada contratação de Emily. Justificando queda nos resultados da seleção, a CBF a demitiu e de imediato trouxe de volta o ex-técnico Vadão, cuja campanha junto à Seleção Permanente havia sido muito aquém do esperado, inclusive pelo investimento que havia sido realizado. No período em que Emily esteve no cargo, obteve 7 vitórias, 5 derrotas e 1 empate sem ter participado de nenhum torneio oficial nem ter perdido para seleções com *ranking* FIFA menor que o da seleção. Emily optou por enfrentar seleções como parte de seu planejamento.

Em entrevista ao portal Valkirias, a ex-técnica expressa essa intenção ao declarar que “2017 será um ano de muitos testes para a seleção que vai precisar se basear em torneios e amistosos, cujo principal objetivo é trazer grandes times para que as garotas treinem juntas contra equipes maiores e desafiadoras” (VALKIRIAS, 2017, s/p).

Pelo que foi publicado na imprensa, foram exatamente os resultados que demandaram sua demissão, ainda que dos 13 jogos disputados tenha sofrido apenas 5 derrotas. Vale ressaltar que a CBF não emitiu nenhuma nota informando os motivos do desligamento. Sobre esse assunto, Valesca Araújo cometa:

Eu não tenho a resposta da casa. Eu tenho o que eu vi e eu tenho uma resposta do que eu ouvi. O que eu ouvi foi questão de resultado, não é que não chegou e que não se podia fazer algo. Eles não quiseram, a casa não quis arriscar não classificar para a Copa América, que a Copa América classifica para Jogos Olímpicos, Pan-Americano e Mundial. Se a gente for campeão da Copa América a gente está garantido, porque são mais três anos de trabalho (ARAÚJO, 2018, p. 7).

Já as atletas reagiram quando perceberam o movimento que poderia desencadear a saída da treinadora e escreveram uma carta<sup>90</sup> endereçada à Marco Polo Del Nero, presidente da CBF, no dia 19 de setembro, solicitando a permanência da treinadora por entender:

[...] que essa comissão seja a mais bem preparada desse novo ciclo. Sabemos que os últimos resultados não foram os esperados, mas devemos levar em consideração o tempo hábil para se trabalhar, as seleções que foram enfrentadas, e principalmente a mudança de conceito em relação a treinamentos e jogos para resgatar novamente o futebol brasileiro, que foi se perdendo ao longo dos anos. Entendemos que isso demanda tempo, e estamos cientes de que hoje é feito um trabalho de excelência, que gerarão bons frutos a médio prazo (GOELLNER, 2020, s/p).

Diante da recusa do pedido, algumas atletas sentiram o acontecimento como estopim de suas frustrações profissionais e anunciaram publicamente seu desligamento da seleção. Cristiane Rozeira de Souza Silva, Rosana dos Santos Augusto, Andreia Rosa, Maurine Dorneles Gonçalves e Francielle Manoel Alberto, por meio da rede social Instagram, anunciaram seu lamento e pediam desculpas pela despedida precipitada da seleção por não aguentarem mais injustiças. Esses atos repercutiram na imprensa nacional e internacional, assim como outra carta que havia sido produzida imediatamente após o anúncio da demissão de Emily. Assinada por

oito jogadoras e ex-jogadoras da seleção<sup>157</sup>, o documento intitulou-se “Lendas brasileiras apelam à reforma”, cujo conteúdo indicava o precário tratamento da entidade para com as mulheres. Juliana Cabral, uma das signatárias da carta<sup>158</sup> e comentarista do canal ESPN, assim se referiu a esse movimento:

Nós convidamos a CBF a trazer reformas de igualdade de gênero para o Brasil. No ano passado, a FIFA fez grandes reformas, como a inclusão obrigatória de mulheres em seu próprio Conselho, e a adição de mulheres em todos os níveis de administração do futebol. [...] A CBF ainda não tem nenhuma mulher no seu conselho de administração. Não há quase nenhuma mulher na sua assembleia legislativa e administração sênior. Não há nenhum caminho relevante para ex-jogadoras entrarem na CBF e ajudarem a gerir o próprio jogo delas. [...] os eventos da última semana – onde as vozes das jogadoras foram ignoradas, e algumas agora estão se aposentando em protesto – são o resultado de um longo histórico de portas fechadas [...] (CABRAL, 2017, s/p).

Além dessa carta, as jogadoras que a assinaram produziram junto à professora Silvana Goellner outro documento<sup>159</sup> no qual apresentaram sugestões de encaminhamento para alguns dos problemas que identificavam na condução do futebol de mulheres por parte da entidade. Intitulado “Proposições para o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil”, o documento mencionava questões afetas à governança – incluindo mulheres em todos os níveis de tomada de decisão – à construção de um caminho inclusivo para as mulheres praticarem o esporte durante toda a vida e à criação de um Comitê de Futebol Feminino com poderes para construir a estrutura acerca de como o futebol feminino surge e como as ações deviriam ser desenvolvidas, organizadas e gerenciadas no Brasil (CABRAL, 2017).

Esse documento foi apresentado ao Presidente da CBF em reunião com sua equipe diretiva realizada nas sedes da entidade, no Rio de Janeiro, no dia 17 de novembro de 2017, na qual foi criado um novo grupo de trabalho. Oficializado por meio da Portaria Pre nº 15, de 28 de novembro de 2017, o Grupo de Trabalho para

---

<sup>157</sup> Sisleide Lima do Amor (Sissi), Márcia Tafarel, Miraildes Maciel Motta (Formiga), Cristiane Rozeira (Cris), Juliana Ribeiro Cabral, Francielle Manoel Alberto (Fran), Rosana dos Santos Augusto e Andreia Rosa de Andrade.

<sup>158</sup> A carta pode ser acessada no texto escrito por Silvana Goellner para o Portal Ludopédio. Está disponível em <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/nos-convidamos-a-cbf-a-trazer-reformas-de-igualdade-de-genero-para-o-brasil/> Acesso em: 20.12.2020.

<sup>159</sup> O documento pode ser acessado no texto escrito por Silvana Goellner para o Portal Ludopédio. Está disponível em <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/nos-convidamos-a-cbf-a-trazer-reformas-de-igualdade-de-genero-para-o-brasil/> Acesso em: 20.12.2020.

o Desenvolvimento do Futebol Feminino<sup>160</sup> tinha como “principal atribuição analisar a realidade do futebol feminino no Brasil e sugerir ações de melhoria e fortalecimento da modalidade no país”, com sua conclusão prevista para o dia 31 de janeiro de 2018. Procurada pela jornalista Gabriela Moreira da ESPN, a CBF não quis se manifestar publicamente sobre o tema (MOREIRA, 2017). Sobre o a criação do Comitê e sua função, a gerente de desenvolvimento, Valesca Araújo revela:

[...] foi uma decisão no ímpeto: “ah não, vamos fazer um grupo aqui para conversar” [...] seria interessantíssimo se este grupo tivesse as pessoas de tomada de decisão lá, que foi o que aconteceu na primeira reunião. Estavam os diretores, então, elas perguntavam, diretor financeiro respondia. Perguntavam, o diretor de competições respondia. E elas tinham a resposta que queriam ou não, mas elas tinham uma resposta. A hora que passaram para mim, que eu tenho que ficar perguntando para as outras pessoas, essa comunicação ficou mais difícil e demorada. O que eu pude responder, eu respondi. O que era da minha alçada, eu respondi. Mas não era isso que elas queriam saber, a expectativa delas... E eu não acho que estavam erradas em momento algum, [...] Falei assim: “eu concordo com vocês em tudo que vocês estão pedindo, estou aqui há três anos tentando implantar”. E ela respondeu: “pois é, a gente está esperando há trinta”. Concordo também que o sistema é lento, que a coisa começou a mudar “há muito pouco tempo” (ARAÚJO, 2018, p. 27).

A equidade de gênero na CBF ainda está longe de ser alcançada, mas outras iniciativas vêm sendo implementadas, sobretudo, na gestão de Rogério Caboclo que assumiu o cargo em abril de 2019. Destaco a presença de mulheres nas comissões técnicas que hoje estão à frente das seleções femininas, a saber: Pia Sunthage, Lilie Persson e Beatriz Vaz e Silva na principal, Jéssica Lima na Sub-20, Simone Jatobá, Lindsay Camila Teles e Marisa Wahlbrink (Maravilha) na Sub-17. Essa inserção atende a um dos pilares propostos no *FIFA 2.0: The Vision for the Future* e está relacionada com a governança e com a ampliação da presença de mulheres nos cargos técnicos e de gestão. Ainda assim, ter mulheres não significa que elas tenham voz ativa dentro de uma instituição regida pelos donos da bola. Com relação a esse tema, houve muitas críticas por parte da mídia, de ativistas e de pesquisadores/as em relação à longa presença de Marco Aurélio Cunha como coordenador das Seleções Brasileiras Femininas, uma vez que ele não tinha experiência no futebol de mulheres.

---

<sup>160</sup> O grupo foi composto por Valesca Araújo (coordenadora), Cristiane Rozeira, Juliana Cabral, Dilma Mendes, Márcia Tafarel, Miraildes Motta (Formiga) e Sisleide do Amor (Sissi).



Marco Aurélio atuava na gestão do futebol de homens, com passagens por clubes como o Santos e o São Paulo (DIBRADORAS, 2019) quando foi convidado por Marco Polo del Nero para assumir o cargo em 2015, no qual permaneceu até junho de 2020. Em matéria publicada no UOL, intitulada “Por que a saída de Marco Aurélio Cunha da CBF foi comemorada – e necessária”, Renata Mendonça elenca alguns pontos positivos e negativos de sua gestão e destaca alguns dos motivos pelos quais “ele não era mais o nome certo para ocupar uma função tão importante para o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil” (2020, s/p): foi possível perceber em Marco Aurélio a falta conhecimento sobre o futebol feminino, as decisões técnicas injustificáveis, algumas melhorias das estruturas, mas pouco desenvolvimento da modalidade. Segundo a jornalista:

Na CBF, nós temos uma gestão que desconhece os principais problemas da modalidade e tomou poucas atitudes para resolvê-los – a maioria das ações que tivemos até aqui foram muito mais uma consequência das exigências da Fifa e Conmebol (como a obrigatoriedade dos clubes masculinos de investirem no feminino) do que uma iniciativa da CBF (MENDONÇA, 2020, s/p).

Valesca Araújo, em entrevista concedida no ano de 2018, menciona que sua voz e de outras mulheres eram pouco ouvidas na entidade quando o assunto era o futebol de mulheres:

[...] falta muito interesse das pessoas, das diretorias, das pessoas, tipo de tomar aquele tempo e falar: “o que a gente pode fazer? Vamos trazer pessoas para desenvolver, vamos focar nisso, vamos fazer”. Esse interesse realmente falta, que é o que às vezes as atletas reclamam, que é o que as atletas atuais cobram, falta um pouco de querer mesmo assim. Tem eu, tem a Bia Vaz<sup>4</sup> agora que está aqui e a gente está super disponível para operar. Só que não adianta pegar aquele curso que você me ouviu falar se não vamos fazer. Eu faço, na hora que disserem: “você pode fazer!” Mas eu não posso simplesmente sair fazendo sem autorização. Infelizmente, a minha posição hoje não é de que eu tomo a decisão do que vai ser feito ou não. E aí, nesse ponto falta... Você me pergunta o que a CBF acha? Ela acha que falta dinheiro, eu acho que falta iniciativa porque a partir do momento que você tem uma área de *marketing*, você tem uma área de desenvolvimento, você tem uma área de competição, se as três sentarem junto a gente cria um produto que é interessante para o *marketing* vender e trazer o dinheiro (ARAÚJO, 2018, p. 26).

---

<sup>4</sup> Beatriz Vaz e Silva, integrante da comissão técnica da seleção principal.

A falta de intencionalidade política foi assinalada pela então gerente do futebol feminino, cujo cargo técnico não tem autonomia para colocar em ação projetos de desenvolvimento. A questão financeira parece pautar as justificativas para o lento processo de estruturação da modalidade, mesmo que o fundo do legado da Copa do Mundo de 2014 destinasse aproximadamente 100 milhões de dólares à CBF, conforme anunciado pelo Secretário Geral da FIFA, Jérôme Valcke em evento realizado no Brasil seis meses depois de ter finalizado a competição. Na ocasião, o diretor de Infraestrutura da CBF, Oswaldo Gentile, anunciou a destinação da verba: “As prioridades serão o desenvolvimento do futebol feminino e juvenil, mas buscaremos o legado social, que visa ao desenvolvimento do cidadão, incluindo também a família e a comunidade” (BRASIL, 2015, s/p).

Analisar a aplicação desses recursos não é o objetivo deste estudo, no entanto, é necessário mencionar que a FIFA destinou recursos para que a CBF implementasse iniciativas voltadas para o desenvolvimento do futebol de mulheres visando a minimizar desigualdades de gênero presentes. Se estas tardaram não foi apenas por uma questão financeira, como explicita Valesca Araújo:

O dia que o presidente acordar e resolver que agora o futebol feminino é prioridade, nesse dia vai mudar. Ou o presidente, ou alguém que fale: “não, agora eu quero isso, eu vou mudar essa situação”. É questão muito mais de querer, de interesse, do que de poder e não poder, porque CBF tem esse poder. [...] Solução tem, o que falta, além do financeiro atual, é essa vontade (ARAÚJO, 2018, p. 26).

Nesse sentido, o ano de 2020 tem assinalado avanços. No início do ano, a CBF contratou Aline Pellegrino<sup>161</sup> para o cargo de coordenadora de competições da CBF e Eduarda Marranghello Luizelli<sup>162</sup> (Duda) para o cargo de coordenadora das Seleções Brasileiras Femininas. A entidade também anunciou a igualdade no

---

<sup>161</sup> Ex-jogadora brasileira atuante em grandes clubes do país e na seleção brasileira, trabalhou como técnica do Vitória das Tabocas e foi campeã pernambucana, exerceu o cargo de coordenadora do Departamento de Futebol do Esporte Clube Sírio. Foi também supervisora da equipe Corinthians/Audax. No clube, participou de um curso de gestão realizado pela Federação Paulista de Futebol. Em 2016, se tornou coordenadora do Departamento de Futebol Feminino da Federação Paulista de Futebol e hoje é a nova coordenadora de competições da CBF. Ela é formada em Educação Física pela Universidade Sant’Anna.

<sup>162</sup> Ex-jogadora brasileira atuante em clubes brasileiros com importante história no S. C. Internacional e em clubes internacionais, também é ex-atleta da Seleção Brasileira. Foi Gerente de Futebol Feminino do Internacional, gestora de uma escola de futebol. E hoje é a nova coordenadora das Seleções Brasileiras Femininas.

pagamento de diárias e premiações para homens e mulheres. Nas palavras de Rogério Caboclo: “Aquilo que os homens receberão na próxima Copa do Mundo será proporcionalmente igual ao que é proposto pela FIFA. Não há mais diferença de gênero, pois a CBF está tratando de forma igual homens e mulheres”<sup>163</sup>. Em setembro de 2020, a CBF lançou o Programa Mulheres no Jogo, uma iniciativa que envolve as quatro escolas da CBF Academy: Feminina, Futsal, Gestão e Técnica, e garantirá que 20% das vagas de cada curso sejam destinadas a mulheres beneficiadas pelas bolsas. Essa ação é coordenada por Valesca Araújo, como gerente de Projetos da CBF Academy. Na matéria de divulgação do programa, ela esclarece:

A CBF entende como primordial a capacitação das mulheres, e está comprometida em fortalecer esse movimento de evolução educacional, criando possibilidades reais de crescimento profissional. Seja com os cursos ou possibilitando espaços de debate para preparar as mulheres para o mercado esportivo. Queremos criar referências e possibilitar o acesso feminino de diferentes situações financeiras, além disso, reconhecer as profissionais já capacitadas<sup>164</sup>.

Entendo que essas ações merecem comemoração, sobretudo porque atendem a reivindicações antigas daquelas que vivem cotidianamente a modalidade. Além disso, demonstram que as questões de gênero, por tanto tempo relegadas no universo futebolístico, começam a reverberar com mais intensidade em suas práticas, discursos e representações. Não tenho dúvidas de que muito dessas intervenções tiveram explícita ou implicitamente a influência de mulheres que, de um jeito ou outro, criaram estratégias que levaram os donos da bola, querendo ou não, a olhar para o futebol delas. E, como são os detentores do poder, foram pressionados a implementar iniciativas que resultaram no cenário com o qual hoje nos deparamos e que é assunto desta tese: a ampliação de equipes de mulheres e a obrigatoriedade dos “times de camisa” entrarem no jogo.

Feitas as considerações sobre a FIFA, a CONMEBOL e a CBF, trago alguns apontamentos relacionados à atuação da Federação Gaúcha de Futebol.

---

<sup>163</sup> Ver mais: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-09-03/selecao-comeca-a-reparar-descaso-historico-com-futebol-feminino.html>.

<sup>164</sup> Ver mais: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/cbf-academy/cbf-academy-tem-programa-mulheres-no-jogo>.

## A Federação Gaúcha de Futebol – FGV

Fundada no dia 18 de maio de 1918, a Federação Gaúcha de Futebol (FGF) tem sua sede localizada na cidade de Porto Alegre, capital do estado. Em seu site<sup>165</sup> é identificada como uma associação civil de direito privado, de caráter e fins desportivos e sem fins lucrativos, que representa o futebol no Estado, sendo responsável por coordenar campeonatos de futebol profissional e amador. Apesar de não ter um *link* que detalhe aspectos históricos da entidade, aponta que foi constituída pela união das Ligas e Associações que lhe são filiadas, com direitos e deveres determinados em seu Estatuto, na legislação que rege o futebol amador e profissional brasileiro e pelas disposições legais que lhe forem aplicáveis, emanadas da Federation Internacional de Football Association (FIFA) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Com relação ao futebol de mulheres, praticamente não há informações em seu site, a não ser dados específicos dos campeonatos Gauchão 2020, Gauchão Sub-18 2019, Gauchão Sub-16 2019 e Gauchão Sub-14 2019. Nesses *links* podemos acessar a tabela e os resultados de jogos, o regulamento das competições e os documentos oficiais, tais como a listagem de clubes e das atletas participantes.

A ausência de informações de caráter histórico soa estranho porque, ao pesquisar fontes de jornais, identifiquei que à Federação Gaúcha é atribuído o protagonismo de ter organizado o primeiro jogo oficial de mulheres após a regulamentação da modalidade em 1983, conforme registra o jornal Zero Hora:

Para uma estreia não poderia ter acontecido melhor. Na preliminar do Grêmio e São Paulo, as mulheres fizeram a primeira partida oficial de futebol feminino desde que o esporte foi regulamentado para elas. Rio Grande e Esportivo fizeram o jogo, que terminou com uma goleada da turma de Beto por 8 x 0. Goleada e lances duros, que fizeram a torcida do Grêmio vibrar muito. As meninas foram para os pontapés e os tapas. E até expulsão houve. Quer dizer, não faltou nada na estreia (ZERO HORA, 18 de abril de 1983, p. 50).

---

<sup>165</sup> Ver mais: <https://www.fgf.com.br/>.

Somando a essa informação, o jornal O Pioneiro, de Caxias do Sul, publicou uma matéria no dia 20 de abril de 1983 intitulada “Mulheres com a Bola Cheia” na qual menciona que, segundo levantamento da FGF:

[...] ao todo existem 300 times gaúchos de futebol feminino, o que, por incrível que pareça, é mais do que o total de clubes masculinos amadores – filiados, é claro – que hoje é de 205; é mais, também, que o número de clubes profissionais, ou seja, 50. São 4.500 mulheres que jogam futebol no Rio Grande do Sul (MENDES, 1983, p. 11).

Ao tentar buscar informações sobre os campeonatos estaduais, me deparei com a escassez de fontes. Segundo Suelen Ramos e Silvana Goellner (2018), a Federação organizou o Campeonato Estadual de 1983, que foi vencido pelo Sport Clube Internacional. Não existem registros da realização dessa competição entre os anos de 1984 e 1996. Segundo o levantamento realizado por Pamela Joras (2020), entre 1997 e 2009, o campeonato foi realizado todos os anos, exceto em 2007.

No entanto, não encontrou registros sobre qual instituição foi responsável pela sua organização, diferente de 2010, quando figura a recém criada Associação Gaúcha de Futebol Feminino como a entidade responsável pela organização do Gauchão de 2010 a 2017, desde as categorias de base sub-15 e sub-17 até a categoria principal. A terceirização do campeonato findou a partir das decisões da CONMEBOL que impactaram o futebol de mulheres, conforme pode ser identificado em nota oficial expedida pela Associação no dia 9 de março de 2018 ao informar que “estamos em fase de transição para as equipes que irão compor a Série A do Campeonato Estadual de Futebol Feminino 2018, que será administrado pela Federação Gaúcha de Futebol (JORAS, 2020, p. 46).

O ano de 2007 foi significativo para o futebol de mulheres. Enquanto a seleção brasileira conquistava a medalha de ouro no Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro e a medalha de prata na Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada na China, em nível nacional as federações investiram na realização de campeonatos. O aumento quantitativo que emergiu nesse ano de 2007, proporcionou oportunidades para as atletas, mas não qualidade efetiva e mesmo sistematicidade, pois até os dias de hoje “as federações ainda enfrentam desafios para operacionalizar as competições em relação ao número de equipes participantes, duração do campeonato, patrocinadores e entre outros” (BARREIRA, 2019, p.8).

Dentre as dificuldades que as equipes apresentam para participar das competições, elas enfrentam os custos com deslocamento e estrutura e, “dependendo do sistema de disputa do campeonato, os times que não se classificam para as etapas finais participam de poucos jogos gerando um problema de sustentabilidade” (BARREIRA, 2019, p. 8). A autora refere, ainda, que a organização dos campeonatos tem sido efetivada por meios de outros agentes esportivos para além das federações estaduais, sobretudo depois de 2018, quando os clubes passaram a ter maior protagonismo a partir da nova regra de licenciamento de clubes da CBF (BARREIRA, 2019).

Como vimos anteriormente, até 2010 o campeonato estadual aconteceu sem a chancela da Federação Gaúcha de Futebol, momento no qual delegou à Associação Gaúcha de Futebol Feminina essa responsabilidade. A Federação só assumiu essa função em 2018 com a categoria principal. Em 2019, ampliou para as categorias Sub-18, Sub-16 e Sub-14, contando para tal com o apoio da Secretaria do Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul (FGF, 2018).

Com relação à legislação da Federação, mais especificamente, o Estatuto que a rege, em seu site está disponível apenas o Estatuto 2018. Datado de 8 de junho, seu texto não faz nenhuma distinção entre futebol de homens e futebol de mulheres, ou masculino e feminino. A única diferenciação que faz está focada em futebol profissional e futebol amador e, apesar de não detalhar as competições que fomenta, aborda suas responsabilidades na manutenção de eventos futebolísticos no estado. Ao descrever suas finalidades, menciona a relação com a confederação nacional: “tomar quaisquer medidas, quando necessário ou conveniente, objetivando evitar ou impedir a infração dos Estatutos da FGF, da CBF e demais atos dessas entidades e demais outras a que esteja filiada” (FGF, 2018, p. 5).

No item que aborda as obrigações do presidente da FGF, duas delas estão ligadas diretamente à CBF: “cumprir e fazer cumprir as leis, regulamentos e decisões do Poder Público, da CBF e dos poderes da FGF [...] enviar relatórios de sua gestão à CBF” (FGF, 2018, 19-20). A CBF é mencionada, ainda, no Regulamento do Campeonato Gaúcho de 2020 da categoria adulta, ao detalhar questões afetas às inscrições e condições de jogo das atletas. Segundo consta no Regulamento, é esperado que:

ARTIGO 20 - Somente os clubes participantes que efetivamente realizarem os processos de transferência interestaduais ou internacional de atletas dentro do sistema GESTAOWEB/CBF, e seu registro for publicado no BID (Boletim Informativo Diário), poderão inscrever em sua lista a atleta para participar do GAUCHÃO FEMININO – EDIÇÃO 2020.

ARTIGO 21 - Os clubes participantes poderão inscrever em suas “Listas de Atletas”, atletas registradas dentro do Estado, que estejam desvinculados do clube no sistema GESTAOWEB/CBF para participar do GAUCHÃO FEMININO – EDIÇÃO 2020 (FGF, 2020, p. 5).

O sistema de Gerenciamento de Dados da CBF serve como um portal no qual as Ligas Não Profissionais e os Clubes efetuam ações de registro e de transferências de atletas (CBF, 2017). Esse tipo de informação não aparece na documentação disponibilizada pela Federação Gaúcha de Futebol, o que dificulta sobremaneira a tentativa de esboçar o cenário atual e histórico do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, no que diz respeito às competições, clubes e atletas.

Com relação às questões de gênero, nada foi encontrado no site da Federação. Nenhuma documentação nem mesmo a menção aos documentos já produzidos e colocados em ação pela FIFA, CONMEBOL e CBF. Tal ausência indica que a Federação Gaúcha de Futebol ainda precisa despertar para o tema. Ou seja, seus donos da bola precisam estar alinhados às entidades superiores e, assim, perspectivar o fomento do futebol de mulheres de modo que, sobre esse tema, não se torne uma instituição obsoleta.

Apenas gerenciar campeonatos é muito pouco se pensarmos nas suas atribuições como uma entidade gestora de futebol. Há que fazer mais, e isso implica intencionalidade política e desenvolvimento estratégico.

## Estudo 2 – Futebol de mulheres do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e do Sport Club Internacional

A trajetória do futebol no Rio Grande do Sul, assim como em todos os estados brasileiros, foi produzida de modo desigual para homens e mulheres. Se para eles as equipes e campeonatos se ampliaram significativamente desde o fim do século XIX, para elas a instauração de um Decreto-Lei proibiu sua participação por quase quatro décadas.

Tais distinções produziram efeitos na modalidade, cuja estruturação ainda é bastante distinta quando se analisa o futebol deles e o futebol delas, como por exemplo, a recente existência de equipes de mulheres nos principais times gaúchos. Fundados, respectivamente, em 1903 e 1909, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e o Sport Club Internacional montaram suas equipes de mulheres apenas na década de 1980, as quais tiveram poucos anos de existência, caindo na obscuridade por quase duas décadas.

Sobre essa realidade, Rigo *et al.* (2008, p. 2), afirmam que “se compararmos com o futebol masculino, poderíamos dizer que a maior parte das memórias do futebol feminino brasileiro e suas histórias ainda estão por serem contadas”.

Em 2017, esse cenário se alterou decisivamente em função de uma determinação da CONMEBOL<sup>166</sup>, que exigiu aos clubes da América do Sul a criação e manutenção de uma equipe de mulheres como um dos critérios para participarem da Copa Libertadores da América. Diante dessa exigência, os Clubes Internacional e Grêmio reativaram suas equipes, criando, ainda em 2017, as Gurias Coloradas e as Gurias Gremistas, fazendo renascer o clássico Grenal que voltou a acontecer depois de 15 anos de inexistência.

Considerando esse novo panorama do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, este estudo, fundamentado no aporte teórico-metodológico da História Oral, apresenta informações sobre o futebol no Rio Grande do Sul, mais especificamente sobre o ressurgimento das equipes de ambos os clubes e sua participação no

---

<sup>166</sup> Em 2017, aderindo às novas demandas da FIFA, o novo regulamento de licença de clubes da CONMEBOL determinou aos Clubes da América do Sul o critério esportivo de ter e manter um time de mulheres no futebol se quiserem jogar a sua principal competição, a Copa Libertadores da América, prevendo um período de adaptação e entrando em vigência em 2019.



cenário nacional. O estudo focaliza de modo mais específico a reestruturação das equipes de mulheres dos dois maiores clubes da capital, a realização do Campeonato Gaúcho de 2017 e a disputa dos dois primeiros Grenais dessa nova fase, que aconteceram nos dias 3 e 9 de dezembro do mesmo ano.

Para tanto, foram realizadas 21 entrevistas<sup>167</sup> com representantes dos clubes e com uma árbitra, uma narradora de futebol, uma comentarista de rádio e duas jornalistas, e estas entrevistas foram coligidas com documentos e notícias jornalísticas relacionados aos eventos. A Análise de Conteúdo foi utilizada como ferramenta analítica, considerando as etapas de pré-análise, exploração do material empírico e tratamento dos dados.

O intuito, contudo, não perpassa o interesse de traçar uma história oficial sobre o futebol praticado por mulheres nos clubes gaúchos, mas apresentar um panorama que possibilita conhecer e reconhecer como essa prática esportiva veio se desenvolvendo nos últimos anos.

### **Um pouco de história sobre o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul**

A presença das mulheres no futebol gaúcho ainda é algo a se contar. Poucos são os registros que narram histórias de jogadoras, equipes e campeonatos, inclusive em obras referências, como o Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul e o Atlas de Esporte no Brasil. Em 2015, Cláudia Kessler indicou em sua pesquisa a ausência de informações sobre as mulheres que jogaram pelo Internacional e pelo Grêmio nos registros dos clubes, como em seus memoriais, na exibição de troféus, além do silenciamento também presente nos sites e redes sociais. A partir de 2017, o Museu do S.C. Internacional abriu um espaço destinado às conquistas de suas jogadoras, narrando sequências históricas e títulos<sup>168</sup>.

---

<sup>167</sup> Foram realizadas entrevistas com as jogadoras Thessa Tainá, Karina Balestra da Luz, Luana dos Santos, Roberta Rosa, Jissele Agnes; com os técnicos Patrícia Gusmão e Maurício Salgado; com a preparadora física Suellen Ramos, com a fisioterapeuta Lívia Rodrigues; com a dirigente do Internacional Eduarda Luizelli; com a gerente de competições da CBF Valeska Araújo; com a árbitra Pamela Joras; com a narradora de futebol Clairene Giacobbe; com as jornalistas Renata de Medeiros e Marina Staudt.

<sup>168</sup> A exposição iniciou de modo temporário, mas hoje mantém alguns registros significativos desse futebol. Teve curadoria do Museu do Inter e do Centro de Memória do Esporte da UFRGS, pelas pesquisadoras Professora Doutora Silvana Goellner e Mestre e Preparadora Física Suellen Ramos. O espaço foi lançado em maio de 2017, com o título da exposição "A conquista do campo: o Futebol Feminino no S.C.I".

No campo acadêmico, um dos estudos inaugurais dessa temática aponta que, na década de 1950, havia disputas entre equipes de mulheres na cidade de Pelotas, mais especificamente, entre o Vila Hilda F.C. e o Corinthians F.C. (RIGO *et al.*, 2008), as quais foram logo suspensas em função da interdição oficial do Conselho Nacional de Desporto (CND) que proibia a realização de competição entre mulheres. Na tentativa de mapearmos vestígios sobre essa história nos deparamos com produções que registram a existência de equipes e campeonatos apenas nos anos inaugurais da década de 1980, período que sucede a revogação do Decreto-Lei 3.199<sup>169</sup>.

A pesquisadora Cláudia Kessler (2013) menciona a realização da Copa Pepsi na cidade de Santa Maria, competição que envolveu 20 equipes. Wilian A. da Luz (2019) registra a criação, no dia 11 de outubro de 1980, do Departamento de Futebol Feminino do Sport Club Rio Grande, na cidade de Rio Grande, que resultou na estruturação de uma equipe de mulheres, apelidada de “Loucurinhas do Vovô”. Segundo consta no site do clube, a equipe foi oficializada em 11 de maio de 1983, após ser publicada no Diário Oficial da União uma nota sobre a formação da equipe e a realização de treinos e partidas com outros times, tais como o Huracan e o Vila São Miguel<sup>170</sup>.

Na capital gaúcha despontam equipes como o “Estrela Vermelha, o Pepsi Bola e o Independente, sendo que as duas últimas, posteriormente, deram origem aos times ligados ao departamento de futebol feminino do Sport Club Internacional e do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, respectivamente” (RAMOS; GOELLNER, 2019, p. 14). A partir do surgimento dessas primeiras equipes, despontaram outras, como o Cerâmica de Gravataí e o Esportivo de Bento Gonçalves, demandando a criação do Campeonato Gaúcho em 1984 (RAMOS, 2016).

Com a revogação do Decreto-Lei, começou a se perceber um movimento de expansão de equipes e de demandas em favor da realização de campeonatos. No ano de 1982, as representantes do Grêmio, Maria Anita, e do Internacional, Rosa Dutra, participaram de uma reunião na Câmara Municipal de Porto Alegre com a

---

<sup>169</sup> O Decreto-Lei 3.199 foi promulgado pelo CDN, e por meio do capítulo IX, artigo 54 afirmava: “[...] às mulheres não se permitirá a prática dos esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este feito, o Conselho Nacional dos Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades esportivas do país [...]”.

<sup>170</sup> Não foram encontradas mais informações sobre os dois times.

participação do vereador Valdir Fraga e de convidados de diferentes áreas e modalidades esportivas, com o intuito de debater sobre a participação da mulher no futebol. Desse encontro resultou a autorização para a realização de uma partida preliminar das equipes de mulheres do Esportivo de Bento Gonçalves e do Rio Grande<sup>171</sup> em um jogo de homens entre Grêmio e São Paulo Futebol Clube, ocorrido no Estádio Olímpico no dia 18 abril de 1983 (ESCOLA DE FUTEBOL GRÊMIO, 2010). Vale lembrar que essa partida aconteceu apenas depois que o Conselho Nacional de Desportos regulamentou a prática do futebol de mulheres no Brasil, por meio da Deliberação 01/83 que dispôs sobre normas básicas para a prática de futebol feminino<sup>172</sup>.

Ainda nesse ano, a Federação Gaúcha de Futebol criou o primeiro Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino que contou com cinco equipes: O Sport Club Internacional, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, o Internacional de Santa Maria, o Cerâmica de Gravataí e o Esportivo de Bento Gonçalves, sagrando-se campeão o Internacional (RAMOS, 2016).

Em pesquisas nos sites da Federação Gaúcha de Futebol<sup>173</sup>, da Associação Gaúcha de Futebol Feminino<sup>174</sup> e dos dois clubes da capital gaúcha<sup>175</sup>, não foram identificados registros sobre a realização desse campeonato entre os anos de 1984 e 1996. No entanto, em um informativo publicado pela Federação em 1993 há a seguinte informação: “Isabel Cristina de Araújo Nunes, a Bel, 27 anos, é uma das mais experientes do grupo. Participou do famoso time do Inter, tricampeão gaúcho nos anos 80” (FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL, 1993).

Nas diferentes fontes consultadas – livros, artigos, reportagens em jornais, sites e documentos de clubes e órgãos gestores do futebol gaúcho – não foram encontradas informações sobre a realização do Campeonato Gaúcho entre 1988 e

---

<sup>171</sup> Os dois times também surgiram na década de 1980. O jogo, seguindo a determinação do CND em 1982, devia ter a duração de 70 minutos, sendo dois tempos de 35 minutos com 15 minutos de intervalo; as jogadoras eram obrigadas a usar acessórios, como protetores de seios, e as chuteiras não podiam ter travas pontiagudas. Além disso, o domínio de bola feito com o peito passou a ser considerado falta (ESCOLINHA DO GRÊMIO, 2010).

<sup>172</sup> Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3311099/pg-58-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-11-04-1983>. Acesso em: 27 dez. 2020.

<sup>173</sup> Disponível em: <http://www.fgf.com.br/>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>174</sup> Disponível em: <http://www.agff.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2018. Foi identificado em 2020 que o site não está mais disponível.

<sup>175</sup> Disponível em: <http://www.internacional.com.br/capa> e <https://gremio.net/>. Acesso em: 20 out. 2019.

1997, causa e consequência da diminuição do fluxo de jogos entre mulheres. Segundo Suellen Ramos e Silvana Goellner, “em 1987, o Internacional fechou as portas para as mulheres, extinguindo o Departamento Feminino, e a Federação Gaúcha de Futebol, por seu turno, não organizou campeonatos da categoria” (RAMOS, GOELLNER, 2019, p. 17).

Esses marcos são importantes para compreender a trajetória das mulheres no futebol gaúcho, dado que os primeiros anos após a revogação do Decreto-Lei caracterizaram-se como a retomada de equipes e competições. Esse período foi retratado por Suellen Ramos como sendo a primeira geração, ou ainda, a geração antiga, cuja duração curta é representada pela existência de clubes de camisa e competições oficiais.

Na metade da década de 1990, surge um novo movimento no cenário local. Em 1996, o Internacional reorganizou sua equipe, seguido pelo Grêmio em 1997. Em maio de 1997, o Grêmio publicou uma nota no jornal Zero Hora convocando mulheres para a realização de um teste para montar um time, conforme identificado no relato de Eleonora Fernandes que participou dessa atividade. Compareceram muitas meninas e mulheres de várias cidades, foram montados cerca de seis a oito times para o teste e o jogo durou 30 minutos no campo suplementar na entrada do Estádio Olímpico. “Que moral! Dali, foram aprovadas 50 atletas. Destas, ficaram 30 para montar o plantel. Eu fui lateral direita titular” (ESCOLA DE FUTEBOL GRÊMIO, 2012, p. 1).

Nessa fase, o Grêmio participou de seis edições do Campeonato Gaúcho (1997 a 2002), sendo bicampeão nos anos de 2000 e 2001 e vice-campeão nos anos de 1998, 1999 e 2002. Pela Taça do Brasil de Futebol, participou nos anos de 1998, 2000 e 2001, alcançando o 4º lugar em 2001, seu melhor resultado na competição. O time apresentava categorias de base que também participavam de competições. Mas, mesmo assim, encerrou as atividades do ano de 2003 (DACOSTA, 2006) sob a justificativa de ter pouco recurso para continuar com o investimento no futebol de mulheres.

O Internacional colecionou seis títulos no Campeonato Gaúcho (1997, 1998, 1999, 2002, 2003 e 2017), foi campeão da Copa SESC, vice-campeão da II Copa Inverno em Gramado, campeão do Torneio Início e 5º lugar no Campeonato Brasileiro-CBF, tudo em 1997. Foi campeão da Copa Sul em 2000 e em 2001, campeão da Copa Cidade de Gravataí (2001) e 3º lugar no Campeonato Brasileiro

em Ubá-MG<sup>176</sup>. O clube também mantinha categorias de base por meio de uma parceria com a escolinha de Duda (Eduarda Marranghello Luizelli), ex-jogadora do clube<sup>177</sup>. Ainda assim, tanto quanto o seu rival, o clube encerrou as atividades do Departamento Feminino no ano de 2004. Fatores como o mau gerenciamento financeiro, a troca de direção do clube, a falta de renovação de contratos e a desvalorização das jogadoras quanto ao profissionalismo aparecem como alguns dos motivos de encerramento desses e de outros times da região (RAMOS, 2016).

O futebol de mulheres do Rio Grande do Sul não acabou quando o Grêmio e o Internacional encerraram seus times pela segunda vez, respectivamente em 2003 e 2004. Muitas das jogadoras foram absorvidas por outras equipes, as quais mantiveram a modalidade em ação, conforme podemos identificar quando observamos as equipes vencedoras do campeonato estadual. Ao pesquisarmos informações junto à Federação Gaúcha de Futebol e à Associação Gaúcha de Futebol Feminino, identificamos que, em 2007, a competição não se realizou e nas outras edições foram estas as equipes vencedoras: Esporte Clube Juventude (2004, 2005 e 2006), E.C. Pelotas (2008), G.E. Torrense (2009), Canoas/Gaúcho F.F. (2010), Flores da Cunha (2011), Duda/Alvorada (2012), C.E.R. Atlântico (2013), G.E. Onze Unidos (2014) e Duda/Canoas/UniLa Salle (2015 e 2016).

A Federação Gaúcha de Futebol retomou o Campeonato Gaúcho com edição anual entre 1997 e 2010; entre os anos de 2011 e 2017 transferiu a organização da competição para a Associação Gaúcha de Futebol Feminino, responsabilidade que reassume apenas em 2018. Esses acontecimentos impulsionam outras atletas a aderirem ao futebol, assim como outros clubes e instituições. Um novo ciclo se inaugurou com iniciativas protagonizadas também pelo Internacional e pelo Grêmio, que colocaram novamente em campo as Gurias Coloradas e as Gurias Gremistas.

### **O peso e o brilho de uma camisa: O retorno do futebol de mulheres no Sport Club Internacional**

---

<sup>176</sup> Dados retirados do Atlas do Esporte no Brasil (2016).

<sup>177</sup> Sobre a trajetória da atleta ler: "Sabe aquele gol que o Pelé não fez? eu fiz! A trajetória esportiva de Duda" (RAMOS; GOELLNER, 2017).

Apesar da ausência de detalhes sobre os confrontos entre as gurias coloradas e gremistas, Cláudia Kessler afirma que, assim como nos chamados Grenais de homens, “os jogos são considerados absorventes e incitam rivalidades. A tensão e o conflito existem” (2015, p. 70).

Vestir a camisa do time do coração é um sonho de cada pessoa apaixonada pelo futebol, o que dizer, sobre quem veste o uniforme completo e entra para jogar no estádio do seu time? Essa realidade começou a ser desenhada em 2017. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) precisou realizar ações de investimento nesse futebol desde as definições da CONMEBOL<sup>178</sup>, seguindo ações que a FIFA vinha propondo e que o ProFut<sup>179</sup> também exigiu. Então, uma reorganização aconteceu nas competições nacionais do Brasil: a CBF solicitou que Federações e Associações apresentassem times de mulheres capacitados para seus eventos. O Campeonato Brasileiro de 2017 foi dividido em série A1 e série A2, com seleção dos times participantes por ordem inicialmente do *ranking*<sup>180</sup> do futebol de homens (CBF, 2017).

O Internacional aderiu ao ProFut desde 2015, portanto, já tinha que cumprir responsabilidades que comungaram com as reformulações das instituições mundiais do futebol. Sem vaga garantida no Campeonato Brasileiro de 2017, restava ao Inter realizar um projeto que aproveitasse a distância temporal entre competições para se planejar e se preparar com vistas a voltar a integrar o cenário nacional em 2018 (CORREIO DO POVO, 2015).

Com o histórico de cinco títulos no Gauchão de mulheres, o clube confiou à ex-jogadora Duda a reabertura da equipe, lhe instituindo o cargo de gerente do futebol feminino, integrando todas as categorias. O Departamento de Futebol

---

<sup>178</sup> Em 2017, aderindo às novas demandas da FIFA, o novo regulamento de licença de clubes da CONMEBOL determinou aos Clubes da América do Sul o critério esportivo de ter e manter um time de mulheres no futebol se quiserem jogar a sua principal competição, a Copa Libertadores da América, prevendo um período de adaptação e entrando em vigência em 2019.

<sup>179</sup> O Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (ProFut) foi sancionado em 2015. O principal objetivo é ajudar os clubes a quitarem suas dívidas com o Governo Federal e, em contrapartida, exige dos clubes o cumprimento de diversas obrigações para poderem se manter dentro do programa; uma delas é um investimento mínimo no futebol de mulheres.

<sup>180</sup> O *Ranking* da CBF de Futebol Feminino é um sistema de classificação dos clubes de futebol feminino brasileiros instituído pela Confederação Brasileira de Futebol, composto por dois *rankings*, atualizados anualmente pela CBF: o *Ranking* Nacional de Clubes (RNC) e o *Ranking* Nacional de Federações (RNF), que leva em conta o desempenho dos clubes apenas nos últimos 5 anos, e com peso maior para os anos mais próximos.

Feminino está vinculado à vice-presidência de Relacionamento Social. “É um produto que agrega valor ao clube”, disse o diretor de futebol feminino do Internacional, Cesar Schunemann ao site do Clube (INTERNACIONAL, 2017).

No dia 23 de fevereiro de 2017, o Internacional anunciou a reativação do seu time de mulheres. César Schunemann, como diretor de futebol feminino, estava à frente do Projeto de implementação e desenvolvimento do futebol feminino do Internacional e em comunicação direta com a gerente. A Comissão técnica do time, em 2017, foi formada pela técnica Tatiele Silveira<sup>181</sup>, pelo auxiliar técnico Felipe Casanova, pela preparadora física Suellen dos Santos Ramos e pelo treinador de goleiras, Carlos Daniel Alves (INTERNACIONAL, 2017).

No projeto de reativação da modalidade foram feitas algumas parcerias, como por exemplo, com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que ofereceu a utilização do campo da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança para a realização dos treinos em troca da sua manutenção, que implicava o corte da grama, a demarcação das linhas e a limpeza do espaço. Em entrevista para o site Torcedores (2017), César diz que “A nossa perspectiva do projeto consiste em três momentos: curto, médio e longo prazo. Porque nós temos o entendimento de que agora as Gurias Coloradas voltaram para ficar. Esse projeto permanecerá com um crescimento autossustentável” (TORCEDORES, 2017, s/p).

No dia 5 de março de 2017, foi realizada uma peneira no CT do S.C. Internacional, em Alvorada, para a formação do time do Internacional. O número de interessadas que apareceram para tentar uma vaga no clube demonstrou o quanto as mulheres e meninas de várias partes do Brasil se interessam pelo futebol e que não praticam a modalidade apenas por não ter espaços. Mais de 700 mulheres estiveram presentes na peneira, “[...] nós começamos realmente do zero, com uma peneira, uma das maiores peneiras do Brasil, com setecentas meninas, nós praticamente reconstruímos” (LUIZELLI, 2018, p. 3). Sobre essa experiência com

---

<sup>181</sup> Ex-jogadora de futebol, inclusive no Internacional; é formada em Educação Física e atuou como coordenadora técnica da Seleção Brasileira feminina sub-17, além de outras funções, como coordenadora do time de mulheres do DUDA/CANOAS, em 2014; treinadora do SERC CHIMARRÃO e da Equipe adulta de Futsal feminino, em 2014; treinadora do Tetrabrazil Soccer Academy – USA, em 2014; foi idealizadora, proprietária e treinadora do Projeto Escolinha Conveniada de Futebol Feminino do Grêmio e Treinadora futsal, entre 2000 e 2004, na Escolinha de Futebol Feminino S.C. Internacional.

uma peneira realizada 15 anos após a desativação do último time de mulheres do Internacional, a então preparadora física do time, Suellen Ramos<sup>182</sup>, descreve:

[...] a peneira foi um momento surpreendente. Mesmo que estivéssemos preparadas para uma peneira comum, a gente não estava preparada para aquilo, para o que foi aquela peneira. Foi algo muito além do que nós imaginamos. Então, a gente imaginou que iríamos selecionar algumas meninas para que compusessem a equipe do Inter, mas não imaginamos que teria tanta adesão dentro da peneira e que teríamos tanta dificuldade por conta do número estrondoso que foi de meninas que procuraram a avaliação. Foi um trabalho de praticamente doze/dez horas. A gente ficou das oito às seis da manhã avaliando atleta. Então, foram muitos jogos, muita gente que entrava no campo, e a gente tinha ali um período de dez, quinze minutos, para avaliar a jogadora, e a jogadora tinha que se destacar, tinha que nos chamar a atenção porque senão... Já... Era pouco tempo para muita gente (RAMOS, 2018, p. 3).

Após formada, a equipe realizava cinco treinos por semana em 2017, no turno da tarde em alguns dias e no turno da noite em outros. “Nós temos o objetivo, nesse primeiro semestre, de montar um time competitivo, para conquistarmos o campeonato estadual das três categorias que vamos disputar, porque o título vai nos abrir as portas para disputarmos competições nacionais”, disse César Schumemann (TORCEDORES, 2017).

A equipe, como motivada pelo diretor, em diferentes categorias participou de campeonatos Sub-15 e Sub-17 no primeiro semestre. E na segunda metade do ano, o time adulto disputou o estadual. “O objetivo para 2017 é a consolidação da estrutura do departamento, a busca de parceiros comerciais e a participação no campeonato nacional em 2018” (SCHUMEMANN, 2017).

Em abril de 2017, o Inter se tornou o primeiro clube brasileiro a assinar contratos de imagem e de atletas amadoras não apenas com as jogadoras que formam a equipe principal, mas também com as atletas das categorias Sub-15 e Sub-17 (INTERNACIONAL, 2017). Ou seja, a partir desses contratos, o clube utilizou a imagem das atletas para comercializar produtos da marca “Gurias Coloradas”. E, para viabilizar esse comércio, o contrato previa para as atletas algum formato de remuneração em troca dessa “permissão”. Foram 63 jogadoras entre as três categorias que assinaram o vínculo com o Internacional, o qual disponibilizou plano

---

<sup>182</sup> Suellen Ramos é ex-jogadora de futebol, mestre em Ciências do Movimento Humano e preparadora física do S.C. Internacional. A entrevista foi realizada em Porto Alegre no dia 17 de maio de 2018 para a construção desta tese.



de saúde, em uma parceria com a Unimed<sup>183</sup>, e a possibilidade de cursar o ensino superior por meio da concessão de bolsas de estudo da Unilasalle<sup>184</sup> com quem estabeleceu um convênio.

Em entrevista, a gerente do futebol feminino, Duda Luizelli demonstrou seu entusiasmo com a boa fase da equipe, citando a audiência que um jogo da final do Gauchão de 2017 teve via redes sociais:

[...] quem acompanhou e vou te dizer que no Facebook foram setecentas mil visualizações, eu acho que teve bastante gente que viu, número de TV aberta, eu acho que a tendência é que o futebol feminino do Inter veio para ficar. Que produtos novos venham com a marca das Gurias Coloradas, que novas franquias venham com as Gurias Coloradas, ou seja, que novas sócias mulheres venham mais prestigiar, e enfim, que a gente faça do futebol feminino um grande produto (LUIZELLI, 2018, p. 4).

Sobre a TV aberta, Geórgia Balardin (2018), em sua pesquisa de graduação, buscou identificar a ocorrência e as características das reportagens sobre o futebol feminino no programa de televisão “Globo Esporte – Rio Grande do Sul”, nos anos de 2016 e 2017 e identificou que entre os dois anos ocorreu um aumento de 84% no número e no tempo de reportagens:

No ano de 2017, reportagens com entrevistas de atletas e comissão técnica fizeram parte do programa, assim como comentários e gols dos principais jogos dos clubes, Sport Club Internacional e Grêmio Futebol Porto-Alegrense (GreNal). Ademais, foi criado o quadro “Joga que nem mulher” que proporcionou maior visibilidade ao futebol feminino no programa televisivo investigado (BALARDIN, 2018, p. 1).

Seguindo a descrição das atuações do time, identificou-se que, no dia 6 de maio de 2017, a equipe principal realizou uma partida amistosa contra o time Santa Cruz, no Estádio dos Plátanos, na cidade de Santa Cruz do Sul-RS. O jogo era beneficente, em apoio ao Centro Oncológico do Hospital Ana Nery, e as Gurias Coloradas ganharam por 6 x 1 contra o time da casa. A técnica usou o evento como experimento do time (GURIAS COLORADAS, 2017).

---

<sup>183</sup> A Unimed é a Confederação Nacional das Cooperativas Médicas, que rege um sistema de cooperativas médicas brasileiro e atua como operador de planos de saúde.

<sup>184</sup> Unisalle é uma instituição de ensino superior privada do Rio Grande do Sul, com seu Campus localizado em Canoas.

As Gurias Coloradas disputaram também a Taça Sérgio Nonnenmacher, na cidade de Fagundes Varela-RS, no Estádio Olmar de Carli, que reuniu o Botafogo de Fagundes Varela, o Bento Gonçalves e o Água Santa/Vila Lângaro, vencendo as duas partidas. Segundo o site do Internacional, “Em uma cidade de 2,5 mil habitantes, o estádio recebeu 500 pessoas para acompanhar os jogos femininos” (S.C. INTERNACIONAL, 2017, s/p). Na primeira partida, as Gurias Coloradas venceram por 13 x 0 o Água Santa/Vila Lângaro e na segunda, ganharam por 7 x 0 do Botafogo. O evento aconteceu no dia 28 de maio de 2017.

Outra competição preparatória das Gurias Coloradas para o Campeonato Gaúcho aconteceu em julho de 2017, dessa vez na cidade de Encantado, no Vale do Taquari-RS. O Internacional jogou a 2ª Taça Encantado de Futebol Feminino, que contou com seis clubes: Internacional, Associação Chapecoense de Futebol, Associação Estrela de Futebol, Santa Cruz Futebol Clube, Sackmaihouse Futebol Show (Encantado) e Associação Palestra de Futebol (Carazinho). As partidas foram no Estádio Lambarizão e o Internacional saiu com o segundo lugar, perdendo nas penalidades para a Chapecoense (GURIAS COLORADAS, 2017).

Em julho de 2017, ainda, iniciou-se a venda de camisas e de outros produtos da marca Gurias Coloradas, tanto na Loja do Internacional localizada no Estádio Beira-Rio quanto no site da Nike<sup>185</sup>. O bom desempenho das atletas fez com que fossem convocadas para treinar nas categorias de base da Seleção Brasileira (CBF, 2017). Helena Sampaio, de 15 anos, foi a primeira em 2017. Na sequência, em 2018, mais quatro atletas foram convocadas para disputar o Sul-Americano Sub-17, realizado no mês de março, na Argentina: a zagueira Isadora Haas, a volante Júlia Lordes e as atacantes Layssa Cristina e Queila Soares (CBF, 2018).

As Gurias Coloradas participaram também do Campeonato Brasileiro nas categorias Sub-14 e Sub-16, com jogos na Granja Comary, sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em Teresópolis-RJ, em um torneio promovido pela CBF voltado para o desenvolvimento da modalidade. Nessa competição, a categoria Sub-14 consagrou-se vice-campeã e a sub-16 conquistou o terceiro lugar (CBF, 2017).

---

<sup>185</sup> Disponível em: <https://www.nike.com.br/>. Acesso em: 27 dez. 2020.

Em agosto de 2017, o Internacional iniciou sua participação no Gauchão<sup>186</sup>, alcançando bons resultados com vitórias e um saldo positivo de gols. Era a primeira grande competição da nova equipe, que se estendeu por um período mais longo envolvendo um maior número de jogos. O Campeonato Gaúcho de 2017 aconteceu entre os meses de agosto e dezembro, e o Internacional disputou no total nove partidas. Segundo a preparadora física da equipe:

Então, esse momento do Gauchão foi muito novo para a gente. Porque o jogo era uma vez por semana e a gente tinha que manter as jogadoras bem para jogar, e tinha que recuperá-las, para que no próximo final de semana elas estivessem 100%. Então foi bem... Foi um desafio muito grande (RAMOS, 2018, p. 9).

Durante o Campeonato, o time das Gurias Coloradas foi reforçado por meio da contratação de jogadoras com grande experiência, como Rosana dos Santos Augusto<sup>187</sup>, Thessa Tainá de Paula<sup>188</sup> e Bianca Brasil<sup>189</sup>:

A Duda queria contratar algumas jogadoras pontuais, até porque o clube ainda não tinha a estrutura que tem hoje, então ela precisava de algumas jogadoras em cada posição, e ela entrou em contato com a Rosana Augusto, a lateral que é atacante [risos]. Aí a Rô falou assim: “Posso te indicar? - ah, pode!”. A gente estava jogando junto no Audax na época. Ela disse: “o Audax vai parar depois do Paulista e o campeonato do Gauchão é no segundo semestre”. Aí eu falei: “Ah, tá tudo encaixado, bora. Pode indicar sim, se a Duda quiser”. Aí a Duda me ligou, perguntou se eu tinha interesse e eu fui. Cheguei em outubro de 2017, no meio do campeonato, e estou até hoje (DE PAULA, 2020, p. 5).

---

<sup>186</sup> O Internacional iniciou o Gauchão com o elenco: Gabriela Becker e Suelen Flores; Franciele Rangel, Gabriela Costa Eusébio e Geórgia Fernandes Balardin; Carolyne da Rocha Capistrano, Franciny Oliveira Pedrazzini, Grazziele Capitão Corrêa, Isadora Haas e Kethleen Susan Estraich; Gabriela Cristini de Brito, Daniella Zanolla, Maria Júlia Silva Amaral, Paloma Castro e Thaís Lourenço Duarte; Ana Clara Lima Esteves, Helena Rodrigues Sampaio, Taís da Silva Marques, Vanessa Roman Bernardes, Gabriela Marranghello Luizelli e Bruna Fernandes Bahiana; Letícia Sanchez da Silva, Paloma Merlo da Silva e Renata Andrieli Boeira.

<sup>187</sup> Rosana é bicampeã em Jogos Pan-Americanos (Santo Domingo, 2003 e Rio de Janeiro, 2007), vice-campeã duas vezes nos Jogos Olímpicos (Atenas, 2004 e Pequim, 2008), e vice-campeã da Copa do Mundo, em 2007, na China. A jogadora jogou pelo S.C. Internacional no início de sua carreira, nos anos 2000 e 2003. É campeã da *Champions League*, pelo Lyon, em 2012, e campeã do Mundial de Clubes pelo São José, em 2014.

<sup>188</sup> Jogadora profissional de futebol. Ex-atleta de times brasileiros, como o Santos, o Audax e o Centro Olímpico. Thessa Tainá de Paula concedeu entrevista por videoconferência para o nosso estudo em 24 de abril de 2020.

<sup>189</sup> Byanca Beatriz Alves de Araújo, popularmente conhecida como Byanca Brasil, foi campeã da Copa Libertadores da América, pelo Corinthians/Audax Osasco, em 2017. A jogadora concedeu uma entrevista à pesquisadora do Grupo GRECCO, Suellen Ramos, em dezembro de 2017.

[...] houve um convite da Duda esse ano, a gente meio que estava indo para Libertadores, só que a gente tinha que vir para cá antes só para assinar a súmula [...] a gente veio para essa partida, ficamos no banco, depois voltamos para lá, jogamos a Libertadores e deu tudo certo. A gente veio para cá e é uma honra vestir essa camisa, camisa tão grande, e acho que vai ser bom para os dois lados (ARAÚJO, 2017, p. 14).

A contratação de jogadoras já atuantes em campeonatos nacionais, internacionais e até na seleção brasileira, revela o interesse no crescimento e desenvolvimento do time desde a sua formação inicial, o que demonstra que houve planejamento por parte da gerente de futebol do time. Esse fato aponta a importância de ter alguém em cargos de gestão do futebol de mulheres que se interesse pela modalidade, tenha conhecimento e experiência. Atributos que fazem diferença significativa nas conquistas da equipe.

Com as Gurias Coloradas selecionadas por meio da peneira e com as novas contratações, o Internacional seguiu invicto na campanha inteira do campeonato até as finais. Marcou 37 gols e sofreu 3. Por ter se sagrado o time campeão do estadual, conquistou a chance de disputar com outra equipe representativa, de outro Estado da Nação, uma vaga para participar da Série A2 do Campeonato Brasileiro. Para tanto, o Internacional precisava vencer.

A descrição do Campeonato Gaúcho de futebol feminino de 2017, junto com o detalhamento de alguns jogos, será desenvolvido depois de apresentar a outra equipe da capital gaúcha, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

### **O peso e o brilho de uma camisa: O retorno do futebol de mulheres no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense**

Antes mesmo de ser formada a equipe, o Grêmio já era detentor de uma vaga para disputar o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino em função dos critérios estabelecidos pela CBF. O clube foi contemplado com uma vaga dentre as 16 equipes que disputaram a Série A1, devido à classificação da equipe de homens no Brasileirão de 2016, no qual ficou em nono lugar. Contou, ainda, com a desistência de outras equipes que ficaram à frente, mas decidiram não investir na criação de uma equipe de mulheres. Além disso, o clube assinou o acordo com o ProFut em 2015, o que somado à exigência da formação de equipes de mulheres pela CONMEBOL, já demandava do Grêmio a criação de estratégias que garantissem a sua participação no Campeonato Brasileiro.

O ex-jogador gremista Júlio Titow (lura) foi designado para ser o coordenador do Departamento de Futebol de Mulheres que, nesse ano, estabeleceu uma parceria com a Associação Gaúcha de Futebol Feminino (AGFF). Em entrevista para o site dos Torcedores no início do ano 2017, Júlio Titow revela:

A Associação conseguiu as atletas, isso ficou a critério dela. O resto é tudo do Grêmio. A estrutura é toda do Grêmio. O Grêmio está dando a chance para essas gurias realmente aparecerem no futebol brasileiro. Estamos fazendo uma troca: vamos pegar os conhecimentos do futebol feminino (da AGFF), enquanto nós damos uma estrutura para elas. Não importa de que clube é, o que importa é que vai jogar no Grêmio. E aí sim precisa ter respeito, porque está jogando em um dos maiores clubes do mundo (TORCEDORES, 2017, s/p).

Para o comando da equipe gremista, foi chamada a ex-jogadora de futebol, formada em Educação Física e já atuante como técnica de futebol, Patrícia Gusmão. Em seu currículo, já acumulava por três vezes o título de campeã do Gauchão como treinadora. Em entrevista ao site dos Torcedores (2017), Patrícia comentou:

Iniciamos as atividades um pouco tarde, devido a alguns trâmites. Precisávamos de um parceiro – hoje em dia não conseguimos fazer nada sem patrocinadores. Os trabalhos estão sendo muito intensos. Nesse primeiro momento, damos uma prioridade maior para a parte física, mas não esquecendo também da parte técnica e tática, que estamos inserindo aos poucos. Acredito que vamos fazer uma bela apresentação e representar bem o Rio Grande do Sul (TORCEDORES, 2017, s/p).

Além da treinadora, a comissão técnica foi formada pelo auxiliar técnico Ronaldo Rangel (Bagé), pela treinadora de goleiras Sol Farias e pelos preparadores físicos Mauro Cruz e Vainon Rodrigues. O Grêmio/AGFF jogou no Grupo 1 do Campeonato Brasileiro na série A1, juntamente com a Associação Acadêmica e Desportiva Vitória das Tabocas - PE, o Grêmio Osasco Audax - SP, a Associação Atlética São Francisco - BA, o Esporte Clube Iranduba da Amazônia - AM, a Sociedade Esportiva Kindermann - SC, o Sport Club Corinthians Paulista e o Sport Club do Recife - PE (CBF, 2017).

Sobre a contratação das primeiras jogadoras da equipe, Jissele Agnes Machado<sup>190</sup>, em sua entrevista, descreve sua entrada na equipe:

---

<sup>190</sup> Jogadora do Campeonato Gaúcho por outros times do estado; iniciou sua carreira pelo Grêmio em 2017, onde atuou até 2020. Jissele Machado concedeu entrevista ao atual estudo em 2 de julho de 2019, em Gravataí-RS.

A gente jogava o Gauchão pela Equipe de Canoas, a Associação Gaúcha fez uma parceria com o Grêmio e montou a Seleção Gaúcha que foi composta por algumas meninas que jogavam o Gauchão e foram selecionadas. Então, 2017 começou o Grêmio com essa parceria com a Associação Gaúcha, a gente jogou a Série A1 e caímos para a Série A2. Em 2018, o Grêmio assumiu com o departamento de futebol feminino e permaneceu até agora realizando um planejamento sem a Associação (MACHADO, 2019, p. 2).

Além de possuir uma “camisa de peso”, a participação do Grêmio no Campeonato Brasileiro de 2017, sem a presença do seu maior rival estadual, o S.C. Internacional, despertou o interesse de muitas atletas do Rio Grande do Sul. As atletas Roberta Rosa<sup>191</sup> e Karina Balestra da Luz<sup>192</sup> também descreveram sua inserção na equipe:

A minha entrada no Grêmio foi através da Pati. Nós jogávamos junto. Ela nos treinava no clube de várzea, de baixa expressão e nós fomos campeãs estaduais com ela. Daí surgiu a oportunidade de ela abrir o projeto no Grêmio junto com a Karina, e elas nos chamaram por nos conhecer e já saber como a gente jogava, a maneira como nós éramos e elas nos deram a oportunidade de estar junto no início do trabalho do Grêmio (ROSA, 2019, p. 2).

O Grêmio fez uma parceria com a Associação Gaúcha de Futebol, que é da Federação e eles fizeram do Campeonato Gaúcho uma Seleção e daí eu fui selecionada para essa Seleção, fui chamada pela professora Patrícia para fazer parte da Seleção Gaúcha e daí eu aceitei o convite. Aceitei o desafio, até porque eu queria jogar o Campeonato Brasileiro, em 2016, eu não joguei o Campeonato Brasileiro, nem Copa do Brasil, fiquei o ano todo só jogando o Campeonato Estadual e eu acho o Campeonato Estadual muito fraco ainda, o nosso Campeonato Estadual. Então, eu queria voltar a jogar na elite do futebol (DA LUZ, 2018, p. 7).

O nome Patrícia Gusmão, então técnica designada para a equipe, aparece nas entrevistas como nome referência de escolha e convite para a formação dessa equipe. Assim, a Associação fez a seleção das jogadoras do Grêmio com contribuição da técnica, demonstrando que o clube em si não tinha conhecimento sobre as mulheres que jogavam bola no Rio Grande do Sul, e deixou claro que a

---

<sup>191</sup> Jogadora de futebol atuante em times brasileiros como Kindermann-SC e São Paulo-SP. Roberta Rosa nos concedeu entrevista para o atual estudo em 2 de julho de 2019, em Gravataí-RS.

<sup>192</sup> Jogadora de futebol atuante no S.C. Internacional e no São Paulo Futebol Clube. Karina Balestra também jogou pelo Grêmio e foi entrevistada para o atual estudo em 22 de janeiro de 2018, em Porto Alegre-RS.

representatividade dos cargos superiores não se fez presente nesse momento, evidenciando o tempo curto que teriam para realizar eventos como peneiras e jogos amistosos para a preparação com maior qualidade do time.

Sobre a competição nacional, no Grupo 2 da série A1 do Campeonato Brasileiro de 2017, ficaram o Clube de Regatas do Flamengo, São José Esporte Clube - SP, Curitiba/Foz Cataratas Futebol Clube - PR, Associação Ferroviária de Esportes - SP, Rio Preto Esporte Clube - SP, Santos Futebol Clube - SP, Associação Atlética Ponte Preta e Vitória Futebol Clube - ES (CORREIO DO POVO, 2017).

A estreia das jogadoras do Grêmio<sup>193</sup> ocorreu com vitória de 1 x 0, no dia 12 de março de 2017, sobre a Associação Acadêmica e Desportiva Vitória das Tabocas, no Centro de Formação e Treinamentos Hélio Dourado, em Eldorado do Sul. Nos jogos seguintes, o Grêmio empatou contra o Sport Club do Recife, em 1 x 1, no dia 19 de março, e perdeu os jogos seguintes que ocorreram entre março e maio de 2017, contra os outros times do Grupo 1.

Os treinos do Grêmio para participar do Campeonato Brasileiro de 2017 aconteceram no Centro de Formação e Treinamentos Hélio Dourado, na cidade de Eldorado do Sul<sup>194</sup>, e foram iniciados em fevereiro de 2017. Devido à dificuldade de manter atletas do interior constantemente no local de treino, assim como as jogadoras que exerciam alguma função profissional sem ligação com o futebol, os treinos aconteciam em sua maioria nos fins de semana, com dois turnos no sábado e ainda domingo pela manhã. Durante a semana existiam treinos para aquelas que eram da região metropolitana, à noite nas terças-feiras e sextas-feiras, no Sesc de Porto Alegre (SANTOS, 2018). Jissele comenta sobre as dificuldades de treinar em 2017:

O campeonato a nível nacional ainda não estava muito estruturado, mas foi legal. Só que teve momentos difíceis. A gente não tinha um plantel muito bom comparado às outras equipes que já treinavam juntas há anos e recebiam salário. A gente recebia ajuda de custo. E tinha viagens, e muitas

---

<sup>193</sup> O time adulto foi formado por Ana Sara da Silva Mendes; Andreia Guimarães de David; Luana Santos; Bruna Helena Oliveira Flor; Elisabeti S. Gaieski; Letícia Bongiorno; Vera Lúcia A. Marostica; Rafaela Medina Ancheta; Caroline dos Santos Gomes; Daiane Fernandes e Jissele Agnes; Thiellen G. de O. Nascimento; Stefani Cabral; Itainá Ávila Silveira; Roberta Rosa; Michelly Santos; Thiane Almeida Caetano; Daniele Fonseca Magallon; Shaiane Madeira Pedrozo; Aline de Borba Fermino e Priscila Grazielle C. de Almeida; Carla Tatiane da Silva Antônio; Júlia Cipriani; Caroline Dalazen; Jenifer Braga da Silva; Karina Balestra da Luz; Bruna de Souza Gomes; Maria Daniete Gonçalves.

<sup>194</sup> A cidade de Eldorado do Sul fica a cerca de 16 km da cidade de Porto Alegre.

meninas estudavam e trabalhavam, como eu, mas iam treinar. Então, acabavam ficando muito sobrecarregadas. Então, a gente não dava conta. A questão física e emocional era bem complicada (MACHADO, 2019, p. 2).

Tal fala demonstra que mesmo sendo jogadoras de um clube com conquistas históricas no futebol de homens, o que garantiu a vaga na competição, a equipe de mulheres iniciou sem ter um planejamento bem estruturado. Participou da mais importante competição nacional sem organização e amparo profissional do clube para as suas jogadoras. Na fala de Roberta Rosa, uma das jogadoras: “em 2017 foi punk! A gente meio que, a gente tinha noção do tamanho, da dimensão que era o Campeonato Brasileiro, mas a gente resolveu querer encarar o desafio de participar” (ROSA, 2019, p. 2).

Em entrevista realizada com a técnica Patrícia Gusmão<sup>195</sup>, questionei sobre a formação do time do Grêmio para essa competição e em resposta obtive:

[...] eles queriam equipes do futebol de camisa. [...] como o Inter estava nas últimas colocações, que foi o ano em que acabou rebaixado, a possibilidade de fazer a parceria sobrou livre para o Grêmio. Eu acabei sendo a treinadora. Não vou dizer que foi um investimento ruim, foi um investimento bom, só que eu acredito que por falta de tempo, de planejamento, foram gastos muitos valores e pouco destinado às atletas em contratações, porque a gente acabou jogando só com meninas daqui. É que na verdade o professor Neco<sup>196</sup> queria dar oportunidade para as meninas que já jogavam o Campeonato Gaúcho de terem uma experiência de jogar uma competição a nível nacional, só que, porém, o futebol feminino fora daqui está muito evoluído, né? As equipes, principalmente ali em São Paulo, investem muito, elas treinam diariamente, tem as categorias de base [...] (GUSMÃO, 2018, p. 7).

Findo o Campeonato Brasileiro, a parceria entre a Associação Gaúcha de Futebol Feminino e o Grêmio se encerrou porque a Associação era responsável pela organização do Campeonato Estadual do Rio Grande do Sul de 2017, com chancela da Federação Gaúcha de Futebol. No entanto, a equipe continuou comandada pela técnica Patrícia e contando com 15 jogadoras do time inicial. Logo, com mais tempo para se organizar, o Grêmio realizou uma peneira no dia 30 de julho de 2017, no Centro de Treinamento do Cristal, localizado na zona sul de Porto Alegre, para

---

<sup>195</sup> A entrevista foi realizada no dia 22 de janeiro de 2018, em Porto Alegre com o objetivo de contribuir para o atual estudo.

<sup>196</sup> Carlos Alberto de Souza, conhecido popularmente como Neco, era o então presidente da Associação Gaúcha de Futebol Feminino.



compor a equipe que disputaria o Estadual (GAUCHAZH, 2017). Em entrevista para o Jornal GaúchaZH, Iura declarou:

Foi muito importante a parceria no primeiro momento, mas agora é o Grêmio que passa a comandar definitivamente o grupo. As jogadoras que estão voltando pertencem ao Grêmio e as que virão também serão do clube. A partir de agora o trabalho será diferenciado, voltado a dar todo suporte necessário para as atletas e para o incentivo da prática do futebol feminino (GAÚCHAZH, 2017, s/p).

No cotidiano da equipe parece que não foi bem assim. Em sua entrevista, a atleta Luana Santos<sup>197</sup> narra que, com a ruptura da parceria, diminuiu a qualidade do que receberam em termos de estrutura e material:

Quando jogamos o brasileiro, além do valor maior de ajuda de custo, a parceria entre a Associação e o Grêmio privilegiou muito o bem-estar das atletas, dando mais conforto, infraestrutura, acessórios, material de trabalho, comodidade em hotéis, ônibus e micro para levar aos treinos, enfim, tinha toda uma estrutura para as atletas. [...] O feminino não é tão valorizado como eles falam em redes sociais, tudo muito básico, treinamento durante a semana era na escolinha do Grêmio no Cristal, e fim de semana era no CT Hélio Dourado, pois final de semana não tinha treino da base, ou não interferia nos treinos deles. Em relação à estrutura, posso dizer que era pouca, prefiro não citar, mas perto da base do masculino, o Grêmio feminino passava e passa muita vergonha, pois tudo que foi conquistado, foi com muito esforço. Algumas coisas que para eles é num estalar de dedos para conseguirem, para o feminino tem que mover montanhas, e assim vai (SANTOS, 2017, p. 4).

O projeto de futebol feminino do Grêmio nesse mesmo ano aconteceu mais para atender à política de desenvolvimento da modalidade proposta pelas instituições gestoras do futebol do que por interesse de alcançar uma equipe com a melhor qualidade possível para competir. Essa afirmação é reforçada pelas atletas, como a Karina Balestra da Luz que também apontou a queda no investimento após o encerramento da parceria com a AGFF:

[...] depois no Campeonato Gaúcho, eles deram uma reduzida em alguns salários, mas continuou a mesma estrutura, foi uma estrutura boa assim, acredito que o Grêmio tentou fazer, a Patrícia ela queria ter trazido mais jogadoras de fora, assim, mas o Grêmio não estava dando tanto aquele apoio financeiro como a gente precisava, mas mesmo assim conseguimos fazer um time bom, mantemos as melhores do Brasileiro e conseguíamos treinar ali quatro, cinco vezes na semana às vezes, mas eu acho que

---

<sup>197</sup> A entrevista com a atleta Luana dos Santos aconteceu dia 6 de março de 2018, por meio digital, como contribuição para o atual estudo.

poderia ter sido melhor, eles poderiam ter investido mais pelo fato de ser Grêmio, poderiam ter investido mais, mas enfim, vivendo e aprendendo (DA LUZ, 2018, p. 8).

A fala da Karina se confunde entre o reconhecimento da técnica Patrícia Gusmão na efetivação e participação da equipe e a falta de interesse qualitativo do próprio Clube na modalidade. Iura, em sua entrevista ao site Dona do Campinho (2017)<sup>198</sup>, afirmou que as jogadoras recebem auxílio e sem atrasos, mas admite que o valor era pequeno ainda, pois dizia estar dentro do orçamento que o Grêmio poderia oferecer no momento. Quanto aos auxílios, Luana relata:

Não tínhamos contrato, assinávamos uma folha de pagamento, que era uma ajuda de custo, o auxílio era para as atletas de fora, que moravam longe, desde casa, comida, água e luz, davam todo esse suporte, e as meninas da cidade e região, ganhavam o valor das passagens (SANTOS, 2017, p. 3).

Disputado entre agosto e dezembro de 2017, por 13 equipes<sup>199</sup> de 12 cidades diferentes, o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino teve o Grêmio como o primeiro time selecionado para a final, com uma campanha que contou com 99 gols feitos e apenas 1 sofrido. A equipe jogou o Gauchão, sendo invicta até a penúltima partida, com placares muitas vezes elásticos<sup>200</sup> sobre os outros times da competição e ganhando uma repercussão positiva pelas redes sociais e jornais locais (AGFF, 2017).

A atleta Luana Santos acredita que todas as jogadoras do Grêmio sentiram o peso da camisa, por ser cobrada como uma profissional, “e nós tínhamos que agir como uma” (SANTOS, 2017, p. 8). Relata que houve muita pressão sobre a equipe em função do *status* do Grêmio que, segundo ela, o nome não poderia ser manchado. Ao questioná-la sobre a atuação do time no primeiro ano de seu retorno, a atleta diz: “Olha, má programada, poderiam melhorar e muito, muita coisa que nem

---

<sup>198</sup> Tentamos realizar entrevistas com o Iura, mas ele estava indisponível em todas as três tentativas.

<sup>199</sup> Inicialmente, o campeonato teve 15 times inscritos, nos quais 13 participaram dos jogos: Palestra (Carazinho), Mundo Novo (Três Coroas), Oriente (Canoas), Estrela (Estrela), Guarani (Lajeado), João Emílio (Candiota), Rio Grande (Rio Grande), Black Show (Guaíba), Santarritense (Nova Santa Rita), Sapucaense (Sapucaia do Sul), Ijuí (Ijuí), Grêmio (Porto Alegre), Internacional (Porto Alegre). E dois desistiram de participar: Clube Esportivo e Recreativo Atlântico, de Erechim e Paumar, de Rio Grande.

<sup>200</sup> Expressão utilizada no meio futebolístico que indica superioridade numérica grande entre placares.

resolveram ainda, e estão se preparando para o segundo ano já, tudo é um planejamento e o Grêmio meteu os pés pelas mãos” (SANTOS, 2017, p. 8). A atleta ainda conclui: “Deveriam ter montado um projeto e executado depois. Pelo que eu vejo, quiseram apenas executar uma ideia e não um projeto” (SANTOS, 2017, p. 8).

Já Lura, na entrevista para a Dona do Campinho (2017), afirma que tudo saiu como esperado: “Tínhamos certeza de que iríamos cair, mas lutamos para não cair. Mas aquilo nos deixou maiores ainda, pois estamos revisando nossos erros” (DONA DO CAMPINHO, 2017, s/p). O dirigente está se referindo ao mau desempenho no Campeonato Brasileiro que lhe custou o rebaixamento para a Série A2<sup>201</sup>.

Quanto às dúvidas sobre o Grêmio ir ou não para uma competição nacional sabendo que não estava preparado, a resposta da jogadora Luana reforça o quanto foi significativo para o futebol do Rio Grande do Sul e importante para as jogadoras da equipe participarem da competição:

Foi uma experiência incrível, poder jogar contra clubes que vem fazendo história no futebol feminino há muito tempo, é uma honra, e que fez todos os jogos serem um espetáculo a nós, independentemente dos resultados negativos que tivemos, pois, a diferença era vista, entrosamento, preparação física, detalhes que fazem a diferença no jogo, e que levaram aos resultados (SANTOS, 2017, p. 9).

Enquanto as jogadoras do time adulto do Grêmio viveram a experiência do Campeonato Brasileiro e sofreram o rebaixamento, o S.C. Internacional montou sua equipe, realizando seletivas e participando de competições locais. Posterior a esses acontecimentos, estava por vir a participação no Campeonato Estadual e a realização dos confrontos entre as equipes de mulheres dos dois maiores clubes do Rio Grande do Sul: os Grenais.

### **Gurias Coloradas e Gurias Gremistas: reacende a rivalidade no Gauchão 2017**

O congresso técnico preparatório do Campeonato Estadual de Futebol Feminino do Rio Grande do Sul, na categoria adulta, foi realizado no dia 3 de maio de 2017. O encontro aconteceu na sede da Federação Gaúcha de Futebol (FGF) e

---

<sup>201</sup> O Grêmio disputou 14 partidas, vencendo uma, empatando outra e perdendo 12 jogos. O outro time rebaixado na competição foi o Esporte Clube Vitória.

contou com a presença de representantes de 15 equipes que se inscreveram para participar da disputa. No encontro, foi realizado o sorteio dos jogos e das chaves da competição e foi definido o regulamento, os locais dos jogos entre outras deliberações (FGF, 2017).

O Estadual iniciou em agosto de 2017 e contou com a presença das equipes: S.C. Internacional, Grêmio F.B.P.A., Associação Palestra de Futebol (Carazinho), Esporte Clube Mundo Novo (Três Coroas), Sport Club Oriente (Canoas), Associação Estrela de Futebol (Estrela), Esporte Clube Guarani (Lajeado), Associação João Emílio (Candiota), Sport Club Rio Grande (Rio Grande), S.C. Black Show (Guaíba), Santarritense Futebol Clube (Nova Santa Rita), Grêmio Esportivo Sapucaense (Sapucaia do Sul) e Esporte Clube Gaúcho Ijuí (Ijuí).

O Grupo A da competição contou com os times: João Emilio Candiota; Grêmio F.B.P.A., Rio Grande e Palestra de Carazinho. O Grupo B contou com Black Show de Guaíba, Santarritense de Nova Santa Rita, Sapucaense, Oriente de Canoas e Mundo Novo de Três Coroas. E o Grupo C, com Internacional, Ijuí, Estrela e Guarani.

No primeiro jogo do Internacional no Gauchão 2017, as Gurias Coloradas venceram o time Estrela com um placar de 1 x 0, jogando na cidade de Estrela, em 13 de agosto. Seus jogos seguintes foram contra o Ijuí, com placar de 4 x 1, em 20 de agosto; novamente contra o time de Estrela, as coloradas ganharam e dessa vez com um placar de 4 x 0, no dia 24 de setembro; e o Ijuí de novo, no dia 1 de outubro, com vitória colorada de 2 x 1. Depois, confrontou-se com o Guarani e venceu por 6 x 1, no dia 8 de outubro, e por 7 x 0, no dia 22 de outubro.

Na segunda fase da competição, o Internacional venceu o time Oriente por 2 x 0, no dia 2 de novembro, e por 1 x 0, no dia 12 de novembro. Desse modo, classificado para as semifinais, enfrentou o Black Show, no dia 19 de outubro, vencendo por 2 x 0 e, como mandante do jogo seguinte, realizou o primeiro jogo do atual time das Gurias Coloradas no Estádio Beira-Rio<sup>202</sup>, no dia 26 de novembro, conquistando uma vitória de 8 x 0 sobre o Black Show (AGFF, 2017). A realização do jogo dentro do Beira-Rio foi considerada uma grande novidade e foi notícia em

---

<sup>202</sup> O Estádio José Pinheiro Borda, popularmente conhecido como Estádio Beira-Rio, é propriedade do S.C. Internacional e palco de partidas históricas nacionais e mundiais do futebol de homens. Todos os jogos da competição em 2017, tendo as gurias coloradas como mandantes de campo que antecederam essa partida, foram realizados no campo de futebol da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

sites jornalísticos e nas redes sociais (GURIAS COLORADAS, 2017; S.C. INTERNACIONAL, 2017; GAUCHAZR, 2017; CORREIO DO POVO, 2017).

O S.C. Internacional publicou em seu site (2017), que a tarde de domingo do dia 26 de novembro era especial e que as atletas no vestiário colorado do Beira-Rio sabiam disso: “A treinadora Tatiele Silveira avisava que a vantagem construída na primeira partida da semifinal (contra o Sport Club Black Show), em Guaíba, por 2 x 0, seria esquecida dentro de campo. Tudo em nome da motivação de voltar ao Gigante 14 anos depois” (INTERNACIONAL, 2017). Essas vitórias colocaram o S.C. Internacional na final do campeonato Gaúcho de 2017.

Após a eliminação da competição, o Sport Club Black Show, de Guaíba, por meio de seu presidente, Nilton Santos de Athayde, se pronunciou ao jornal Correio do Povo (2017): “Na realidade, nós somos os campeões. A dupla Grenal foi obrigada pela Conmebol a ter time, e deles não tem como ganhar”. Segundo o presidente, no Black Show, a rotina é parecida com quase todas as equipes do interior: atletas amadoras, que recebem só ajuda com o transporte: “É uma injustiça. A dupla ganha rios de dinheiro e o governo não manda uma verbinha para que os clubes consigam dar uma ajuda de custo às atletas”, diz o presidente (CORREIO DO POVO, 2017). Outros times apontaram as mesmas dificuldades durante a competição.

O Grêmio F.B.P.A. também realizou uma campanha com muitas vitórias, como mandante de campo, o CT Hélio Dourado, na cidade de Eldorado do Sul (GRÊMIO F.B.P.A., 2017). O primeiro jogo das gremistas aconteceu no dia 20 de agosto, contra a equipe de Rio Grande, no qual ganharam com um placar de 8 x 0; no dia 27 de agosto, o Grêmio goleou o Palestra por 20 x 0; o terceiro jogo do Grêmio foi contra a Associação João Emílio, no dia 10 de setembro, vendendo-o por 3 x 0; já no segundo jogo contra a Associação João Emílio, o placar ampliou para 15 x 0 no dia 24 de setembro; o Grêmio enfrentou novamente o Rio Grande conquistando o placar de 5 x 1, no dia 1 de outubro; e jogou de novo contra o Palestra, vencendo dessa vez por 9 x 0, no dia 8 de outubro (AGFF, 2017).

Na segunda fase da competição, o Grêmio enfrentou o Sapucaense e goleou de 14 x 0, no dia 5 de novembro, e de 11 x 0, no dia 12 de novembro, se classificando para a semifinal contra o Guarani. Os dois jogos das semifinais foram com placares tranquilos para as gremistas. No primeiro jogo, realizado dia 19 de novembro, o Grêmio ganhou de 6 x 0 e no segundo jogo, que ocorreu dia 26 de novembro, o

Grêmio se classificou para a final derrubando o Guarani com um placar de 8 x 0 (AGFF, 2017).

Diante de tais partidas e dos resultados expostos, o S.C. Internacional e o Grêmio F.B.P.A se encontraram para a disputa da final do Campeonato Gaúcho de 2017, que segundo o regulamento da competição, deveria ter dois jogos para decidir a equipe campeã (AGFF, 2017).

O primeiro jogo<sup>203</sup> da decisão foi realizado no dia 3 de dezembro, no CT Hélio Dourado, em Eldorado do Sul, com uma vitória de 2 x 0 do Grêmio. O espaço destinado à torcida do S.C. Internacional parecia ser três vezes menor que o espaço utilizado pela torcida gremista.

No segundo jogo, dia 9 de dezembro, o S.C. Internacional e o Grêmio F.B.P.A. realizaram o último confronto da competição no campo de futebol do Estádio Beira-Rio, com cerca de 5 mil torcedores prestigiando a partida (GLOBO ESPORTE, 2017). A notícia da final do Gauchão de Mulheres foi registrada por jornais locais: “Goleira reserva pega três pênaltis e Inter leva título do Gauchão de futebol feminino” (JORNAL DO COMÉRCIO, 2017), além dos canais habituais de divulgação, sites dos times e páginas do Facebook, como a das Gurias Coloradas.

O Gauchão 2017 apresentou duas equipes que destoaram das demais e isso se justificou possivelmente por investimentos e planejamentos dos dois times de camisa. O esperado após o evento era que os dois clubes continuassem investindo e que órgãos públicos e privados também investissem no desenvolvimento de outros times e na competição.

Sobre a vitória do Internacional no Estadual após anos sem atuação do seu time de mulheres, Bruna Costa, em sua pesquisa sobre a trajetória das Gurias Coloradas em 2017, afirma que “o retorno do seu departamento foi marcado pela conquista do título estadual, aumentando a possibilidade de carreira e oportunizando a realização de sonhos, tanto para jogadoras como para outros cargos dentro do futebol de mulheres” (COSTA, 2018, p. 48). A autora ainda comenta sobre a competição em geral, afirmando que “a atuação da equipe no campeonato deu maior

---

<sup>203</sup> Escalação do time do Grêmio: Carol Aquino, Jissele, Ariane, Carol Carioca e Carol Gomes; Thiellen, Dani, Tefa e Shasha; Karina e Luana. Técnica: Patrícia Gusmão. **Escalação do Inter:** Luana; Geórgia, Isadora Hass, Renata Costa e Leidiane Cardoso; Gabi Luizelli e Paloma; Thessa Tainá, Mylena e Rosana, Byanca Brasil. Técnica Tatiele Silveira. Dados fornecidos pelo Globo Esporte (2017).

visibilidade para a competição, mas também mostrou a disparidade entre os times, pelos placares elásticos e a falta de estrutura e investimentos que sofrem alguns clubes” (COSTA, 2018, p. 48).

No fim de 2017, o diretor de futebol feminino do S.C. Internacional, César Schunemann, em entrevista ao Jornal do Comércio menciona a reativação do time de mulheres pela nova gestão depois de 15 anos de inatividade e diz apostar na fiscalização do *Transfer Match System*<sup>204</sup> (TMS) como um possível caminho para a segurança financeira das jogadoras. A meta do clube era que, em três anos, o time adulto estivesse na primeira divisão e, em cinco anos, disputasse entre os melhores times do país. César finalizou a entrevista dizendo que não havia garantia de profissionalização porque dependiam de recursos, apoio e condições de crescimento do futebol de mulheres no país como um todo. Sobre a então situação, a gerente do Internacional falou:

O Inter hoje ele tem, uma equipe adulta, competitiva, eu te diria que a gente está entre as dez melhores equipes do Brasil, pela estrutura que o clube oferece. Nós temos uma equipe sub-17, uma equipe sub-15 competitiva também, a nível de Brasil com o terceiro lugar ano passado no Campeonato Brasileiro de sub-17, segundo lugar, vice-campeã brasileira na categoria sub-14, e a gente tem a escolinha. Nossa escolinha eu vou te dizer que ela é uma das maiores que existe hoje no Brasil com todas as categorias, a partir dos seis anos de idade, até a categoria master adulta, ou seja, a gente tem futebol para todas as mulheres, basta querer jogar futebol, é só vir e falar com a gente que tem para todo mundo. A boa, a ruim, aquela que quer competir, aquela que quer emagrecer, todo mundo que quiser participar (LUIZELLI, 2017).

Segundo a Duda Luizelli (2018), a ideia do Internacional era ir ao encontro das novas normativas das instituições gestoras do futebol, e com um projeto iniciado em 2017 alcançaram o Estadual. “E agora este ano de 2018 a gente quer conquistar o Brasil. Dia 25 de março, nós jogamos contra o Náutico em Pernambuco” (LUIZELLI, 2018), fazendo referência à disputa que garantiria, ou não, a vaga para a Série A2 do Campeonato Nacional, cuja análise faço no próximo subitem deste estudo. Sobre a atuação do Internacional desde o retorno do time de mulheres, Ana Laura Eckhardt de Lima e Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer (2019) sinalizam um conjunto de acontecimentos que eles descrevem deste modo:

---

<sup>204</sup> O TMS é um sistema que monitora o mercado internacional de transferências e publica dados oficiais das transações entre jogadores e, a partir de janeiro de 2018, de jogadoras de um clube para outro.

[...] passam pela aproximação das mulheres ao clube desde o princípio, a história de conquistas do antigo departamento de futebol de mulheres, as legislações e a necessidade de adequação do clube para poder disputar competições importantes do futebol de homens, em conjunto com pessoas determinadas a desenvolver o futebol de mulheres e uma diretoria que se propõe a abrir as portas para a modalidade (LIMA; HECKTHEUER, 2019, p. 95).

Essa rede de acontecimentos com participação de diversas mulheres protagonistas ocorreu sobre um cenário ainda de reestruturação da própria competição estadual que o time participava. Em entrevista concedida para o Globo Esporte em agosto de 2017, Carlos Alberto de Souza, presidente da Associação Gaúcha de Futebol Feminino, afirma: “os campos ruins são apenas paisagem para um cenário ainda mais precário da modalidade, que sonha em se tornar profissionalizada. Mas que convive com amadorismo, falta de investimento e com ‘exploração’ do talento das atletas” (GLOBO ESPORTE, 2017, s/p).

A falta de profissionalismo dessa fase pode ser percebida na falta de estrutura da modalidade: gramados em condições precárias, treinos e jogos realizados em estádios periféricos, pouca visibilidade na mídia, inclusive esportiva, entre outras. Uma pesquisa realizada pelo Globo Esporte informa que a maioria dos 13 times do Rio Grande do Sul que participava do Estadual de 2017, sem contar o Internacional e o Grêmio, não pagava salários para as jogadoras (GLOBO ESPORTE, 2017, s/p).

A subsistência das equipes contava com o trabalho voluntário ou parcerias efetivadas com órgãos públicos ou entidades comerciais das cidades onde estavam sediados. Em muitos casos, os treinos só ocorriam nos fins de semana, “pois as jogadoras são mães, estudantes e trabalhadoras. Ninguém vive do futebol feminino no Estado” (GLOBO ESPORTE, 2017). A pesquisa ainda reforça a descrição do cenário:

Esqueça campos bem aparados, grama de tecnologia internacional e tratada praticamente em tempo real. Esqueça grandes arenas lotadas, fanfest e estrutura de megaeventos esportivos. Esqueça vestiários climatizados. Esqueça investimentos monstruosos em contratações, salários e comissões técnicas supervalorizadas. O glamour do futebol feminino no Rio Grande do Sul está na união e força de vontade de pessoas que sonham um dia ver a prática ao menos próxima da realidade que impera nos gramados masculinos (GLOBO ESPORTE, 2017, s/p).

Vale lembrar que a matéria está fazendo referência a 2017, ano no qual foram reativadas as equipes do Grêmio F.B.P.A. e do S.C. Internacional em função das



deliberações da FIFA, CONMEBOL e CBF. Nesse ano, o Campeonato Gaúcho era organizado pela Associação Gaúcha de Futebol Feminino, ou seja, a Federação Gaúcha não investia nem na organização do principal evento esportivo da modalidade. Esse cenário se modificou em 2018 e a instituição responsável pelo futebol no estado assumiu o Gauchão. Duda<sup>205</sup> Luizelli, gerente do Internacional, ao analisar essa alteração, comentou sobre suas expectativas:

O que que falta são categorias de base e campeonatos realmente organizados. Eu acho que isso é o que falta para o futebol feminino no Rio Grande do Sul crescer. O ano passado [2017] se teve campeonatos, esse ano a gente não sabe, não tem nenhuma informação do que vai acontecer, quando vai ser, de que forma vai ser. Então as coisas ainda estão soltas, a gente não tem um calendário no Rio Grande do Sul. Me parece que este ano, a Federação Gaúcha é quem vai organizar o campeonato adulto de futebol feminino. Beleza, isso está perfeito, a gente só não sabe ainda quem é a pessoa responsável, mas a gente sabe que vai ser a Federação Gaúcha. Eu acho que este é um grande passo para, se não a profissionalização, a semiprofissionalização do futebol feminino no Rio Grande do Sul (LUIZELLI, 2018, p. 12).

Diante dos apontamentos até aqui realizados, foi possível esperar um avanço na realização do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino e uma crescente no desenvolvimento dos times de camisa, Grêmio e Internacional nos anos que se seguiram.

### **Grenal em nível Nacional no ano 2018**

O ano de 2018 começou com os times de mulheres do Grêmio e do Internacional se encontrando no quadro nacional pelo Campeonato Brasileiro na série A2. “O nosso objetivo já dentro deste ano é conquistar a vaga para a série A1”, nos disse a gerente de futebol feminino do S.C. Internacional (LUIZELLI, 2018, p. 3). “A competição nacional requer um planejamento que já foi estabelecido e começou a ser posto em prática”, comentou o então gerente de futebol feminino do Grêmio F.P.A. ao Globo Esporte (GLOBO ESPORTE, 2018, s/p). A participação simultânea dos dois times na mesma Série do evento aconteceu após o Grêmio ser rebaixado

---

<sup>205</sup> Entrevista realizada em Porto Alegre no dia 6 de abril de 2018, para a então tese de doutorado. Eduarda Luizelli é ex-jogadora do S.C. Internacional e da seleção brasileira, dona de uma escolinha de futebol no Rio Grande do Sul e, até 2019, foi gerente esportiva do futebol feminino do S.C. Internacional, sendo hoje coordenadora das Seleções brasileiras de mulheres.

para a Série A2, ao disputar o campeonato nacional pela Série A1 e o Internacional conseguir vaga na Série A2, vencendo o campeonato Estadual e a preliminar do Nacional.

Após a final do Estadual, questionada sobre as expectativas para 2018, a gerente Eduarda M. Luizelli (Duda) disse: “Não é mata-a-mata, é apenas mata!” (LUIZELLI, 2017, s/p), falando sobre o primeiro jogo que o S.C. Internacional estava para enfrentar na fase preliminar do Campeonato Brasileiro pela Série A2. Duda concluiu: “porque é um jogo só, e o nosso objetivo é vencer e entrar no seletivo grupo de clubes que participam do Campeonato Brasileiro, no caso nós vamos entrar na série A2, mas o nosso objetivo já dentro deste ano é conquistar a vaga para a série A1” (LUIZELLI, 2017, s/p).

O ano de 2018, então, começou para o Internacional com uma reapresentação no estádio Beira-Rio, em janeiro. No mesmo mês, aconteceu também uma nova peneira, além de avaliações técnicas (GURIAS COLORADAS, 2018). Assim, o time<sup>206</sup> entrou na pré-temporada com foco na seletiva da A2.

Já o Grêmio, diante do título de vice-campeão do Estadual, em seu primeiro ano de competição após a reativação, se renovou para 2018. Das principais mudanças divulgadas, ocorreu a saída da técnica Patrícia Gusmão que aceitou o convite da Duda para ser assistente técnica no time do S.C. Internacional e a saída das atletas Karina Balestra da Luz, Shasha Pedroso e Caroline dos Santos Gomes que também começaram a atuar no time colorado (VARGAS, 2018). Sobre a participação geral do Grêmio em 2017, a atleta Jissele Machado comentou:

[...] 2017 foi muito bom. Tivemos a melhor campanha, a artilheira do campeonato e a goleira menos vazada. A gente fez, se não me engano, 107 gols. Eram muitos gols. [...] Ao mesmo tempo, foi ruim, porque o Grêmio e o Inter estavam vindo bem, então, quem perdesse, acabava ficando com muita responsabilidade porque um grenal é grenal [...]. Mas serviu como lição porque o Grêmio se estruturou para se preparar para 2018 (MACHADO, 2018, p. 6).

Já desvinculado da Associação Gaúcha de Futebol Feminino, o Grêmio realizou no dia 25 de março uma peneira buscando atletas de 16 a 25 anos, no CT

---

<sup>206</sup> A formação do time foi composta por Leidi Machado, Layssa Cristina, Shasha, Karina e Carol que vieram do Grêmio F.B.P.A., Júlia Lordes e Kimberlyn Damares Brandino. E renovou com as atletas Paloma Melo, Mylena, Gabi Luizelli, Fernanda Delazere, Paloma Castro, Maria Júlia Amaral, Thessa Tainá, Luana Liberato, Daniella Zanolla, Ana Clara Estevas.

do Cristal, localizado na Zona Sul de Porto Alegre, para estruturar um plantel próprio<sup>207</sup>, com comissão técnica nova<sup>208</sup> e um departamento gremista reestruturado<sup>209</sup>. A oficialização de um novo espaço de treino e de jogo para o time do Grêmio também aconteceu em 2018, no Estádio Antônio Vieira Ramos, na cidade de Gravataí-RS. O local pertence ao Cerâmica Atlético Clube e foi alugado pela diretoria gremista para a disputa da Série A2 (GRÊMIO F.B.P.A., 2018). Sobre o novo CT, as atletas Roberta Rosa e Jissele Machado comentaram:

É bom [ter o Centro de Treinamento próprio] porque cria um espaço que nos deixa ver o que realmente está sendo investido para a gente. Ficou uma estrutura bem boa separada do masculino, e é uma estrutura só nossa, então, é a nossa casa aqui [risos], e eu ainda moro aqui em Gravataí, que é aqui, porque a gente vê que está sendo tratada de maneira diferente (ROSA, 2019, p. 7).

Antes, a gente acabava dependia de Eldorado, da reserva no Campo da Cristal, da liberação do campo. Agora não. Agora a gente tem um campo. A gente consegue. Toda estrutura está para nós. Então, a gente consegue treinar muitas vezes dois turnos, consegue, quando precisa ser treino à noite, tem academia, tem tudo disponível. Se chove muito forte e não dá para usar o campo, a gente tem a academia. Então, a gente não perde muito treino. 2018, no início, muitas vezes, era cancelado o treino porque tinha muita chuva. A gente sabe que o inverno daqui chove muito. Então, tinha esses empecilhos que este ano e no final de 2018, não estão tendo. Isso ajuda na continuidade do trabalho (MACHADO, 2019, p. 4).

Logo, os dois times começaram o ano se preparando para as principais competições e para os próximos Grenais, que em 2018 alcançaram novos campos de disputa. Isso porque, pela primeira vez na história, após o retorno das duas equipes, Grêmio e Inter se enfrentariam participando do Campeonato Brasileiro. Sobre a transição do ano de 2017 para o ano de 2018, a atleta colorada Thessa de Paula comentou:

[...] 2018 eu acho que foi o ano que todas e todos, no caso, tanto diretoria quanto atleta, viram a mudança que iria ter, porque você passou de um jogo amador que era na Associação, para um jogo profissional da Federação; você passa de uma peneira, que já foi de 2017, para ser profissional em 2018 disputando o Campeonato Brasileiro, então, foi uma mudança radical e tinha que mudar em tudo, porque você tem que mudar a sua cabeça, tem

---

<sup>207</sup> Algumas de suas principais jogadoras, como Carol Gomes e Karina Luz foram contratadas pelo Internacional.

<sup>208</sup> A técnica Patrícia Gusmão se despediu do cargo gremista para assumir a função de assistente técnica do Internacional.

<sup>209</sup> Espera-se que o Clube que vem alcançando grandes títulos com os homens, apresente aberturas mais planejadas e adequadas em seu segundo ano de execução.

que virar a chave. E eu acho que o 2018 foi isso. Foi virar a chavinha para o que a partir dali o Inter ia querer caminhar e a trilhar (DE PAULA, 2020, p. 8).

A Competição Nacional começou no dia 24 de março e se encerrou no dia 12 de julho. O Inter já começou participando da Série A2, na fase preliminar, em confronto eliminatório sobre o Clube Náutico Capibaribe, em Pernambuco. Essa fase contou com 26 clubes disputando a classificação de 13 vagas. Depois, na fase inicial, os 13 classificados se juntaram ao clube que representou o estado mais bem ranqueado, à Associação Desportiva Embu das Artes e aos rebaixados da Série A1 de 2017, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Esporte Clube Vitória, totalizando 16 clubes. Estes formaram dois grupos de oito clubes cada.

O Grupo 1 foi formado pelas equipes: América Futebol Clube, Minas Brasília Tênis Clube, S.C. Internacional, Associação Atlética Napoli, Vila Nova Futebol Clube, Grêmio F.P.A., Associação Desportiva Embu das Artes e Duque de Caxias. A dupla Grenal teve desempenhos divergentes. O Grêmio começou a competição empatando com o Duque de Caxias com o placar de 3 x 3; também empatou com o América com o placar de 0 x 0; perdeu para o Internacional por 5 x 1; para o Vila Nova por 1 x 0 e para o Minas Brasília por 2 x 1; encerrando a participação no Nacional com vitória de 4 x 2 sobre o Napoli e de 4 x 1 sobre o Embu das Artes.

Já o Internacional teve uma campanha melhor, chegando à semifinal da competição. Jogou contra o América alcançando vitória de 3 x 2; depois, seguiu com vitórias contra o Duque de Caxias por 5 x 0; o Grêmio por 5 x 1; o Minas de Brasília por 2 x 0; o Embu das Artes por 4 x 0 e o Vila Nova por 6 x 0. O confronto dos times gaúchos nessa fase, com a vitória colorada, aconteceu no dia 23 de maio, no Estádio Vieira Ramos, em Gravataí. Notícias sobre a partida saíram em sites esportivos, como o Globo Esporte (2018): “O Inter começa a sobrar na Série A2 do Campeonato Brasileiro. Em uma atuação quase impecável na tarde desta quarta-feira, o Colorado goleou o rival Grêmio [...] e encaminhou classificação para a semifinal da competição” (GLOBO ESPORTE, 2018, s/d). Sobre a atuação do Grêmio na competição de 2018, as atletas entrevistadas, Jissele Machado e Roberta Rosa comentam:

Assim, foi mais duro em 2017 porque a gente jogou com equipes que treinavam junto há muito tempo. E no ano passado, a gente estava mais ou menos com a mesma estrutura. Algumas meninas treinavam todos os dias,

outras não. Então, as que não treinavam sempre, a gente batia de frente e conseguia sair com a vitória. Mas, foi mais na garra e na vontade (MACHADO, 2019, p. 4).

Agora somos uma equipe madura. A gente já tropeçou tantas outras vezes, e a base da equipe é mais ou menos a mesma, tem bastante gurias que já está desde 2017, é uma equipe madura e aos poucos, vem amadurecendo bastante, já tem corpo de time grande, a gente já é um time grande. [...] a comissão é a parte mais acessível que existe (ROSA, 2019, p. 5).

A atuação do Grêmio na Série A2 nesse período pode ser lida considerando dois cenários: o primeiro deles, feito pela comissão técnica e pelo conjunto das jogadoras que buscavam vitórias e os melhores resultados possíveis. O segundo, empreendido pelos representantes superiores do clube que manifestavam seu contentamento com a manutenção do time na competição.

Os dois primeiros times de cada grupo<sup>210</sup> se classificaram para permanecer no campeonato. Nas semifinais, o Minas Brasília Tênis Clube venceu a Associação Desportiva 3B da Amazônia, em duas partidas com placares de 2 x 1 para o Minas e 1 x 1, e o Esporte Clube Vitória enfrentou o S.C. Internacional em dois confrontos com placares de 1 x 1 e 2 x 1 para o Vitória. Com esse placar negativo, o Internacional se despediu da competição. Sobre esse episódio, a jogadora Thessa de Paula comentou:

[...] acabou que a gente entrou na série A2 e a gente estava fazendo uma campanha sensacional, e a gente foi até a semifinal contra o Vitória e acabando o primeiro jogo, a gente toma um gol no último minuto. Foi “punk” [risos]. Foi bem difícil esse gol tomado, porque a gente poderia ter matado o jogo dois, três lances antes com dois gols. Então assim, o jogo poderia ter saído 3 x 1, 2 x 1, e acabou que saiu 1 x 1. Logo, a gente foi para casa, assim: “dá para ganhar!”, porque a gente viu que dava para ganhar. Mas, futebol tem o dia, tem que empurrar a bola dentro da rede, tem tudo isso e a gente acabou perdendo dentro de casa. E aí não indo para a final, mas subindo direto para a segunda divisão (DE PAULA, 2020, p. 9).

Desclassificado, o Internacional ficou em terceiro lugar no computo final, depois que o Minas e o Vitória disputaram a final, empatando os dois jogos com placares de 2 x 2 e 0 x 0, com vitória do Minas Brasília nos pênaltis, equipe que se

---

<sup>210</sup> Para fins de conhecimento, o grupo 2 era composto pelas equipes Associação Esportiva 3B da Amazônia, Esporte Clube Vitória, Escola Superior Madre Celeste ESMAC, Sociedade Esportiva Tiradentes, Sampaio Corrêa Futebol Clube, Associação Desportiva Lusaca, Botafogo Futebol Clube e Centro Esportivo São Gonçalo do Amarante.

sagrou campeã do torneio. Apesar do terceiro lugar, o S.C. Internacional acabou conquistando uma vaga para ascender à Série A1 de 2019, após a desistência de um time que estava Série A1, o Rio Preto Esporte Clube, o que possibilitou a entrada de mais uma equipe além da campeã e vice-campeã.

Finalizado o Campeonato Brasileiro, os times do Rio Grande do Sul disputariam mais uma vez o Campeonato Gaúcho. Os primeiros passos da Federação quanto à organização desse evento aconteceram de fato nessa edição de 2018. O Globo Esporte continuou publicando matérias sobre a modalidade e realizou uma nova pesquisa em 2018, apontando algumas modificações que aconteceram no torneio desde que a Federação assumiu o comando.

Como mudanças positivas para o futebol gaúcho, a matéria refere que foi identificado que os times não faziam mais dois jogos no mesmo dia para economizar em deslocamento; as equipes não precisavam mais arcar com custos de arbitragem; a Federação isentou as taxas de inscrições de atletas e o calendário foi divulgado com antecedência. Sobre os pontos considerados preocupantes, foi citado que: os clubes seguiram reclamando do nível da arbitragem; não houve repasses financeiros e nem premiação para os clubes; taxas foram cobradas para transferir atletas que estavam inscritas em outras federações; clubes precisaram arcar com seguranças e pagar R\$ 500,00 para ter ambulância nas partidas.

O Globo Esporte alertava, ainda, que o estabelecimento de regras mais rígidas poderia esvaziar o campeonato, visto que os times que sofriam W.O.<sup>211</sup> seriam impedidos de disputar o campeonato por dois anos. Só no ano de 2018, devido às dificuldades extra campo, seis equipes abandonaram o torneio.

A matéria alertava também para o fato de a Federação disponibilizar apenas seis bolas por time para treinos e jogos no ano todo. Isso porque, antes, os clubes recebiam onze bolas (GLOBO ESPORTE, 2018). Sobre todas essas informações e diante de seus próprios descontentamentos quanto ao campeonato de 2018, em entrevista ao Globo Esporte, o então presidente da Federação, Francisco Novelletto, discursou:

Eu achei um fiasco. Dos 16 times, seis desistiram do campeonato por falta de comida, por falta de dinheiro para viajar. Não conseguiriam pagar as

---

<sup>211</sup> Caso em que uma equipe não se encontra em situação regular para participar da partida.

despesas, mais arbitragem. Eu não conhecia essa realidade. É o momento de o Ministério dos Esportes, Secretaria de Esportes, por exemplo, olhe para mulher. Querem a inclusão da mulher, mas não ajudam. Foi ridículo, medíocre. Eu mesmo estive em um clube no ano passado que as atletas estavam fazendo uma vaquinha para fazer a janta, salsichão e pão. Dei R\$100,00 do meu bolso para comprarem uma carne. Não dá para condenar os clubes, que já tem dificuldades. Para dar verba na Lei Rouanet, para centenas de artistas, tem dinheiro (GLOBO ESPORTE, 2018, s/p).

A fala do presidente mostra o desconhecimento histórico sobre o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul e revela anos de desinteresse da Federação sobre a realidade desse futebol. Além de criticar a modalidade, Noveletto não assume sua responsabilidade como gestor da instituição que rege o futebol no Estado. Ou seja, cobra o interesse de órgãos públicos para a realização de um campeonato mais qualificado, porém silencia sobre compromissos que a Federação não implementou em 2018:

Quem tem de bancar é o Ministério de Esporte e Cultura. Futebol feminino não tem verba de TV, nada. Hoje, para se ter uma ideia, está faltando para o futebol masculino, na divisão de acesso. Onde não tem TV, não existe patrocínio. Chamo a atenção para o Ministério dos Esportes, Secretaria dos Esportes. Infelizmente, a categoria não tem fins lucrativos. Não pode e não dá para a Federação bancar tudo integralmente (GLOBO ESPORTE, 2018, s/p).

A fala de Novelletto revela um cenário precário de políticas públicas para as mulheres do futebol, mas também deixa subentendida a busca por responsabilizar a qualificação dos times de mulheres por meio da condução dessas esferas públicas, implicitamente, fugindo de abordagens sobre novas demandas de investimento da FGF para esse futebol, como denunciou a matéria “As equipes não pagam salários, contam com trabalhos voluntários e parcerias com prefeituras e comércio das cidades que representam” (GLOBO ESPORTE, 2018).

Sobre as responsabilidades de organizações públicas em todo o país, Barreira (2018) descreve um futebol no qual “diversos agentes esportivos fazem parte desse processo de transição e de reorganização da modalidade. Por exemplo, grande parte da estrutura utilizada para os treinamentos e jogos é fornecida pelas prefeituras municipais” (BARREIRA, 2018, p. 10). Novelletto, ao jogar para o poder público as responsabilidades pelo desenvolvimento da modalidade, se exime de investir no fomento de estratégias de desenvolvimento em termos de estrutura e de dificuldades ainda enfrentadas historicamente pelas jogadoras (BARREIRA, 2018).

O Campeonato Estadual de Futebol Feminino de 2018 começou no dia 29 de julho e contou com 10 equipes do Rio Grande do Sul: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, Sport Club Internacional, Brasil de Farroupilha, Associação Estrela de Futebol e Futsal, Associação Esportiva João Emílio, Sport Club Oriente, Sport Club Rio Grande, Esporte Clube Ijuí, Sport Club Black Show e Associação Palestra Futebol Clube.

As dez equipes foram divididas em dois grupos de cinco times cada para a fase inicial da competição. Todas as equipes se enfrentam dentro de seu grupo, em confrontos de ida e volta. As quatro primeiras colocadas de cada grupo avançam. Oito equipes se enfrentam nas quartas de final, em partidas de ida e volta. Os confrontos das fases semifinal e final também aconteceram em partidas de ida e volta.

Participando do Grupo A, o Internacional venceu todas as oito partidas contra as equipes Estrela, Palestra, Brasil de Farroupilha e Ijuí. O Grêmio também seguiu invicto jogando contra as equipes Oriente, Rio Grande, João Emílio e Black Show<sup>212</sup>, pelo grupo B. O Internacional e o Grêmio seguiram vitoriosos nas quartas de final e na semifinal, garantindo mais uma disputa de Grenal na final do Campeonato. Apesar do bom desempenho do time colorado, a jogadora Thessa de Paula comenta que a derrota da semifinal do Campeonato Brasileiro dificultou a concentração da equipe para o Estadual:

Isso foi meio difícil, porque, a nossa equipe era muito boa, a gente tinha certeza que estaria pelo menos entre o primeiro e o segundo. Isso para se tornar aceito e para depois jogar o Gauchão, foi bem difícil. Para você recuperar o fôlego, para você dizer assim: “não, vamos lá que esse já foi, essa já não tem mais o que fazer, vamos jogar o Gauchão que vai dar tudo certo”. Era o que a gente se dizia e assim foi. Um jogo atrás do outro, a gente vai se puxando, vai, vai, vai... (DE PAULA, 2020, p. 9).

Logo, a final foi dividida em duas partidas. A primeira ocorreu no dia 1 de dezembro, no Estádio Antônio Vieira Ramos, em Gravataí, terminando com um empate entre as equipes de 0 x 0. O último jogo, que ocorreu no dia 9 de dezembro,

---

<sup>212</sup> O time Black Show foi excluído da competição, após o não comparecimento ao confronto contra o Grêmio. Em suas partidas restantes, foi aplicado o escore de 3 x 0 a favor do adversário e os pontos obtidos nas partidas anteriores transferidos às equipes adversárias.



dentro do Estádio Beira-Rio, se tornou mais equilibrado, já que não havia vantagens de gol.

A partida final se desenrolou para um novo empate, agora de 1 x 1. As penalidades precisaram ocorrer para definir a equipe campeã. Num placar de 5 x 3, dentro da casa das Gurias Coloradas, o time do Grêmio F.P.A. conseguia seu terceiro título na história dessa competição. De um lado, as Coloradas apontavam o desafio de superar o Campeonato Brasileiro para focar no Estadual:

[...] acabamos indo para final contra o Grêmio, que fez o dever de casa. O nosso time era muito superior ao deles, só que fechou ali a casinha. Jogo é assim! E a gente perde o último jogo. A gente tinha ganhado de 5 x 1 o primeiro jogo contra o Grêmio, na classificatória, e aí na final, a gente empata os dois jogos que não poderia empatar e perde nos pênaltis. [O ano de] 2018 foi difícil [risos]. É, 2018 foi bem difícil, porque assim, você sai de uma derrota no Brasileiro e você quer recuperar no outro campeonato, e aí você está na final do outro campeonato, e aí você perde [risos] [...]. Foi bem difícil, mas graças a Deus a gente conseguiu se recuperar e aí chegou 2019 (DE PAULA, 2020, p. 9).

Do outro lado, as Gremistas comemoram a vitória dentro do Estádio do time adversário e comentam que melhores recursos e estruturas surgiram após a conquista alcançada. Perguntada sobre a maior diferença de 2017 para 2018 que fez o Grêmio conquistar o título Estadual, Jissele Machado respondeu:

Eu acho assim, muitas meninas que ficaram, elas estavam querendo muito. Então, a gente ganhou muito na vontade, sabe? A gente tinha poucas meninas comparado ao time adversário, a gente tinha menos estrutura, pelo que a gente escutava do Internacional. Mas a vontade dentro de campo, a gente se superou e a gente acabou ganhando. Mas, claro que melhorou muito porque no de 2018, por volta de agosto, eles profissionalizaram, deram carteira assinada, então, a gente acabou tendo mais benefícios e estabilidade para conseguir largar os empregos que muitas ainda estavam trabalhando (MACHADO, 2019, p. 3).

Jissele faz outras menções a questões trabalhistas que se iniciaram a partir do segundo semestre de 2018 e que resultaram na melhoria do desempenho do time em competições:

Eu por exemplo, já cheguei a trabalhar em até sete lugares diferentes. Eu ia de moto para qualquer lugar para conseguir dar conta de manter os estudos e os treinos. E quando eles assinaram a carteira, deu muito mais estabilidade para que eu fosse largando os compromissos e focando só em treinar. Porque até então, a gente tinha competido na Série A2, não fizemos uma má campanha, mas também não conseguimos nos classificar e quando eles deram a carteira assinada, foi muito mais fácil para a gente conseguir focar só em treinar (MACHADO, 2019, p. 4).

Essas falas da jogadora reforçam o que Sotiriadou *et al.* (2008) apontam sobre o reconhecimento e a valorização do futebol de mulheres no Brasil acontecer principalmente após a conquista de competições e títulos, o que promove mais visibilidade, trazendo, assim, maiores cobranças internas aos clubes. Para o Internacional, após a derrota no Campeonato Estadual, a mudança mais significativa que aconteceu na equipe foi o desligamento da técnica, Tatiele Silveira<sup>213</sup>.

Os noticiários esportivos *on-line* diziam sobre a saída da técnica como um acontecimento contraditório ao crescimento do time de mulheres: “Nesta segunda-feira, o Internacional anunciou que a treinadora Tatiele Silveira não terá seu contrato renovado. A comandante, que conquistou o Gauchão Feminino no ano passado, deixa o clube com apenas uma derrota em 2018” (TORCEDORES, 2018, s/p). “Fontes próximas à ex-comandante garantem que a justificativa dada pelo Colorado foi ‘falta de resultados’. Todavia, em quase dois anos de trabalho na equipe, a treinadora acumulou 34 vitórias, quatro empates e apenas duas derrotas” (LANCE, 2018, s/p).

Sobre o fato, Cesar Schunemann, diretor de futebol feminino do Internacional, se pronunciou em entrevista ao Portal Esportivo Lance: “É uma excelente profissional. Ela trabalhou conosco em 2017 e 2018, mas não ficará em 2019, porque o clube entende que deve dar novo rumo no comando técnico” (LANCE, 2018, s/p). A atleta Thessa de Paula (2020) também comentou sobre a mudança de técnicos em 2018, apresentando lados positivos e negativos:

Eu me identificava muito com a Tati, eu acho que a Tati é uma excelente treinadora, eu acho que vai ser pouco ela ser campeã brasileira, ela vai chegar em uma seleção brasileira, ela vai sim conquistar muitos títulos, porque ela trabalha, ela é uma pessoa muito dedicada e ela sabe trabalhar com pessoas [...] eu gostava muito dela, eu fiquei muito triste quando eu soube da saída, mas a gente tá para trabalhar, isso é futebol e vai acontecer em qualquer lugar e em qualquer time essas mudanças (DE PAULA, 2020, p.11).

O futebol feminino ainda não está tão preparado para essas trocas tão bruscas, porque normalmente não é o técnico que sai, é atleta, o técnico está sempre ali, e aí ele vai escolhendo as atletas. No caso do Inter, foi uma mudança que a gente também não esperava. Eles mudaram o técnico e falaram, “agora vamos ver o que pode mudar para ser melhor no próximo ano”. E por um lado é bom, porque você sai do comodismo, porque são

---

<sup>213</sup> Depois de demitida do Internacional, Tatiele Silveira foi contratada pela equipe do Associação Ferroviária de Esportes, da cidade de Araraquara-SP, equipe com a qual conquistou o inédito título de Campeã Brasileira da Serie A1 de 2019.

outras pessoas, são outras ideias, são outras formas de ver como está sendo lidado a situação em si [...] mudou muito atleta, de 2018 para 2019, então, ajudou a não ter aquele baque, de tipo: “putz, a Tati saiu”. Quem chegou não sentia tanto, e essas pessoas que não sentiram acabaram puxando quem estava ali e que precisava se reerguer (DE PAULA, 2020, p.11).

Dentre as mudanças que ocorreram nas comissões técnicas do Grêmio e do Inter que afetaram as jogadoras, segundo suas narrativas, aparece a transição que a modalidade vive em meio a experiências novas para o futebol de mulheres em nível considerado profissional, o que já acontece no futebol de homens. Contratações de jogadoras, no lugar de apenas peneiras; contratações de técnicos de outros estados; modificações na rotina trabalhista, com divisão do dia para mais de um tipo de serviço; e agora, dedicação exclusiva ao futebol são alguns dos impedimentos ultrapassados por esse futebol no Rio Grande do Sul em fase de transição do amadorismo para a garantia de direitos profissionais. Barreira (2019) enxerga essa nova fase do futebol como uma etapa que precisou da obrigatoriedade imposta pelas instituições do futebol para alcançar novos progressos para as mulheres, afirmando que “os clubes passaram a ter maior protagonismo a partir da nova regra de licenciamento de clubes da CBF” (BARREIRA, 2019, p. 10).

### **2019 – O ano Legal da “regra” do Desimpedimento**

Se em 1941 o futebol foi proibido para as mulheres, 78 anos depois se tornou obrigatório para os clubes profissionais de homens que quisessem participar de competições nacionais e internacionais. Para as jogadoras do Rio Grande do Sul, que retornaram aos campos desde 2017, o ano de 2019 já começava com o cenário nacional mudando novamente. Para a dupla Grêmio, se colocava o seguinte cenário: em nível nacional, participavam de Séries diferentes do Campeonato Brasileiro (Inter na A1 e Grêmio na A2). Já em nível Estadual, a rivalidade estava empatada, pois o Inter sagrou-se campeão em 2018 e o Grêmio em 2019.

Assim, 2019 foi vivenciado a partir da obrigatoriedade demandada pela CONMEBOL e pela CBF acerca dos investimentos em times de mulheres do Brasil. Nesse sentido, como uma política de indução, podemos perceber que a reestruturação dos Departamentos Femininos do Internacional e do Grêmio

manteve-se sem nenhuma interrupção durante esses três anos (CONMEBOL, 2019; CBF, 2019).

Nesse período, como vimos neste estudo, o Grêmio alcançou um título de campeão Estadual em 2018, uma participação no Campeonato Brasileiro pela Série A1 e foi rebaixado em 2017, atuando na série A2 da Competição em 2018. Já o Internacional conquistou um Estadual em 2017, uma vaga para a Série A2 em 2018 e uma classificação para participar da série A1 do Campeonato Brasileiro em 2019.

Enquanto os ânimos dos confrontos entre Grêmio e Internacional demorariam a voltar, as Gurias Coloradas investiam pesado para alcançar um bom desempenho durante a primeira atuação pela Série A1 do Brasileiro (GURIAS COLORADAS, 2019) e as Gremistas, comemorando o título estadual de 2018, chegavam com contratos assinados e mudanças significativas para as atletas:

O Grêmio está se fortalecendo. A gente trouxe meninas de fora. A comissão se qualificou também. Então, o Grêmio está dando mais suporte. Uma condição melhor de salário e tudo para que a gente consiga se concentrar só nisso, trabalhar e se motivar e ir atrás da classificação da Série A1 no ano que vem (MACHADO, 2019, p. 5).

O Campeonato Nacional na Série A1 começou no dia 16 de março, contou com 16 equipes<sup>214</sup> e se encerrou no dia 29 de setembro. A Associação Ferroviária de Esportes se consagrou campeã sobre o Sport Club Corinthians Paulista, nas finais, em disputas de pênaltis. As duas equipes conseguiram classificação para a Copa Libertadores Feminina, além do time da Associação Esportiva Kindermann, que ficou em terceiro lugar no Nacional, uma vez que o Corinthians se classificou automaticamente como atual campeão do certame (CBF, 2019).

Com a obrigatoriedade imposta pela CBF para que os clubes que buscaram o licenciamento em 2019 tivessem equipes de mulheres, houve algumas estratégias como, por exemplo, o estabelecimento de parcerias entre um clube de camisa e algum time de mulheres já existente. Destacam-se nesse formato as parcerias firmadas do Club Atlético Paranaense com o Foz Cataratas Futebol Clube, do Avaí

---

<sup>214</sup> Grêmio Osasco Audax, Associação Esportiva Kindermann, Sport Clube Corinthians Paulista, S.C. Internacional, Associação Ferroviária de Esportes, Clube de Regatas do Flamengo, Foz Cataratas Futebol Clube, Esporte Clube Iranduba da Amazônia, Minas Brasília Tênis Clube, Associação Atlético Ponte Petra, Santos Futebol Clube, São Francisco do Conde Esporte Clube, São José Esporte Clube, Sport Club do Recife, Esporte Clube Vitória, Associação Acadêmica e Desportiva Vitória das Tabocas.

Futebol Clube com a Associação Esportiva Kindermann e do Santa Cruz Futebol Clube com a Associação Acadêmica e Desportiva Vitória das Tabocas que, ao cumprir a regra, disputaram do Campeonato Nacional (CBF, 2019). Por outro lado, o caráter efêmero dessas parcerias foi visualizado, por exemplo, no anúncio feito pelo Sport Club do Recife que desistiu da competição por ter encerrado a parceria com o Ipojuca Atlético Clube (TORCEDORES, 2019). O estabelecimento de parcerias foi uma das formas pelas quais alguns clubes de camisa responderam às exigências das instituições gestoras. Sem interesse em reativar ou criar uma equipe própria, fizeram acordos com vistas a minimizar gastos.

Em 15 partidas disputadas, O S.C. Internacional venceu nove, perdeu quatro e empatou duas, terminando em quinto lugar na primeira fase da competição. A equipe colorada saiu da disputa nacional durante as quartas de final contra o Clube de Regatas do Flamengo, após o empate de 1 x 1 e a derrota de 2 x 0 para as flamenguistas. Quanto à atuação do time colorado no evento, a atleta Thessa relata:

Claro que não seria fácil, mas trabalhando, focando no que quer, em tudo, pensamos em conseguir chegar entre os oito na série A1 e não sair dali nunca mais [risos]. E a gente fechou isso, o nosso primeiro objetivo era estar entre os oito melhores do Brasil em 2019. E graças a Deus, a gente chegou em quinto nos classificatórios. Quando fechou os oito primeiros, a gente estava em quinto, que foi sensacional para a gente: atleta, comissão, Inter, porque ninguém esperava que a gente ia disputar uma série A2, não ser campeão e de repente, está lá, em quinto abaixo de Santos, Corinthians que já tinham o time há muito tempo, já planejado, já desenhado. Foi ótimo para o clube, e para gente então... agora só dar a vida e vamos chegar lá (DE PAULA, 2020, p. 10).

As falas apresentadas dos representantes do Internacional, desde o diretor de Futebol Feminino às atletas, revelam que o Clube teve um projeto bem trabalhado e difundido por todos que atuavam no time. Cada um sabia os principais objetivos e o que o clube esperava como resultado pelo que estava sendo investido. Esse fato demonstra que a atuação do clube ia além do cumprimento das novas regulamentações para atender às instituições do futebol. Buscava também o desenvolvimento do futebol de mulheres dentro do clube, alcançando os melhores resultados possíveis.

Já as Gurias Gremistas, veteranas na Série A2 do Campeonato Brasileiro, chegavam pela primeira vez à Competição com esperanças de classificação para a

Série A1. A Série A2 começou a primeira fase com 36 equipes<sup>215</sup>, divididas em seis grupos com seis equipes cada, nos quais disputaram todos contra todos em turno único. Dentre as novidades da Competição Nacional na Série A2 em 2019, tivemos desde o início, com a obrigatoriedade imposta pela CBF, o Esporte Clube Bahia firmando parceria com a Associação Desportiva Lusaca.

O time do Grêmio fez parte do Grupo 4, que contou também com os times da Associação Portuguesa de Desportos, da Associação Atlética Moreninhas, do Clube Atlético Mineiro e do Toledo Esporte Clube. Os dois primeiros colocados de cada grupo, mais os quatro melhores terceiros colocados se classificaram às oitavas de final. Depois, foram disputados jogos de ida e volta até a final.

O Grêmio venceu as duas partidas contra o Fluminense Football Club com placares de 1 x 0 e 5 x 0, durante as oitavas de final. Depois, encarou o América Futebol Clube vencendo por 2 x 1 e depois, empatando por 0 x 0, nas quartas de final. Nesse momento, a competição chegava à semifinal e os confrontos com o Cruzeiro Esporte Clube deixaram o Grêmio fora da competição, após duas derrotas com placares de 2 x 1 e 2 x 0. O Cruzeiro chegou à final, mas perdeu para o São Paulo Futebol Clube, com placares de 4 x 0 e 1 x 1, deixando assim, o Grêmio classificado em quarto lugar na competição e garantido a promoção das Gurias Gremistas novamente para a Série A1. Logo, Grêmio, Cruzeiro Esporte Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras e São Paulo Futebol Clube conquistaram vagas para a Série A1 de 2020.

Agosto de 2019 se aproximava e as equipes do Grêmio e do Inter que chegaram ao Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino 2019 com importantes conquistas após o Nacional, tinham pela frente os Grenais esperados do ano. Os bons desempenhos até ali para os dois times apareciam como destaque em jornais:

Atual campeão, o Grêmio se prepara para ir em busca do bi em 2019. Depois de garantir vaga na Série A do Brasileiro, o Tricolor quer seguir o bom desempenho da temporada para chegar ao título gaúcho. [...] Após perder o título gaúcho no clássico Gre-Nal após a última temporada, o Inter estreou com uma excelente campanha no Brasileiro da Série A1, e agora projeta única e exclusivamente ser campeão (GLOBO ESPORTE, 2019, s/p).

---

<sup>215</sup> Pela obrigatoriedade de todos os times de futebol de homens precisarem de uma equipe de futebol de mulheres profissional e de categoria de base, a classificação da Série A2 em 2019 contou com os vencedores dos campeonatos estaduais, por outros torneios realizados por cada uma das federações estaduais ou pelo *Ranking* FIFA.

Com início em 11 de agosto e encerramento em 1 de dezembro, o Estadual de 2019 contou com seis equipes: Grêmio, Internacional, Brasil de Farroupilha, Oriente, João Emílio e o Clube Esportivo e Recreativo Atlântico. Depois de mudanças na fórmula da competição, a primeira fase contou com todos os times jogando entre si em turno e retorno, com classificação dos quatro melhores.

A diminuição de equipes participantes se tornou um fator preocupante para a modalidade. Enquanto Inter e Grêmio apareceram com destaques e trazem o futebol gaúcho de mulheres para as capas dos noticiários, as outras equipes continuaram com más condições e defasagens e começaram a enxergar as possibilidades de conquista do Campeonato muito mais distantes. Uma mudança significativa nessa edição, pensando em aproximar esse futebol das realidades diversas da capital e atrair públicos locais, foi a realização dos jogos em estádios do interior. Assim, a mudança foi pensada como forma de incentivar o futebol de mulheres pelo interior do Rio Grande do Sul (GLOBO ESPORTE, 2019).

Durante a realização da competição, Internacional e Grêmio, como aconteceu nos dois anos anteriores, disputaram partidas com os outros times, que resultaram em vitórias das equipes da Capital com placares elásticos. Enquanto as Gurias Coloradas golearam o João Emílio por 16 x 0 e 25 x 0; o Atlântico por 14 x 0; o Brasil de Farroupilha por 4 x 0 e 14 x 0; o Oriente por 11 x 0 e 4 x 0, o Grêmio venceu o Brasil de Farroupilha por 2 x 0 e 4 x 2; o Oriente por 9 x 0 e 5 x 0; o João Emílio por 15 x 0 e 12 x 0. Mas, dessa vez, pelo Estadual, sem formação de grupos na fase inicial, o Internacional se encontrou com o Grêmio duas vezes antes da final.

O primeiro confronto aconteceu no dia 21 de setembro, pela terceira rodada da competição, no SESC Protásio Alves, em Porto Alegre. O saldo saiu positivo para o Internacional com placar de 5 x 0 sobre o Grêmio. No segundo confronto, ainda na mesma fase, mas pela oitava rodada da competição, Grêmio e Inter empataram em 0 x 0, dentro do Estádio Vieira Ramos, em Gravataí, no dia 2 de novembro. Independe de serem ainda partidas classificatórias do evento, as atletas já demonstravam suas emoções em participar de Grenais. Jissele Machado, jogadora do Grêmio e gaúcha disse:

Ah! Grenal é grenal! Acho que o coração bate mais forte. Principalmente quem é daqui do sul. A gente sabe a importância do que é um grenal. Então, todo grenal é sempre um jogão, independente se está valendo alguma coisa

ou não, a gente sempre, como a gente diz, arrasta o bumbum no chão, joga com a garra né? Mas é sempre muito emocionante. Eu particularmente gosto muito (MACHADO, 2019, p. 5).

A jogadora do Inter e paulista, Thessa de Paula, trouxe uma visão de quem é de fora do estado, mas que sentiu também a emoção de viver os Grenais:

Nossa! Na verdade, não foi nem no grenal em si, a sensação. Foi na semana do grenal, quando chegou o jogo do grenal que era na final, todo mundo falou assim: "Thessa, agora é grenal". "Tá, legal, final, grenal, deve ser sensacional". Eu já pensando no jogo. Só que aí chegou segunda-feira e a diretoria falou: "mano, é grenal". Depois, o treino era assim: "É grenal!" [risos]. Era uma sensação de: "cara, é o jogo da vida!". Eu não acho nem a palavra para o que é um Grenal, porque é uma inspiração, de verdade. Eu não imaginava... eu de São Paulo, conhecendo Palmeiras e Corinthians, Santos, tipo, "ah, legal", só que foi uma sensação tão tipo: "meu, é o jogo!". Era aquela rivalidade que você vê e você fala: "meu, eu não posso nem perder nenhuma bola, um passe, tipo, tudo" (DE PAULA, 2020, p. 7).

A segunda fase do Gauchão, dessa vez, já representava a semifinal, ocorrida no dia 24 de setembro e contou com jogo único entre os quatro times classificados. O Internacional goleou por 7 x 0 o time do Oriente, dentro SESC Protásio Alves, em Porto Alegre. O Grêmio também alcançou um placar alto, vencendo por 8 x 0 o Brasil de Farroupilha, no Estádio Vieira Ramos. O bom desempenho novamente dentro do campeonato pelos dois times resultou numa nova final com disputa em nível de Grenal. Esse ano, o evento contou também com a disputa de terceiro lugar, entre Brasil de Farroupilha e Oriente. Os clubes haviam solicitado à FGF uma organização do evento com premiação para a equipe campeã do interior, sendo considerada a melhor equipe fora a dupla Grenal (GLOBO ESPORTE, 2019).

O Brasil de Farroupilha venceu o Oriente por 2 x 1, no Estádio Cristo-Rei, em São Leopoldo-RS, no dia 1 de dezembro. Na mesma data, o Grenal aconteceu no Estádio 19 de Outubro, em Ijuí. A partida que ocorreu longe dos campos sedes das duas equipes se encerrou com vitória do S.C. Internacional com o placar de 4 x 2 sobre o seu rival. Quanto à realização do jogo no Estádio de Ijuí, o então presidente da FGF, Francisco Novelletto, comentou à Rádio Progresso: "É a Champions League Feminina. Ijuí é o lugar que mais dá público no feminino" (RÁDIO PROGRESSO, 2019, s/p). Sobre essa partida, a jogadora do Inter, Thessa de Paula, também comentou:



Eu achei interessante eles quererem mudar o jogo para ter mais visibilidade, é sempre válido quando eles querem promover o futebol feminino, só que o promover o futebol feminino também tem que pensar em quem estava acompanhando, então, assim, eu achei legal ter jogo lá, mas fizesse isso no meio do campeonato para promover o futebol em si. Agora, na final, todo mundo que acompanhava os nossos jogos teve que fazer uma viagem de 5 horas pra assistir ao nosso jogo e não foram poucas pessoas, foram muitas, porque foram dois ônibus (DE PAULA, 2020, p. 11).

O Grêmio também se organizou para levar torcida e o setor esportivo da GaúchaZH (2019) registrou a recepção, em Ijuí, por mais torcedores locais: “Com carreatas e festa da torcida, Grêmio chega a Ijuí para a final do Gaúcho feminino” (GAUCHAZH, 2019, s/p). A atleta Juliana Oliveira comentou ao jornal sobre a importância do apoio da torcida: “É muito importante receber essa energia da torcida. Dá uma força e um ânimo a mais. Correr por eles vai ser gratificante” (GAUCHAZH, 2019, s/p).

Entre os pontos positivos e negativos da primeira experiência com jogos dos clubes de camisa gaúchos para campos de cidades do interior do estado, o resumo é que a torcida não deixou de se fazer presente. Surgiu também uma maior necessidade de mídias que pudessem atender aos admiradores do futebol que não tinham condições de assistir ao jogo fisicamente. Um exemplo de participação das mídias por diferentes meios foi o da Rádio Gaúcha que transmitiu o jogo. Depois, as jornalistas Renata de Medeiros e Paula Menezes divulgaram reportagens, e a notícia também foi parar no canal da Central de Esportes. Além disso, os jornais impressos, Zero Hora e o Diário Gaúcho, publicaram o pôster das campeãs (GAUCHAZH, 2019, s/p).

Mas o pioneirismo midiático local veio por meio da Rede Digital de Comunicação (RDC), que trouxe a transmissão de alguns jogos do Campeonato na TV. Em novembro de 2019, a FGF autorizou a emissora à disposição para transmitir as partidas. Segundo a emissora, “apenas na partida decisiva – o clássico GreNal na cidade de Ijuí/RS – foram atingidos mais de 1,5 milhões de espectadores” (RDC, 2019, s/p). Sobre esse período, o então técnico do Internacional, Maurício Salgado<sup>216</sup> (2019), comentou:

---

<sup>216</sup> Maurício Salgado concedeu entrevista realizada em Porto Alegre, no dia 28 de junho de 2019, a nossa pesquisa.

[...] eu acho que a mídia ela é fundamental! Eu sempre debati isso e falo muito para nossas atletas sobre a questão da imagem, quando eu falo da imagem, as pessoas falam assim: “não, é a imagem do feminino”, não é nada disso, é a imagem profissional, a imagem ativa. Eu acho que a mídia é fundamental no processo, mas nós temos que cativar a mídia também. Eu vejo que agora é um momento muito propício e uma responsabilidade muito grande das pessoas que trabalham com futebol feminino de conseguir fazer com que isso cresça. [...] falo para as atletas, quando uma janela de oportunidade aparecer é bom estarmos prontos, mostrando um bom produto, com uma boa qualidade de futebol, com boa postura dentro de campo, com boa postura fora de campo, que a gente consiga mostrar “ó, vocês estão nos vendo, é legal” (SALGADO, 2019, p. 13).

Esses avanços da mídia local aconteceram após os impactos midiáticos que ocorreram no mundo e em específico, no Brasil, com a realização da Copa do Mundo de Futebol Feminino na França, que alcançou apoio com transmissões das partidas da seleção brasileira por intermédio da maior rede de TV aberta, a Rede Globo. Goellner (2020, p. 21) afirma que “o ano de 2019 foi ímpar para o futebol brasileiro”. A autora cita a atenção midiática recorde da Copa dentro do Brasil, “seja pelos veículos tradicionais, seja pelos alternativos” (GOELLNER, 2020, p. 21).

Em resumo, a fala das entrevistadas apontam 2017 como um ano de poucos investimentos do Grêmio para com suas Gurias Gremistas, pouco tempo de formação das equipes do Inter e do Grêmio e também um ano com um projeto pouco desenvolvido. Apesar disso, os bons resultados do futebol de mulheres dos clubes em 2019 demonstram que a obrigatoriedade imposta pelas entidades do futebol foi necessária para esse retorno com mais aquisições para a existência e a manutenção desse futebol no Rio Grande do Sul, ressaltando que não cabe apenas a elas a qualidade e a permanência dos times nos clubes.

É preciso um interesse genuíno oriundo de dentro dos clubes e das Federações Esportivas, de setores como a mídia e a escola, além de políticas públicas que sirvam de alicerces para a atuação dos envolvidos no futebol de mulheres como profissionais. Um exemplo inicial de incentivo de política pública aconteceu no fim de 2019, por meio do projeto de lei 51/2019 aprovado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul:

A Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul aprovou na tarde desta quarta-feira projeto de lei que destina 5% do patrocínio de empresas públicas a clubes de futebol para a modalidade feminina. A autora da proposta, deputada Franciane Bayer (PSB), acredita que é um primeiro passo para o fomento do esporte no Estado (GLOBO ESPORTE, 2019, s/p).

De acordo com o projeto, o valor destinado ao futebol de mulheres será encaminhado à FGF que recebeu a função de utilizá-lo para incentivar competições. A deputada autora do projeto, Franciane Bayer, comentou sobre a proposta beneficiar todos os clubes participantes ao possibilitar a melhor aplicação dos valores pela FGF, por exemplo, em “efetuar o pagamento de hospedagem, transporte e alimentação das atletas durante as competições” (GLOBO ESPORTE, 2019, s/p). Sobre concordar com a necessidade de ações como essas e de mais atitudes da FGF, a jornalista Marina Staudt<sup>217</sup> (2020), criadora e administradora de redes sociais com titulação “Grêmio Futebol Feminino”, comenta especificadamente sobre o papel das federações esportivas:

Aqui no Rio Grande do Sul, a gente tem Grêmio e Inter fortes, mas porque são dois times muito fortes no futebol masculino. [...] eu vejo o campeonato gaúcho muito desparelho, ele já é desparelho no futebol masculino porque normalmente chega Grêmio e Inter aí, às vezes, Caxias, às vezes, Juventude nas finais, mas no feminino, isso é absurdo, todas as competições que tiveram agora desde a reprofissionalização foram Grenais nas finais, sem nenhum espaço para os times de interior crescerem e eu acho que falta um pouco disso de um incentivo, de um investimento maior das Federações. Porque na verdade, o que é que acontece? O futebol é estruturado a partir da Confederação, das Federações e dos clubes, então não adianta também os clubes quererem investir se os investimentos de cima não vêm (STAUDT, 2020, p. 11).

Ainda há muito a ser feito, como foi citado por várias das pessoas entrevistadas, mas os avanços continuaram a aparecer. A FGF realizou pela primeira vez a competição Estadual na categoria Sub-18 (RÁDIO PROGRESSO, 2019), além das categorias que existiam, a Sub-14 e a Sub-16. O Internacional já possuía time na nova categoria, disputando, inclusive, competições. Já o Grêmio formou sua equipe Sub-18 em 2020 (INTERNACIONAL, 2019; GRÊMIO, 2020). Como Grêmio e Internacional já estavam classificados para a Série A1 de 2020, uma outra novidade desse ano foi a classificação do Brasil de Farroupilha para a Série A2 do Campeonato Brasileiro, por ter ficado em terceiro lugar no Gauchão.

O ano de 2019 foi encerrado com a sensação de que a obrigatoriedade dos clubes de futebol brasileiros em manter times de mulheres foi a chave primordial para romper com algumas barreiras, inclusive oficiais, que existiam no futebol brasileiro.

---

<sup>217</sup> A jornalista Marina Staudt nos concedeu entrevista a nossa pesquisa em 9 de outubro de 2020, via chamada de vídeo.

Barreiras estas que seguiam padrões excludentes e preconceituosos em nossa sociedade em relação à presença das mulheres no esporte tido como representativo da Nação.

A política de indução fomentada pelas entidades gestoras do futebol em nível nacional e internacional, trouxe uma nova regra que vigora por meio dos licenciamentos, exclusiva para a história do futebol de mulheres: a “regra” do desimpedimento, e logo, fomentou ações inclusivas possibilitando o surgimento de alguns aspectos relacionados ao profissionalismo das atletas. Ainda assim, sabemos que há muito a caminhar para estruturar a modalidade de forma a consolidar-se no cenário nacional. O futebol de mulheres existe há muitos anos em nosso país, enfrentou e enfrenta diversos impedimentos, mas em função das determinações dos donos da bola, parece que agora ele veio para ficar.

Os dados trazidos para este estudo indicam que no Rio Grande do Sul, esse cenário é perceptível, mas ainda pouco difundido. Passados três anos do retorno do futebol de mulheres no Internacional e no Grêmio, já é possível identificar maior circularidade de notícias, ampliação de equipes e competições e, sobretudo, esperança por parte daquelas que fazem o futebol acontecer: atletas, treinadoras, fisioterapeutas, árbitras, gestoras, torcedoras. Enfim, o renascimento do futebol de mulheres na capital gaúcha, por meio da dupla Grenal fomentou um mercado inexistente até então, possibilitando que muitas mulheres entrassem em cena, no campo e fora dele. Esse é o tema do próximo estudo.

### **Estudo 3: histórias de mulheres feitas de futebol: o protagonismo delas em diferentes ocupações**

A resistência das mulheres para fugirem de padrões sociais que as rotulam como dóceis, frágeis, delicadas e inferiores aos homens faz parte da história, ou seja, desde sempre existiram em que pese não serem visibilizadas. Em 1949, Simone de Beauvoir, ao escrever frases como “Não se nasce mulher. Torna-se”, em sua obra "O segundo sexo", evidenciou que o sexo chamado feminino é uma construção cultural. Sua obra semeou discussões na literatura feminista sobre outras formas de ser mulher, possibilitando, posteriormente, a utilização da palavra “gênero” como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (GARENS, 1985) e como uma categoria analítica referente à organização social da relação entre homens e mulheres (SCOTT, 1995).

Segundo Joan Scott (1995), os papéis sociais direcionados às mulheres e aos homens são construções socioculturais, que se embasam em questões biológicas a partir da diferença entre os sexos, criando, assim, representações de feminilidades e masculinidades, que rotulam a mulher como ser gracioso, belo e maternal, e o homem como ser forte, musculoso e corajoso. Pisani (2020) defende que a inclusão das discussões de gênero nos Estudos dos Esportes os modifica em direção a um enfoque interdisciplinar que culmina na inclusão de noções de poder, corpo e sociabilidade, oportunizando um rompimento sobre impedimentos sociais. Esse rompimento é considerado algo transgressor, pois fissa representações historicamente construídas as quais, segundo Goellner (2005), podem justificar a resistência que ainda existe em relação à prática de futebol por parte das mulheres.

Ao procurar conhecer o contexto social da vida de mulheres que trazem o futebol em suas trajetórias, o gênero se faz ferramenta neste estudo. Monique Cristiane de Oliveira, Denize Ferreira, Sarah Amaral Fabrício e José Alonso Borba investigaram a participação das mulheres na estrutura organizacional de clubes de futebol brasileiros, selecionando as 40 primeiras equipes elencadas no *Ranking* Nacional de Clubes no ano de 2019. Segundo os autores,

[...] foram levantadas as mulheres membros da Diretoria e dos Conselhos de Administração, Consultivo, Deliberativo e Fiscal. [...] Como resultados, identificou-se a baixa representatividade das mulheres como membros dos órgãos estatutários dos clubes de futebol brasileiros, apenas 3,79% do total de membros. A presença das mulheres na Diretoria é a mais significativa,

com 6%, entretanto, ao analisar os cargos que lá ocupam, em geral, referem-se aos relacionados com o clube social e não o esportivo. Do total, 11 clubes não tinham mulheres na composição dos seus órgãos estatutários, sendo um deles o Flamengo, que no passado já teve na sua presidência uma mulher. Quando se trata de números absolutos, a Ponte Preta é a equipe a ser destacada, são 36 mulheres presentes no Conselho Deliberativo. Já quando se compara com o número de membros totais, dos 299 membros identificados no Conselho Fiscal, Deliberativo e na Diretoria do Fortaleza, 10% são mulheres. Com relação às funções exercidas, das 154 mulheres que tiveram a profissão identificada no estudo, 37% possui formação ou atuam na área de gestão e/ou jurídica (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 1).

Os pesquisadores apontam para uma inserção ainda pequena das mulheres nesse cenário e destacam que aquelas que se envolveram na gestão dos clubes apresentam qualificação necessária para o cargo que assumiram.

Logo, apesar dessa resistência ainda existir, as mulheres estão cada vez mais acessando o futebol em suas diferentes dimensões. Goellner (2020) afirma que, em 2019, para além dos jogos e comentários ouvidos durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino que alcançou grande audiência no Brasil, foi possível visualizar “mulheres atuando em diferentes ocupações no universo cultural do futebol: comentaristas, árbitras, narradoras, jornalistas, treinadoras, torcedoras, entre outras” (p. 21).

Ocupações como essas também foram identificadas em nosso estudo sobre o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, após as deliberações que promoveram a ampliação da inserção em espaços outrora de protagonismo quase que exclusivo dos homens. Nesse sentido, optei por abordar nesta tese histórias de algumas mulheres que ocuparam esses espaços no período de 2017 a 2019 e, por meio de suas narrativas, registrar seu envolvimento com a modalidade, assim como a importância do futebol em suas vidas.

Ramos (2016) afirma que “existem diversas lacunas e poucas referências sobre a história do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul” (p. 19), afirmação que coloca em evidência a importância de estudos que apresentem e reconheçam suas trajetórias dentro e fora dos campos. Ao analisar a retomada do futebol no cenário gaúcho, mais especificamente nos clubes Sport Club Internacional e Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, me deparei com a presença de mulheres em várias ocupações no universo cultural do futebol, o que me motivou a descrever resumidamente suas histórias. Mais do que fazer uma espécie de biografia de cada uma delas, busco registrar de modo sumário seu envolvimento com o futebol com

o intuito de visibilizar que as mulheres vivem a modalidade de diferentes formas. Busco, sobretudo, afirmar que o futebol também é delas.

Para tanto, recorri à História Oral para buscar elementos e, a partir de suas narrativas, descrever suas experiências e seu protagonismo. Ressalto, portanto, algumas mulheres que no período estudado se destacaram em cargos técnicos e de gestão e em funções vinculadas ao futebol. São elas: Eduarda Marranghello Luizelli<sup>218</sup>, gerente do futebol de mulheres do Internacional; Tatiele dos Santos Silveira<sup>219</sup>, técnica da equipe principal do Internacional; Patrícia Regina Gusmão<sup>220</sup>, ex-treinadora da equipe principal do Grêmio em 2017 e 2019, e auxiliar técnica do Internacional; Suellen dos Santos Ramos<sup>221</sup>, preparadora física do Internacional; Pamela Joras<sup>222</sup>, árbitra; Lívia Gonçalves Rodrigues<sup>223</sup>, fisioterapeuta do Internacional; Luiza Loy Bertolli<sup>224</sup>, professora da Escolinha do Grêmio; Clairene Giacobe<sup>225</sup>, narradora de futebol da Rádio Web; Cleunice Schlee<sup>226</sup>, comentarista de futebol da Rádio Web; Renata Narciso de Medeiros<sup>227</sup> e Marina Staudt<sup>228</sup>, jornalistas.

A escolha das entrevistadas que construíram, reconstruíram e ainda constroem histórias no futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, e que, simultaneamente, são apaixonadas por esse esporte, ocorreu a partir dos seus aceites para participar deste estudo. Diversas outras mulheres que fazem e fizeram parte desse cenário não estão aqui representadas, seja por falta de tempo para concederem entrevistas considerando suas agendas, seja pelo prazo para finalizar esta tese.

A construção das perguntas para as entrevistas seguiu a utilização do termo “gênero”, implicando numa investigação sobre tomadas de posição diante de

---

<sup>218</sup> Entrevista realizada para esta tese no dia 6 de março de 2018, em Porto Alegre.

<sup>219</sup> Entrevista realizada pela pesquisadora do Grupo GRECCO, Pamela Joras, em Porto Alegre, no dia 17 de março de 2014.

<sup>220</sup> Entrevista realizada por Mariana Cristina Borges Novais, no dia 16 de fevereiro de 2017 e, posteriormente, para esta tese no dia, 22 de janeiro de 2018, em Porto Alegre.

<sup>221</sup> Entrevista realizada para esta tese no dia 17 de maio de 2018, em Porto Alegre.

<sup>222</sup> Entrevista realizada para esta tese no dia 23 de janeiro de 2018, em Porto Alegre.

<sup>223</sup> Entrevista realizada para esta tese no dia 25 de maio de 2018, em Porto Alegre.

<sup>224</sup> Entrevista realizada para esta tese no dia 9 de julho de 2018, em Porto Alegre.

<sup>225</sup> Entrevista realizada para esta tese no dia 11 de junho de 2018, em Porto Alegre.

<sup>226</sup> Entrevista realizada para esta tese no dia 15 de junho de 2018, em Porto Alegre.

<sup>227</sup> Entrevista realizada para esta tese no dia 11 de abril de 2020, via videochamada.

<sup>228</sup> Entrevista realizada para esta tese no dia 9 de outubro de 2020, via videochamada.

desigualdades, designando partes impedidas, invisíveis ou oportunizadas e viabilizadas de poder, almejando encontrar entre as trajetórias de vida, posições profissionais e políticas que podem ser compreendidas como projetos de vida, e assim, como campos de possibilidades. Como explicam Osmar M. de Souza Júnior e Heloísa Helena B. dos Reis (2020):

Projeto é uma perspectiva racional de perseguir finalidades específicas; liga-se à forma como o indivíduo opera com o desempenho e as opções assentadas nas avaliações da realidade em um dado contexto sociocultural. Projetos são formulados pelos indivíduos que se movem, combinando pressões sociais diversas, mas com um repertório básico de alternativas e opções que configura o campo de possibilidades para agir e planejar projetos de vida (SOUZA JÚNIOR, DOS REIS, 2020, p. 605-606).

Seguindo essa compreensão, os autores supracitados afirmam que, ao ter interesses coletivos diante de interpretações individuais, é possível caracterizá-los como projetos sociais. Acredito, assim, que os projetos pessoais e coletivos das mulheres entrevistadas para esta tese estabelecem relações diretas com o futebol, gerando novos campos de possibilidades profissionais tanto para elas, como para outras que desejam se inserir e permanecer dentro do cenário esportivo.

### **DUDA LUIZELLI: de jogadora à coordenadora da Seleção Brasileira Feminina da CBF**

Eduarda Marranghello Luizelli, conhecida no mundo do futebol como Duda, “nasceu no dia 25 de agosto de 1971, em Porto Alegre. Filha de Eduardo Sétimo Luizelli e Rosa Maria Marranghello Luizelli” (RAMOS, 2016, p. 47). Sua trajetória esportiva foi apresentada com detalhes na dissertação de mestrado de Suellen Ramos (2016), transformada em livro com coautoria de Silvana Goellner sob o título “Sabe aquele gol que o Pelé não fez? Eu fiz. A trajetória esportiva de Duda”, publicado em 2018.

Ramos (2016) aborda aspectos da importância que a Duda – como mulher, atleta e gestora – tem para o futebol de mulheres, tanto no Rio Grande do Sul quanto no país, desde a década de 1980 até os dias atuais. Duda começou a jogar com o apoio da família, “o que contribuiu para a sua permanência e continuidade na modalidade, assim como auxiliou ao longo de toda sua trajetória esportiva” (p. 47). Duda afirmou ter encontrado obstáculos para encontrar meninas que também



jogassem, logo, acabava sempre jogando só com seu irmão, “porque naquela época nem podia se falar em menina jogando futebol (LUIZELLI, 2015, p. 1).

Outro fator marcante do início de sua trajetória foi a aproximação de Duda com o futebol por meio de seu vizinho e jogador do Sport Club Internacional, Valdomiro (RAMOS, 2016). Como atleta, começou desde novinha jogando pelo S.C. Internacional e chegou a atuar nos campos de futebol italiano<sup>229</sup>, além da Seleção Brasileira:

Observou-se que sua trajetória no Sport Club Internacional foi permeada de lutas e vitórias em prol do esporte destacando Duda como referência da modalidade. Também foi possível observar que Duda transformou seu nome em uma marca através de sua Escola e consolidou sua representatividade na modalidade como formadora de atletas. Algumas tensões foram evidenciadas no que diz respeito ao gerenciamento esportivo por parte das mulheres, especificamente na ausência das mesmas em cargos de liderança. Conclui-se que Duda foi e ainda é uma das fomentadoras da modalidade no Rio Grande do Sul, sua representatividade como jogadora de futebol influenciou na carreira de muitas atletas e apesar dos obstáculos e das adversidades enfrentadas, sua trajetória esportiva é reconhecida no cenário nacional (RAMOS, 2016, p. 8).

Ao retornar da Itália em 1996, Ramos (2016) afirma que a ex-jogadora Duda apresentou um projeto à diretoria do Internacional com o objetivo de construir uma escolinha exclusiva para meninas, “iniciando sua trajetória como dirigente e formadora de atletas. Sua representatividade como futebolista alcançou milhares de meninas que partilhavam do mesmo sonho: tornar-se uma jogadora de futebol” (RAMOS, 2016, p. 144). A escolinha durou nove anos na capital gaúcha.

Em 2005, Duda fundou a sua própria escolinha de futebol que existe até hoje e é considerada uma das maiores escolas de futebol do Rio Grande do Sul (RAMOS, 2016). Sem se afastar do futebol, em 2017, Duda foi convidada para organizar o planejamento do retorno do time de mulheres do S.C. Internacional em função das determinações da CONMEBOL e da CBF. Em sua entrevista, descreveu como foi essa experiência:

---

<sup>229</sup> Duda migrou em 1994 para a Itália, disputou o Campeonato Italiano pelo Associazione Calcio Milane, depois jogou por um ano no Hellas Verona Football Club. Duda teve sua primeira convocação para a Seleção Brasileira em 1994 e conquistou o título de campeã sul-americana, no ano de 1995.

A ideia do Inter foi na verdade da gente ir ao encontro da lei, uma vez que a partir de 2019 todos os times de série A, faz parte do licenciamento da CBF, terem o futebol feminino na liga adulta. Então, a gente já se organizou pensando e o Inter pensou rápido em ter a Duda e toda sua equipe... A gente começou no ano passado com um projeto pequeno, e com esse projeto pequenininho a gente já conquistou o Rio Grande do Sul. E agora, este ano de 2018, a gente quer conquistar o Brasil [...] o nosso objetivo é entrar no seletivo grupo de clubes que participam do Campeonato Brasileiro, no caso, nós vamos entrar na série A2, mas o nosso objetivo já dentro desse ano é conquistar a vaga para a série A1 (LUIZELLI, 2018, p. 2).

Entusiasmada e focada nos compromissos com o clube, para além das obrigatoriedades, Duda se destacou ao alcançar vitórias significativas em pouco tempo de reativação da equipe colorada.

**Figura 3** – Duda Luizelli como Gerente de Futebol Feminino do S.C. Internacional em 2017



Foto: Mariana Capra/Divulgação Internacional.

Após atuar por muito tempo como jogadora, gestora de uma escolinha e gerente do Futebol Feminino do Inter de 2017 a 2019, hoje, Duda é coordenadora da Seleção Brasileira Feminina da CBF, cargo antes ocupado por Marco Aurélio Cunha. O convite aconteceu por meio do presidente da entidade, Rogério Caboclo, e ela foi anunciada no cargo no dia 2 de setembro de 2020: “Contratada depois de se destacar como Coordenadora do Futebol Feminino do Internacional, a ex-jogadora vai gerenciar as três categorias da Seleção Feminina (Principal, Sub-20 e Sub-17)” (CBF, 2020).

Mariana Novais, Ludmila Mourão e João Paulo Soares (2017) apontam que a conquista e a permanência de mulheres em postos técnicos e diretivos ainda se mostra como um desafio que elas enfrentam no cenário esportivo brasileiro. Considerando a desigualdade de gênero nessa modalidade, acredito que a posição da Duda dentro da CBF representa uma ruptura profissional e pessoal em seu projeto de vida e pode ser lida como uma vitória coletiva, pois muitas mulheres lutam para que oportunidades como essas possam acontecer com mais frequência.

Outra mulher que ganhou espaço na CBF e, embora não seja do Rio Grande do Sul, merece ser citada neste estudo é a ex-jogadora da Seleção Brasileira, Aline Pellegrino. Hoje é Coordenadora de Competições Femininas. Sua trajetória esportiva, que antecede esse cargo, também pode ser encontrada em detalhes na dissertação de Pamela Joras (2015) intitulada, "Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino".

Sobre a presença inédita dessas duas mulheres nos cargos de gestão da CBF, Rogério Caboclo declarou:

A partir de hoje, o futebol feminino do Brasil estará nas mãos de quem sempre trabalhou com a bola dentro e fora do campo. Pessoas que conquistaram seu espaço por terem feito tudo que podiam enquanto jogaram e trabalharam para estar aqui como dirigentes. Hoje, as mulheres ganharam seu espaço pela competência que tem (CBF, 2020, s/p. Entrevista com Rogério Caboclo).

Os capítulos seguintes dessa história ainda estão sendo vividos e devem se tornar tema de novos estudos. Ainda assim, para concluir esta breve apresentação de Duda Luizelli, reproduzo sua narrativa sobre sua atuação na formação da primeira comissão técnica colorada, após a reativação do time:

É, na verdade eu puxei os meus professores que trabalhavam comigo na época, que era a Tati, e aí a gente foi construindo. A partir da Tati, a gente foi chamando a Su, depois, logo em seguida, veio a Lívia. Chamamos professores que trabalhavam comigo e geralmente sempre professores da nossa confiança. Foi assim que a gente foi montando essa comissão multidisciplinar, eu te diria assim, que a gente tem, porque dentro do pouco recurso que se tem, a gente conseguiu hoje ficar com nove, alguns estudantes ainda, de fisioterapia, de análise de desempenho, enfim, mas a gente tem hoje a estrutura de um grande clube como o Inter é (LUIZELLI, 2018, p. 2).

A comissão formada em 2017 contou, portanto, com no mínimo três mulheres em cargos de comando e organização: Tatiele dos Santos Silveira, Suellen do Santos Ramos e Lívia Gonçalves Rodrigues.

### **TATIELE DOS SANTOS SILVEIRA: melhor treinadora do Brasileiro Feminino de 2019**

Tatiele dos Santos Silveira nasceu em 13 de julho de 1982 e começou a jogar bola na rua, com seus amigos: “eu comecei a jogar com amigos, amigos de bairro, fazia o time e ia pra rua jogar [...] eu entrei na minha primeira escolinha de futebol com onze anos” (SILVEIRA, 2014, p. 1). Tatiele está se referindo à escolinha do ex-jogador do Grêmio, Renato Cougo, onde inicialmente vivenciou uma certa desconfiança acerca das suas capacidades de jogar bola. No entanto, em função de sua boa performance logo foi acolhida pelos meninos. Tatiele comentou também que não tinha problemas em jogar com os meninos na rua, que sua família não se opunha, inclusive porque na sua infância não tinha outras meninas que jogavam com eles.

Tati se tornou jogadora de futebol, atuando pelo S.C. Internacional de 1997 a 2003. Iniciou a carreira como treinadora em 2008 com um time de mulheres da categoria Sub-17 de Porto Alegre. Desde então, teve passagens por times das cidades de Canoas, Guaíba e pelos dois principais clubes da capital gaúcha, Grêmio e Internacional. Em 2016, atuou como auxiliar técnica da Seleção Brasileira Feminina Sub-17 (GOAL, 2019) e, em 2017, foi convidada para montar e comandar o time adulto de mulheres do Internacional, alcançando o título de campeã do Campeonato Estadual Gaúcho (GURIAS COLORADAS, 2017).

Sobre sua atuação em 2017, Tatiele comentou à Rádio Galera (2017) que “o Inter tem feito grandes jogos. A gente vem sabendo que o objetivo final é a vitória e vem garantindo isso. A torcida tem sido muito importante. Depois do nosso primeiro ano de atuação, estamos mais preparados” (RÁDIO GALERA, 2017, s/p. Entrevista de Tatiele). A técnica permaneceu na equipe até 2018<sup>230</sup>.

---

<sup>230</sup> A saída de Tatiele Silveira do S.C. Internacional é comentada no Estudo 2 desta tese.

Quando saiu do time colorado, Tatiele assumiu o comando na Associação Ferroviária de Esportes e alcançou sua maior conquista enquanto técnica de futebol. Tati, como é popularmente conhecida, conquistou o título de campeã brasileira diante do Sport Club Corinthians Paulista e se tornou a primeira e única mulher treinadora a ser campeã do Brasileirão Feminino (GOAL, 2019).

**Figura 4** – Tatiele Silveira recebe o prêmio de melhor técnica do Brasileiro Feminino de 2019



Fonte: Instagram de Tatiele Silveira (2019).

Em entrevista para a redação do Portal Goal, Tatiele comentou suas vitórias com a Ferroviária:

É a realização de um sonho! É o primeiro ano que participo da primeira divisão do Campeonato Brasileiro e pude trabalhar com um grupo de jogadoras fantásticas. As meninas desde o início do trabalho foram muito comprometidas e a gente foi criando um corpo, uma conexão. "Contemplamos essa temporada com o título, isso é único", disse após o título (GOAL, 2019, s/p. Entrevista com Tatiele Silveira).

Em entrevista ao Jornal Folha Vitória (2019), referiu ter esperança de que a sua conquista sirva para encorajar outras mulheres que também lutam por mais espaço no futebol: "Espero que eu possa servir de inspiração [...], para que se sintam encorajadas a mostrar seu trabalho em campo com muita propriedade e qualidade" (FOLHA VITÓRIA, 2019, s/p. Entrevista com Tatiele). O exemplo de Tati é mais um

projeto de desimpedimento que acontece nessa nova fase do futebol de mulheres no Brasil.

### **PATRÍCIA REGINA GUSMÃO: ex-jogadora e treinadora, Paty se torna “técnica destaque” no retorno das Gurias Gremistas**

Patrícia Regina Gusmão nasceu em Novo Hamburgo, no dia 14 de dezembro de 1978 e desde criança gostava de jogar futebol entre meninos e meninas, recebendo apoio da família. Aos 19 anos, em 1997, junto a uma amiga da cidade e de carona com o pai da amiga, decidiu procurar um local onde as duas pudessem praticar o esporte só entre meninas: “[...] primeiramente a gente foi no Grêmio fazer essa visita na escolinha, só que ao chegar lá, a gente não pôde fazer a aula porque não era da nossa idade” (GUSMÃO, 2018, p. 1). Então, destinadas a procurar outro local, encontraram a escolinha do Internacional: “[...] foi aí que a gente conheceu a Duda, no mesmo momento, ela já pediu para a gente participar de uma aula e ali iniciaram as minhas atividades” (GUSMÃO, 2018, p. 1).

No ano de 1997, o Internacional formou uma equipe na categoria Sub-17 e participou do Campeonato Brasileiro realizado na cidade do Rio de Janeiro. Patrícia foi uma das selecionadas e, assim, inaugurou sua participação em uma competição de abrangência nacional. Como jogadora, permaneceu no Internacional até 2002, quando as atividades do time foram encerradas, conforme relata em sua entrevista: “O Inter encerrou porque o Grêmio não tinha mais o departamento, deu dois anos o Inter também encerrou seu departamento de futebol feminino e a partir dali o Rio Grande do Sul ficou meio apagado dentro do cenário do futebol feminino” (GUSMÃO, 2018, p. 2). Sua narrativa reforça o que já foi apresentado neste estudo quanto à relação de rivalidade entre Grêmio e Internacional e a influência desses times na história do futebol gaúcho, demarcando avanços e/ou impedimentos para o futebol de mulheres.

Patrícia também jogou em times paulistas, como o Botucatu Futebol Clube, o São Bernardo Futebol Clube e o Sport Club Corinthians Paulista. Teve passagem, ainda, pelo futebol da Coreia do Sul em 2014. Sobre essa experiência fora do país, comentou brevemente em entrevista à Folha de São Paulo: “Lá é muito diferente, tanto a estrutura oferecida quanto a importância do futebol feminino, desde os salários às condições oferecidas para trabalhar e jogos transmitidos pela TV” (2020,

s/p). Mas, após o seu retorno ao Brasil e em função de uma lesão sofrida, Patrícia deixou a posição de jogadora em 2014 e decidiu investir na carreira de treinadora.

Na verdade, em 2008 eu fiz o curso de treinadora junto com meu irmão que é treinador profissional em um clube do Paraná e como eu já fazia Educação Física e sempre gostei muito dessa parte técnica/tática, a gente fez o curso profissional aqui do Rio Grande do Sul de treinadores, mas eu nunca tinha atuado porque fiquei como atleta até 2014. Depois de duas lesões nos joelhos que eu tive, fiz duas cirurgias e resolvi que estava na hora de parar de atuar dentro de campo e tentar contribuir de uma outra forma. Como muitas pessoas que trabalharam comigo falavam que eu tinha muito conhecimento, que eu poderia investir na profissão e que seria um meio também de contribuir para não deixar o futebol, decidir investir. Porque, eu vejo assim, realmente as atletas, as pessoas que convivem com o futebol feminino, que estão ali diariamente são as que podem transformar e fazer alguma coisa. E também, depois que acabou ali a vida como atleta, tu vai largar tudo... é desafiador (GUSMÃO, 2018, p. 5).

Patrícia traz uma realidade vivida por várias jogadoras e ex-jogadoras, que é a preocupação com a continuação da vida profissional após o encerramento da carreira como futebolistas. Mariana Novais e Ludmila Mourão (2020) estudaram a trajetória de treinadoras do futebol de mulheres no Brasil e perceberam que “a liderança e o entendimento técnico/tático que [as suas entrevistadas] apresentavam enquanto atletas foram qualidades colocadas por elas como fundamentais para o surgimento de oportunidades e convites para trabalharem na área” (2020, p. 108). Patrícia atuou como treinadora em alguns times antes de chegar ao Grêmio Football Porto Alegre:

[...] recebi um convite para treinar uma equipe para disputar um torneio da cidade, uma Taça da cidade lá, porque eu conhecia muitas meninas e o presidente do clube não tinha esse contato e queria ajudar a modalidade. Então eu falei para ele: “Vou montar uma equipe e a gente disputa esse torneio”. A gente disputou, acabamos ganhando e então, partiu de mim a ideia de colocar aquela equipe para tentar investir um pouco mais e participar do Campeonato Gaúcho [...] A gente entrou com a equipe, disputou uma competição antes, a Taça RS, a Copa RS do Rio Grande do Sul, acho que tinha umas vinte equipes, para conseguir ficar entre primeiro e segundo lugar, já que a gente não tinha vaga no Campeonato Gaúcho. Daí, a gente foi campeão da Copa RS e depois entramos na disputa do segundo semestre no Campeonato Gaúcho. A partir dali, eu ganhei em 2014 com os Unidos, 2014, 2015 eu fui contratada pela equipe de Canoas que, na verdade, a Duda que comandava e a gente ganhou 2014... Ganhei 2015 e 2016 (GUSMÃO, 2018, p. 6).

Refletindo sobre a trajetória de Patrícia para se tornar treinadora e desenvolver o seu trabalho, dialoguei com os escritos de Novais e Mourão (2020),

quando afirmam que muitas treinadoras brasileiras “até se tornarem referências para suas semelhantes, quebraram paradigmas enquanto atletas desde a infância e seguiram trabalhando incansavelmente em prol de capacitação, além de precisarem a todo tempo apresentar resultados satisfatórios” (2020, p. 108).

Em função de sua trajetória e de suas conquistas no futebol gaúcho, Patrícia foi chamada para montar e comandar a equipe do Grêmio quando o clube reativou o futebol de mulheres:

No final de 2016, fui convidada pelo professor Neco<sup>231</sup> para fazer parte da Seleção Gaúcha... Olhar os jogos de todo o Campeonato Gaúcho e tirar as melhores meninas para a gente poder participar de uma competição a nível nacional que seria o Campeonato Brasileiro de 2017, da série A1, porque ele iria fazer uma parceria com uma equipe de camisa, que seria provavelmente o Inter ou o Grêmio para disputar competição [...] e aí foi quando eu estive no Grêmio no ano de 2017, fiquei lá um período até agora vir para o Inter (GUSMÃO, 2018, p. 6).

O convite para ser a treinadora do time de mulheres do Grêmio veio em conciliação com as solicitações da FIFA e da CBF para que os clubes investissem em mulheres em diferentes cargos do futebol, o que foi bastante produtivo pois nesse período havia um decréscimo na representatividade de mulheres treinadoras no futebol brasileiro. Segundo Novais e Mourão,

[...] as mudanças realizadas pela CBF no ano de 2017 fez com que clubes tradicionais no futebol de mulheres se desestruturassem após divisão das séries com os novos critérios estabelecidos. Com a chegada dos chamados “clubes de camisa” com interesse voltados apenas à manutenção legal de um time de mulheres visando cumprirem o licenciamento e garantirem a permanência dos homens nas competições, não necessariamente as condições de trabalho, remuneração e de prática para as mulheres nos times já formados foram mantidas ou melhoradas. O licenciamento pode ter vindo a garantir um aumento quantitativo das equipes de mulheres no Brasil, mas passou longe de promover um aumento qualitativo nas condições e oportunidades para as mulheres do futebol brasileiro, independente da esfera na qual atuem (2020, p. 107).

Diferente da realidade nacional, Patrícia atuou em 2017 como técnica do Grêmio de mulheres alcançando o vice-campeonato gaúcho. No ano seguinte, foi auxiliar técnica no Internacional, conquistando mais um título de vice-campeã

---

<sup>231</sup> Carlos Alberto de Souza, então presidente da Associação Gaúcha de Futebol Feminino.



gaúcha e retornou ao clube tricolor em 2019, garantindo a vaga para a participação do Grêmio na Série A2 do campeonato nacional. “No futebol desde bebê, técnica do Grêmio é minoria na elite nacional. Patrícia Gusmão está entre as duas treinadoras<sup>232</sup> dos 16 clubes do Brasileiro Feminino” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020, s/p).

**Figura 5** – Patrícia Gusmão retorna para o Grêmio em 2019



Fonte: Grêmio (2019).

Sobre a importância de dar mais oportunidades às mulheres em cargos como os de treinadoras, Patrícia comentou: “[...] há mulheres nas categorias de base, e isso acaba sendo uma vitrine para mostrar o trabalho. Há muitas mulheres competentes para assumir esse desafio no futuro. Aos poucos, vamos conquistando o espaço” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020, s/p).

Outro exemplo que merece ser citado de uma mulher ocupando cargo técnico depois da reativação das equipes de mulheres da dupla Grenal é Camila Orlando, que comandou as categorias de base do Internacional. Graduada em Educação Física pela Universidade de Brasília, Camila fez mestrado na Lincoln Memorial University (EUA), onde viveu a experiência de disputar a Liga Universitária dos Estados Unidos em 2007. Contratada pelo Inter, foi auxiliar

---

<sup>232</sup> A outra treinadora citada no Campeonato é Tatiele Silveira, pelo time da Ferroviária.

técnica do time profissional durante o Campeonato Gaúcho e da categoria Sub-16, que venceu a Taça Libertadores da América em 2019 (GAZETA BRAGANTINA, 2020). Como treinadora, Camila conquistou o Campeonato Brasileiro Sub-18, título inédito para o Sport Club Internacional. Em 2020, Camila se desligou do Inter e assumiu o comando da equipe Red Bull Bragantino, cuja atuação lhe rendeu o prêmio de melhor técnica do Paulistão Feminino (GAZETA BRAGANTINA, 2021, *on-line*).

Pelo lado do Grêmio, tem destaque a atuação de Luiza Loy Bertolli, que já foi atleta de futsal e futebol de campo e tem experiência em projetos de futebol de várzea. Luiza iniciou sua carreira como treinadora na Escolinha do Grêmio, onde atuou como estagiária tanto nos times de meninos quanto nos times de meninas. Atualmente ocupa os cargos de treinadora e de supervisora do departamento de meninas da Escolinha do Grêmio:

Tive a minha primeira experiência dentro do Grêmio agora com torneio, como profissional, como professora no caso. Teve o primeiro torneio feminino do CT Cristal, dia 1º de julho de 2018. Foi em um domingo, o dia inteiro. Participaram as três categorias nossas que é a sub-13, a sub-15 e a sub-17. Vieram escolas e conveniadas de outros lugares para participar também (2018, p. 7).

Carolina Tavares Vieira, ao discutir a importância do investimento nas categorias de base, acredita que “todos os elementos necessários para a formação, como o técnico-tático e o físico, incluindo o trabalho coletivo, estarão sendo melhores estimulados, da base ao adulto” (2020, p. 144). A determinação da CONMEBOL repercutiu também na criação das categorias de base nos clubes de camisa, uma exigência para que disputassem competições continentais. Essa política induziu que o Internacional e o Grêmio criassem essas categorias, entendidas pelas entidades gestoras do futebol como uma instância de formação de novas jogadoras.

A circulação de jogadoras e treinadoras entre as duas equipes da capital revela não apenas a importância desses clubes mas, sobretudo, a descontinuidade de investimentos a médio e longo prazo por partes das equipes. Patrícia Gusmão, em entrevista para este estudo, menciona sua passagem como auxiliar técnica pela equipe do Internacional depois de ter sido a treinadora da equipe rival, o Grêmio:

[...] acabei optando por vir para o Inter por achar que a estrutura aqui está sendo muito, assim, tem muito mais investimento do que o Grêmio está fazendo para esse ano, apesar que o Inter ainda tem que disputar uma seletiva, um jogo de ida e volta, ou seja, não tem a vaga garantida e o Grêmio já tem a vaga garantida (GUSMÃO, 2018, p. 10).

Sobre sua decisão de sair do Grêmio no fim de 2017<sup>233</sup>, relata que a “falta de informações, falta de saber como seria, a forma que seria investido, até porque querendo ou não tu está comandando a parte técnica, é o teu nome que está ali” (GUSMÃO, 2018, p.10).

O posicionamento e a decisão da técnica evidenciam escolhas pessoais dentro do campo profissional que revelam uma ação política em busca por melhores condições de trabalho. Ao perceber que o Grêmio não garantiria algumas especificidades da função, o que poderia representar um declínio na sua posição profissional, em 2018, Patrícia preferiu deixar o cargo de comando e aceitou ser auxiliar técnica do time rival. No entanto, a possibilidade de se envolver com um projeto de longo prazo no Grêmio, voltado também para questões sociais, a fez retornar ao clube em 2019 para novamente assumir a equipe principal.

Durante sua decisão de trabalhar um período no S.C. Internacional, Patrícia ressaltou que uma das razões que a motivou foi a presença da Duda enquanto gerente esportiva do time:

O Inter, por ter a Duda, uma pessoa que já vivenciou o futebol há trinta e poucos anos está no meio do futebol, ela consegue visualizar algumas coisas que daqui a pouco os atuais representantes do Grêmio que estão lá, que são pessoas que ainda estão iniciando no feminino, de repente não tenha como ter se atrapalhado um pouco, sabe? [...] Eu vejo que o pensamento do Grêmio ainda está mais no futebol masculino, acabaram de ganhar um título da Libertadores (GUSMÃO, 2018, p. 10).

Em entrevista ao portal Torcedores (2019), a treinadora afirmou que recebeu sondagens para trabalhar em outros times, no entanto, as condições empreendidas pelo Grêmio a fizeram permanecer: “Não tive dúvidas quando soube do interesse da direção. [Estou] Mais feliz ainda em ver o crescimento do

---

<sup>233</sup> Pedro Medeiros Klever assumiu o time no primeiro semestre de 2018. Depois, Yura Titow, filho do ex-jogador gremista, Júlio Titow, que era auxiliar de preparação física do time desde 2017, assumiu a função de treinador no segundo semestre.

departamento e muito confiante para montar uma equipe competitiva para disputar com chances reais” (TORCEDORES, 2019, *on-line*).

Outro nome importante de ser citado neste estudo quanto à atuação no Grêmio e que trabalhou diretamente com a Patrícia Gusmão é o de Solani de Farias Francisco, também conhecida como Sol Farias. Nascida em 7 de junho de 1978, na capital gaúcha, e formada em Educação Física, Sol começou a jogar futebol de areia aos 15 anos, foi atleta de futebol, atuando como goleira no Internacional em 1998, permanecendo por alguns anos. Jogou também no Esporte Clube Juventude, no Sport Club Corinthians Paulista e na Seleção Brasileira. Em 2014, quando teve o diagnóstico de um tumor, se afastou do esporte. Retornou ao futebol em 2017 para integrar a equipe técnica do Grêmio como preparadora de goleiras (GURIA BOLEIRA, 2018).

No ano de 2019, sob o comando de Patrícia, as Gurias Gremistas conquistaram a quarta colocação na Série A2 do Campeonato Brasileiro, o que possibilitou sua ascensão para a Série A1 em 2020<sup>234</sup>. Diante do cenário ainda escasso para as mulheres que desejam atuar como treinadoras, assim como Tatiele, Patrícia pode ser considerada como protagonista e vitoriosa, visto que obteve conquistas importantes em sua carreira, contribuindo de modo substancial para o desenvolvimento do futebol brasileiro. Suas trajetórias são inspiradoras e exemplares para que outras mulheres lutem por ocupar essa posição.

### **SUELLEN DO SANTOS RAMOS: ex-jogadora, treinadora, pesquisadora e preparadora física**

Nascida em 9 de maio de 1988, Suellen afirma que em sua infância jogava bola e brincava de boneca. “Eu fui criada em um pátio, digamos assim, que tinha muitos meninos. Tinha uma menina também, mas em maioria eram meninos. Então, eu gostava de jogar futebol e brincar de boneca. Eram as coisas que eu mais gostava” (RAMOS, 2014, p. 1). Essa afirmação relembra os estudos de Helena Altmann e Eustáquia Souza (1999) nos quais afirmam que a compreensão dos papéis de gênero e a construção da identidade são forjados socialmente e

---

<sup>234</sup> Em 2020, Internacional e Grêmio participaram da Série A1 conquistando, respectivamente, a sexta e a oitava colocação.

aprendidos desde o nascimento. Mas, diferente de um cenário carregado de preconceitos que diferenciam entre coisas de menino e coisas de menina (SOUZA; ALTMANN, 1999), Suellen comenta que, ao pedir uma bola de futebol a sua mãe, foi presenteadada sem questionamentos. Em sua entrevista, relata algumas experiências conflitantes entre o futebol e o ambiente escolar:

Da quarta à oitava série eu tive uma professora de Educação Física que era excelente, ela sempre incentivava que eu jogasse, sempre queria que eu jogasse. Quando eu passei para o ensino médio, o colégio já tinha um time de futsal específico. Mas também era aquela coisa de vôlei para as meninas e futsal para os meninos. E às vezes não me deixavam jogar futsal com os meninos porque eu ia me machucar, porque só os meninos podiam jogar [...] pelos três anos eu segui jogando futsal lá na equipe do Colégio Estadual Protásio Alves, que era o colégio que eu estudava (RAMOS, 2014, p. 5).

Helianny Pereira dos Santos e Altina Abadia da Silva (2013) afirmam que também na escola, desde a educação infantil, “a criança começa a perceber a diferença entre o que é do menino e o que é da menina, pois a escola apresenta-se como um meio plural e dinâmico” (p. 2). A atuação da professora marcou positivamente a entrevistada, permitindo a narrativa feliz do que foi oportunizado. E a pluralidade de experiências que teve, apesar de alguns obstáculos, favoreceu o seu desempenho no esporte e contribuiu para a sua formação social e profissional.

Aos 10 anos de idade, a mãe de Suellen, Dona Nadir, encontrou uma escolinha específica para meninas no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Suellen ficou durante um ano, até o clube encerrar as atividades, e depois foi para a Escolinha de Futebol Feminino do Internacional, como citado antes, coordenada pela Duda. A atleta permaneceu no clube até o fechamento do Departamento de Futebol Feminino em 2003. Retornando a jogar pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas dessa vez, pelo futsal, atuou também como treinadora da equipe da UFRGS, além de trabalhar em uma academia, com treinamento funcional, musculação, entre outras modalidades. Em sua trajetória destaca, ainda, a atuação como professora de uma escolinha de futebol conveniada com o Grêmio que atendia somente meninas.

Suellen diz que nesse período, como profissional do tricolor, entre 2009 e 2012, o clube ainda não almejava profissionalizar o futebol de mulheres, mantendo um caráter mais formador e lúdico. Seu trabalho junto ao Internacional iniciou no momento no qual o clube reativou o departamento de futebol de mulheres e montou a equipe no ano de 2017.

Suellen Ramos também é pesquisadora da temática futebol de mulheres. Em seu trabalho de conclusão de curso de Educação Física, pela UFRGS, realizou um estudo com as meninas da Escolinha do Grêmio, avaliando habilidades motoras voltadas para a técnica no futebol. E em sua dissertação de Mestrado em Ciência do Movimento Humano, também pela UFRGS, analisou a história de vida da Duda, abordando, ainda, informações históricas sobre o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul. Seus conhecimentos possibilitaram que o Internacional realizasse a exposição “Conquista do Campo”, exibida no Museu do clube no ano de 2018, na qual foram homenageadas as ex-atletas Duda Luizelli, Tatiele Silveira e Isabel Nunes. Sobre sua experiência como preparadora física, Ramos comentou (2018):

Hoje é difícil a gente encontrar algum curso para fazer porque os cursos normalmente são nos finais de semana, ou, sei lá, em dia de semana. [...]. Então, a gente busca coisas alternativas, que são leituras de livros, leituras de artigos, principalmente. Eu e a Livia, que é a fisioterapeuta, nós somos muito voltadas para a pesquisa. Então a gente busca muita informação através de artigos científicos, através de informação científica que embasa a nossa metodologia de treino. Então, é assim que a gente adquire conhecimento, lendo, lendo, lendo muito. E hoje a rede social também, ela é uma ferramenta que te auxilia muito nessa questão, porque eu sigo no Instagram, no Facebook, vários preparadores físicos, e eles descarregam muita informação (RAMOS, 2018, p. 6).

Se os estudos sobre a história do futebol de mulheres no Brasil ainda estão em desenvolvimento, me atrevo a afirmar que os estudos sobre desempenho, performance, proteção e tratamento de atletas ainda são escassos. Assim, Suellen afirma encontrar cursos sobre preparação física no futebol, mas não com especificidades para as mulheres:

Descarregam muita informação e aí tu tem que saber filtrar. “Essa informação aqui é boa para mim, é legal, cabe na minha realidade. Essa daqui já não cabe tanto”. Então a gente vai adquirindo. [...]. Mas é muita leitura, muita leitura. A gente até conseguiu fazer acho que uns dois cursos ano passado, que foi até com o Júlio Garganta<sup>235</sup>, que veio aí, foi até no Beira-Rio (RAMOS, 2018, p. 6).

Ainda sobre as oportunidades de aperfeiçoamento na área durante a sua fase no Inter, a preparadora física relata (2018):

---

<sup>235</sup> Júlio Manoel Garganta da Silva.

Nós conseguimos isenção do curso, mas também auxiliou porque era dentro do Beira-Rio. É, teve outro curso na Federação Gaúcha que a gente ia conseguir algumas isenções também, mas por conta da data e dos nossos compromissos diários não conseguimos. Então, na medida do possível... E a Duda é uma das peças que auxilia bastante nisso, assim, ela está sempre em contato com a diretoria ou com quem está organizando cursos para ver o que ela consegue para a gente. Às vezes, não consegue de todo mundo, mas duas, três isenções de quem queira fazer ela consegue (RAMOS, 2018, p. 6).

Através de oportunidades oferecidas pelo clube e de buscas da própria profissional, a preparadora física se aperfeiçoou tanto na teoria quanto na prática durante os anos de atuação no Internacional. Seu desempenho motivou que recebesse convites para abordar a temática de sua profissão em diferentes espaços, inclusive, ministrando cursos e palestras.

**Figura 6** – Suellen Ramos – Campeã do Campeonato Gaúcho Feminino de 2019



Fonte: Instagram de Suellen Ramos (2019).

Em janeiro de 2021, seu desligamento do clube foi comunicado pelas redes sociais. No blog Mulheres em Campo (2021, s/p) é anunciado: “Na preparação técnica, a primeira perda se dá pela preparadora física Suelen Ramos. Suelen está com as Gurias Coloradas desde a retomada do projeto e anunciou a sua saída nas redes sociais no último sábado (2)”. Em seu perfil do Instagram, no dia 2 de janeiro

de 2021, Suellen Ramos afirma não ter ainda novos projetos definidos e agradece por sua possibilidade de atuar pelo S.C. Internacional:

ATÉ LOGO INTER, OBRIGADA POR TUDO! Díficil escrever essas palavras sem me emocionar. A minha identificação com esse projeto é gigantesca. Foram 4 temporadas de trabalho, estou inserida no projeto desde os seus primeiros passos. O primeiro treino, o primeiro amistoso, o primeiro gol, a primeira competição, a primeira vitória, a primeira derrota... Participei ativamente e insistentemente da consolidação da modalidade dentro do clube.

Suellen agradeceu também pela confiança que recebeu de todas as atletas e demais profissionais que conviveram nesse período colorado de sua vida. Lívia Rodrigues, fisioterapeuta do time de futebol de mulheres do Internacional e companheira de trabalho foi uma das amigas da rede social que cumprimentou e se despediu da preparadora física.

### **LÍVIA GONÇALVES RODRIGUES: uma fisioterapeuta mulher para um time de mulheres**

Lívia Rodrigues conta que desde criança jogava futebol na rua e seguiu jogando durante a sua adolescência e fase adulta. No caminho, enfrentou lesões e encontrou admiração no trabalho da fisioterapia: “[...] por me machucar muito eu acabei fazendo muitos tratamentos de fisioterapia. E como o meu fisioterapeuta, na época, sempre me recuperou muito bem, eu fiquei curiosa para estudar” (RODRIGUES, 2018, p. 1). Lívia cursou Fisioterapia na Universidade La Salle, na cidade de Canoas-RS e se formou no segundo semestre de 2009. Trabalhou por sete anos com a traumatologia ortopedia, em meio ao futebol.



**Figura 7** – Lívia Rodrigues – Fisioterapeuta do S.C. Internacional em 2021



Fonte: Lívia Rodrigues Fisioterapia Esportiva (2021).

Antes de ser a Fisioterapeuta do Futebol Feminino do Sport Club Internacional, Lívia fez Especialização em Fisiologia do Exercício pela UFRGS, com formação em ventosaterapia, *dryneedling* e bandagens elásticas e se tornou Mestre em Terapia Manual Ortopédica pelo IPP-Portugal:

Pensando no futebol, meu TCC da pós-graduação é em relação ao Futebol Feminino. Depois, saí da pós de Fisiologia do Exercício e fui estudar o futebol feminino em Portugal, no meu mestrado. Mais voltada para a questão de lesão, porque não tem nada no Futebol Feminino, se tu for procurar ali no PubMed<sup>236</sup> não tem nada. É tudo prevenção de lesão masculina, tratamento masculino, o que que o homem mais lesiona, e nada de mulher. Então, tipo, eu fiz uma dissertação para falar como que prevenir o que a mulher lesiona mais (RODRIGUES, 2018, p. 1).

O retorno do investimento no futebol de mulheres no Brasil, a partir das novas determinações das instituições do futebol, revela que, para além do desenvolvimento de novas jogadoras de futebol com possibilidades de melhores estruturas e profissionalização, oportunidades em outros cargos no futebol que antes eram ocupados apenas por homens, se abriram para as mulheres. A fala de

---

<sup>236</sup> Plataforma de busca de citações e resumos de artigos de investigação em biomedicina.

Lívia demonstra que a abertura dessas oportunidades para elas não pode ser a única conquista, é necessário aprofundamento científico sobre o futebol de mulheres. Em sua entrevista, descreve como se deu o convite trabalhar junto da equipe colorada:

Eu estava em Portugal ainda e a Tati me falou do projeto do Internacional, mas ficou por isso, foi uma conversa 100% informal. Depois, em agosto, eu voltei para o Brasil e na primeira semana de setembro, eu estava conversando com a Tati. Na segunda semana, eu já comecei a trabalhar no Inter. Então, eu iniciei ali, quando já tinha começado, acho que tinha um mês de Gauchão. E estou aqui, a gente jogou o campeonato gaúcho e a gente venceu (RODRIGUES, 2018, p. 2).

A fala da fisioterapeuta revela que a técnica Tatiele teve liberdade para buscar a formação de sua comissão técnica e que procurou profissionais de sua confiança. Sobre a entrada de mulheres no cargo de fisioterapeuta no futebol brasileiro, Bárbara Nunes Rosa, Roberto Cláudio da Fonseca, Silva da Costa Cordeiro e Regina Marques Nunes Rosa (2008) afirmam que, em nível amador, os critérios de seleção dos clubes ocorrem por indicação de outros profissionais, não existindo preconceito em relação à mulher fisioterapeuta no esporte, posição que é possível encontrar um maior número de mulheres atuantes. Já em relação ao nível profissional, a contratação também é feita por meio de indicação, mas a tendência é de uma maior dificuldade para a inserção da mulher na fisioterapia esportiva, cargo em grande medida assumido por homens.

Sobre a importância de fisioterapeutas no futebol de mulheres, João Hollanda, médico ortopedista especialista em joelho e médico da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, concedeu entrevista ao jornal Estado de Minas, em 2020, apontando o suporte limitado de profissionais especializados como um dos principais fatores responsáveis por lesões nas atletas:

Muitos clubes femininos não contam com médicos e fisioterapeutas em suas rotinas diárias, de forma que os programas de prevenção de lesão ficam prejudicados; estudos mostram que estes programas podem evitar até 50% das lesões do Ligamento Cruzado Anterior no futebol (ESTADO DE MINAS, 2020, s/p. Entrevista com João Hollanda).

A fisioterapeuta esportiva Katherinne Ferro (2019), em seu estudo sobre a diferença entre o processo fisioterápico no futebol de homens e no futebol de

mulheres, publicado na CBF Academy<sup>237</sup>, diz sobre a importância de conhecer as principais diferenças entre atletas homens e mulheres antes de planejar programas preventivos personalizados de acordo com as regiões mais afetadas, os tipos de lesões mais comuns e os fatores de risco que cada atleta apresenta.

A pesquisadora afirma que cada fisioterapeuta precisa conhecer as particularidades da mulher atleta, citando “o ciclo menstrual, epidemiologia e características das lesões que mais ocorrem no futebol feminino e sobre condições clínicas comuns à mulher atleta, como as RED-S” (2019, s/p), para proporcionar um trabalho de excelência.

Banora dos Santos Correia (2020) estudou sobre o papel da fisioterapia na prevenção de lesões do futebol de mulheres, a partir da aplicação do programa completo de aquecimento da FIFA, o chamado FIFA 11. O local da pesquisa foi o Esporte Clube Iranduba da Amazônia, clube de Manaus que disputava a primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Correia verificou situações nas quais a fisioterapia, por meio da prevenção associada aos profissionais de preparação física, pode evitar as lesões das jogadoras e levantar as principais lesões que afetam a atleta. Segundo a autora, “o estudo mostrou a eficiência do FIFA 11 na prevenção de lesões das atletas do futebol feminino e de que forma o trabalho conjunto entre Fisioterapia, preparação física e fisiologia é fundamental no esporte de alto rendimento” (CORREA, 2020, p. 1).

Sobre a presença das mulheres no cargo, Carolina Vellei afirmou, em 2017, que “o tabu em torno do trabalho das mulheres no futebol ainda existe. [...] Mas muita coisa vem mudando nos últimos anos, principalmente graças a mulheres que batalham para enfrentar as barreiras impostas pelo preconceito” (s/p). A jornalista, que pesquisou sobre o trabalho de mulheres no ramo esportivo, ainda concluiu que “em pleno ‘país do futebol’, são poucas as mulheres que conseguem chegar ao cargo de fisioterapeutas em clubes” (VELLEI, 2017, s/p).

A fala de Lívia sobre sua formação, aliada à sua experiência no Inter, revela alguns pontos sobre a importância da sua presença profissional preparada para o cargo atuante, independentemente de ser uma mulher:

---

<sup>237</sup> Ver mais em: <https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/noticias/248-a-diferenca-entre-o-processo-fisioterapico-no-futebol-masculino-e-no-futebol-feminino>.

Eu sempre trabalhei com traumatologia ortopedia, é praticamente a mesma coisa que no desporto, a diferença é que no desporto tu consegues acelerar mais, porque o atleta corresponde mais rápido. Tanto que um atleta de final de semana demora lá quatro semanas para recuperar a lesão, um atleta que em doze dias, quinze dias, no máximo está recuperado. Então eu sempre trabalhei assim com a parte do desporto e traumatologia ortopedia, porque para mim é fácil. [...] Em Portugal funciona assim, o primeiro ano de mestrado é 95% prática. Então, eu aprendi muita coisa lá. No segundo ano do mestrado, voltei para a pesquisa. Então eu tive praticamente dez meses de prática. Muita coisa que eu não vi, porque aqui no Brasil a gente não tem. Mas, eu cheguei já aplicando minha experiência, e isso foi muito bom (RODRIGUES, 2018, p. 5).

Lívia também ministra cursos de extensão, *workshops* sobre fisioterapia esportiva, massoterapia e prevenção de lesões. Sobre a estrutura do Internacional, a fisioterapeuta comenta que, em 2018, não era possível usar as dependências do clube, mas ela possuía aparelhos que a auxiliavam, como o ultrassom e o TENS<sup>238</sup>. Comentou também sobre o patrocínio da Panvel<sup>239</sup>, que ofereceu suporte de material para o dia a dia e para os jogos do time (RODRIGUES, 2018, p. 5). Sua fala revela que o mínimo oferecido permite o trabalho dos profissionais, mas ainda há pontos que precisam avançar para se garantir maior qualidade na prevenção e no tratamento de lesões esportivas do time.

### **PAMELA JORAS: primeira mulher a apitar uma partida dentro do Beira-Rio**

Pamela Joras nasceu em Restinga Seca, interior do Rio Grande do Sul, é formada em Educação Física e tem Especialização pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Se tornou mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS, em 2016, estudando a trajetória de vida da ex-jogadora da Seleção Brasileira, Aline Pellegrino, e hoje, é doutora em Ciências do Movimento Humano, também pela UFRGS, com a produção de uma tese sobre trajetória da gaúcha Maria Ivete Gallas (2021), uma ex-jogadora, dirigente e treinadora de futebol de mulheres. Também faz parte do Guerreira Project, um “coletivo formado por atletas, artistas, acadêmicos/as e ativistas que desenvolvem oficinas, pesquisas, performances e exposições visando estimular a justiça de gênero e empoderar mulheres no esporte e fora dele” (ANJOS *et al.*, 2018, s/p).

---

<sup>238</sup> Aparelho fisioterapêutico que auxilia no tratamento de dores crônicas.

<sup>239</sup> Rede de farmácias.

Pamela relata que jogava bola desde criança, escondida dos pais, até seus nove anos, quando eles cederam ao interesse da jogadora mirim. Seus primeiros impedimentos enfrentados começaram em casa e na escola:

Eu comecei na rua, com o meu irmão e o meu tio que é da minha idade. A gente brincava com o pessoal da vizinhança ali, o jogo era sempre de futebol e eu era sempre a única menina [...] depois disso, eu comecei a estudar e na escola era muito dividido, era futebol para os meninos e vôlei para as meninas ou a gente brincava de caçador ou queimada [...] como eu já estava acostumada a jogar futebol em casa, eu queria brincar de futebol também, só que na escola isso não era permitido, então ali pelos nove anos de idade começaram as escolinhas esportivas no contraturno da escola [...] naquele período tu precisava de autorização dos pais para entrar nessas escolinhas que eram gratuitas e a minha mãe e o meu pai: “futebol não, futebol não é coisa de menina” (JORAS, 2018, p. 1).

Pamela investiu no seu interesse pelo futebol durante a adolescência, integrou as equipes de futsal das duas universidades em que estudou e participou de times locais de futsal e futebol do Rio Grande do Sul. Cita os times Internacional de Santa Maria e Flamenguinho de Alegrete como algumas das equipes pelas quais atuou como jogadora e relembra o Garra Futebol Feminino, time do município de Restinga Seca que a entrevistada se orgulha de ter ajudado a formar. “Eu sempre tive em algum time, ou como treinadora ou como auxiliar. No período da minha gravidez eu fui preparadora física de uma equipe” (JORAS, 2018, p. 2). O futebol atravessou todas as fases de sua vida. Nem o período de gravidez, que muitas vezes é encarado como um momento de fragilidade do corpo da mulher, a afastou da sua vontade de viver o futebol.

Durante essas e outras experiências pelo futebol, Pamela decidiu participar, em 2014, de um curso de arbitragem só para mulheres oferecido pelo Centro de Memórias da UFRGS e depois decidiu entrar para o quadro do Sindicato dos Árbitros do Rio Grande do Sul. Após começar a ser reconhecida pela sua boa atuação nas partidas em que foi árbitra no estado gaúcho, tanto no futebol de homens quanto no futebol de mulheres, em entrevista concedida à Isabelle Rachelle, afirmou:

Na arbitragem, a presença das mulheres é extremamente restrita, trabalhando efetivamente no Estadual Feminino desse ano tivemos três árbitras principais e quatro assistentes, é um número ainda muito pequeno. Quando as pessoas se dão conta de que é uma mulher, ou um trio de mulheres que vai “comandar” a partida, o preconceito aparece sim,

não por parte das torcidas, mas nos diversos setores que compõem uma partida de futebol (RACHELLE, 2018, s/p. Entrevista com Pamela Joras).

Pamela decidiu seguir carreira nos campos como árbitra, atuando em três edições do Campeonato Gaúcho Feminino, duas edições do Campeonato Estadual de Categorias de Base do estado, além de diversas ligas amadoras, tanto com times de homens quanto de mulheres. Seu bom trabalho repercutiu em escalações para jogos marcantes na história da dupla GreNal.

Em 26 de novembro de 2017, durante o jogo da semifinal do Campeonato Gaúcho, Pamela Joras foi escalada para comandar a partida entre os times S.C Internacional e Sport Club Black Show. Partida esta que ocorreu dentro do Estádio de Futebol José Pinheiro Borda, o popular Beira-Rio, e se encerrou com um placar de 8 x 0 para o Internacional. “Foi um grande momento não só pra mim, mas para toda a modalidade, para a equipe de arbitragem, para as jogadoras que estavam recebendo a oportunidade de jogar pela primeira vez em um grande estádio” (TRIBUNA RESTINGA, 2018, s/p).

Esse acontecimento foi pioneiro, pois foi o primeiro jogo arbitrado por uma mulher dentro da história desse estádio: “O nome de Pamela já está escrito na história da arbitragem gaúcha. Ela foi a primeira mulher a apitar um jogo no Estádio Beira-Rio na semifinal do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino” (RACHELLE, Izabel, 2018, s/p).

**Figura 8** – Pamela Joras apita no Campeonato Gaúcho de 2017



Fonte: Facebook de Pamela Joras (2017).

A Federação Gaúcha e os jornais locais, como a Tribuna de Restinga, também divulgaram o marco histórico: “Os planos de Pamela para o futuro estão traçados: o curso da FGF, a preparação para o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino e outros que surgirem, além de projetos ligados à arbitragem” (FGF, 2018, s/p). Pamela também participou, mas como árbitra assistente, nos jogos das finais do Campeonato Gaúcho que ocorreram no dia 3 de dezembro de 2017<sup>240</sup>, no Centro de Treinamento Hélio Dourado, Eldorado do Sul, com vitória de 2 x 0 do Grêmio sobre o Internacional, e no dia 9 de dezembro<sup>241</sup>, no Estádio Beira-Rio, com vitória de 3 x 1 do Internacional sobre o Grêmio e com decisão favorável para as Coloradas nos pênaltis. “Com belíssimas atuações da Arbitragem Feminina e das Equipes que Disputavam o Campeonato, o Sport Clube Internacional é Campeão Gaúcho Feminino 2017” (ALÉM DO APITO, 2017, s/p).

Mas a trajetória da Pamela, como de muitas árbitras pelo Brasil, não é marcada só por dias de vitórias. Outro impedimento que é identificado na sua

---

<sup>240</sup> O jogo foi comandado pela árbitra principal Marlova Boeck.

<sup>241</sup> O jogo foi comandado pela árbitra principal Mariana Caetano.

trajetória é o preconceito revelado em discursos ofensivos de pessoas que não concordam com a atuação de mulheres no esporte, seja qual for a posição:

Tu sempre enfrenta muitos impedimentos, só que em determinado período da vida, tu não consegue identificar muito bem, porque tu não está familiarizada com aquilo, então quando tu é muito nova algumas coisas acontecem e tu acaba não percebendo, só vai começar a identificar isso ao longo da vida, então certamente, na minha pré-adolescência e adolescência eu devo ter enfrentado muitas coisas, mas eu comecei a perceber mesmo a partir dos meus quinze, dezesseis anos de idade e aí é sempre os mesmos xingamentos, ou “ah, vai lavar uma louça”, “vai para casa” aqueles xingamentos que a gente escuta até hoje no estádio e a gente começa a perceber que no meio também existe muito preconceito, não só por parte de torcida, de organização, mas às vezes até das próprias jogadoras da equipe, então foram vários que eu enfrentei desde que comecei e continuo enfrentando até hoje (JÓRAS, 2018, p. 3).

Pamela evidencia em sua fala atitudes e discursos violentos que estão presentes na história da mulher pelo futebol desde seus primórdios e que, por não sofrerem ações de combate, são aceitos no âmbito esportivo, não sem incômodos e traumas, até os dias de hoje. Esses xingamentos citados reverberam a busca por autoridade em fazer as mulheres retornarem ao padrão único heteronormativo que serve ao homem e se inscreve em adjetivos de fragilidade corporal (BANDEIRA; SEFFNER, 2013).

A própria entrevistada passou por uma situação específica de preconceito enquanto árbitra de futebol. Durante uma partida de futebol amador de homens no interior do Rio Grande do Sul, no dia 5 de agosto de 2018, foi agredida por um jogador. O caso foi denunciado pela árbitra na delegacia policial e foi amplamente noticiado: “Árbitra é agredida por jogador em partida de futebol amador no Rio Grande do Sul” (ESPORTE ESPETACULAR, 2018). Em outra matéria, foi registrado que a “árbitra profissional foi agredida com tapas e empurrões e insultada com machismo explícito por parte de um atleta que, descontente com a marcação de uma falta, a ofendeu dizendo que ela deveria estar na cozinha” (RACHELLE, 2018). Sobre o ocorrido, Pamela comentou:

Era um campeonato municipal e o primeiro jogo transcorreu sem maiores problemas. No segundo, logo na primeira marcação da falta, já fui altamente questionada. Na sequência, dei cartão amarelo para o capitão de uma das equipes, e acabei sendo agredida por ele. Pasma com o que tinha acontecido, mas cumprindo o protocolo do que é o meu trabalho, expulsei o atleta. Ele se irritou e teve que ser segurado por outros jogadores, de ambas as equipes, uma vez que partiu para cima de mim,



querendo me agredir (RACHELLE, 2018, s/p. Entrevista com Pamela Joras).

Após a repercussão do caso, a árbitra, estudiosa sobre futebol de mulheres e feminista, recebeu apoio por meio de jornais e redes sociais: “Recebi uma ligação uns dias depois do ocorrido, me informando que as mulheres da cidade se mobilizaram e farão uma passeata até o campo em protesto. Isso me motiva a cada vez mais [...]” (RACHELLE, 2018, s/p. Entrevista com Pamela Joras). Pamela fez o registro da ocorrência e, no dia 12 de agosto, mulheres da cidade de Arroio do Sal saíram às ruas em solidariedade à árbitra e contra os atos cometidos pelo atleta. Em sua entrevista, comenta como as raízes do machismo ainda estão inseridas muitas vezes até nas mulheres que buscam seus direitos equitativos, precisando constantemente de reflexões sobre as próprias práticas vivenciadas:

Depois do que aconteceu fiquei me sentindo muito mal e pensando: “será que se eu tivesse dado cartão amarelo antes teria contido?”, ou “e se eu tivesse feito isso, ou aquilo?”. Em seguida, parei e analisei o que estava fazendo comigo mesma, e me dei conta do quão forte é a pressão que o patriarcado exerce sobre nós. Até eu, feminista, estava inconscientemente me culpando pelo ato (mesmo tendo seguido a regra e exercido a aplicação correta) (RACHELLE, 2018, s/p. Entrevista com Pamela Joras).

Considerada profissão no Brasil apenas em 2013<sup>242</sup> (BRASIL, 2013), a arbitragem ainda não assina carteira de trabalho e tem desafios maiores no contexto histórico das mulheres. Asaléa de Campos Fornero Medina, conhecida como Léa Campos, foi a primeira brasileira a se tornar árbitra de futebol reconhecida pela FIFA. Jogadora de futebol em um período em que a prática do esporte era proibida para as mulheres, sofreu perseguições, foi presa algumas vezes e, em 1967, decidiu fazer um curso de arbitragem. Léa recebeu apoio dos colegas de arbitragem, mas sofreu resistência por parte da Confederação Brasileira de Desportos no momento de receber seu diploma. A árbitra precisou de uma carta redigida a punho, do Presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, exigindo o título (CAMPOS, 2015).

---

<sup>242</sup> A profissão de árbitro de futebol é reconhecida e regulada, sem prejuízo das disposições não colidentes, por meio da Lei nº 12.867, de 10 de outubro de 2013.

Léa atuou no Brasil, com passagens pelo norte, nordeste e até do sul do país, apitando um Grenal de homens no futebol de praia. Ela também arbitrou em países como França, Espanha e Portugal e alcançou diploma pela FIFA em 1971, após arbitrar em um Campeonato Mundial de Futebol Feminino realizado no México. Mas encerrou sua carreira em 1974, após um trágico acidente de ônibus que a deixou com problemas de locomoção (CAMPOS, 2015).

Ana Carolina Vieira Silva (2019), que estudou o quadro da arbitragem de mulheres no Brasil e em específico, no futebol do Rio Grande do Sul, ressalta a importância histórica da atuação de Léa Campos para a arbitragem brasileira. E ainda, chama a atenção para os cuidados em não desconsiderar possíveis existências de outras mulheres que gostariam de ter arbitrado no futebol ou até atuaram antes da Léa, mas “não ganharam protagonismo e visibilidade por não estarem em uma posição de privilégio na época” (p. 16). Isso reforça a afirmação de Goellner (2015) quando diz sobre a importância de se conhecer a história da mulher nos esportes para se reconhecer o que foi vivido e edificado na modalidade.

Silva (2019) cita outros nomes de mulheres que foram e são destaques na arbitragem brasileira de futebol. Sílvia Regina de Oliveira, árbitra desde 1980, aparece como a primeira árbitra central de uma partida oficial de futebol de homens; como árbitra principal do primeiro trio de mulheres<sup>243</sup> a apitar uma partida da série A do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino<sup>244</sup>, em 2003; como a primeira mulher a apitar uma partida da Copa Sul-Americana Masculina e como a primeira mulher a ser Instrutora FIFA, atuando na formação de árbitros (SILVA, 2019).

Silva (2019) também cita Ana Paula de Oliveira, árbitra assistente que atuou em partidas como as finais do Campeonato Paulista de futebol de homens, em 2003, 2004 e 2007 e a final da Copa do Brasil, em 2006. Ana Paula também é a primeira mulher a atuar em uma partida da Copa Libertadores da América de homens<sup>245</sup> e atualmente é Instrutora FIFA. (SILVA, 2019). Edina Batista foi outro nome destacado pela autora. A árbitra começou sua carreira na arbitragem em 2001, entrou para o quadro CBF em 2007, bandeirou jogos das séries A, B, C e D,

---

<sup>243</sup> As outras integrantes foram Ana Paula de Oliveira e Aline Lambert, como árbitras assistentes.

<sup>244</sup> A partida foi entre Guarani Futebol Clube e São Paulo Futebol Clube.

<sup>245</sup> Nas partidas das oitavas de final do Campeonato de 2005, entre os times São Paulo e Palmeiras.

se tornou árbitra assistente pela FIFA e, em 2019, conseguiu dois feitos históricos, se tornando árbitra central em uma partida da série A do Campeonato Brasileiro de homens<sup>246</sup> e sendo convocada para a Copa do Mundo de Futebol Feminino, na França (SILVA, 2019).

Quanto à arbitragem no Rio Grande do Sul, Silva (2019) afirma que até os investimentos ainda são mínimos para a participação das mulheres. Segundo a autora, em 1985, Ivani de Gregori se tornou a primeira árbitra do Rio Grande do Sul, foi credenciada pela FIFA 10 anos depois e, em 2000, encerrou sua carreira na arbitragem. “Apesar disso, Ivani nunca apitou uma partida do Campeonato Gaúcho, afirmando que não se tinha esse espaço no RS” (SILVA, 2019, p. 44).

O projeto experimental de Rosa Ruviaro (2017) para o curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), intitulado “Impedida? A mulher na arbitragem do Rio Grande do Sul”, revelou que dos 210 árbitros da FGF, apenas seis eram mulheres. Silva (2019) disse que, já em 2018, o quadro disponibilizado no site da FGF contava com 234 árbitros homens e oito mulheres, sendo que apenas seis<sup>247</sup> estavam atuantes, em posição de assistentes. “Os dados da FGF comprovam que o Rio Grande do Sul tem uma carência de mulheres de seu quadro de arbitragem” (SILVA, 2019, p. 44).

Para fomentar a arbitragem realizada por mulheres, Silva (2019) afirma que há ações e incentivos, tanto em escala mundial, por deliberações da FIFA, quanto local, como as determinações da FGF para a participação das mulheres no curso de arbitragem. Mas dentro do contexto vivido por essas mulheres, ainda se encontram muitos impedimentos. A árbitra assistente da FGF Andreza Mocelin relatou para Rosana Ruviaro (2017) alguns obstáculos que enfrenta como árbitra por ser mulher:

[...] a primeira marcação que tu faz, já ouve “o que tu tá fazendo aqui? Vai lavar uma louça”. Isso é o que a gente mais escuta [...] Eles têm aquela ideia de que lugar de mulher não é ali, ainda não é onde ela quer. E a gente tá tentando provar o contrário (RUVIARO, Rosana, 2017. Entrevista com Andreza Mocelin).

---

<sup>246</sup> A partida aconteceu no Estádio Rei Pelé, em Maceió.

<sup>247</sup> Andreza Vanni Mocelin; Luiza Naujorks Reis; Maíra Mostella Moreira; Ariela Duarte da Silveira; Estefani Adriati Estrela da Rosa; Taís Regina Ruver.

Os jornalistas Débora de Oliveira e Fabiano Baldasso, apresentando uma visão da própria mídia sobre a imagem da mulher como árbitra, também concederam depoimentos para o projeto. “Acontece que nós vivemos num ambiente machista, que é errado, que vai olhar muito mais se o cabelo dela é bonito, se ela é bonita, se ela tá com uma trança bonita, do que se ela apitou bem (RUVIARO, 2017, *on-line*). Entrevista com Débora de Oliveira). Além disso, “esse espaço não depende apenas da vontade dela, depende de uma abertura. Depende de um entendimento das empresas de que ela tem as mesmas capacidades que um homem para exercer a função. E isso ainda vai demorar um pouco” (RUVIARO, 2017, *on-line*).

É fato que foi alcançado uma abertura e uma permanência das mulheres na arbitragem brasileira, mas não sem resistências históricas que se mantêm constantes e necessárias até os dias de hoje. “O futebol é um reduto ainda muito machista e nós enfrentamos muita resistência quando entramos nesse campo. Somos poucas e meu desejo é que existam cada vez mais mulheres no futebol” (RACHELLE, 2018, s/p).

O futebol marca a vida de milhões de mulheres e faz parte das páginas de suas histórias de diversas maneiras. As mulheres que, muitas vezes, foram impedidas de praticar o futebol, criaram estratégias para permanecer nos campos e, assim, descobriram paixões em outras funções do esporte. Sem profissão definida, arbitrar se torna mais um espaço possível e com destaques, mas ainda com poucos incentivos para as mulheres no Brasil.

### **CLAIRENE GIACOBÉ: das traves coloradas à voz do gramado**

A narradora de uma partida de futebol é a dona da voz do gramado ou, como afirma Silva (2021, s/p.), “é a voz que nos conta os fatos e seu desenvolvimento”. Ter mulheres na narração esportiva traduz-se em uma forma de empoderamento, visto que tem autonomia para definir o ângulo, o ponto de vista e o foco pelo qual a partida será narrada. Mas, onde estão essas narradoras que pouco se encontram nas rádios brasileiras? Sobre esse questionamento, ao começar a estudar sobre as narradoras e as comentaristas no jornalismo esportivo brasileiro, Leonardo Pacheco (2017) afirma que, assim como a história das jogadoras de futebol, “a

ausência de mulheres nos espaços de narração e comentários esportivos não significa inexistência” (2017, s/p). Elas existem e, segundo Carol Ito (2018), Zuleide Ranieri foi a pioneira na narração de mulheres no Brasil, iniciando na Rádio Mulher, durante a década de 1970.

Ito (2018) também destaca Luciana Mariano, primeira mulher a narrar na televisão, em 1997: “Hoje, Luciana trabalha como narradora no canal ESPN e conta que nos anos 90 não pensava em seguir na profissão por falta de referências femininas” (ITO, 2018, s/p). Isabelly Morais<sup>248</sup> tornou-se, em 2017, a primeira mulher a narrar uma partida de futebol profissional em Minas Gerais, disputada pelo Campeonato Brasileiro da Série B. Foi na Rádio Inconfidência que fez sua estreia e o impacto dessa atuação fez com que se inscrevesse para participar, em 2018, do “Narra Quem Sabe”, Programa do Canal de TV Fox Sports dedicado à seleção de narradoras para cobrir a Copa do Mundo de 2018. Isabelly foi selecionada e escolhida para narrar o jogo de abertura da Copa que foi disputado entre a Rússia e a Arábia Saudita.

No Rio Grande do Sul, mais especificamente depois da retomada das equipes de mulheres dos times de camisa, destaca-se a atuação de Clairene Giacobe, cuja narração se deu pela Rádio Estação Web. Antes de se dedicar a narrar jogos, Clairene inscreveu o futebol dentro de sua vida de diversas maneiras. Jogava bola desde pequena na cidade de Agudo-RS e sua família, torcedora do Grêmio, tinha o costume de escutar no rádio as partidas de futebol. Desde criança partilhou várias atividades de futebol junto de seus irmãos, amigos e colegas de colégio. Em sua entrevista, menciona que desde criança tinha paixão em escutar a rádio:

[...] naquela época no interior, eu pegava a Rádio Globo de São Paulo, então cresci escutando muito Osmar Santos<sup>249</sup> e a Guaíba<sup>250</sup> e a Gaúcha<sup>251</sup>, então eu tinha os horários de programas esportivos que eu escutava por causa do Ranzolin<sup>252</sup> ou por causa do Roberto Brauner<sup>253</sup>, que eu era fã deles. Mas nunca me passou pela cabeça eu ser narradora,

---

<sup>248</sup> Desde outubro de 2020, Morais faz parte de um quadro dentro do programa Show do Esporte da TV Bandeirantes e comenta os jogos do Brasileirão Feminino.

<sup>249</sup> Osmar Aparecido Santos.

<sup>250</sup> Rádio Guaíba.

<sup>251</sup> Rádio Gaúcha.

<sup>252</sup> Armindo Antônio Ranzolin.

<sup>253</sup> Carlos Roberto de Freitas Brauner.

me passou jogar ou fazer jornalismo para ser uma repórter (GIACOBÉ, 2018, p. 1).

As referências citadas por Clairene eram de homens, sugerindo que a entrevistada se encantou pelo campo da narração, mas não enxergou representatividade possível para se espelhar ou para pensar que essa ocupação também poderia ser para ela, mulher. Para estar no futebol pensou em se tornar repórter esportiva ou mesmo jogadora, pois identificava a “impossibilidade de se ocupar desse ofício, seja porque ‘nunca passou pela cabeça’, seja porque ‘preferiu escolher outra área’, seja porque ‘prefere reportar’, ou seja, pela ausência de modelos femininos, no caso específico da narração” (PACHECO, 2017, s/p).

Clairene começou a jogar futebol com 15 anos, na posição de meio campista, pelo Esporte Clube São Luiz, de Venâncio Aires. Depois, se mudou para Porto Alegre, onde procurou no Grêmio um espaço para jogar, treinando por quatro meses como zagueira: “Eu me lembro que nós treinávamos dentro do Olímpico<sup>254</sup>, todas as noites, eram das sete às nove da noite. [...] eu parei de treinar devido a dificuldades, à questão financeira. O futebol feminino nunca foi fonte de renda” (GIACOBÉ, 2018, p. 1). Após um período distante dos campos, a jogadora decidiu procurar a escolinha da Duda, onde iniciou como zagueira, mas após fazer revezamento de posições, se encontrou no gol: “Como goleira, eu cheguei a jogar alguns jogos na equipe adulta do Inter e a treinar com elas” (2018, p. 1), mas essa atuação durou pouco tempo devido à descoberta de uma gravidez:

Eu estava jogando por uma categoria de base dentro de um torneio Sul-brasileiro, estava jogando no Paraná. Aí em um dos jogos, passei muito mal na volta e eu descobri que estava grávida já de três meses. E foi após um dos jogos em que eu defendi, fiz muitas defesas, cai no chão de várias formas. Eu não sei como é que eu não perdi, eram para nascer mesmo as gêmeas (GIACOBÉ, 2018, p. 3).

Após iniciar sua vida como mãe e desistir da carreira de jogadora de futebol, Clairence decidiu, em 2008, fazer o curso de radialista: “Eu desisti no começo do sonho de ser jogadora porque não tinha condições. As crianças pequenas, muita confusão, daí eu pensei, ‘nunca mais vou fazer futebol na minha vida’. [...] Mas foi uma fase muito maravilhosa” (GIACOBÉ, 2018, p. 4). Ao abandonar o campo e

---

<sup>254</sup> Estádio Olímpico Monumental, antigo estádio do Grêmio F.P.A.

assumir a maternidade e seus desdobramentos, inclusive o acúmulo de tarefas, Clairene encontrou outro modo de estar no futebol, inicialmente como comentarista:

Eu acompanhava todos os jogos pelo rádio, sempre o rádio foi minha paixão e o Rogério Barbosa, que é o dono da Rádio Estação Web, foi meu professor de áudio nesse mês que eu fiz na escola, na época a Landell de Moura<sup>255</sup>. Isso foi um pouquinho antes da Copa, das Olimpíadas de 2012<sup>256</sup>, ele me achou no Orkut<sup>257</sup> e disse: “Eu preciso de um e-mail teu, preciso de contato teu, eu montei uma rádio web e fico impressionado como tu falava e entendia de futebol. Quero ser arrojado, quero colocar uma mulher comentando. Tu não quer comentar?”. [...] Então, ele me mandou o convite e o primeiro jogo que eu comentei aqui foi Brasil x Camarões, 2012, cinco a zero do Brasil, foi meu primeiro jogo (GIACOBÉ, 2018, p. 4).

Clairene começou comentando apenas os jogos de mulheres no ano de 2012, passando gradativamente a atuar também no futebol gaúcho de homens: “Em 2014, uma rádio AM, Rádio Metrópole, me convidou para comentar a Super Copa Gaúcha pelo time Igrejinha. Foi então que eu comecei a ter um destaque como comentarista [...]. Em 2015, eu comecei a comentar nos estádios” (GIACOBÉ, 2018, p. 4). Sobre outras mulheres que trabalham como comentaristas de futebol gaúcho, destaca a presença de Cleunice Schlee: “são poucas mulheres. [...] E no feminino, eu vejo a Cleunice que está sempre com a gente e ela entende bastante, uma ótima comentarista” (GIACOBÉ, 2018, p. 6).

A Rádio Estação Web de Porto Alegre realiza transmissões de jogos de futebol via internet e, em 2016, montou uma equipe de mulheres composta por Clairene como comentarista e narradora, Cleunice Schlee e Paula Cardoso, como comentaristas e repórteres (RAMIRO, 2017, p. 52).

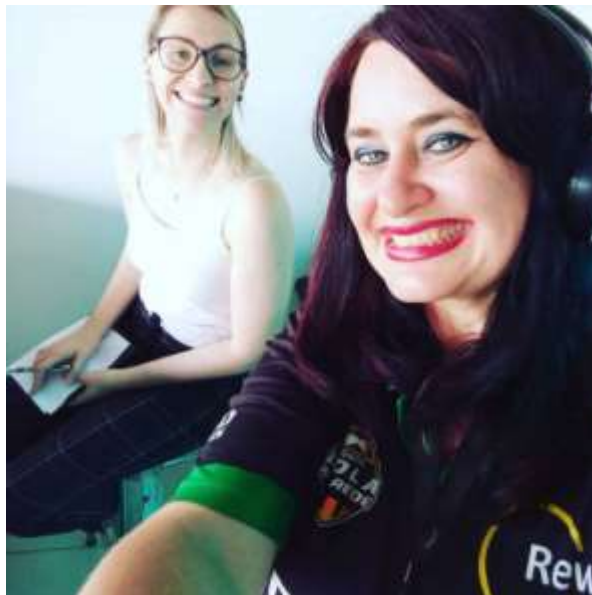
---

<sup>255</sup> Organização da Sociedade Civil de Interesse Público Padre Landell de Moura.

<sup>256</sup> Jogos Olímpicos de Londres.

<sup>257</sup> Rede Social Orkut.

**Figura 9** – Clairene Giacobe e Cleunice Schlee entrando no ar – 8 de fevereiro de 2020



Fonte: Instagram de Clairene Giacobe (2020).

Natural de São Carlos, cidade de Santa Catarina, Cleunice é jornalista formada pela UFRGS e pós-graduanda em Influência Digital: Conteúdo e Estratégia pela PUC-RS. Atualmente, trabalha como assessora de Imprensa na Câmara Municipal de Porto Alegre e como repórter e comentarista da Rádio Web desde março de 2017. Em entrevista para o presente estudo, ela falou sobre sua paixão pelo futebol, sobre as dificuldades ainda encontradas para conhecer os times de mulheres e sobre seu interesse pelo assunto.

Cleunice tem cursos em Comunicação Esportiva e Formação Social em Mídia,<sup>258</sup> além de ser integrante do blog “A bola que pariu” (2016). Ao descrever em sua entrevista como se deu a preparação para se tornar comentarista, afirma:

Eu gosto muito de futebol e recebi o convite para comentar. [...] Para falar sobre o futebol feminino, eu pesquiso muito. Sempre gostei de ler sobre o futebol feminino. Mas para comentar é preciso saber o nome das jogadoras, reconhecer pelos números e muitas vezes é complicado, temos que ir atrás da escalação. [...]. Precisamos pesquisar por conta própria muitas vezes para conhecer mais a fundo porque ainda há poucos canais de informação, principalmente sobre os times do interior (SCHLEE, 2018, p. 2).

---

<sup>258</sup> Cursos oferecidos pela Escola de Comunicação, Arte e Design da PUC-RS com a produção do Trabalho de Conclusão de Curso “Sem medalha nos Jogos Olímpicos Rio 2016 e no Globo Esporte: a realidade do futebol feminino brasileiro” (2016).



Essa mesma dedicação é mencionada por Clairene quando discorre que, para narrar ou comentar partidas de mulheres, é preciso conhecer muito desse futebol, seja porque os dados são pouco divulgados, seja pela mídia, seja pelas instituições oficiais. Por isso, é necessário buscar informações para ter um desempenho adequado. Depois de ser reconhecida como comentarista, Clairene ingressou no mundo da narração. Nas suas palavras:

No final de 2015, o Rogério um dia, saindo da Arena<sup>259</sup>, num jogo do Grêmio, disse: “Bah! Tô louco para lançarmos uma mulher narradora, não quer narrar Clairene?” Eu disse: “Eu? Tá louco? Eu não tenho voz para isso, tu acha que eu vou conseguir?”. Então, fiquei pensando naquilo, passei a noite pensando. [...] Então, busquei o curso em 2016 de narradora, e agora sou narradora e comentarista. Eu fui a única comentarista no curso, todos colegas homens e foi muito difícil aprender a narrar, comecei a escutar muito mais narração, comecei a estudar mais, a buscar dicas e a minha primeira narração<sup>260</sup> foi em 2016, final de 2016. Que eu queria que o Beira-Rio abrisse e eu sumisse [risos], foi muito complicado para mim, eu achei a coisa mais difícil que eu fiz, mas depois tu vai pegando o gosto (GIACOBÉ, 2018, p. 13).

Sobre a formação de Clairene para a narração, Rogério Barbosa comentou: “A preparação dela para a nova função durou quase um ano. Nesse período, ela se inscreveu em um curso de narração esportiva e começou a treinar em *off* nos estúdios” (RAMIRO, 2017, p. 53).

Ao longo de sua formação, Clairene refere que recebeu apoio de muitos narradores, cuja atuação a inspirou, mas desenvolveu seu jeito próprio de narrar. No dia 11 de junho de 2018, Clairene se tornou a primeira mulher a narrar o clássico Grenal<sup>33</sup> pelo Campeonato Brasileiro: “é uma responsabilidade, mas eu estou muito tranquila” (GIACOBÉ, 2018, p. 13).

A narradora também confessa que, apesar do apoio de companheiros de rádio e de críticas positivas, há muitas dificuldades em conseguir espaço nesse cenário: “Não sei se é por questões de machismo, se é por questões de medo ou questões de achismo. Não sei” (GIACOBÉ, 2018, p. 16). Mas conclui: “espero que

---

<sup>259</sup> Estádio Arena do Grêmio.

<sup>260</sup> A partida de futebol de homens foi entre o Internacional e o Ypiranga Futebol Clube de Erechim, na final da Super Copa Gaúcha de 2016.

<sup>33</sup> Grêmio x Internacional.

agora as TVs, canais de TV, contratem realmente e esses trabalho tenha seqüência com as mulheres” (GIACOBÉ, 2018, p. 16).

Em entrevista concedida para uma reportagem produzida pelas Dibradoras, Clairene ganha destaque como “[...] uma voz feminina [que] vem resistindo e aprimorando suas técnicas na narração [...] rompendo barreiras em um cenário que ainda é muito machista (DIBRADORAS, 2019, s/p).

No dia 19 de setembro de 2019, outra rádio do Rio Grande do Sul investiu no trabalho de mulheres jornalistas. A Rádio Grenal fez sua primeira transmissão com equipe exclusivamente formada por mulheres para a disputa do GreNal válido pelo Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino. A narração da partida foi realizada por Valéria Possamai, os comentários por Ana Aguiar, a reportagem foi de Bárbara Assman e Paula Cardoso participou como convidada especial (RÁDIO GRENAL, 2019).

As experiências de Clairene e Cleunice na Rádio Web simbolizam na prática um novo cenário, o qual foi impulsionado pelo início de mais uma fase feminista na sociedade, uma onda de feminismo digital, que desencadeou um certo nível de investimento na proteção física, sexual e trabalhista das mulheres (COCHRANE, 2013). Fase esta que começou a ser aceita nas mídias e nos ramos empresariais como forma de vender uma imagem inclusiva e atenta para atender às novas demandas de simetria e igualdade de gênero, o que gera preocupação por sua possível duração efêmera na história (PACHECO, 2018).

Júlia Maria Ramiro (2017), ao investigar os possíveis motivos pelos quais a narração do futebol ainda não é um campo profissional mais explorado pelas mulheres brasileiras, acredita que suas atuações significam mais conquistas para as jornalistas esportivas:

Campo ainda inóspito às mulheres nas grandes emissoras, a narração ainda é tabu diante das muitas funções que elas já conseguiram ganhar nas redações, colocando abaixo, nas últimas três décadas, a ideia que perdurava desde os tempos de Charles Müller, de que futebol e esporte não é coisa para mulher. Mais que espaço, com isso elas vêm ganhando representatividade na editoria (RAMIRO, 2017, p. 53).

Para Pacheco (2020), apesar do espaço narrativo do futebol ainda ser majoritariamente organizado para homens, “o que se descortina no horizonte dessas mulheres é a percepção de que mudanças estão ocorrendo” (2020, s/p.).

O autor faz essa afirmação concordando que “apesar de dissensos em torno das narrativas sobre as possibilidades e limites da inserção, permanência e sucesso dessas profissionais” (2020, s/p), houve um crescimento na quantidade de mulheres inseridas no campo, vivenciando momentos de transição na busca por igualdade de gênero e aumento de oportunidades na carreira.

Sobre essa representatividade no jornalismo esportivo destaque, ainda, a função de produção de conteúdo e a atuação nas redes sociais, aspectos que abordo a partir das experiências de Renata Narciso de Medeiros e Marina Staudt.

### **RENATA DE MEDEIROS: um amor pelo futebol que começou por dentro dos jornais**

Nascida em Porto Alegre, no ano de 1993, Renata Narciso de Medeiros cresceu na cidade de Gravataí-RS e se formou como jornalista pela ESPM<sup>261</sup>. Ao ser questionada sobre o início do seu interesse pelo futebol, respondeu, “normalmente as pessoas começam a gostar do esporte e depois, começam a acompanhar a mídia esportiva, comigo foi ao contrário” (MEDEIROS, 2020, p. 1). Renata contou que desde criança gostava muito de ler e se encantou cedo pelo jornal. Seus pais assinavam jornais impressos, o que garantia as leituras jornalísticas, de preferência esportivas, em casa:

O jornal foi uma das primeiras coisas que eu tive acesso para ler. E eu sempre começava a ler de trás para frente... Aqui no Sul, tu já deve ter percebido que as notícias esportivas são as últimas. Por isso, eu sempre começava de trás para frente, e eu me apaixonei pela narrativa, ou pela linguagem do jornalismo esportivo, e a partir desse gosto, eu comecei a acompanhar o futebol (MEDEIROS, 2020, p. 1).

Dentro da família, a tradição de assistir ao futebol nos estádios também apareceu seguindo o caminho contrário ao esperado pela hegemonia de gênero, pois era ela e sua mãe, as mulheres da família, que saíam para ir aos jogos. Seu irmão e seu pai preferiam assistir às partidas pela televisão. Ingressando no âmbito escolar, Renata ficou conhecida como “a menininha que queria ser jornalista esportiva”, pois “[...] com doze anos eu já escrevia sobre futebol. Eu acho que foi

---

<sup>261</sup> Escola Superior de Propaganda e Marketing.

a minha primeira crônica. Desde muito pequena eu escrevia e me imaginava sendo o que eu sou hoje, Jornalista Esportiva” (MEDEIROS, 2020, p. 1). O exemplo de Renata demonstra como as influências dos primeiros espaços formadores do indivíduo podem se tornar determinantes na escolha de ocupações de lazer e de trabalho na vida adulta.

**Figura 10** – Renata Medeiros como repórter da Rádio Gaúcha – 2019



Fonte: Instagram de Renata Medeiros.

Renata estagiou na Rádio Guaíba<sup>262</sup> de 2011 até 2012. Depois, entrou para o grupo da Rádio Gaúcha<sup>263</sup>, atuando no jornalismo geral até janeiro de 2013. E em fevereiro do mesmo ano, começou a trabalhar na editoria de Copa do Mundo de Futebol de 2014 do Jornal Zero Hora<sup>264</sup>:

[...] foi uma das melhores épocas da minha vida, porque era Copa no Brasil, a Copa acontecendo em Porto Alegre, eu era meio que a setorista das obras do Beira-Rio, então, quando a primeira muda de grama surgiu,

---

<sup>262</sup> Emissora de rádio brasileira sediada em Porto Alegre. Opera em AM na frequência 720 kHz e em FM, na frequência 101.3 MHz, além de ondas curtas de 6000 kHz e 11785 kHz.

<sup>263</sup> Emissora de rádio brasileira sediada em Porto Alegre. Opera no dial AM 600 kHz e FM 93.7 MHz, além de ondas curtas de 6020 kHz e 11915 kHz, tendo alcance em nível nacional.

<sup>264</sup> Um dos maiores jornais de circulação diária do Brasil. É editado em Porto Alegre e controlado pelo Grupo RBS.

eu estava lá [risos], a primeira estrutura metálica, eu estava lá, o primeiro assento, eu estava lá... Eu pude acompanhar toda a transformação do estádio e eu pensava: “nossa, que massa, quando fizerem um documentário da Copa no Brasil e forem contar a história do Beira-Rio, podem me entrevistar [risos]” (MEDEIROS, 2020, p. 4).

A jornalista trabalhou na Zero Hora até o fim de 2014 e, quando concluiu sua graduação, em 2015, passou a ocupar o cargo profissional de jornalista, na área de esporte da Rádio Gaúcha: “Comecei como redatora do site Futebol da Gaúcha, depois, fiz a produção da rádio e logo, virei repórter de torcida. E agora eu não sou mais repórter de torcida, eu sou repórter de tudo [risos], de campo, de treino, de tudo” (MEDEIROS, 2020, p. 4). Ainda que tenha sido rápida, a carreira de Renata no jornalismo esportivo, sobretudo cobrindo o futebol, não foi fácil nem plena de glórias:

Assim, o rádio sempre foi muito conservador, é até hoje. Então, o que eu me lembro de ouvir era que o ouvinte não estava acostumado ou não gostava da voz feminina quando o assunto era esporte. Então, para mim, o não já vinha antes da tentativa. Já te impunha aquela barreira que era para tu nem tentar. “A gente entende que tu gosta de futebol desde pequena, mas é que isso é tu, a maioria das mulheres não são assim”, sabe? (MEDEIROS, 2020, p. 5).

Souza e Capraro (2020) apontam que as mulheres no jornalismo esportivo vêm buscando e ocupando mais postos de produção de discursos no futebol, mas o jornalismo futebolístico foi construído sobre um ambiente tipicamente masculino. O aumento da presença delas originou um processo de busca pela ressignificação desse ambiente, o qual muitas vezes é compreendido como uma ameaça ao modelo normativo masculino, legitimado por ações e discursos de tradicionalismo.

Diante desse contexto, Renata revela que durante a sua infância e adolescência ficava confusa em relação aos papéis sociais desempenhados por homens e por mulheres, pois, apesar de se perceber mulher, em função de seus interesses, buscava se espelhar nos homens e, conseqüentemente, julgava a competência de outras mulheres:

Então, eu sempre me identificava mais com o grupo dos homens, eu não tinha discernimento, e ao longo da vida eu fui aprendendo, que na verdade os homens se apropriaram de um assunto que eu também queria falar, que era o futebol, e que para eu falar, eu tinha que estar naquele grupo, não era porque eu me identificava com os homens, era porque eu me identificava com o assunto (MEDEIROS, 2020, p. 4).

Renata aponta também que ao se incluir em assuntos que eram do “grupo dos homens” se sentia superior as outras mulheres. Hoje, percebe a que precisou vivenciar certas experiências, conhecimento e reflexões para identificar as distorções produzidas em um contexto que a própria entrevistada chamou de conservador.

Quanto ao conservadorismo no campo profissional, Renata precisou encará-lo mais de uma vez, enfrentando até assédio, o que também foi identificado por Souza e Capraro (2020) em seus estudos com jornalistas mulheres, as quais referem, ainda, a frequente desconfiança que incide sobre suas competências profissionais no âmbito jornalístico. A presença desses aspectos foi evidenciada em algumas falas da Renata quando discorre sobre sua atuação como jornalista.

Em 2018, ela sofreu uma agressão por parte de um torcedor enquanto trabalhava na cobertura de um clássico Grenal:

Foi em março, dia 11 de março de 2018, eu estava fazendo a cobertura do meu primeiro Grenal como repórter de torcida, e passei por uma situação de agressão, na qual um torcedor me xingou. Eu comecei a filmar toda a situação e a partir disso, ele me agrediu fisicamente. Depois de dois dias do ocorrido, uma repórter do Esporte Interativo, a Bruna, sofreu assédio enquanto realizava uma passagem ao vivo, quando um torcedor do Vasco a beijou a força. Então esses dois casos tiveram muita repercussão em um curto espaço de tempo (MEDEIROS, 2020, p. 13).

Após os dois casos de violência<sup>265</sup>, um grupo de mulheres da imprensa esportiva do Rio de Janeiro, intitulado Imprensa Girl Power, iniciou um apoio psicológico com as jornalistas envolvidas e com outras profissionais da área no Brasil. Renata relata que esse momento foi fundamental para ela se reerguer e voltar ao trabalho, “porque assim, eu estava destruída, porque tudo aquilo que eu ignorei nos sete anos anteriores, vieram com juro e correção monetária. Da carga emocional que eu suportei, tipo, desabou ali” (MEDEIROS, 2020, p. 13). Em um segundo momento, o grupo se reorganizou virtualmente e decidiu construir uma ação ativa positiva a partir dos casos: “houve uma espécie de ‘abraço coletivo’ e meio que um pedido de desculpas por a gente ter ignorado tanto tempo algo que

---

<sup>265</sup> Outro caso de desrespeito com mulheres jornalistas do Rio Grande do Sul veio do técnico do Internacional, Guto Ferreira, que no dia 18 de julho de 2017, durante entrevista coletiva após uma partida do time, ao responder ao questionamento da repórter da RBS TV, Kelly Costa, usou palavras machistas. O técnico depois se desculpou por meio das mídias.

é inadmissível. [...] em 50 mãos, literalmente, a gente escreveu o manifesto ‘Deixa Ela Trabalhar’<sup>266</sup> (MEDEIROS, 2020, p. 13). As transformações na vida da jornalista Renata e das outras envolvidas repercutiu em nível nacional e, também, em suas futuras atuações:

Foi um movimento bem importante, não só pela representatividade do movimento, mas eu acho que ele foi bem transformador no sentido do tipo de conteúdo, que nós, como mulheres da imprensa esportiva, passamos a levar para o público. Eu, por exemplo, comecei a prestar atenção no futebol de mulheres depois do movimento, então, para mim foi importante toda essa parte psicológica e também de representatividade, mas também transformou o tipo de conteúdo que eu estava levando pros ouvintes da Rádio Gaúcha, para os leitores da Zero Hora (MEDEIROS, 2020, p. 13).

Souza e Capraro (2020) afirmam que “a iniciativa ‘Deixa ela trabalhar’ foi lançada com a veiculação de vários vídeos nos quais essas mulheres se posicionaram de forma bastante forte obtendo rápido apoio de dezenas de clubes de futebol” (2020, p. 183). O projeto de vida de Renata abriu possibilidades no cenário gaúcho para uma mulher atuar e defender sua atuação no jornalismo esportivo, cujo posicionamento político se fez notar e ser respeitado em seu campo de trabalho.

Em 31 de agosto de 2019, Renata foi protagonista de mais um momento histórico, mas dessa vez, com repercussão positiva. Na cobertura do confronto entre Internacional e Botafogo pelo Campeonato Brasileiro, Renata, vinculada a Rádio Gaúcha, se tornou a primeira repórter de campo em um jogo do Internacional, dentro do Estádio Beira-Rio.

Em função dos desafios que superou e de seu bom desempenho na profissão, no dia 13 de dezembro de 2020, Renata de Medeiros recebeu o título de Cidadã Emérita de Porto Alegre, por meio de um projeto da vereadora, Cláudia Araújo: “Apesar de jovem, Renata já possui na sua trajetória importantes contribuições para o desenvolvimento da sociedade porto-alegrense, razão pela qual propomos o seu nome para a concessão do título de Cidadã Emérita de Porto Alegre” (ARAÚJO, C. 2019, s/p).

---

<sup>266</sup> Tal iniciativa foi lançada nas redes sociais do dia 25 de março de 2018 por meio do manifesto construído por 52 jornalistas que trabalham com esporte, entre apresentadoras, repórteres, produtoras e assessoras de vários veículos e emissoras.

Ainda no que se refere ao jornalismo esportivo, outra mulher que se destacou no contexto do retorno das atividades do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul é Marina Staudt, em especial pelo trabalho desenvolvido nas redes sociais no que tange à divulgação das Gurias Gremistas. Marina é técnica em Publicidade e Bacharel em Jornalismo, mora em Novo Hamburgo-RS e é a fundadora do Grêmio Futebol Feminino<sup>267</sup>. Sobre seu interesse inicial pelo futebol, comenta:

[...] meu pai praticava futebol, então, eu cresci nesse meio, sou filha única e ele sempre me levava para assisti-lo jogar. Quando ele estava olhando na TV, eu olhava junto com ele. Ele sempre me incentivou e não dava bola pelo fato de eu ser filha mulher [...] Assim, cresci gostando muito de ver reportagem dos jogos e quando eu tive que escolher a minha profissão [...] eu sabia que queria trabalhar com comunicação [...] Entrei no Jornalismo com a intenção de fazer Jornalismo Esportivo (STAUDT, 2020, p. 1).

Torcedora do Grêmio, Marina buscou formas para entrar no mundo do jornalismo esportivo, mais especificamente do futebol. Assim, em 2019, decidi criar esse projeto, o Grêmio Futebol Feminino, pois já trabalhava escrevendo para sites, participando de programas na internet e na rádio. No entanto, queria algo de sua autoria e o fez juntando o seu clube do coração com o jornalismo esportivo:

[...] eu sempre digo que caiu muito certo para eu fazer a página sobre o futebol feminino do Grêmio, porque eu estava pensando em fazer uma coisa mais histórica. “Vou fazer uma página que conte a história do Grêmio, curiosidades, coisas que as pessoas não sabem”. Fui em busca para ver se já existia e já existiam alguns perfis e então eu pensei, não é bem isso que eu quero. E em um desses perfis tinha uma foto antiga de um Grenal Feminino, eu pensei, “nooossa” e comecei a acompanhar mais a modalidade quando o Grêmio profissionalizou em 2017 (STAUDT, 2020, p. 1).

O pensamento se materializou como uma oportunidade para Marina, ao se interessar em acompanhar o time das Gurias Gremistas e assim adentrar em uma área que ela considerou ainda pouco disputada: “Eu digo que o futebol de mulheres me encontrou e não eu encontrei ele” (STAUDT, 2020, p. 2). Essa referência relaciona-se ao fato de que desde sua infância pouco conhecia sobre a presença

---

<sup>267</sup> O perfil pode ser encontrado no Twitter, no Instagram e no Facebook.



das mulheres no futebol. O que se lembra estava vinculado apenas a poucos jogos que assistiu da Seleção Brasileira e que foram transmitidos por canais de TV.

Em 2019, Marina criou o Grêmio Futebol Feminino no Twitter, depois expandiu para o Instagram e para o Facebook: “Foi um ‘bum’ muito grande, muitos torcedores abraçaram as páginas de uma maneira que eu não esperava” (STAUDT, 2020, p. 2). Hoje, a crescente visibilidade do futebol tem acompanhado o período de avanço das diversas mídias e de suas plataformas globais. A jornalista fala que para administrar a página virtual precisa muito mais do que acompanhar o time do Grêmio. Ela comenta que busca informações sobre o time, os adversários em cada confronto, a própria modalidade pelo mundo e no Brasil, conversa com a comissão técnica e a assessoria de *marketing* do Grêmio, com torcedores e com as próprias jogadoras: “Então, foi um perfil que foi muito abraçado pela torcida, pelas jogadoras, pelas famílias das jogadoras e até pelo próprio clube” (2020, p. 2).

Sobre a divulgação que o clube faz das suas atividades, Marina comenta que “o Grêmio, a partir do momento que profissionalizou, fez uma página no site, do Futebol Feminino, e eles abasteciam de vez em quando, com uma matéria ou outra” (STAUDT, 2020, p. 3). Sua narrativa revela que, apesar de existir divulgação, ela ainda é pouco explorada pelo clube e, de certo modo, pouco colabora com a visibilidade da modalidade.

Apesar de o clube ainda não apresentar disposição em realizar um maior investimento na divulgação do seu time de mulheres, Marina comenta que eles foram receptivos com o seu projeto: “Hoje eu tenho uma relação muito boa com o clube porque eu construí isso na base da confiança, de realmente levar a informação que às vezes o clube não tem tanta mão de obra para repassar para quem busca a informação” (STAUDT, 2020, p. 3).

Souza e Capraro (2020) apontam um desinteresse generalizado, inclusive dos clubes que possuem um time de mulheres, com a veiculação de notícias no seu dia a dia. “Entretanto, caminhos alternativos existem e estão sendo trilhados por algumas mulheres” (p. 182). Os autores citam Cíntia Barlem,<sup>268</sup> fundadora do

---

<sup>268</sup> Jornalista esportiva do Globo Esporte e comentarista de futebol de mulheres no SportTV.

blog Dona do Campinho<sup>269</sup>, e Luciane Castro<sup>270</sup>, colunista do Ludopédio<sup>271</sup> e do Portal Vermelho<sup>272</sup>, que também trabalham em busca de maior representatividade da modalidade.

**Figura 11** – Marina Staudt é fundadora e administradora da página Grêmio Futebol Feminino (2020)



Fonte: Instagram de Marina Staudt.

Sem receber financiamento para desenvolver seu trabalho e, então, sem poder se dedicar mais tempo à atualização das suas redes sociais e página na internet, Marina enfatiza em sua entrevista o seu contentamento em trabalhar com o futebol de mulheres do seu clube de coração: “Falar de futebol, falando de Grêmio e dando a visibilidade que elas tanto merecem é uma alegria” (STAUDT, 2020, p. 4).

Se Renata de Medeiros encontrou espaço para trabalhar com a temática nas mídias tradicionais, Marina demonstra a cada dia o vasto espaço que há para ser explorado nas redes sociais e nas mídias alternativas. Sobre o futuro das

---

<sup>269</sup> Ver mais em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/dona-do-campinho/>.

<sup>270</sup> Roteirista e jornalista especialista em futebol de mulheres.

<sup>271</sup> Ver mais em: <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/luciane-de-castro/>.

<sup>272</sup> Ver mais em: <https://vermelho.org.br/2017/12/20/prazer-lu-castro-a-desprestigiada/>.

mulheres no jornalismo esportivo, Souza e Capraro apresentam suas esperanças: “[...] que elas sejam avaliadas exclusivamente por suas capacidades e que o jornalismo esportivo e futebolístico seja mais uma ferramenta na busca por equidade de gênero e representatividade das mulheres” (2020, p. 184).

Estudar sobre o futebol de mulheres é também conhecer sobre mulheres feitas de futebol, as quais têm suas trajetórias de vida marcadas pelo esporte, em diferentes setores e ocupações. Ser jogadora de futebol é uma das possíveis formas de se acessar o futebol, mas não a única. E cada vez mais, essas outras tantas formas estão ganhando espaço e representatividade. Registrar aspectos relacionados à caminhada de algumas das mulheres que se sobressaíram no futebol gaúcho em função da política de indução das entidades gestoras de futebol teve como intuito evidenciar o quanto elas podem e devem se apropriar do universo cultural desse esporte. Não tenho dúvidas de que há muitas mulheres competentes para ocupar vários espaços que giram no entorno da modalidade. Talvez o que lhes falta é, unicamente, oportunidade.

## Considerações finais

A história da presença de mulheres no futebol brasileiro remonta ao início do século XX, fundamentalmente nas áreas urbanas. Essa modalidade esportiva floresceu na década de 1930, mas permaneceu oficialmente proibida por quase quatro décadas (1941-1979). Voltando à cena no início dos anos 1980, o futebol de mulheres começou novamente a se espalhar em todo território nacional. No Rio Grande do Sul, foi nesse período que seus maiores clubes, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional, começaram a empreender esforços para criar e manter equipes de mulheres.

No entanto, a precariedade desse investimento e também a ínfima estruturação da modalidade no país fizeram com que essas equipes fossem extintas no fim da mesma década. Vivendo um cenário de desinvestimento e de pouquíssimo apoio e visibilidade, as décadas de 1990 e de 2000 não promoveram avanços significativos que garantissem às mulheres condições satisfatórias para que vivessem do futebol e a ele se dedicassem como profissão. Essa situação começou a se alterar a partir de 2017, quando os donos da bola – ou seja, as instituições gestoras do futebol – perceberam a necessidade de investir na modalidade. Assim, criaram algumas estratégias a serem seguidas pelas entidades filiadas no sentido de induzir o desenvolvimento do futebol de mulheres, expandindo, assim, as oportunidades para que, além de jogar, pudessem ocupar cargos técnicos e de gestão.

Essas determinações aliadas a outras iniciativas marcaram o futebol de mulheres nos últimos anos de forma a ampliar sua visibilidade, estruturação e desenvolvimento em nível nacional e internacional. Ainda assim, são imensas as desigualdades de gênero que atravessavam a modalidade.

O período em que vivemos, permeado pela ampla difusão das tecnologias de informação e comunicação, cujos alcances são inimagináveis, tem promovido substancial transformação no modo de viver e perceber a vida. Os radicalismos políticos e o registro de ativismos nas redes sociais de grupos considerados minoritários em funções de questões referentes à/ao classe, gênero, raça e etnia, vêm oportunizando debates antes considerados tabus, deslegitimando noções tradicionais que alimentavam preconceitos e estavam distantes do debate público.

A visibilidade de embates nesses campos tem atraído tanto apoiadores como críticos e instigado setores, como de empreendedorismo, empresarial e das novas profissões (COCHRANE, 2013). O futebol de mulheres não ficou fora desses embates e desimpedimentos, atingindo fissuras sociais em nível mundial.

A modalidade é uma prática esportiva que ainda se encontra em constante instabilidade no Brasil (KESSLER, 2010, 2015; GOELNNER, 2005, 2020; PISANI, 2012; RAMOS, 2016; etc.). Se em um período os marcos para as mulheres no futebol foram as perseguições e proibições e sua desvalorização, hoje, posso dizer que está sendo figurado por desimpedimentos e visibilidade, o que não significa afirmar que as lutas e as resistências cessaram. Ao contrário, elas continuam no cotidiano da modalidade, e algumas das vozes que conclamam direitos estão sendo ouvidas pelos donos da bola, aqui representados pelos dirigentes das instituições gestoras do futebol.

Nesse sentido, as exigências para que os clubes brasileiros de futebol do Brasil olhassem com mais atenção para o futebol de mulheres foram determinantes para a realocação da modalidade no cenário nacional. O Programa de Licenciamento de Clubes, os novos formatos de competições e as determinações fomentadas pela CONMEBOL, FIFA e CBF se traduziram em ações impulsionadoras de transformação dentro e fora dos campos de futebol. Os clubes de futebol de homens com maior representatividade, os considerados “times de camisa”, foram praticamente obrigados a aceitar algumas determinações visando a manter sua participação em competições, tais como o Campeonato Brasileiro e a Copa Libertadores da América (CBF, 2018; CONMEBOL, 2017; FIFA, 2016). Em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, seus dois principais “times de camisa” aderiram a essas prescrições e reativaram as equipes de mulheres.

Esse movimento gerou o interesse em desenvolver esta tese, cujo conteúdo foi discutido a partir de três estudos distintos, mas complementares. A partir das análises desenvolvidas, foi possível identificar que no período de 2013 até 2016, no futebol de mulheres, aconteceram duas competições em nível nacional: a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro. Em 2017, a CBF extinguiu a Copa do Brasil com a justificativa de que não conseguia sustentar duas competições de grande porte nacional. Como consequência, alterou a fórmula de disputa do Brasileirão, reduzindo a 1ª divisão de 20 times para 16 times, chamando-a de série A1 e criando a série A2, também com 16 equipes. O vencedor do Brasileirão torna-se o

representante do país para a Copa Libertadores da América, campeonato organizado pela CONMEBOL (CBF, 2017).

O novo método de seleção de times para a competição justificou a possibilidade de participação do Grêmio na série A1 em 2017, e deixou o Internacional de fora. A equipe gremista, durante a competição, venceu uma partida contra a Associação Acadêmica e Desportiva Vitória das Tabocas, empatou uma partida contra o Sport Clube do Recife e perdeu as outras 14 disputas<sup>273</sup>, o que a fez ser rebaixada para a série A2 no ano de 2018 (GRÊMIO, 2017). Nesse mesmo ano, o Internacional participou de eventos locais. Em abril, conquistou a vaga para participar da série A2 do Brasileirão de 2018, ao jogar contra a equipe do Clube Náutico Capibaribe<sup>274</sup>, empatando no tempo de jogo em 0 x 0 e vencendo a disputa nos pênaltis por 6 x 5, dentro da Arena Pernambuco (GURIAS COLORADAS, 2017). Logo, os dois times, pela primeira vez de maneira simultânea, disputaram o Campeonato Brasileiro na série A2.

O Gauchão de 2017 também ganhou novidades a partir do retorno da dupla Grenal na competição. O evento foi marcado por placares elásticos das duas equipes da capital gaúcha sobre os outros times, com destaque para as más condições na estrutura dos campos de partida e o início tímido de uma visibilidade para esse futebol no estado.

Sobre os primeiros passos dos projetos de cada “time de camisa”, o Internacional escolheu Duda Luizelli para gerir o futebol de mulheres. Duda, uma mulher com significativa atuação na história do futebol de mulheres desde a década de 1980, se tornou mais uma vez uma figura importante para a reorganização do novo time colorado, articulando as ações necessárias para esse retorno, como a escolha e definição da comissão técnica e das atletas. Já no Grêmio, algumas tensões foram evidenciadas no que diz respeito ao gerenciamento esportivo, com a ausência de mulheres em cargos de gestão e administração. O primeiro time gremista apareceu como uma equipe pioneira nessa fase da reestruturação, mas pouco organizada e qualificada para a

---

<sup>273</sup> Durante o Brasileirão de 2017, o Grêmio enfrentou os times Sport Clube Corinthians Paulista, Esporte Clube Iranduba da Amazônia, Grêmio Osasco Audax, São Francisco Esporte Clube e Sociedade Esportiva Kindermann.

<sup>274</sup> Clube brasileiro sediado na cidade de Recife, em Pernambuco.

participação numa competição nacional. Sem conhecer as mulheres que jogavam no Rio Grande do Sul, em 2017, o clube recorreu à Associação Gaúcha de Futebol Feminino para a seleção das componentes da equipe.

Os anos de 2018 e 2019 foram marcados por maiores investimentos desses clubes no futebol de mulheres, atendendo às obrigatoriedades da CONMEBOL e da CBF, o que acabou por desencadear conquistas significativas tanto em nível nacional quanto em nível local. A continuação e a manutenção dos dois clubes também foram importantes para o aumento da visibilidade das competições de futebol de mulheres, gerando cobranças por aperfeiçoamento e profissionalismo, principalmente no Campeonato Estadual. Assim, a organização da competição deixou de ser terceirizada e foi assumida pela Federação Gaúcha de Futebol, que realizou jogos em diversas regiões do Estado, com foco no crescimento do número de torcedores (FGF, 2019).

Outro fator importante desse período foi a possibilidade de abertura para que diversas mulheres pudessem ocupar cargos no entorno do futebol além das jogadoras. A presença das mulheres em cargos técnicos e de gestão, na mídia, na arbitragem, entre outras ocupações foi ampliada de modo significativo.

Ainda assim, é possível afirmar que permanecem alguns impedimentos para que as mulheres se mantenham no futebol, por meio de restrições e discursos que circulam em ambientes familiares, escolares e clubísticos. Permanece também a resistência de mulheres envolvidas como o futebol e de apoiadores, cujas vozes colaboraram para que as instituições gestoras promovam algumas das estratégias de desenvolvimento aqui analisadas.

O futebol é uma prática social criada, jogada, ensinada, assistida, arbitrada, narrada e, enfim, construída pelo ser humano. Entre suas funções, é um elemento formador e transformador de agentes sociais. Criado por homens, permaneceu muito tempo considerando as mulheres como intrusas em seus campos. Essas considerações não as impediram de manter suas existências e resistências de diversas maneiras dentro do esporte. Suas manifestações esportivas e políticas por meio da história demonstram que hoje o futebol é uma prática plural permeada de homens e mulheres que ocupam diferentes cargos e fazem os jogos acontecer, conforme analisei no último estudo da presente tese.

Por fim, quero registrar que esta tese se fundamenta no tempo presente, ou seja, foi produzida enquanto os acontecimentos estavam se desenrolando. Foi um

desafio estar atenta a tudo. No entanto, com base nas entrevistas realizadas e no diálogo destas com outras fontes, teci uma narrativa que registra esse tempo, em especial alguns desdobramentos e repercussões das decisões das entidades gestoras do futebol no cenário gaúcho.

A atuação das mulheres no mundo do futebol ainda carece de estudos sobre diferentes categorias de análise sociais e do conhecimento de histórias passadas, presentes e até projetadas para o futuro do esporte. É importante a manutenção do conhecimento desse futebol e a difusão de debates nesse ambiente para um caminho constante e permanente de valorização e qualificação da modalidade. Estudos que contribuam com novas políticas de incentivo são essenciais nessa nova fase, além de investigações sobre o trabalho efetivo de entidades federativas, confederações, pequenos e grandes clubes. As transformações culturais ainda estão em processo, o que mantém novos riscos de descontinuidades da prática. Iniciativas como as da CONMEBOL, da CBF e da FIFA, hoje, influenciam no crescimento da prática, “porém, se as federações não ajudarem e subsidiarem os gastos mínimos para equipes menores, infelizmente estas equipes grandes não terão adversários e conseqüentemente, futuros jogos a serem disputados” (GLOBO ESPORTE, 2017, s/p).

Portanto, ao concluir minha investigação sobre a reestruturação das equipes de futebol de mulheres do Sport Club Internacional e do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, no período de 2017 a 2019, mediante suas atuações no cenário local e nacional e seus impactos na vida das pessoas envolvidas, identifiquei ações de (des)impedimentos no futebol de mulheres gaúcho. Espero que elas se consolidem e aconteçam de modo sistemático, promovendo às mulheres oportunidades para ascender e permanecer na modalidade. Afinal, o futebol também é delas.



## Referências Bibliográficas

- AFC. **Football world respects women**. The AFC. 2012. Disponível em: <https://www.the-afc.com/afc-home/technical/womens-football/news/football-world-respects-women-342>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- AGFF. **Campeonato Gaúcho Feminino 2017**. Notícias. 2017.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: **FONTES históricas**. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 155-202. v. 1.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 3 ed. 2005
- ALBUQUERQUE, N. **No país do futebol, as mulheres jogam com menos: falta salário, público e estrutura**. NEXO Jornal. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/reportagem/2017/05/28/No-pa%C3%ADs-do-futebolas-mulheres-jogam-com-menos-falta-sal%C3%A1rio-p%C3%ABblico-e-estrutura>. Visto em 02 de agosto de 2019
- ALMEIDA, Carolina. **Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980**. 2013.
- ALMEIDA, Caroline S. Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidade nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. (**Tese de Doutorado**). Antropologia social, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- ALMEIDA, Caroline S. Mulheres futebolistas: debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro. **Lusotopie**, v. 18, n. 1, p. 99-122, 2019.
- ANDREOLLA, Giselle. Como seria se o Mundial de Clubes femininos existisse desde 2009? **Footure**. 2020. Disponível em: <https://footure.com.br/como-seria-se-o-mundial-de-clubes-femininos-existisse-desde-2009/>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos; JORAS, Pamela Siqueira; RAMOS, Suellen dos Santos. **Mulheres em campo: porque no futebol nada é tão óbvio assim**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2017.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos Anjos; RAMOS, Suellen dos Santos Ramos; JORAS, Pamela Siqueira Joras; GOELLNER, Silvana Vilodre. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Rev. Estud.** vol.26 no.1 Florianópolis, 2018.
- ARAÚJO, B. B. A. de. **Depoimento com Byanca B. Alves de Araújo**: Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2017
- ÁRAUJO, Cláudia. Exposição de motivos: Título de Cidadã Emérita de Porto Alegre – Renata Narcísio de Medeiros. **Projeto – Câmara Municipal**. 12 de setembro de 2019.
- ARAÚJO. Valesca. **Depoimento com Valesca Araújo**: Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2018.
- AUGUSTO, R. S. **Depoimento com Rosana dos Santos Augusto**: Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2017

BALARDIN, Geórgia Fernandes. **Espaço midiático do futebol feminino no Rio Grande do Sul**: Um estudo a partir do Regulamento da Conmebol. 2018. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BARLEM, C. **Conmebol diz que regra de times femininos será cumprida; clubes buscam regularização junto à CBF**. 15 de agosto de 2018. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2018/08/15/conmebol-diz-que-regra-de-times-femininos-sera-cumprida-clubes-buscam-regularizacao-junto-acbf.ghtml>. Acesso em: 24 de setembro de 2018.

BARREIRA, Júlia. Vantagem de jogar em casa no futebol feminino: uma análise de três importantes campeonatos no Brasil. **Revista Brasileira Ciência & Movimento**, Brasília, v. 26, n. 3, 2018. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/7810>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BARREIRA, Júlia. Futebol é esporte de mulher? As barreiras sociais e legais enfrentadas na prática esportiva. *In: Futebol feminino: da história para o campo*. [S.l]: Futebol Interativo, 2019.

BARREIRA, Júlia; MAZZEI, Leandro Carlos; CASTRO, Flávio Dernadi de; GALLATI, Larissa Rafaela. Conmebol e o futebol de mulheres: Uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul. *In: martins, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana (orgs.). Futebol de mulheres no Brasil: Desafios para as políticas públicas*. Curitiba: CRV Editora, 2020.

BEUAVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** 2018.

BONFIM, Aira. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/28563>. Acesso em: 12 dez. 2020.

BOTELHO, Vera. Leaving the core? Emigration os Scandinavian Female footballers in Sport as a global labour market. **Female Football Migration**, p. 3-4. Dec. 2010. University of Copenhagen. 2010.

BRANDÃO, M. R & CASAL, H. V. Mulheres-atletas e o esporte de rendimento: a questão do gênero. *In: SIMÕES, A. C. (org.). Mulher & Esporte: mitos e verdades*. São Paulo, Manole, 2003.

BRASIL. **Futebol Feminino**. Brasília: Ministério do Esporte. Julho de 2015. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/institucional/futebol-e-direitos-do-torcedor/futebol-feminino>. Acesso em: 12 maio 2020.

BRASIL. **Governo quer investir para desenvolver o futebol feminino. Ministério do Esporte**. Disponível em: . Acesso em: 22 abr. 2018. BRASIL. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito para examinar a situação da mulher em todos os setores de atividade. Congresso Nacional. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1978.

BRASIL. **Programa de modernização da gestão e de responsabilidade fiscal do futebol brasileiro (Profut)**. Brasília: Ministério da Economia, 2015. Disponível em:

<https://receita.economia.gov.br/orientacao/tributaria/pagamentos-e-parcelamentos/parcelamentos-especiais/parcelamento-da-lei-no-13-155-2015-profut-programa-de-modernizacao-da-gestao-e-de-responsabilidade-fiscal-do-futebol-brasileiro>. Acesso em: 5 maio 2018.

BRASIL, Decreto-Lei nº 12.867 de 10 de outubro de 2013. Regula a profissão de árbitro de futebol e dá outras providências. **Diário Oficial da União** – Seção 1 – Página 1.

CABRAL, Juliana. Em carta a CBF jogadoras da seleção feminina pediram em vão que Emily Lima não fosse demitida. **ESPN**. 2017. Disponível em: [http://www.espn.com.br/blogs/espnw/729204\\_em-carta-a-cbf-jogadoras-da-selecao-feminina-pediram-em-vao-que-emily-lima-nao-fose-demitida](http://www.espn.com.br/blogs/espnw/729204_em-carta-a-cbf-jogadoras-da-selecao-feminina-pediram-em-vao-que-emily-lima-nao-fose-demitida). Acesso em: 23 fev. 2018.

CAF. Futebol feminino. **CAFonline**, 2019. Disponível em: <https://www.cafonline.com/development/women-football/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CAMPOS, Léa. **Depoimento de Léa Campo**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte ESEFID/UFRGS, 2015.

CBF. **Campeonato Brasileiro Feminino**. Futebol Feminino. 2017.

CBF. **Manual do Licenciamento**: Conceitos, prazos e critérios, temporada 2018, 2017.

CBF. **CBF realiza Torneio de Desenvolvimento de Futebol**. 27 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-realiza-torneio-de-desenvolvimento-de-futebol>. Acesso em: 4 set. 2019.

CBF. **CBF recebe ONU Mulheres em reunião**. 20 de março de 2017. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/legado/cbf-recebe-onu-mulheres-em-reuniao>. Acesso em: 4 set. 2019.

CBF. **Emily Lima é a nova técnica da Seleção Feminina**. 1º de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/emily-lima-e-a-nova-tecnica-da-selecao-brasileira>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CBF. **Estatuto da Confederação Brasileira de Futebol 2017**, p. 75. 2017. Disponível em: [https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201904/20190409135630\\_807.pdf20190409135630\\_807.pdf](https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201904/20190409135630_807.pdf20190409135630_807.pdf). Acesso em: 12 dez. 2020.

CBF. **Sul-Americano Sub-17 de Futebol Feminino**. Notícias, 2018.

CBF. **Futebol Feminino do Grêmio realiza a Peneira 2018**. Futebol feminino, 2018.

CBF. **Brasileiro Feminino A2**: tabela da fase preliminar. Futebol feminino. Campeonato Brasileiro A2, 2018.

CBF. **Grêmio se prepara para a temporada 2018**. Brasileirão Série A2. Futebol Feminino. Assessoria CBF, 5 de março de 2018.

CBF. **Brasileiro Feminino A2**: tabela da fase preliminar. Atenção, Torcedor! 2 de março de 2018.

CBF. **Campeonato Brasileiro Feminino** – Tabela da Série A1. Futebol Feminino, 2019.

CBF. **Campeonato Brasileiro Feminino** – Tabela da Série A2. Futebol Feminino, 2019.

CBF. **CBF divulga calendário da base e futebol feminino 2019 com novidades.**

Notícias. Assessoria CBF. 1 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/index/calendario-da-base-e-futebol-feminino-2019-mais-jogos-e-competicoes>. Acesso em: 13 dez. 2020.

CBF. **Tatiele Silveira é a primeira técnica mulher campeã do Brasileiro Feminino A1.** Notícias. 30 de setembro de 2019

CBF. **CBF apresenta Aline Pellegrino e Duda Luizelli como novas coordenadoras de futebol feminino.** Notícias. 2 de setembro de 2020.

CBF. **Presidente Rogério Caboclo anuncia medidas históricas para o futebol feminino,** 2 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/cbf-tv/presidente-rogerio-caboclo-anuncia-medidas-historicas-para-o-futebol>. Acesso em: 10 dez. 2020.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008. CEME. **Carta de cessão.** CEME. UFRGS: Porto Alegre. 2015.

COCHRANE, Kira. **All the Rebel Women: The Rise of the Fourth Wave of Feminism.** London: Guardian Books. 2013.

CONMEBOL. **Reglamento de Licencia de Clubes** – Confederação Sul-America de Futebol – CONMEBOL. 2017. Disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/estatutos>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CONMEBOL. **Reglamento de Licencia de Clubes** – Confederação Sul-America de Futebol – CONMEBOL. 2019. Disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/estatutos>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CONMEBOL. **CONMEBOL e CBF tiveram reunião de trabalho sobre projetos para desenvolvimento do Futebol Feminino.** 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/conmebol-e-cbf-tiveram-reuniao-de-trabalho-sobre-projetos-para-desenvolvimento-do-futebol-feminino>. Acesso em: 12 dez. 2020.

CONMEBOL. **Reglamento de Licencia de Clubes.** 2018. Disponível em: <http://bit.ly/2HY6w7Q>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CONMEBOL. **Reglamento de Libertadores Femenina.** Brasil. 2018. Disponível em: <http://www.conmebol.com/es/libertadores-femenina-brasil2018/reglamento>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CONMEBOL. **Reglamento de Licencia de Clubes.** 2019. Disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/estatutos>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CONMEBOL. **Libertadores Femenina.** Ecuador. 2019. Disponível em: <http://www.conmebol.com/es/conmebol-libertadores-femenina-ecuador-2019-reglamento>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CONMEBOL. **Mulheres dentro e fora do campo, uma realidade no futebol da América do Sul.** 2020. Disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/mulheres->

dentro-e-fora-do-campo-uma-realidade-no-futebol-da-america-do-sul. Acesso em: 12 dez. 2020.

CONMEBOL. **Estatutos**. 2020. Disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/estatutos>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CONMEBOL. **Diretoria de Desenvolvimento**. Em Desenvolvimento. 2020. Disponível em: <http://www.conmebol.com/es/desarrollo/estrategia>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CONMEBOL. **Começa a primeira edição da CONMEBOL Liga Sul-Americana Feminina Sub-19**. 15 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/comeca-primeira-edicao-da-conmebol-liga-sul-americana-feminina-sub-19>. Acesso em: 13 dez. 2020.

CORREIO DO POVO. **Dupla GreNal vai aderir ao Profut**. Esportes. Futebol, 2015. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/esportes/dupla-gre-nal-vai-aderir-ao-profut-1.184649>. Acesso em: 23 fev. 2018.

CORRÊA, Banora. A fisioterapia na prevenção de lesões no futebol feminino / Banora Corrêa, – Amazonas, 2020. 10 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (graduação) – Universidade Maurício de Nassau. Curso de Fisioterapia. Amazonas, 2020.

COSTA, Bruna Moraes. **Trajetória da equipe de futebol de mulheres do Sport Club Internacional no Campeonato Gaúcho de 2017**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

COSTA, Martina Gonçalves Burch. Um olhar sobre o Campeonato Gaúcho de futebol feminino adulto através das reportagens da Gaucha ZH. **Revista brasileira de futsal e futebol**. São Paulo. V.10. N.37. P.228-234. Maio/jun./jul./ago. 2018

COSTA, Renata A. da. **Depoimento com Renata A da Costa: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2017.

DA LUZ, Karina Balestra. **Depoimento de Karina Balestra da Luz: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2019.

DA LUZ, Willian Antinqueira. **“Loucurinhas do vovô”**: A história do Departamento de Futebol Feminino do Sport Club Rio Grande. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

DACOSTA, Lamartine *et al.* **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DAMO, A, S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DANTAS, Marina de Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar dos. Futebol e mulheres no Brasil: apontamentos sobre a produção acadêmica a partir de teses e dissertações (1980-2016). (p. 289-316). IN.: KESSLER, Claudia S.; COSTA, Leda M.; PISANI, Mariane da Silva. (Org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Editora UFSM. Santa Maria-RS. 2020.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica. Universidade Estadual Paulista. **Revista Motriz**. 2002.

DA SILVEIRA, Raquel, Marco Paulo Stigger. 2013. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. In: **Revista Brasileira Ciências Esporte**, Florianópolis, 35(1):179-194.

DE PAULA, Thessa Tainá. **Depoimento de Thessa Tainá de Paula**: Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2020

DEVIDE, F.P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos /Modernos**. Ijuí: Unijuí; 2005.

DIBRADORAS. **1ª mulher a narrar Gre-Nal busca romper mais barreiras: quero chegar à Copa**. 25 de outubro de 2019. Disponível em:

>><https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/10/25/1a-mulher-a-narrar-gre-nal-busca-romper-mais-barreiras-querer-chegar-a-copa/?cmpid=copiaecola><< Acesso em: 12.01.2021.

DONA DO CAMPINHO. **Inter segue com a meta do topo**; Grêmio planeja melhoria da estrutura. Blog Dona do Campinho. 11 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2017/12/11/inter-segue-com-a-meta-do-topo-gremio-planeja-melhoria-da-estrutura.ghtml>. Acesso em: 13 dez. 2018.

DORNELLES, P. G. **O futebol feminino de várzea: uma análise cultural** [monografia]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2004.

DOS SANTOS, Heliany Pereira; DA SILVA, Altina Abadia. **A Produção Científica sobre o brincar entre meninos e meninas na Educação infantil: rompendo fronteiras e construindo novas perspectivas para a diversidade**. Fazendo Gênero 2013. 2013.

EL PAÍS. A Copa da visibilidade para o futebol feminino. **Copa do Mundo Feminino 2019**. 7 de junho de 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/07/deportes/1559859959\\_673773.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/07/deportes/1559859959_673773.html). Acesso em: 20 nov. 2020.

ESCOLA DE FUTEBOL GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE. **História do Futebol Feminino**. Futebol Feminino. 2017.

ESTADÃO. **FIFA lança primeira estratégia global voltada exclusivamente ao futebol feminino**. Esportes. 9 de outubro de 2018. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,fifa-lanca-primeira-estrategia-global-voltada-exclusivamente-ao-futebol-feminino,70002540539>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ESTADO DE MINAS. **Futebol feminino necessita de cuidados extras com o joelho**. Bem Estar. 27/07/2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/empresas/2020/07/27/interna-empresas,1170443/futebol-feminino-necessita-de-cuidados-extras-com-o-joelho.shtml> Acesso em: 07 de janeiro de 2021.

FERREIRA, Heidi Jancer; et al., A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Revista Movimento**, 2013. P. 103 - 124.

FERRO, katherinne. **A diferença entre o processo fisioterápico no futebol masculino e no futebol feminino**. Notícias. CBF Academy. 2019.

FGF. **Gauchão Feminino**. Futebol feminino. 10 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.fgf.com.br/competicoes/amador-gauchao-feminino>. Acesso em: 23 dez. 2020.

FGF. **Estatuto**. Federação. 2018. Disponível em: <https://fgf.com.br/noticias/futebol-feminino>. Acesso em: 23 jan. 2019.

FGF. **Futebol Feminino**. Competições. 2018. Disponível em: <https://fgf.com.br/competicoes/feminino/59>. Acesso em: 23 jan. 2019.

FGF. **Gauchão Feminino**. Futebol feminino. 10 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.fgf.com.br/competicoes/amador-gauchao-feminino>. Acesso em: 23 dez. 2020.

FGF. **Mulheres no futebol – Arbitragem feminina**. Notícias. 20 de abril de 2018.

FGF. **Gauchão Feminino 2020**. Competições. 2020. Disponível em: <https://fgf.com.br/competicoes/feminino>. Acesso em: 15 dez. 2020.

FIFA. **FIFA Statutes**. Regulations Governing the Application of the Statutes. Standing Orders of the Congress. Committee for Women's Football. Art. 30, p. 17, 2001. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2001.pdf?cloudid=ziirpjaxghztml28x9xo>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FIFA. **FIFA Statutes**. Regulations Governing the Application of the Statutes. Standing Orders of the Congress. Committee for Women's Football. Art. 41. p. 33. 2004. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2004.pdf?cloudid=l2p6v1ommyzo3alrc9tz>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FIFA. **FIFA Statutes**. Regulations Governing the Application of the Statutes, Standing Orders of the Congress. Committee for Women's Football. Art. 42 e 43. p. 34. 2008. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2008.pdf?cloudid=s2dshjpim0jeno4lhykf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FIFA. **FIFA Statutes**. July 2012 Edition. Art. 43, 44 e 45, p. 18. 2012. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2012.pdf?cloudid=znhvveenbqbdzi7dmova>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FIFA. **Estatutos de La FIFA**: Reglamento de Aplicación de los Estatutos; Reglamento del Congreso. Zurique: FIFA, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2XudEhp>. Acesso em: 12 nov. 2020.

FIFA. **FIFA Statutes**. April 2016 Edition. Art. 44, p. 44. 2016. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2016.pdf?cloudid=f6zmtcujq08mj4gpybj1>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FIFA. **FIFA Forward Development Programme Regulations: Forward 2.0**. FIFA Forward Regulations. 2018. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-forward-development-programme-2-0-regulations.pdf?cloudid=vk3xntbth7boicflu4vw>. Acesso em: 12 dez. 2020.

FIFA. **FIFA Statutes**. August 2018 Edition. 2018. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2018.pdf?cloudid=zjbcvpwdkf8toxuvpajc>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FIFA. **Global Club Football 2018 Report**. Resources. 2018. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-global-club-football-report-2018.pdf?cloudid=a8aqqo2yggndlccavgce>. Acesso em: 20 set. 2019.

FIFA. FIFA Women's Football Conference takes place in Rennes. **Women' Football**. 2018. Disponível em: <https://www.fifa.com/u20womensworldcup/news/fifa-women-s-football-conference-takes-place-in-rennes#previews-fifa-u-20-women-s-world-cup-france-2095>. Acesso em: 11 nov. 2020

FIFA. FIFA publishes first-ever report on women's transfers. **Governance**. 2018. Disponível em: <https://www.fifa.com/who-we-are/news/fifa-publishes-first-ever-report-on-women-s-transfers>. Acesso em: 11 nov. 2020.

FIFA. Strategy for women's football. **Snapshot**. FIFA. 2018. Disponível em: <https://img.fifa.com/image/upload/u0v9bd2mnmwxfvg3iwiwji.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FIFA. **FIFA Statutes**. June 2019 Edition, p. 14. 2019. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-statutes-2019.pdf?cloudid=jhaifzb4i5eong7ju0u5>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FIFA. **FIFA 2.0: The Vision for the Future**. 2016. Disponível em: [http://resources.fifa.com/mm/document/affederation/generic/02/84/35/01/fifa\\_2.0\\_vision\\_lo\\_w\\_neu.17102016\\_neutral.pdf](http://resources.fifa.com/mm/document/affederation/generic/02/84/35/01/fifa_2.0_vision_lo_w_neu.17102016_neutral.pdf). Acesso em: 14 dez. 2020.

FIFA. REGULATIONS on the Status and Transfer of Players. **Regulations**. FIFA. Janeiro, 2020. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-rstp-2020.pdf?cloudid=fhtgqpmkbpe3bvgoej4u>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Vânia, craque da seleção**. Folha de São Paulo. São Paulo, 17 de abril de 1983, p. 33.

FOLHA VITÓRIA. **'Espero servir de inspiração', diz Tatiele Silveira, 1ª técnica campeã brasileira no futebol**. Esporte. 2 de outubro de 2019.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, F. (2005) Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. Hist.** vol.25 no.50 São Paulo July/Dec. 2005.

FUTEBOL GOIANO. **Emily Lima é a nova técnica da Seleção Brasileira de Futebol Feminino**. 1 de novembro de 2016. Disponível em: <http://www.futebolgoiano.com.br/emily-lima-e-a-nova-tecnica-da-selecao-brasileira-de-futebol-feminino>. Acesso em: 12 out. 2019.

GABRIEL, Bruno José. **A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esportes da Folha de S. Paulo (1991-2011)**. 2015. 254 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GAUCHAZH. **Com carreata e festa da torcida, Grêmio chega a Ijuí para a final do Gauchão feminino**. Gaúcha Tricolor. 30 de novembro de 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gremio/noticia/2019/11/com-carreata-e-festa-da-torcida-gremio-chega-a-ijui-para-a-final-do-gauchao-feminino-ck3m3k6xr01f901rzoqr2eees.html>. Acesso em: 23 dez. 2020.

GAÚCHA ZH. **Técnico do Inter se desculpa por resposta machista a repórter: "Sei que errei na declaração"**. Retratação. GZH Colorado. 19 de julho de 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2017/07/tecnico-do-inter-se-desculpa->



por-resposta-machista-a-reporter-sei-que-errei-na-declaracao-9846553.html Acesso em: 12.01.2021.

GAÚCHA ZH. **Kelly Costa e Alice Bastos Neves: existe muito preconceito com a mulher no futebol?** De fora da Área. GZH Esportes. 20 de julho de 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2017/07/kelly-costa-e-alice-bastos-neves-existe-muito-preconceito-com-a-mulher-no-futebol-9847596.html> Acesso em: 12.01.2021

GAZETA BRAGANTINA. **Red Bull cria time feminino e anuncia Camila Orlando como primeira treinadora da história.** Home. Bragantino. 10 de março de 2020

GIACOBRE, Clairene. **Depoimento de Clairene Giacobre:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2020.

GLOBO ESPORTE. **Gauchão feminino começa neste domingo turbinado pela dupla Gre-Nal; conheça times.** Futebol Feminino. 2019.

GLOBO ESPORTE. **Precário e voluntário, mas sonhador: a realidade do futebol feminino no RS.** BASTOS, Alice; AZAMBUJA, Beto. Futebol. 9 de janeiro de 2017. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/2017/01/precario-e-voluntario-mas-sonhador-realidade-do-futebol-feminino-no-rs.html> Acessado em: 20 jan. 2019

GLOBO ESPORTE. **Time feminino do Grêmio inicia na sexta-feira se prepara para o Brasileiro.** Futebol Feminino. Globo Esporte – Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/2017/02/time-feminino-do-gremioinicia-na-sexta-feira-preparacao-para-brasileiro.html>. Acesso: 12 maio 2018.

GLOBO ESPORTE. **Assembleia do RS aprova projeto de incentivo ao futebol feminino. Futebol.** 4 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/assembleia-do-rs-aprova-projeto-de-incentivo-ao-futebol-feminino.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Guia do Gauchão feminino 2019: veja os times participantes, tabela e tudo sobre o campeonato.** Futebol. 10 de agosto de 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/guia-do-gauchao-feminino-2019-veja-os-times-participantes-tabela-e-tudo-sobre-o-campeonato.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Clube sem futebol feminino ficará fora da Libertadores a partir de 2019.** Futebol. 20 de janeiro de 2017. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2017/01/clube-sem-futebol-feminino-ficara-fora-da-libertadores-partir-de-2019.html>. Acesso em: 13 dez. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Em Copa marcada pela luta contra a discriminação, Marta sobe tom ao pedir por igualdade.** Copa do Mundo Feminina. Junho de 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/em-copa-marcada-pela-luta-contra-a-discriminacao-marta-sobe-tom-ao-pedir-por-igualdade.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Ex-atletas e entusiastas se desdobram para manter o futebol feminino no RS.** BASTOS, Alice; AZAMBUJA, Beto. Futebol. 10 de janeiro de 2017. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/2017/01/ex-atletas-e-entusiastas-se-desdobram-para-manter-o-futebol-feminino-no-rs.html>. Acesso em: 20 jan. 2019

GOAL. **Quem é Renata Silveira, primeira narradora da história da Rede Globo?**

**Brasileirão Série A.** Redação Goal. 7 de dezembro de 2020. Disponível em: >>  
<https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quem-e-renata-silveira-primeira-narradora-da-historia-da/fm8mk1b4dj211gk84fm3ckies><< Acesso em: 12.01.2021.

GOAL. **Quem é Tatiele Silveira, técnica que fez história no futebol feminino no Brasil?** Notícias. 9 de outubro de 2019.

GOELLNER, S V. Mulheres e futebol: entra sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física.** 2: 143-51. 2005

GOELLNER, Silvana. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE.** v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GOELLNER, Silvana. Prefácio do livro: As mulheres e o esporte olímpico brasileiro In: RUBIO, Katia (org.). **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro.** Coleção Psicologia do Esporte. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. Pg. 6-7.

GOELLNER, Silvana. **Visibilidade para o Futebol Feminino EP.6 – Conhecer para Reconhecer.** Central 3. 3 de novembro de 2015. Disponível em:  
 >><https://www.central3.com.br/visibilidade-para-o-futebol-feminino-ep-6-conhecer-para-reconhecer/><<. Acesso em: 11.01.2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A primeira árbitra de futebol credenciada pela FIFA é brasileira. **Ludopédio.** 26 de janeiro de 2015. Disponível em:  
<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-primeira-arbitra-de-futebolcredenciada-pela-fifa-e-brasileira/> Acesso em: 12 dez. 2020.

GOELLNER, Silvana. As mulheres do futebol: visibilidade para as mulheres do futebol. **Ludopédio.** 5 de maio de 2020. Disponível em:  
<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/as-mulheres-do-futebol-visibilidade/>. Acesso em: 10 maio 2020.

GOELLNER, Silvana. Futebol de mulheres: histórias, memória e desafios. In: MARTINS, Mariana Zuaneti, WENETZ, Ileana (orgs.). **Futebol de mulheres no brasil:** desafios para as políticas públicas. Curitiba: CRV editora, 2020.

GOVERNO FEDERAL, **FIFA e CBF apresentam legados da Copa do Mundo de 2014.** Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/49695-governo-federal-fifa-e-cbf-apresentam-legados-da-copa-do-mundo-de-2014#:~:text=O%20evento%20contou%20com%20a,aproximadamente%20R%24%20261%20milh%C3%B5es>. Acesso em: 10 dez. 2020.

GRECCO. **Projeto Garimpando Memórias:** Manual Básico. Porto Alegre, 2012.

GRÊMIO. **Libertadores da América 2017.** Competições. Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. 2017. Disponível em: <https://gremio.net/futebol/competicoes/profissional/182>. Acesso em: 3 jun. 2019.

GURIA BOLEIRA. **Sol é preparadora de goleiras da equipe do Grêmio.** Facebook. 22 de maio de 2018. Disponível em:  
 >><https://www.facebook.com/guriaboleira/posts/1020102538138729/><< Acesso em: 11.01.2021.

GURIAS COLORADAS. **Futebol Feminino do S. C. Internacional**. Página das Gurias Coloradas. Instagram. 2017.

GURIAS COLORADAS. **Futebol Feminino do S. C. Internacional**. Página das Gurias Coloradas. Instagram. 2018.

GUSMÃO, Patrícia Regina. **Depoimento de Patrícia Regina Gusmão**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2014.

GUSMÃO, Patrícia Regina. **Depoimento de Patrícia Regina Gusmão**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2018.  
HARRES, Marluza Marques. **História Oral**: algumas questões básicas. Anos 90, Porto Alegre, v.15, n.28, p. 99-112, dez. 2008.

HATTORI. **Minas do Futebol**. Brasil. Alvorada Filmes. 2017.

HEIDRICH, Caroline Valente. Efeitos da ameaça do estereótipo na aprendizagem motora do futebol feminino. 2013. 84 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013

HELDER, R. R. Como fazer análise documental. Porto, Universidade de Algarve, 2006

ITO, Carol. Narração de futebol é coisa de mulher. TPM. **Revista Trip**. 10 de julho de 2018. Disponível em: >><https://revistatrip.uol.com.br/tpm/mulheres-pioneiras-na-narracao-de-futebol-na-copa-do-mundo-falam-sobre-os-desafios-da-carreira><< Acesso em: 12.01.2021.

JORAS, Pâmela Siqueira. **Depoimento de Pâmela Siqueira Joras**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2018

JORAS, Pamela Siqueira. Futebol e Mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino. **Dissertação** (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

JORAS, Pamela. Conhecer para reconhecer: O futebol de mulheres e a trajetória de Maria Ivete Gallas. **Tese**. PPGCMH. UFRGS. 2021.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Inter e Grêmio voltam a participar do Gauchão Feminino**. Notícias. 2017.

KAMPPFF, Andrei. **Copa mostrou**: futebol feminino é viável e a lei pode ajudar. Lei em campo. 7 de julho de 2019. Disponível em: <https://leiemcampo.blogosfera.uol.com.br/2019/07/07/copa-mostrou-futebol-feminino-e-viavel-e-a-lei-pode-ajudar/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 1 dez. 2020.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema**: os dois lados da câmera. Rio de Janeiro: Artemídia; Rocco, 1995.

KESSLER, Cláudia Samuel; ZANIN, Maria Catarina Chitolina. O predomínio de masculinidades: narrativas de jogadoras de futebol do interior do Rio Grande do Sul (Brasil) nos anos 1980. **Esporte e Sociedade**, v. 8, n. 22, s/p, 2013.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos EUA.** 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KESSLER, Cláudia Samuel (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol.** Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2016.

KNIJNIK, J; VASCONCELOS, E. Sem impedimento: o coração das mulheres que calçam chuteiras no Brasil in COZAC. J (org) **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte.** São Paulo: Annablume. 2003.

LANCE. **Inter não irá renovar com Tatiele, que perdeu apenas um jogo em 2018.** **Internacional.** 17 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.lance.com.br/internacional/demite-tatiele-silveira-que-perdeu- apenas-jogo-2018.html>. Acesso em: 20 dez. 2020.

LIMA, Ana Laura Eckhardtde, HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcantara. Sport Club Internacional: Sobre o futebol de mulheres no Clube do Povo. **Revista Didática Sistemica.** [S.l.], v. 21, n. 1, p. 85-96, 2019.

LIMA, Emily Alves da Cunha. **Depoimento de Emily Alves da Cunha Lima.** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2015.

LUDOPÉDIO, Equipe. Luciane de Castro. **Ludopédio,** São Paulo, v. 17, n. 6, 2017. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/luciane-de-castro/> Acesso em: 12.01.2021

LUIZELLI, Eduarda M. **Depoimento de Eduarda M. Luizelli:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2015.

LUIZELLI, Eduarda M. **Depoimento de Eduarda M. Luizelli:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2018.

MACHADO, Jissele. **Depoimento de Jissele Machado:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2019.

MAIA, Mayara C Mendes; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. A adolescente e sua vida esportiva: O Futsal em foco. **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)** – Curso de Educação Física. UFRN, Natal – RN. 2013.

MASCARENHAS, Gilmar. A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. **Tese** – Faculdade de Geografia, Universidade de São Paulo. 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe B., HOLANDA, Fabíola. **História Oral:** como fazer, como pensar. Editora Contexto. 2 ed., São Paulo 2011.

MELO, Victor Andrade de. Reflexão sobre a História da Educação Física no Brasil - uma abordagem historiográfica. **Movimento,** Porto Alegre, ano 3, n.4, p.41-48, 1996/1a.

MENDES, Gilberto. Mulheres com a bola cheia. **O Pioneiro,** Caxias do Sul, 20 de abril de 1983, p. 11.

MENDONÇA, Renata. Por que saída de Marco Aurélio Cunha da CBF foi comemorada - e necessária? **UOL Esporte**. 3 de junho de 2020. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/06/03/por-que-saida-de-marco-aurelio-cunha-da-cbf-foi-comemorada-e-necessaria/>. Acesso em: 4 jun. 2020.

MENDONÇA, Renata. **Band alavanca audiência com futebol feminino em estreia das transmissões**. Dibradoras, 20 de maio de 2019.

MKT ESPORTIVO. **FIFA dobra premiação da Copa do Mundo feminina**. MKT Esportivo. 28 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.mktesportivo.com/2018/10/fifa-dobra-premiacao-da-copa-do-mundo-feminina/>. Acesso em: 13 dez. 2020.

MINA, Claudia Y. M. Escola, Futebóis e desigualdade de gênero. (p. 35-58). IN.: KESSLER, Claudia S.; COSTA, Leda M.; PISANI, Mariane da Silva. (Org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Editora UFSM. Santa Maria-RS. 2020.

MORAES, Enny Vieira. O Museu do Futebol e uma história parcial; ou não há futebol feminino no Brasil? **Recorde: Revista de História do Esporte**. Vol.2, n. 1, p. 1 – 5, jun. 2009.

MORAES, Enny Vieira. As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970 - 1990). **Tese** de Doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) em julho de 2012.

MOREIRA, Gabriela. **Dois meses e três reuniões depois, CBF acaba com comitê para futebol feminino**. 20 de dezembro de 2017. Disponível em: [http://www.espn.com.br/blogs/gabrielamoreira/751354\\_dois-meses-e-tres-reunioes-depois-cbf-acaba-com-comite-para-futebol-feminino](http://www.espn.com.br/blogs/gabrielamoreira/751354_dois-meses-e-tres-reunioes-depois-cbf-acaba-com-comite-para-futebol-feminino). Acesso em: 20 mar. 2020.

MOURA, Eriberto José Lessa. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2003.

MOURÃO, Ludmila; NOVAIS, Mariana. “Quando o ataque é a melhor defesa”: desafios e resistências na trajetória de mulheres treinadora de futebol. *In*: KESSLER, Cláudia S.; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2020.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 26, n. 2, ago./jun., 2008/2014.

MUNHOZ, Amanda. **Novelto avalia como "fiasco" o Gauchão Feminino e promete projeto para melhorias**. GZH Gauchão. 21.12.2018. Disponível em: > <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gauchao/noticia/2018/12/novelto-avalia-como-fiasco-o-gauchao-feminino-e-promete-projeto-para-melhorias-cjpydwona0mxe01rxkszf2d5r.html>< Acesso em: 23.01.2019.

MUNHOZ, Amanda. **Gre-Nal define o campeão gaúcho feminino neste sábado**. **Esporte**. GauchaZH. 15 jan. 2018.

MUSEU DO FUTEBOL. **Exposição de longa duração**. Museu do Futebol. 2015. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/museu-do-futebol/>. Acesso em: 12 dez. 2020

NAÇÕES UNIDAS BRASIL FIFA e ONU Mulheres firmam primeira parceria em prol da igualdade de gênero no esporte. **Nações Unidas Brasil**. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/fifa-e-onu-mulheres-firmam-primeira-parceria-em-prol-da-igualdade-de-genero-no-esporte/>. Acesso em: 14 ago. 2020.

NORONHA, Marcelo P. Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico do “lugar” feminino no futebol clubístico. **Tese**. Unisinos. São Leopoldo: RS. 2010.

NUNES, Bruno. **Internacional inicia 2018 visando se tornar um dos maiores do país no futebol feminino**. Torcedores. 26/02/2018

OLIVEIRA, Monique Crisitane de; FERREIRA, Denize; FABRÍCIO, Sarah Amaral e BORBA, José Alonso. **A Representatividade Feminina na Estrutura Organizacional dos Clubes de Futebol Brasileiros**. XIX USP International Conference in Accounting. São Paulo. 24 a 26 de julho de 2019.

OPAS. Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). **Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)**. 1 de abril de 2020.

PACHECO, Leonardo Turchi. Mulheres e a voz no futebol: sobre a ausência de narradoras e comentaristas – seguindo pistas. **Ludopédio**, São Paulo, v. 99, n. 13, 2017.

PACHECO, Leonardo Turchi. Narração de futebol e mulheres: a mudança em curso. **Ludopédio**, São Paulo, v. 110, n. 30, 2018.

PACHECO, Leonarodo Turchi. A palavra e a voz no futebol: apontamentos sobre mulheres e narração esportiva. (pp. 640-651). In.: **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. 605-22. Brazil: SciELO – Editora Da Unicamp, 2020.

PACHECO, L. DA SILVA, S. R. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Rev. Estud. Fem.** vol.28 no.3 Florianópolis, 2020.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero. 2006.121f. **Dissertação** (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Psicologia, Porto Alegre, RS, 2006.

PALASSI FILHO, Arlindo. **A História do Tempo Presente em sala de aula: desafios e possibilidades**, Educ. a Distância, Batatais, v. 5, n. 2, p. 81-104, 2015

PASTRO, Jaqueline Escobar; ANTOCHEVIS, Karen Leticia. História do futebol feminino do Rio Grande do Sul. XVI **Salão de Iniciação Científica** e XIII Feira da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 552.

PAULA, T.T. **Depoimento com Thessa T. de Paula: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2017

PASSERO, Julia Gravena. **(Des)igualdade de gênero: uma análise dos cargos de comissões técnicas e de arbitragem em Campeonatos Brasileiros de Futebol Feminino (2013-2017)**. 2018. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2018.

PASSERO, Julia Gravena; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise

longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100575>. Acesso em: 12 dez. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Autêntica, Belo Horizonte, 2 ed, 2004.

PISANI, Mariane da Silva. Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. 2012. **Dissertação** (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PISANI, Mariane da Silva. Gênero: Um conceito útil para análise esportiva e futebolística. (p.317-334). IN.: KESSLER, Claudia S.; COSTA, Leda M.; PISANI, Mariane da Silva. (Org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Editora UFSM. Santa Maria-RS. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

RÁDIO PROGRESSO. **Gauchão Feminino de 2019 será decidido em jogo único em Ijuí**. Manchetes. 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.radioprogresso.com.br/gauchao-feminino-de-2019-sera-decandido-em-jogo-unico-em-ijui/>. Acesso em: 23 dez. 2020.

RAMOS, Suellen dos Santos. **Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RAMOS, Suellen dos Santos. **Depoimento de Suellen dos Santos Ramos: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2018.

RAMOS, Suellen dos Santos e GOELLNER, Silvana Vilodre. **“Sabe aquele gol que o Pelé não fez? Eu fiz”**. **A Trajetória Esportiva de Duda**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2018, p. 132.

RDC. RDCTV **oficializa interesse em realizar transmissão do Gauchão Feminino 2020**. 10 de novembro de 2019. Disponível em: <https://rdctv.com.br/esportes/rdctv-oficializa-interesse-em-realizar-transmissao-do-gauchao-feminino-2020/#:~:text=Na%20temporada%20de%202019%2C%20a,1%2C5%20milh%C3%B5es%20de%20espectadores>. Acesso em: 23 dez. 2019.

RECORD. **Blatter: Futebol feminino tem mais dimensão social do que o masculino**. Futebol Feminino. Março de 2012. Disponível em: <https://www.record.pt/futebol/futebol-feminino/detalhe/blatter-futebol-feminino-tem-mais-dimensao-social-do-que-o-masculino-745046>. Acesso em: 1 dez. 2020.

RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia Garcia; THEIL, Larissa Zanetti; AMARAL, Marcela. **Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, maio 2008.

RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

RODRIGUES, Livia. **Livia Rodrigues Fisioterapia Esportiva**. 2021.

ROSA, Roberta. **Depoimento de Roberta Rosa**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2019.

ROSA, Bárbara Nunes; FONSECA, Roberto Cláudio da; CORDEIRO, Silva da Costa; ROSA, Regina Marques Nunes. Nível de inserção de fisioterapeutas do sexo feminino na fisioterapia desportiva e respectivos critérios de seleção profissional em clubes da cidade do Rio de Janeiro. **Fédération Internationale d'Education Physique – FIEP**

RUVIARO, Rosana. **Impedida? A mulher na arbitragem do Rio Grande do Sul**. 7 de dezembro de 2017.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo) 2016 Abr-Jun; 30(2):303-11. Acessado em: 08.03.2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v30n2/1807-5509-rbefe-30-2-0303.pdf>

SANTOS, Luana. dos. **Depoimento de Luana dos Santos**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2018.

SALGADO, Maurício. **Depoimento de Maurício Salgado**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2019.

SCHLEE, Cleunice. Sem medalha nos Jogos Olímpicos Rio 2016 e no Globo Esporte: a realidade do futebol feminino brasileiro. **Trabalho de conclusão de curso**. UFRGS. 2016. Disponível em: >><https://lume.ufrgs.br/handle/10183/157372><< Acesso em: 12.01.2021.

SHELL, Cleunice. **Depoimento de Cleunice Schell**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2020.

SÉRGIO, Marcos. **Por que a mulher é apenas uma escada para programas esportivos?** Três Pontinhos. Notícias R7. Fevereiro de 2018.

SILVA, Ana Carolina Vieira. Futebol e mulheres: as árbitras da Federação Gaúcha de futebol em 2018. **TCC**. Ufrgs. Porto alegre, 2019.

SILVA, Marina Cabral da. **"O Narrador e a Gramática da Narração"**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/gramatica-da-narracao.htm>. Acesso em 11 de janeiro de 2021.

SILVA, Sidney Barbosa da Silva; LUCAS, Marco da Silva. **História do Futebol Gaúcho**. Campeões do Futebol. 2015.

SILVEIRA, R. Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino [**dissertação**]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2008

SILVEIRA, Tatiele dos Santos. **Depoimento de Tatiele dos Santos Silveira**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2014.

SOLOMON ISLANDS FOOTBALL FEDERATION. “FIFA 2.0: The Vision for the Future”. **OFC**. 2016. Disponível em: <https://www.siff.com.sb/fifa-2-0-the-vision-for-the-future/>. Acesso em: 1 dez. 2020.



SOTIRIADOU, Kalliopi; SHILBURY, David; QUICK, Shayne. The attraction, retention/transition, and nurturing process of sport development: Some Australian evidence. **Journal of Sport Management**, v. 22, n. 3, p. 247-272, 2008.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto/99.p.52 – 68.

SOUZA JUNIOR, Osmar. Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade. 2013. **Tese** (Doutorado em Educação Física). – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes. Mulheres no jornalismo futebolístico: em busca de representatividade e respeito. (p. 170-186). 2020. IN.: KESSLER, Claudia S.; COSTA, Leda M.; PISANI, Mariane da Silva. (Org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Editora UFSM. Santa Maria-RS. 2020.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. Projetos de vida, mulheres e futebol. (pp. 605-622). 2020. In.: **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. 605-22. Brazil: SciELO – Editora Da Unicamp, 2020.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Gurias Coloradas se reapresentam nesta segunda-feira no Gigante**. Notícias. 18 jan. 2018.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Futebol Feminino está de volta ao Internacional**. Inter. Notícias. S.C. Internacional, fevereiro de 2017.

S. C. INTERNACIONAL. **Inter apresenta projeto e oficializa volta de departamento de futebol feminino**. Notícias. 23 de fevereiro de 2017.

S.C. INTERNACIONAL. **Museu do Inter lança exposição sobre futebol feminino**. Inter Notícias. S.C. Internacional. 2017

S.C. INTERNACIONAL. **Goleada coloca Gurias Coloradas na final do Gauchão**. Inter Notícias. S.C. Internacional. 2017..

SPORT CLUB RIO GRANDE. **Departamento de Futebol Feminino**. História. 03 abr. 2018

STAHLBERG, Lara Tejada. Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol. 2011. 125 f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

STAUDT, Marina. **Depoimento de Marina Staudt**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2020.

SUPERESPORTE. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 2017. In: OGANDO, Vera. **Impedidas**: Machismo e violência no futebol. Diário de Pernambuco. 2017.

TEIXEIRA, Robson. **Ex-jogadora faz história ao se tornar presidente do Sindicato dos Treinadores de São Paulo**. Torcedores. 02/03/18

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan/mar de 2013.

TITOW, JÚLIO. **Depoimento de Júlio Titow: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2014

TRIBUNA DE RESTINGA. **Pamela, a primeira mulher a apitar uma partida no Beira-Rio. Notícias**. Esporte. 2 de março de 2018.

TORCEDORES. **O futebol feminino no Rio Grande do Sul está de volta**. Futebol. 2017. Disponível em: [www.torcedores.com](http://www.torcedores.com). Acesso em: 12 maio 2018.

TORCEDORES. **Internacional anuncia saída de treinadora que perdeu apenas uma vez em 2018. Futebol**. 17 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2018/12/internacional-saida-de-treinadora>. Acesso: 2 jan. 2021.

TORCEDORES. **Grêmio anuncia Patrícia Gusmão como nova treinadora do time feminino Tricolor**. Futebol. 16 de janeiro de 2019. Disponível em: >> <https://www.torcedores.com/noticias/2019/01/gremio-anuncia-patricia-gusmao-como-nova-treinadora-do-time-feminino-tricolor><< Acesso em: 11.01.2021.

UEFA. **Futebol feminino**. UEFA. 2020. Disponível em: <https://pt.uefa.com/women/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

VALKIRIAS. **Emily Lima na Seleção: o que muda dentro e fora das quatro linhas?** Esporte. 26 de abril de 2017. Disponível em: <http://valkirias.com.br/emily-lima-na-selecao-o-que-muda-dentro-e-fora-das-quatro-linhas/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

VELLEI, Carolina. **O mercado de trabalho no futebol para as mulheres fisioterapeutas**. Blog Por dentro das profissões. E Guia do Estudante. 24 de fevereiro de 2017.

WILLIAMS, Jean Williams. Women's Football, Europe and Professionalization 1971/2011: **Global Gendered Labour Markets**. 20 de setembro de 2011.

ZIRPOLI, Cassio. **As 34 medidas exigidas para a Licença da CBF, ao alcance de 722 clubes (?)**. 11 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://cassiozirpoli.com.br/as-34-medidas-exigidas-para-a-licenca-da-cbf-ao-alcance-de-722-clubes/>. Acesso em: 12 out. 2020.

**ANEXO I**  
**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE ENTREVISTA**

Pelo presente documento, eu, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
CPF nº \_\_\_\_\_, declaro, ceder ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Projeto Garimpando Memórias. O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura da (o) entrevistada(o)

**APÊNDICE I**  
**MODELO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

1. Quando iniciou o seu envolvimento com o futebol?
2. Como aconteceu o seu envolvimento com o futebol de mulheres?
3. Como foi a relação com o futebol e os seus amigos e familiares?
4. Quais lugares já atuou pelo futebol de mulheres?
5. Qual cargo ocupa? Como iniciou em seu cargo?
6. Quais funções desempenha?
7. Quais são as suas melhores lembranças em seu cargo durante 2017/2018/2019?
8. Quais são as suas piores lembranças em seu cargo durante 2017/2018/2019?